



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCEG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA - UAHG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

O MEL E O FEL DE UM OFÍCIO:



ALAN FRANCA PAIVA SILVA

Campina Grande - PB
Setembro/2016

ALAN FRANCA PAIVA SILVA

O MEL E FEL DE UM OFÍCIO: HISTÓRIAS, MEMÓRIAS E
REPRESENTAÇÕES NAS NARRATIVAS DE 'CHAPEADOS' EM CAMPINA
GRANDE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração em História, Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa Cultura e Cidades, sob a orientação do Prof. Dr. Severino Cabral Filho.

Campina Grande - PB
2016

S586m Silva, Alan Franca Paiva Silva

O mel e fel de um ofício: histórias, memórias e representações nas narrativas de "Chapeados" em Campina Grande nas décadas de 1980 e 1990 / Alan Franca Paiva Silva. - Campina Grande, 2016.
187 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientado: Prof. Dr. Severino Cabral Filho".

Referências.

1. História dos Trabalhadores. 2. Chapeados - Trabalhadores - Campina Grande (PB). 3. Mundo do Trabalho - Memórias. I. Cabral Filho, Severino. II. Título.

CDU 930:331 (043)

SILVA, Franca Paiva Alan. O mel e o fel de um ofício: histórias, memórias e representações nas narrativas de 'chapeados' em Campina Grande nas décadas de 1980 e 1990. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) para obtenção do título de Mestre.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Severino Cabral Filho - UFCG (Orientador)

Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza - UFCG (Examinador interno)

Prof. Dr.ª Patrícia Cristina de Araújo - UEPB (Examinador externo)

Campina Grande - PB
2016

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eurides Franca e Antônio Tibúrcio, por me ensinar valores indispensáveis, fazendo-me evoluir a cada dia como ser humano.

Aos meus avós, Dermival de Souza e Isabel Franca, pelo carinho, apego e amor incondicional. Sentir saudades e falta de vocês todos os dias, é uma prova de que o tempo não resolve tudo.

Aos meus irmãos, Bruno, Murilo e Vanuzza. Serei eternamente grato pela confiança que sempre depositaram em mim. A maneira de vocês dizerem, cada um ao seu modo, que sou forte e capaz, me fizeram várias vezes não desistir, mantendo-me determinado.

À minha neta, Eva Ryan Japiassé, pelo amor e admiração que nos une. Sua compreensão, ajuda, respeito e preocupação surtiram efeitos providentes. Tê-la ao meu lado no processo desgastante da escrita foi fundamental.

Aos amigos Walter Ramos, Magno, Isaias e Pablo, que hoje quase não tenho contato, mas a vivência marcante na infância, de alguma forma, ainda nos une.

Aos meus amigos, sobrinhos, primos e tias de Irecê, Seabra e Gentio do Ouro, pelos momentos de diversão, cuidado e atenção dedicado a mim.

Aos amigos do peito (SL), em especial, Eduardo, Lula e Matheus, pelo amor fraternal que surpreende a todos que nos veem e atende a nós mesmo. Eu sou um misto de vocês.

Aos professores do PPGH, e em especial a turma do mestrado, pela amizade, ajuda, troca de informações, alegrias e aperfeiçoamentos compartilhados. Não se aprende nada na academia sem essa atmosfera de reciprocidade.

Ao professor e orientador Severino Cabral, por ter apostado desde sempre na minha proposta de trabalho, fazendo-me acreditar cada vez mais que estava indo na direção correta.

Ao professor Antônio Clarindo, pelas sugestões imprescindíveis, respeito, orientação e paciência. Agradeço ainda por me mostrar, seja em forma de conselho ou através do que tem escrito, que as narrativas também são feitas de riso, alegria e leveza.

A Noemia Oliveira e Mariana Veras estudantes de história da UFCG, ao abrir as portas do SEDHIR (Setor de Documentação em História Regional) de uma maneira tão acolhedora.

Aos trabalhadores chapeados, por terem me mostrado mais do que qualquer livro, três mil maneiras de compreender a vida nas cidades. O retorno para casa depois das entrevistas, foram conduzidos de reflexão, emoção e aprendizado.

Pesquisar, ler e escrever trazendo a particularidade de cada um de vocês comigo, foi encorajador e providencial. Sinto-me grato, pois sem vocês nada disso teria sido possível. Obrigado por tudo!

Serra acima ta Campina
Grande ¶ a sua feira
Tem gente de toda classe
da primeira a derradeira.

Tem gente besta e sabida
analfabeto e dotor
Suspirando ombro a ombro
segundo as leis do Senhor.

Uns traz um fardo na cabe´a
no balaio, no ca´o®
Trouxa, embrulho, saco, cesta
tudo serve ¶ sÆpegar.

Vem o caminh² o roncando
carroceria entupida
De gente que compra e vende
que sofre, mas ama a vida.

Se o pobre traz esperan´a
escondida na cangalha
Traz o malandro a peixeira
onde a morte se agazalha.

De toda parte chegando
honra e desonra eles tem
Se uns vem pra ser enganado
os que engana tamb¶m vem.

Noite se faz madrugada
manh², tarde, anoitecer
Na feira riso ¶ que vida
gemido que ¶ morrer.

Lurdes Ramalho.
A Feira

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar uma categoria específica de trabalhadores, os chapeados, em Campina Grande-PB nas décadas de 1980 e 1990. Desse modo, procuramos analisar as práticas cotidianas do ofício, as impressões acerca do que viveram na cidade e no mundo do trabalho, num cenário de pouca oportunidade de emprego, crescimento de zonas periféricas e inchaço da população. Os principais jornais em circulação na época, anunciaram o fechamento de várias fábricas e indústrias, demonstrando uma atmosfera de crise, situação que refletiu no cotidiano de muitos trabalhadores. A partir desse aspecto de cidade que pouco pareceu oferecer oportunidades para determinados perfis de trabalhadores, buscou-se demonstrar as tensões acerca do que é viver na cidade dependendo de uma atividade que pressupõe força física, como a dos chapeados. Para realizar esse trabalho, utilizamos entrevistas feitas com os trabalhadores, bem como lançamos mão de matérias de jornais para ampliar o olhar sobre o contexto da cidade. Para tanto, a partir das impressões dos chapeados, buscou-se demonstrar outras maneiras de compreender a cidade e os aspectos atrelados ao mundo do trabalho, demonstrando que existe uma relação terna entre o fazer-se dos trabalhadores com as mudanças da cidade.

Palavras-Chave: chapeados; trabalho; memórias; representações; Campina Grande.

ABSTRACT

This work aims to study a specific category of workers, clad in Campina Grande-PB in the 1980s and 1990s this way, we seek to analyze the everyday craft practices, the impressions about what lived in the city and in the world I work in a scenario of little opportunity for employment, growth of peripheral areas and swelling the population. The major newspapers in circulation at the time, announced the closure of several factories and industries, showing an atmosphere of crisis, a situation that reflected in the daily lives of many workers. From this city of some aspect that seemed to offer opportunities for certain profiles of workers, sought to demonstrate the tensions about what is living in the city depending on an activity that requires physical strength, like that of silver. To accomplish this work, we use interviews made with the workers, and lay hold of newspaper materials to broaden perspectives on the city context. Therefore, from the impressions of silver, sought to demonstrate other ways to understand the city and linked aspects to the world of work, demonstrating that there is a tenuous relationship between the make-up of workers with the city changes.

Keywords : chapeados ; job; memoirs; representations ; Campina Grande.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mecânico trabalhando no meio da rua.....	39
Figura 2: Estação rodoviária Cristiano Lauritzen.....	45
Figura 3: Ruas de Campina Grande que demarca os pontos de trabalho dos chapeados entre 1980 e 1990	86
Figura 4: Áreas propícias aos serviços de chapeado.....	92
Figura 5: Chapeados descarregando açúcar na rua Presidente João Pessoa.....	103
Figura 6: Cabeceiro usando a bola de couro sobre a cabeça enquanto descarrega.....	124
Figura 7: Chapeado na porta do armazém onde foi encontrado morto.....	161
Figura 8: Chapeados pesando e embalando a soja a granel.	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Chapeados e seus respectivos locais de nascimento.....	32
Tabela 2: População de Campina Grande: 1890 - 1900.....	35
Tabela 3: Casa própria entre as décadas de 1980, 1990 e 2000.....	49
Tabela 4: Expansão de moradias e hab. em favelas - Ano 70, 80 e 90	53
Tabela 5: Indicadores que levaram a recorrerem ao ofício de carregadores	56
Tabela 6: Número de vezes que os carregadores trabalharam fichados durante as décadas de 1980 e 1990	85

SUMÉRIO

Introdução	11
Capítulo I - Um olhar sobre as condições da cidade e do trabalhador comum	28
1.1 Qual Campina é a grande	28
1.2. Pouca oportunidade ou baixa qualificação	41
1.3 Uma questão de moradia	48
1.4 Sobre o aumento do trabalho informal	55
Capítulo II - O mel e o fel de um ofício	70
2.1 Sob o peso das mudanças	70
2.2 Cabeceiros: `cativos` da necessidade	74
2.3 `Naquele tempo`... impressões de onde trabalhei	87
2.4 Como foi sentida a decadência dos negócios	98
2.5 Sobre as lembranças	105
2.6 Por um trabalho mais leve	108
2.7 Sobre a importância de fazer-se conhecido.....	114
2.8 Das dificuldades e formas de superação.....	123
Capítulo III - Os carregadores: vida social, trabalho e diversão	128
3.1 `O dinheiro é curto, tem que inventar`.....	142
3.2 `Nem o tem dia certo, tem hora que acontece`.....	147
3.3 `Bebo para animar mais`.....	155
Considerações Finais.....	168
Referências Bibliográficas.....	171
Fontes Consultadas	178
Entrevistas Realizadas	178
Apêndice	180
Aprovação do Conselho de Ética	186

INTRODUÇÃO

Há quase oito anos eu comecei a trabalhar com relatos orais como fonte de pesquisa, essa opção foi uma escolha entrelaçada por questões pessoais e acadêmicas. Sou filho de uma cidade do interior da Bahia, cresci ouvindo os mais velhos contarem histórias sobre a riqueza da região, quando as safras de feijão batiam recordes Brasil afora. A partir de relatos, muitas experiências e informações foram transmitidas. A fama de cidade importante, rica, forte, e destacada num cenário mais abrangente, ainda está no imaginário da população. Para muitos, a cidade de Irecê, ainda é a grande "capital do feijão". Se já foi dito que a cidade é algo criado pelo ser humano¹, muito do que se reflete nela, está intrínseco ao que foi dito sobre a mesma. A oralidade tem esse papel social em manter vivas as memórias coletivas de um lugar. Apesar da grande penetração dos meios de comunicação e de aparatos tecnológicos, muito do nosso entendimento básico sobre o passado é obtido através da conversa.

No centro da cidade, na Rua Lauro Barreto, onde residi durante os anos 1980 e 1990, era praticamente uma extensão da principal avenida que comercializou e exportou o feijão para quase todo o país. Por este motivo, era inevitável não presenciar, todos os dias, o corre-corre nas ruas, os trabalhadores em cima dos carros, os depósitos todos loteados até o teto, por sacas de feijão, milho e mamona. Um cenário tomado por caminhões carregados, saindo e chegando da cidade a todo tempo. Era comércio agitado, muitas ruas ficam varridas de feijão, um sinal da grande movimentação e do forte comércio. Não se falava em outra coisa, senão de chuva e feijão. A vida local da cidade de Irecê, -Ba³, por muito tempo, dependeu da comercialização

¹PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História. São Paulo. ANPUH. vol.27, nº53. Jan-jun,2007, p. 11-23.

² Organizado em pilha e/ou colunas.

³ O município de Irecê, fica na zona fisiográfica da Chapada Diamantina Setentrional, abrangendo toda a área do Polígono das Secas. Pertence à bacia do São Francisco. Distante 478 km da capital. O município é famoso e reconhecido pelo grande potencial agrícola e agropecuário, tendo recebido o título de "Cidade do Feijão" e "Capital Mundial do Feijão" devido às grandes safras colhidas nas décadas de 1980 e 1990. Caracteriza-se como sendo polo de uma região compreendida em 28 cidades. Atualmente é uma das cidades mais prósperas na área de comércio e serviços no estado da Bahia

desse produto. Foram tempos de oferta fácil de emprego. Os estabelecimentos, que armazenavam as sacas de feijão, e os serviços de cargas e descargas, de um modo geral, pareciam sempre estar precisando de mão de obra.

Naquele cenário, muitas ruas da cidade ficavam abarrotadas de trabalhadores, os quais, ficavam por ali na incumbência de agilizarem as atividades de carregar e descarregar mercadorias. Era uma rotina de encher e esvaziar caminhões que parecia não ter fim. Serviço árduo e pesado, e os carregadores brincavam, riavam e trabalhavam, tudo ao mesmo tempo. Para mim, ainda muito jovem, com um olhar do senso comum e inocente, pensava estar diante de uma boa profissão, não compreendia o desgaste e o esforço sub-humano dispendido com os movimentos repetitivos de carregar peso na cabeça. Para mim, naquele momento, era o divertimento, o deboche entre si, os risos fúteis regrados por entusiasmos, que pareciam fazer daquele ofício um trabalho bem mais leve. Os carregadores, por muito tempo, garantiram a animação das ruas. Eles eram os verdadeiros donos da Praça do Feijão.

Quando sai de Irecê, em 2004, para residir em Campina Grande-PB, este ofício estava praticamente extinto havia algum tempo. Assim como as grandes safras. O meu reencontro com essa categoria de trabalhadores ocorreu com muita surpresa, porque não imaginava encontrá-los, em grandes números, bem no meio das ruas centrais de uma cidade como Campina Grande, conhecida por suas universidades, pela fama dos bons cursos de engenharias e, destacada como polo tecnológico. Características que revelavam estar diante de uma cidade desenvolvida e adiantada para os padrões de interior do Nordeste. Esta foi a primeira impressão de quem acabara de chegar de uma cidade menor, porque ali, onde quase não se via carregadores trabalhando, como nos centros de Campina. Tal estranhamento serviu de estímulo para as pretensões acadêmicas em pesquisar o cotidiano dos carregadores em Campina Grande-PB.

A questão central que justifica esta escolha é perceber que ao levarmos em consideração a construção das cidades, como uma produção histórica tecida por relações sociais, compreendemos que estes trabalhadores apresentam outro olhar sobre a cidade a partir do mundo do trabalho. Partindo

⁴ Localizada na Avenida Adolfo Moitinho, ainda hoje, a principal artéria comercial da cidade.

desse ponto, o objetivo que nos mobiliza é o estudo das representações sociais desta categoria de trabalhadores na cidade de Campina Grande nas décadas de 1980 e 1990. Buscamos compreender, como os chapeados⁵ viviam e trabalhavam; como usavam os espaços e territórios da cidade num período de crise econômica, época em que a cidade vivia de portas fechadas para a absorção da força de trabalho, sendo o desemprego um dos seus principais problemas. Penetramos no cotidiano destes trabalhadores para perceber quais práticas os constituíam enquanto chapeados, onde trabalhavam, quais eram as dificuldades e onde se divertiam.

A análise destes objetivos levou-nos a problematizar também, como ainda subsistem ofícios como estes, sem conhecimento técnico, desamparados de leis trabalhistas e desprovidos de sindicatos, associações ou qualquer formalidade legal que lhes assegurem, ao menos, garantias de que são trabalhadores; pois em tese, vivem no anonimato, sobrevivendo de um trabalho que pressupõe força bruta desqualificada. Imaginar tais condições - num contexto movido pelo desenvolvimento da tecnologia que não cessa de evoluir, exigindo do homem mais qualificação e informação - nos permite dizer que estamos diante de experiências regidas por dificuldades e tensões cotidianas, submetendo-os às múltiplas formas de morar e viver na cidade.

Nesse sentido, para que fosse possível narrar uma história sobre o mundo dos chapeados partindo de suas próprias representações, foram utilizados relatos orais enquanto fonte documental. Entretanto, essencialmente na primeira parte desse estudo, foram utilizados, também enquanto fonte, matérias de jornais impressos. Material que nos forneceram indícios para recriarmos um cenário da cidade no período que propomos analisar.

Na década de 1980, embora existissem outros jornais circulando na cidade, concentramos a análise no Diário da Borborema⁶ e no Jornal da

⁵ São trabalhadores braçais que ganham a vida carregando e descarregando mercadorias. Em tese, são homens de pouca instrução que usam a força física para prestarem serviços nos comércios e ruas das cidades. Em Campina Grande, essa categoria de trabalhadores encontra-se nas áreas de maior dinâmica comercial, pois é onde aumentam as chances de conseguirem algum trabalho. Sobre a palavra chapeado, encontramos alguns sinônimos como: carregador, chapa, estivador, cabeceiro e ganhador. Dessa forma, a partir de agora, qualquer um desses sinônimos quando usados no decorrer desse estudo estarão referindo-se à categoria dos chapeados.

⁶ O Diário da Borborema, fundado no dia 2 de outubro de 1957, foi o primeiro jornal diário instalado na cidade. Além de notícias locais e regionais, o jornal publicava também notícias

Paraíba⁷. Estes jornais, respectivamente fundado em outubro de 1957 e setembro de 1971, constituíram-se ao longo das décadas certo ethos histórico caracterizador da cidade e da sociedade. Em suas matérias diárias escreveram profissionais de ofício, bem como professores, políticos, colunistas e intelectuais, possibilitando assim uma variedade de pontos de vista⁸.

Dessa maneira, sejam notícias, propagandas, ou `colunas sociais, os fatos foram compreendidos enquanto situações abarrotadas de significados, impressões e intencionalidades. Entendemos, pois, que as informações retratadas nos jornais são produzidas com pretensões de virar notícias ou propagandas, e esse espaço ocupado pela notícia, talvez informe muito da intencionalidade daqueles responsáveis por suas publicações. Portanto, não procuramos nos jornais informações do que `de fato, aconteceu e cujas verdades nos empenharemos em comprovar. Nos interessou concentrarmos em perceber o que se constituiu enquanto registro naquele momento.

Nas décadas analisadas, muitos campinenses sobretudo o trabalhador comum⁹, representados na figura daqueles que exerciam atividades informais, vivam tempos de dificuldades, pois sentiam os reflexos da pouca oferta de emprego e da falta de oportunidade. Situações pontuais que marcaram a cidade e o mundo do trabalho.

Esse quadro de crise, que pinta a imagem de Campina a partir dos anos 1980, constituiu-se em território de tensão, conflitos e resistências para muitos trabalhadores que buscavam a todo custo conseguir uma ocupação. Nesse exercício, a incidência marcante de trabalhadores informais que enchiam as ruas centrais da cidade – procura de trabalho não passaria despercebida sem registros nas páginas dos jornais. Destarte, foi procurando entender como estava a cidade, ou mesmo quais as condições que esta oferecia para aqueles

nacionais e até mesmo internacionais, além de crônicas e artigos de vários escritores. A partir de agora o referido jornal será nomeado de DB.

⁷ O Jornal da Paraíba é um jornal de circulação diária no estado da Paraíba. Ele foi fundado em 05 de setembro de 1971 e faz parte do grupo da Rede Paraíba de Comunicação, afiliada da Rede Globo. A partir de agora o jornal será nomeado de J P.

⁸ Foram verificados no Diário da Borborema os anos de 1980, 81, 82, 83 85, 86, 88 e 1990. Também, verificamos outros periódicos como: Folha de Campina (século ano de 1980) e Jornal da Paraíba: (1980, 1990, 1992, 1993, 1995).

⁹ A expressão será entendida como aqueles que se dedicam ao trabalho autônomo, ou atividades de pequena escala de produção de bens de serviço. Trabalhadores de mão-de-obra pouco qualificados, geralmente exercendo atividades sem remuneração fixa.

trabalhadores (tidos como de baixa qualificação) que catalogamos e selecionamos as matérias dos jornais para as devidas análises e interpretações.

Conforme verificamos, as representações dos jornais podem mudar de uma página para outra, pois não foi difícil encontrar (depois que muito se falou de crise), matérias veiculadas demonstrando que a cidade caminhava a passos largos para o desenvolvimento. As contradições nas matérias dos jornais, quando bem inquiridas são reveladoras de diferentes facetas da realidade, possibilitando assim, compor outros contextos da cidade. Foi partindo dessa proposta que pudemos recolher indícios para então imaginar um contexto da cidade, no qual estavam inseridos os trabalhadores chapeados.

Dessa maneira, as impressões narradas pelos carregadores sobre a cidade, são também outras possibilidades para percebermos aspectos diferentes acerca do que as próprias matérias dos jornais representavam.

O uso de relatos enquanto fonte documental ganhou lugar de destaque na produção acadêmica brasileira, já faz algumas décadas. Hoje, soa bem mais sereno admitir que o método, essencialmente oral, pode revelar informações que não se encontram registrados em outros tipos de documentos. Este estudo é um exemplo dessa possibilidade que o método oral oferece.

No tocante a História Oral¹⁰ e, conseqüentemente, a sua relação com os depoimentos, lembraremos que os historiadores tradicionais alegam que esse tipo de fonte deve ser considerado subjetivo por se "embebedarem" de memória individual. Segundo eles, podem vir a ser farsante e fantasiosa. Sobre esse posicionamento, a historiadora Sônia Maria de Freitas¹¹ é incisiva, argumentando que em História Oral o entrevistado deve ser considerado, ele próprio, um agente histórico. Contudo, suas impressões, acerca dos acontecimentos históricos, dos quais participa, necessitam ser resgatados.

¹⁰ A primeira experiência da história oral como atividade organizada remete ao ano de 1948, quando o então professor Allan Nevis lançaria o The Oral History Project da Universidade de Columbia. No Brasil, uma das atitudes pioneiras foi a fundação do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea (CPDOC), em 1975, que dispõe de um setor de História Oral até hoje. Ver mais detalhes em FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio - edição brasileira. In: THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.13 a 19.

¹¹ Ver, FREITAS, Sônia Maria de. História oral - Possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

Sejam quais forem as fontes históricas: orais, escritas ou visuais, a relação com a subjetividade torna-se muito t, nue. O que é relevante em História Oral é saber por que o entrevistado foi seletivo ou omissivo em relação a cada pergunta ou tema abordado. Estes são detalhes ricos de significados. Nesse sentido, "a noção de que o documento escrito possui um valor hierárquico superior a outros tipos de fontes, vem sendo sistematicamente contestada, em um século marcado por um avanço sem precedentes nas tecnologias de comunicação"¹²

Ferreira¹³ nos mostra que as transformações ocorridas nos diferentes campos da pesquisa histórica, entre as décadas de 1970 e 1980, possibilitaram pensar sobre uma história mais recente (história do tempo presente)¹⁴. Esta por sua vez, levou a uma discussão sobre as fontes históricas, permitindo que a história oral ocupe um novo espaço nos debates historiográficos atuais. Apesar do convencimento de que nenhum documento é neutro, como defendia a Escola Metodológica, o historiador também não produz uma pesquisa imparcial, mas ao contrário, suas escolhas e suas perguntas direcionadas ao documento demonstram sua atuação nesse processo.

Destarte, Ferreira indica vários posicionamentos¹⁵ assumidos por pesquisadores com relação à história oral. Os quais implicam não apenas em escolhas teóricas, mas também metodológicas no tratamento com as fontes, desde a sua elaboração até a sua análise, estabelecidas a partir dos objetivos diferenciados com relação a esta fonte. A partir desse rigor crítico apresentado por Ferreira é que tentamos definir nossa maneira de como utilizar a história oral, haja vista que vários são os debates e dilemas, sobre como e quando se

¹²IDEM, p. 29.

¹³Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (org.). Usos e abusos da história Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001. p.xxii e xxiii.

¹⁴ Pensando sobre o recorte cronológico da nossa pesquisa, aqui se faz necessário abrimos um parêntese para sanar uma preocupação muito debatida sobre o tempo presente, por que aquela historiografia mais tradicional já dizia que o pesquisador deveria estabelecer distâncias cronológicas e sociais de seu objeto de análise, garantindo assim neutralidades. Em desacordo com esse pensamento, Roger Chartier vai dizer que a (...) falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade. Conferir em CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV.

¹⁵Na primeira perspectiva, encontra-se a grande maioria dos trabalhos de Thompson Paul. (conceito de evidência oral), que vê na história oral um meio de dar voz aos excluídos. Já na segunda perspectiva, que utiliza os depoimentos orais como representação, destacam-se os trabalhos de Michael Pollak e José Carlos Sebe. B Meihy que defende que a história oral seja uma disciplina.

pode usar a oralidade. Sem contar que existem várias tendências da história oral no Brasil e no mundo: ora a técnica de pesquisa, ora a fonte, ora a metodologia.¹⁶

É certo que as fontes orais não só podem ser pensadas como a única fonte. Mas, para a particularidade deste estudo torna-se imprescindível essa opção, pois a importância de suas práticas não está na escrita, mas, sobretudo, na fala. A experiência destes trabalhadores passa a ser valorizada como objeto de estudo, não com o objetivo de resgatar um passado, e sim por acreditar que essas pessoas podem, ao narrarem seus relatos, contar uma versão de sua história a partir de suas inquietações, tramas e conflitos do presente.

Partindo dos relatos e, sobretudo, das impressões sociais dessa categoria sobre a cidade e o ofício, é possível olhar estes trabalhadores como sujeitos sociais inclusos numa dimensão cultural da vida de sua cidade. Pois estes também são personagens históricos que têm uma versão para contar sobre o lugar em que vivem. Este estudo tem por objetivo, ainda, questionar as mistificações acerca das condutas desequilibradas, promíscuas, desordeiras e desqualificadas que a muito caricaturaram populares e trabalhadores comuns¹⁷. Para isso, trilharemos caminhos por onde a sensibilidade e a cultura possam eximir-nos de modelos, estereótipos e normatizações. Portanto, almejamos outros olhares e interpretações.

Neste sentido nos deparamos com a importância de recorrer a estudos acerca da memória, haja vista que qualquer pesquisa que se submeta a análises com relatos orais, inevitavelmente, implica refletir sobre a memória. É preciso, para tanto, não fazer da memória um local de armazenamento de experiências e lembranças do passado, mas sim, enquanto instância produtora de significados e de representações, ou seja, memória conceituada como fenômeno social.¹⁸

¹⁶FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. História Oral, São Paulo, nº 1, p 19-30, jun.1998.

¹⁷Referenciais de estudos no Brasil que refutou a maneira estereotipada de enxergar estes grupos, ver: CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim. São Paulo, Brasiliense, 1986; DECCA, M. A. Guzzo. A Vida Fora das Fábricas. Rio de Janeiro, paz e terra, 1978; DECCA, Edgar de. 1930 ou Silêncio Dos Vencidos - Memória, História e Revolução. São Paulo, Brasiliense, 1981.

¹⁸O sociólogo Maurice Halbwachs, bastante citado em estudos que discutem o uso da memória, foi o primeiro que ao tratar da memória ultrapassou o plano individual, considerando

Seguindo percursos semelhantes, Bosi afirma que tudo aquilo que está guardado na memória dos indivíduos e que vai ser lembrado, não é o produto das relações submetido ao mundo íntimo da pessoa, mas faz parte de "quadros sociais". A memória de um indivíduo é condicionada por "(...) seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão¹⁹. Enfim, com os seus grupos de convívio e referência com as instituições sociais. A mesma autora ressalta que, "(...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com ideias e imagens de hoje, as experiências do passado²⁰."

Portanto, assim como vários estudiosos da memória²¹, trataremos os relatos como fontes de análises; representações e indícios. Logo, a partir deles desenvolveremos um enredo sobre o mundo dos trabalhadores chapeados em Campina Grande.

Nesse sentido, ao considerar a importância da subjetividade nos relatos orais, assim como a intervenção do entrevistador nestes relatos, nossa pesquisa seguiu a senda aberta pela historiadora social Suzana Lopes Salgado Ribeiro,²² quando esta defende a importância de uma autoria negociada, por acreditar em uma nova forma de produção de conhecimento, pois,

nessa proposta não é necessário que o pesquisador abra mão de sua função para a produção de uma história politicamente crítica. Aliás, é desempenhando seu papel de pesquisador e mediador que poderá produzi-la, pois por meio de suas escolhas novos sujeitos históricos poderão surgir, e por meio de suas análises suas ações poderão ganhar sentido.²³

que a memória individual só existe a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças se constituem no interior de um grupo. Portanto, as reflexões, paixões, sentimentos etc. são atitudes inspiradas por um grupo, e mesmo as memórias individuais, também chamados de "intuição" ou "sensível", refere-se a um "ponto de vista sobre a memória coletiva". Cf. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004. p.55

¹⁹BOSI, Eclia. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p.54.

²⁰ Idem. 1995:54

²¹ A nossa referência sobre memória perpassa por aqueles estudiosos que veem os relatos como fontes de análises históricas, a exemplo de Antônio Torres Montenegro, Regina Beatriz Guimarães, Sônia Maria Freitas, Eclia Bosi, dentre tantos outros que nos ajudaram a pensar essa relação entre história e memória. Muito embora não fosse necessário citarmos todos os autores no corpo do nosso texto.

²² RIBEIRO, S. L. S., Visões e Perspectivas: documento em História Oral. nd. p.2,3 e 4.

²³ Idem

Seguindo com essa reflexão, destacamos a contribuição de Guedes Pinto²⁴ que também vê, como imprescindível a intervenção do pesquisador nesse processo de (re)construção da história, ao concluir que: a narrativa não é simplesmente construída a partir do que o sujeito diz, mas também pelo que os historiadores orais fazem com o que ouvem. Desta maneira, no processo de transcrição das entrevistas optamos por fazer, -lo o mais próximo possível do modo como pronunciaram as palavras, porém, em alguns casos, para facilitar o entendimento, corrigimos palavras e orações para a norma culta²⁵. Atentamos também para as pausas, silêncios, lamentações e risos, por compreendermos que estes são igualmente importantes para o trabalho de composição e de análise.

Sobre esta questão, cabe aos pesquisadores relativizar as devidas intervenções sobre o objeto em estudo, fazendo ponderações da distância cultural existente entre o momento da realização das entrevistas com as particularidades de outro tempo vivenciado pelos indivíduos pesquisados. Todavia, os relatos estão imbricados de passado e presente. Desse modo, valorizamos as subjetividades e as experiências sociais desses homens como pressupostos para pensarmos sobre suas vidas, pois como afirma Jacques Le Goff (...) «um dos aspectos mais interessantes do uso das fontes orais é o contato com a experiência vivida subjetivamente e no grupo»²⁶.

Ditas muitas coisas até aqui, abriremos um parêntese para tratar de duas questões que ainda não foram ressaltadas, mas que achamos válido mencioná-las. A primeira delas tenciona em justificar o porquê selecionamos contar nossa história partindo da década de 1980. A segunda é apresentar, mesmo que de forma breve, o desfecho que se deu ao conduzirmos as entrevistas.

O recorte temporal escolhido, diz respeito à necessidade que a própria condição para realizar a pesquisa foi nos conduzindo. Pois, a escolha cronológica que tem como ponto de partida a década de 1980 justifica-se pelo fato das entrevistas terem sido encontradas a partir desta data. Percebemos

²⁴GUEDES- PINTO, Ana Lícia, GOMES, Geisa Genaro, SILVA, Leila Cristina Borges da. Memórias de Leitura e Formação de Professores. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008. p. 25.

²⁵ Procuramos ser fiel a maneira como os carregadores conversam, portanto, algumas palavras e gírias usadas no cotidiano do grupo, foi mantido no texto.

²⁶ LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1994.p.468.

que se recusásemos mais no tempo não encontramos relatos suficientes. Arriscamos em dizer que muitos desses trabalhadores já faleceram²⁷. O contexto da cidade, desfavorável para a obtenção de trabalho, no qual vivam esses trabalhadores, também chamou nossa atenção. Ao longo da pesquisa nos jornais percebe-se que a partir dos anos 1980, além de toda crise econômica que assolava o país²⁸ e também a cidade de Campina Grande, cada vez mais os centros urbanos necessitavam de mão-de-obra qualificada. Haja vista que os setores de serviços cresciam consideravelmente, diminuindo ainda mais os espaços para perfis de trabalhadores que só tinham a força física a oferecer o mercado de trabalho. Imaginar como essa categoria de trabalhadores representaram as crises e como resistiram a elas, também nos instigou. Analisar Campina Grande a partir dessa data é uma possibilidade real de contribuição para a história da cidade e sobre o período em vias de estudo.

No quesito entrevistas, não foi intenção nossa formular perguntas diretas em forma de questionários, porque, fundamentalmente, queremos compreender como o nosso entrevistado articulava as narrativas sobre seu cotidiano de trabalho, pretendíamos que as narrativas tivessem personalidade, que elas apresentassem percursos de acordo com as trajetórias de vida estabelecidas a partir dos relatos, e não entrevistas em que fosse possível adivinhar as perguntas.

A preocupação que tivemos com a escolha dos entrevistados, está relacionada mais com a experiência de trabalho do que com sua própria idade. Dito de outra forma: existem chapeados de 40 anos que trabalham há mais de 20 no ofício, por outro lado, tem aqueles de 60 anos que exercem a função há 8 anos apenas. Nossa prioridade foi ouvir aqueles que acumularam mais tempo de experiência no ofício. Acreditando que os mesmos podiam nos ajudar melhor para o nosso propósito. Ouvimos relatos de ex-chapeados, como também dos muitos que ainda estão na atividade.

Outras questões metodológicas que caracterizam nossa pesquisa de campo, as quais nos ajudaram compreender espaços mais particulares, foram as amizades, o respeito e o conhecimento adquiridos sobre o mundo dos

²⁷ Essa afirmação é baseada nos relatos de alguns dos nossos entrevistados que diziam à maioria daquela época já morreram.

²⁸ A década de 1980 até hoje considerada a década perdida. Batizada assim devido às sucessivas crises econômicas. No Nordeste tensões dobradas com as secas constantes.

chapeados, naqueles momentos de encontros com e sem o gravador. Frequentamos as residências de alguns, conhecemos esposas, filhos, locais e condições em que moravam, como também fomos visitados. Falamos de passado, presente, futuro, das decepções, perspectivas e sonhos. Vários tipos de assuntos foram tratados com alguns dos chapeados. Esse contato, que no início acontecia por conta apenas da pesquisa, passaria a acontecer espontaneamente. Hoje confessamos que jamais saberemos, para esse caso em particular, o que seria mais útil no momento da escrita, se as entrevistas ou a vivência. As duas coisas talvez fossem a melhor resposta.

Portanto, nesse estudo não foi nossa proposta limitar as entrevistas com perguntas e respostas prontas. Não sabemos de casa para fazer entrevistas, mas sim para conduzir uma conversa. Como bem disse o historiador José Carlos Sebe: "história oral não são entrevistas, mas um projeto desde a condução das gravações até a produção do texto"²⁹.

Já que no que concerne as tantas teorias e concepções historiográficas, nos fazendo pensar qual seria a relevância primeira no trabalho de um historiador, concordamos com Lucien Febvre, quando diz que "a parte mais apaixonante do trabalho do historiador consiste em levar as coisas silenciosas a se tornarem expressivas"³⁰. Demonstrando, portanto, uma boa alternativa aos pesquisadores que lidam com objetos pouco abordados e que timidamente figuraram/figuram nas narrativas, merecendo, assim, atenção do profissional da história.

A partir do século XX, com o movimento historiográfico francês irrompido em 1929, deparamo-nos com mudanças significativas no campo do saber historiográfico, pois ocorreriam ampliações teórico-metodológicas, disseminação de outros saberes no estudo da História e com isso uma variedade de temas ganhava espaços nas narrativas, antes inadmissíveis serem escritas. Esse olhar da história que se voltou para outras questões, problemas, métodos e temas por muitos conhecidos pela expressão, "História Cultural". No plano da escrita, a presença da História Cultural assinala uma reinvenção do passado que não está preocupada em buscar verdades

²⁹MEIHY, J.C.S.B. História Oral: como fazer, com pensar. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013, p.15

³⁰ Citado em PROST, Antoine. "Doze lições sobre história". 2.ed - Belo Horizonte: Ed aut, ntica, 2012.

definitivas, por certo, tudo é posto em interrogação, o que foi contado de uma forma, pode vir a ser contada de outra. A cultura passando a ser pensada como um conjunto de significados construídos pelos homens para explicar aspectos mais abrangentes da sociedade e do homem na sua variedade de ser e estar no mundo.³¹

A identificação do nosso trabalho com a história cultural é manifestada nas ideias estudadas por Michel de Certeau³², principalmente como este autor tratou o conceito de resistências cotidianas praticadas pelo seu homem ordinário³³. A resistência que interessa a Certeau, assim como também a nós, é cotidiana, e não programada. Ela aparece como alternativas para o homem comum, portanto, não é racionalizada por uma ideologia ou classe. O "homem ordinário" para Certeau é aquele das ruas, dos becos, das sarjetas. Os que estão disseminados por todos os lugares praticando de instante em instante uma maneira específica de viver no cotidiano. Assim a resistência, quando praticada pelo "homem ordinário", não tem pretensões revolucionárias, partidárias ou mesmo classistas.

A contribuição desse autor para nossa pesquisa está relacionada de maneira como ele confia na criatividade/inventividade do mais fraco, como ele detecta a possibilidade da criação de um cotidiano ordinário, deslocando fronteiras, formulando novos espaços e percebendo micro-resistências. Um dos objetivos do nosso estudo é perceber como esses trabalhadores são capazes de criar novos espaços para conseguirem mais um dia de trabalho e/ou mais um dia de diversão.

No cotidiano dos nossos personagens a rua configura-se como espaço de trabalho. Local onde melhor podemos detectar as burlas e táticas³⁴ que se

³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 15 e 16.

³² Michel de Certeau deu contribuições importantes para várias áreas do conhecimento, passando pelo campo do misticismo, da historiografia, da linguagem, dentre outras. No entanto, o estudo mais importante para nosso trabalho e talvez História Cultural seja a pesquisa sobre a vida cotidiana na França de 1970, com seu "A invenção do cotidiano: Artes de Fazer".

³³ Entendemos que o termo "homem ordinário" não pode ser caracterizado por um determinado ser. São seres espalhados infinitamente no cotidiano. O homem ordinário pode ser qualquer pessoa que resiste cotidianamente, aquele que astutamente tira proveito das situações vivenciadas configurando novos espaços.

³⁴ O conceito de tática e astúcia em Michel de Certeau é inseparável da referência a uma "arte", um "estilo". Ele propõe esses conceitos, em "Artes de Fazer", para compreender práticas culturais. Na cultura ordinária diz ele, "a ordem é exercida por uma arte, ao mesmo tempo

materializam quando matam o tempo no trabalho, nas `saidinhas_ para comprar o ma´o de cigarros ou quando divertem, flertam ou `batem um papo_. Pausas talvez necess@rias para o descanso do corpo e da mente. Os chapeados, assim como os `homens ordin@rios_, respondem cotidianamente `s estrat@lgias, aos modelos e ordens sociais e de trabalho que os exploram.

Pensando ` maneira de Certeau, o mal-estar caracter@stico do ambiente de trabalho seria transformado quando ocorressem as resist_ncias cotidianas. Desse modo, essas `maneiras de fazer_ constituem as mil pr@ticas pelas quais estes trabalhadores se apropriam do espa´o para assim tirarem algum proveito, como, por exemplo, matando o tempo de trabalho. Tais pr@ticas, diria Michel de Certeau, `s2o modos de proceder da criatividade cotidiana³⁵. As maneiras das `artes de fazer_, na vida social, n2o aparecem muitas vezes sen2o a t2tulo de resist_ncia³⁶. S2o elabora´bes por vieses mim@ticos. Camuflagem que estes sujeitos do cotidiano utilizam em benef2cio pr@prio, almejando sa´rem bem de situa´bes adversas, agindo com ast2cias quantas vezes forem necess@rias.

Pensando nos personagens da nossa hist2ria, talvez a pr@pria condi´2o de trabalhar como chapeado, assim como a situa´2o de pouca perspectiva proporcionada por tal of2cio, configura-se num cen@rio desfavor@vel para eles. Segundo Michel de Certeau, estes homens comuns resistem a partir das pr@ticas cotidianas, quando agem de modos astutos, inventando espa´os, criando artimanhas para desorganizar situa´bes que lhe s2o inconvenientes.

As ideias de Certeau, nesse sentido, contribuem para nosso estudo, quando percebemos que os carregadores ao resistirem com a´bes inovadoras, deixam transparecer seus conflitos, tens2es, desejos e anseios, possibilitando assim, conhecermos o mundo do trabalho por outros 2ngulos

A maior contribui´2o deste autor, para al2m de tudo que j2 foi dito at2 aqui, 2 quando compreendemos que o desfecho do seu texto 2 fazer valer as pr@ticas dos homens comuns em detrimento da passividade. O que interessa a Michel de Certeau, assim como a n2s, 2 perceber no homem comum suas

exercida e burlada_ Cf em CERTEAU, Michel de. A inven´2o do cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1994, p.20.

³⁵ CERTEAU, Michel de. A Inven´2o do cotidiano: Artes de fazer. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1994. p 41.

³⁶ IDEM, p.17

escolhas e criatividade, bem como a forma que interpretam e alteram o cotidiano.

Por fim, quando procuramos utilizar conceitos como os de 'tática' e 'resistência', estamos interessados em perceber como aqueles trabalhadores anônimos alteram os espaços da cidade a seu favor, porque reagem ou representam o trabalho de uma maneira e não de outra, ou como vivem/sobrevivem naquele cotidiano³⁷ que lhes é dado a cada dia, ora pressionando-lhes e oprimindo-lhes; ora divertindo-lhes e satisfazendo-lhes. Portanto, acreditamos que estas aproximações com os conceitos de Michel de Certeau, nos ajudou a pensar de maneira mais proveitosa sobre o cotidiano dos nossos personagens, que fazem das ruas o ambiente de seu trabalho.

Para essa temática de pesquisa, foi fundamental o contato com estudos que revelam aspectos da história sobre as impressões das pessoas comuns, pois, quando se buscam elementos no saber popular, criam-se novas possibilidades para a compreensão do acontecer histórico e social. Nessa perspectiva, dialogamos com autores que costumam se voltar para essas questões envolvendo o trabalhador. Como exemplo temos as ideias de E.P. Thompson sobre o conceito de experiência³⁸ histórica e cultural, tendo em vista que este autor buscou, em vários dos seus trabalhos historiográficos, dar voz a homens e mulheres a partir da abordagem da 'história vista de baixo'³⁹.

Outras leituras de E.P. Thompson, como em 'A força dos Trabalhadores' (1989), 'A Miséria da Teoria' (1981) e 'As Peculiaridades dos Ingleses e Outros Artigos' (2001), podem pinçar as características marcantes do seu trabalho, ao fazer os esquecidos apresentarem-se como sujeitos ativos na construção da

³⁷ Para Certeau, 'o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia, nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...] é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Cf em CERTEAU Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996. p.36

³⁸ O conceito de experiência serviria para Thompson, como modelo unificador das ações dos trabalhadores. Em seu livro, 'A Miséria da Teoria', o autor apresenta o conceito de experiência histórica e cultural, como modelos catalizadores de ação social. Cf; João Alfredo Costa de Campos Melo Júnior, In: O Conceito de Experiência Histórica em Edward Thompson. p. 2 e 3, Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH. São Paulo, julho 2011).

³⁹ Não iremos nos apropriar do termo de forma rigorosa, pois devemos estar atentos, todavia, para que tal se configure, há que dispor de dois ingredientes: práticas de resistências por parte da gente 'de baixo', e que estas resistências se revelem como um componente de classe. O nosso estudo analisa uma categoria específica de trabalhadores, e estes não se constituem numa classe tal qual os trabalhadores estudados por E.P. Thompson e Michele Perrot. Portanto, isso não nos impede de estabelecermos um diálogo com essas referências.

história e visualizar como os seus conceitos vão tornando-se claros em sua narrativa. Nesse sentido, vale ressaltar o conceito de experiência, pois "Do ponto de vista empírico é através das experiências que é possível elaborar teoricamente uma explicação racional das mudanças históricas."

Outra leitura que caminha nessa perspectiva e que também inspirou este estudo é a análise da historiadora Michele Perrot sobre trabalhadores operários franceses. No seu livro "Excluídos da História", a autora, ao dedicar atenção às questões particulares e sensíveis de homens, mulheres, e transgressores da ordem, apresenta uma abordagem que transita entre aspectos da história social e cultural. A maneira de analisar o cotidiano que interessou a Perrot, assim como a análise, foram as tensões e conflitos vivenciados pelos trabalhadores fora do ambiente de trabalho. Compreender como e onde moravam, onde se divertiam, como se alimentavam e até da preocupação com as vestimentas, dilata a dimensão desses trabalhadores enquanto sujeito da História. Esse tipo de abordagem, mesmo tendo as discussões concentradas a examinar trabalhadores, não reduz a história do trabalho ao operariado fabril⁴⁰.

A valorização das experiências vividas e da subjetividade expressa nos estudos de E.P. Thompson e Michele Perrot, deixam ensinamentos e inspiração para nosso texto, porém, no caso do nosso trabalho, é na experiência empírica dos chapeados que faz com que eles vejam o mundo de forma diferente. Sua "classe" se faz na própria experiência cotidiana. Dessa maneira, nosso estudo, ao recorrer aos relatos considerando os pontos de vistas de uma categoria de trabalhadores, como a dos chapeados, cria-se possibilidade para a construção de uma história a partir de lembranças daqueles que realmente viveram o passado, evitando, pois, "o olhar retórico de quem está de fora"⁴¹. Estudar as pessoas comuns, olhando-as como sujeitos sociais que estão inclusos numa dimensão cultural da vida de sua cidade, é um primeiro passo para libertarmos dos silêncios sociais e historiográficos aos quais muitos estão submetidos.

⁴¹VEIGA GAETA, Maria Aparecida Junqueira. A fala dos lugares perdidos: a cidade do desejo. In Revista Brasileira de História, São Paulo, Anpuh contexto, 1992. p.159

Nessa perspectiva de estudos que procuram analisar o mundo dos trabalhadores comuns, foi fundamental também o diálogo com autores como Sidney Chalhoub, Margareth Rago e Maria Auxiliadora Guzzo de Decca. Tais textos manifestam-se como narrativas que tiveram o interesse em dar visibilidade a trabalhadores populares, como se permitissem que falassem sobre si mesmos, revelando valores, formas de sociabilidades ou conflitos⁴².

As referências aos estudos que deram ênfase aos trabalhadores comuns, até aqui citadas aproximam-se do caminho metodológico desta pesquisa quando também nos preocupamos em compreender o cotidiano de trabalhadores comuns. Suas tensões e andanças pela cidade. No entanto, seguimos caminhos diferentes quando nos aproximamos de um grupo de trabalhadores específicos, como os chapeados. Portanto, nosso estudo, não segue a tradição de muitos historiadores do trabalho pelo operariado fabril, esta redução hoje é inaceitável⁴³.

A maneira como dividimos o estudo e o que elegemos como importante em cada momento, corrobora a intensidade de que procuramos contar uma história desprendida do que muitos chamam de `corrente historiográfica`.

No primeiro capítulo, nos propomos apresentar qual era o contexto da cidade de Campina Grande na qual viveram os carregadores. Para isso, procuramos pontuar alguns aspectos da cidade marcados por acentuados problemas de ordem socioeconômica. A `dívida perdida`, expressão usada para caracterizar a crise econômica dos anos 80 no cenário nacional, bem poderia ser empregada para Campina. O aumento demográfico, proliferação de favelas e o desemprego agudo, tiveram relação direta com o mundo do trabalho, situações que pintaram o mapa da crise na cidade. As primazias de décadas passadas esvaíram-se do cenário campinense. Já não era mais a grande praça algodoeira, nem tampouco se firmava como cidade industrial. Em

⁴² Sobre os autores mencionados neste parágrafo, estamos nos referindo aos seguintes estudos: Trabalho, lar e botequim (1986); Do Cabaré ao Lar (1985); A Vida Fora das Fábricas (1978);

⁴³ Sobre esta questão, Cláudio H.M. Batalha, afirma que hoje, em tese, quase todos os historiadores praticantes dessa área da história social, estão de acordo em dizer que é inaceitável esta redução. É necessário incluir trabalhadores livres e não livres, urbanos e rurais, assalariados e autônomos.⁴³ Para tanto, nosso estudo, assim como a história do trabalho dos últimos anos, ao invés de contrapor os diversos e novos recortes, busca integrá-los. Cf: BATALHA, H. M. Cláudio. Os desafios atuais da História do Trabalho. Anos 90, Porto Alegre, v.13, n.23/24, p.87-104, jan-dez. 2006, p89.

meio às adversidades, muitos trabalhadores comuns, compreendidos aqui como biscateiros, chapeados, camelôs e ambulantes, procuravam administrar as crises, criando novos espaços e formulando novas maneiras de conseguir trabalho.

No segundo capítulo, buscamos representar a cidade e o cotidiano do trabalho a partir das impressões dos chapeados. Iniciamos por localizar esses trabalhadores na cidade, analisando como eles sentiram e/ou gerenciaram os problemas que ocorriam na cidade. Mais à frente, vamos falar das práticas do ofício, procurando dar visibilidade sobre o que viria a ser um trabalhador chapeado. E no derradeiro ponto, propomos tratar das resistências cotidianas desses trabalhadores no ambiente de trabalho.

Para o terceiro e último capítulo, propomos analisar os carregadores a partir de questões que caminharam na trilha das sensibilidades. Para isso, saímos do ambiente do labor para demonstrarmos suas vidas para além do local de trabalho, com o objetivo de compreender como se reconheciam enquanto cidadãos e como se divertiam nos momentos de folga.

CAPÍTULO 01

UM OLHAR SOBRE AS CONDIÇÕES DA CIDADE E DO TRABALHADOR COMUM

[...] conhecida como já tendo sido a maior cidade do estado, a primeira no interior do Norte e Nordeste deste país, o centro arrecadador de impostos mais importante da Paraíba, e seu maior polo, não só comercial como industrial, e com muitas outras vantagens sobre todos os outros municípios, inclusive sobre a capital, Campina Grande queda-se, hoje, a lamentar a perda de suas primazias[...]¹

1.1 QUAL CAMPINA É A GRANDE?

Nas últimas décadas do século XX, Campina já não foi mais a praça algodoeira, nem a número um do Nordeste, tão pouco se destacava na indústria. São tempos de crise, desemprego e favelização. A cidade procurava um rumo que lhe colocasse mais uma vez no caminho das primazias de décadas passadas. As apostas maiores estavam nos setores de educação, turismo e serviços, passando a se firmar cada vez mais como 'cidade universitária' e por oferecer variados serviços no setor de saúde e ensino. No decorrer desse período, apresentava-se como uma anttese da cidade pulsante e progressista de décadas passadas.

Os tempos áureos do algodão², das grandes indústrias ou do comércio atacadista, marcaram épocas de proeminência e destaque econômico na cidade. Campina Grande, simbolicamente, fora apelidada de 'Liverpool brasileira', alusivo ao posto ocupado dentre as maiores praças algodoeiras do mundo. No setor industrial, por tamanho destaque, o padrão seria muito comparado com

¹ DB. Campina Grande, 1 de setembro de 1985.

² Desde 1960 a cidade já despontava enquanto referência na área de ensino, contando com os cursos de Engenharia Civil, Engenharia Mecânica e Engenharia Elétrica, ambos concentrados na Escola Politécnica. Contando também com a Faculdade de Ciências Econômicas (Face), que mantinha os cursos de Ciências Econômicas, Sociologia e Política, e a criação em 1966 da Universidade Regional do Nordeste (URNE). Essa última, onde maior concentrou cursos e alunos, passaria por um processo de estadualização em 1987, tornando-se o que é hoje a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O anúncio da estadualização da URNE, pelo então governador Tarcísio Burity, foi exaltado pela imprensa como um feito extraordinário. 'Um dos maiores acontecimentos já vividos pela população de Campina Grande'. (DB - 06.09.1987; p. 7). Em 1978, foi homologada pelo Ministério da Educação e Cultural através da Portaria nº 1.209, de 16 de novembro de 1978, a criação do Campus II da Universidade Federal da Paraíba, com sede na cidade de Campina Grande. Em 2002, tornou-se a Universidade Federal de Campina Grande UFCG.

³ Início do século XX até os anos de 1940.

quadros industriais da capital do estado⁴, de maneira que a cidade interiorana detinha a maior participação no conjunto de produção e arrecadação do estado⁵. Por tal relevância, chegava a meados do século XX, disputando a posição entre as cidades de maiores referências locais e regionais, tornando-se a mais promissora do interior nordestino⁶. Este padrão pujante começaria a definir gradativamente, a partir da década de 1970, quando os reflexos da Ditadura Militar, ainda vigente, começava a apresentar as debilidades do sistema econômico.

Era a ilusão do 'Milagre Econômico'⁷ brasileiro que chegava ao fim. A elevação no patamar inflacionário, de 100% entre 1980 e 1982 para 220% entre 1983 e 1985, eram fortes sinais da crise econômica e financeira, já instaurada no país⁸. Problemas e reflexos externos também contribuíram para agravar a crise financeira, já que entre os anos 70 e 80, várias nações permaneciam em estado de alerta com a elevação dos preços do petróleo, evidenciando um contexto de recessão a nível global. Esse cenário pintou o mapa da crise em vários locais. E não foi diferente para um país endividado como o Brasil naquele momento⁹. A década de 80, conforme a cientista política Maria Izabel Mallmann¹⁰, foram tempos de contradição. Para muitos, uma 'década perdida', visto que, de um lado existiam problemas econômicos, por outro, a forte mobilização em prol da democracia.

⁴ Não é por acaso a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP) ter sua sede localizada na cidade de Campina Grande desde 1949.

⁵ No final dos anos 60 essa arrecadação caiu de forma assustadora e a recuperação seguiu por anos de forma lenta, não compensando as perdas de receitas nesse período. Para saber mais ver; LIMA, Damiano. Milagre no interior: um estudo sobre os impactos dos projetos implantados no município de Campina Grande durante o Regime Militar. Campina Grande-PB, (mimeografado.), 1998.

⁶ Nos anos de 1940, a cidade foi comparada com São Paulo, maior cidade brasileira. Para a elite da época, o epíteto de capital associado com comparação com a metrópole era algo deslumbrante. Cf: SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. In. Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945. Campina Grande: EDUFPA, 2006, p.184

⁷ Denominação dada à época de excepcional crescimento econômico durante o Regime Militar no Brasil, entre 1968 e 1973. Um período paradoxal da História do Brasil, nesse período houve um extraordinário crescimento manufatureiro, porém não trouxe mudanças significativas nas estruturas das indústrias. Houve o crescimento do PIB, acompanhado da concentração de renda. O que agravou os problemas estruturais, que mais adiante, desembocaria na crise dos anos 1980. Ver FURTADO, Celso. O Brasil pós-milagre. São Paulo: Paz e Terra, 1981, p 40-42.

⁸ CY SNE, Penha Rubens. A economia brasileira no Período Militar. Est. Econ. São Paulo, v.23, n.2, p. 185-226, maio-agosto 1993. p. 212 e 213

⁹ IDEM, 1993:21e213.

¹⁰ Ver sobre o assunto, ALLMANN, Maria Izabel. Os ganhos da década perdida. Edipuc - RS, 2008.

Nessa conjuntura muitas práticas repressoras do Regime Militar, afrouxavam os nós, e o que se visualizava adiante, eram campanhas que se espalhavam pelo país inteiro em busca de um novo representante político que fosse escolhido pelo povo. A população, em alto e bom som, cobrava nas ruas por mais direitos e liberdades. Esse entusiasmo também foi registrado em Campina. Muitas pessoas pareciam antenados com a situação política do país, quando em comício realizado em março de 1984, em prol das 'Diretas Já'¹¹, reuniram 6.000 pessoas, lotando as imediações do Aíde Velho, um dos principais cartões postais da cidade¹².

São registros que sinalizam que a liberdade política e social que se desenhava a partir dos anos 1980 com a redemocratização do país, surtira efeito e esperança também na cidade de Campina Grande. No Brasil como um todo, talvez as dificuldades, para muitos, pudessem ser resolvidas nas ruas, através das campanhas, das faixas estendidas com frases de efeito, reivindicando direitos. Possivelmente, os movimentos em prol da democracia, nos idos da década de 1980, foi um dos poucos eventos que conseguiu juntar diferentes classes sociais em prol de uma causa comum. Se as campanhas democráticas aconteceram nos quatro cantos do país, não significa dizer que os problemas pontuais fossem iguais.

Entretanto, no entrelaçado fulgor democrático, pessoas menos assistidas e destituídas de trabalho, moradia e infraestrutura básica, ansiavam outros interesses. No mesmo contexto de reivindicações em que se clamava por democracia, barulhos outros eram direcionados em prol de sanar problemas pessoais e emergenciais¹³. A situação de crise econômica e social na cidade de Campina nesse período foi tão real quanto os gritos pelas 'Diretas Já'.

¹¹Movimento nacional que baseado numa emenda constitucional que previa o restabelecimento de eleições diretas para a Presidência da República, criou-se o slogan 'Diretas Já'.

¹² DB. 29-03-1984.

¹³ Se folhearmos os jornais da época, notícias evidenciam que muitas pessoas participavam de outros movimentos. Como os muitos que resistiram à ordem de despejo no Conjunto Elvário Gaudêncio, área hoje conhecida como o 'Bairro das Malvinas'. Tal bairro, ainda hoje lembrado pela história de luta e resistência por moradia em Campina Grande neste período. Sobre despejos e famílias que ocuparam o bairro. Ver DB 29-05-1985; DB 31-05-1985, como também, ver o documento: 'Malvinas: a arte da resistência', dirigido por Ivan D'Paula. Registros de cenas de famílias ao relento, também foram encontradas nos jornais que diz: 'São comuns nos bairros temos, ver pessoas expostas à caridade pública para sobreviver'. DB. 06-12-1985. Esta reportagem associa o problema ao grande contingente de imigrantes que aportou na cidade nos anos 80. O grande número de crianças abandonadas e sem escolas também chamou atenção nas páginas dos jornais. A matéria do DB. 06-12-1985, baseado em dados levantados pela Secretaria de Educação do Estado, afirma que Campina Grande está ostentando um recorde nada agradável em termos de educação,

Em Campina Grande, ao que tudo indica, parece ter existido uma cidade antes, e outra depois, do Regime Militar. As políticas centralizadoras¹⁴ acertaram em cheio o projeto desenvolvimentista da cidade, que por sinal, era desarticulado, já no início dos anos 1970. É o que nos informa o historiador Damião de Lima, quando, no seu estudo sobre a cidade no período da Ditadura, expõe quadros desfavoráveis e de poucas perspectivas para a “capital do trabalho”, que chega aos meados da década de 1970, mergulhada em grave apatia política e profunda crise econômica, medida que o projeto de industrialização, proposto pelo município, definhava¹⁵.

Nesse contexto, empresas como a Wallig Nordeste¹⁶, símbolo industrial de Campina Grande, a qual oferecia mais de mil empregos diretos, fechava suas portas. Exatamente um ano depois, em setembro de 1980, a SAMBRA¹⁷, outra gigante no beneficiamento de agave e algodão, instalada há mais de quarenta anos na cidade, também parava de funcionar. As falências dessas empresas representaram naquele momento a efetivação da crise industrial¹⁸. Que já vinha se desenhando com o fechamento de empresas como Susy, Fracalanza e Fibrasa. Já no setor coureiro, representado pela indústria Curtume Villarim¹⁹, as demissões em massa também sinalizavam a fragilidade do setor.

O cenário da cidade não era dos melhores, sobretudo, quando analisado sob as condições e oportunidades de trabalho. As causas que afetaram e colocaram Campina Grande numa zona de desconforto econômico e social, não concentrou em episódios pontuais, como o fechamento das indústrias. Foi um emaranhado de fatores que emergiu num curto espaço de tempo. E a cidade, muito provavelmente, não resolveu os problemas de imediato. Vivia-se tempos

tendo hoje um total de 15162 crianças sem estudar somente na zona urbana... A matéria segue detalhando o assunto ampliando a análise para zona rural e os números são alarmantes. Também compara com a realidade de outras cidades paraibanas, como: Patos, Guarabira, Cajazeiras e João Pessoa, fomentando uma falsa e contraditória realidade de epíteto de cidade universitária.

¹⁴ Marcado por redefinições tributária, que consistia, dentre outras coisas, na diminuição dos gastos da união e o aumento de arrecadação, na medida que passava a diminuir a autonomia dos estados e municípios.

¹⁵ LIMA, Damião de. Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista. João Pessoa. Editora Universitária/UFPB, 2012. p. 195-196.

¹⁶ A empresa, fundada em 1967 foi considerada a maior fábrica de fogos da América Latina. Suas portas foram fechadas em setembro de 1979, consequentemente, todos os funcionários foram demitidos. Ver DB. 19-09-1979.

¹⁷ Esta empresa, chegou a empregar em média, mais de mil trabalhadores. Sobre a Samba e seu fechamento, ver DB.16-09-1980.

¹⁸ LIMA, 1996

¹⁹ DB. 06-07-1980.

de inflação, altos índices de desemprego e crescente povoamento das regiões urbanas.

Na década de 1980, a cidade contava com uma população de mais de duzentas e cinquenta mil pessoas. Um aumento real de quase trinta por cento em relação à década de 1970. Campina Grande, de fato, inchava, medida que vários municípios paraibanos tiveram sua população diminuída, a exemplo Alagoa Grande, Alagoa Nova e Areia.²⁰ Evidenciando, pois, que boa parte dos imigrantes, que aumentavam o fluxo habitacional de Campina, provinham de municípios com aspectos rurais.

Dessa forma, deduz-se que nesse magote de gente que saíam das Zonas Rurais para tentar a sorte em Campina Grande, vieram muitos desempregados ou famílias inteiras em procura de serviço, alguns encontrando no ofício de carregador alternativas de subsistência. As informações obtidas, acerca das entrevistas com trabalhadores chapeados a respeito de onde vieram, retratam que a categoria a partir dos anos de 1980, era composta por uma parcela considerável de homens que vinham de outros locais. Logo, somando ao número de pessoas que migravam para Campina Grande em busca de oportunidades. (Vide tabela abaixo).

TABELA 1 - CHAPEADOS E SEUS RESPECTIVOS LOCAIS DE NASCIMENTO

Trabalhadores Chapeados	Locais
Aldo Bezerra Firmino	Juazeirinho - PB
Antônio Augusto de Sousa (Chupeta)	Queimadas - PB
Antônio Felix Ferreira (Ceguinho)	Pilões de Dentro - PB
Argemiro Filinto dos Santos	Livramento - PB
Francisco Barbosa da Silva (Negão)	Iguatu - CE
Geraldo Ferreira (Galego)	Juarez Távora - PB
João Francisco da Silva (Branquinha)	Campina Grande - PB
Luciano Ferreira (Xibiu)	Alagoa Grande - PB
Marcos Antônio da Rocha	Campina Grande - PB
Manuel (Bigode)	Campina Grande - PB
Sebastião Martins de Araújo (Biu)	Santo André - PB
Zé Belha ²¹	Cabaceiras - PB

A partir da relação retratada na tabela, ligando cada trabalhador ao seu local de origem, deduz-se que a decisão de muitos terem arriscado vir para uma

²⁰ DB. 28-10-1980. p.03

²¹ Como já dito anteriormente, esse cabeceiro não quis revelar o nome, justificando que todos o conheciam pelo apelido. Portanto, não nos autorizou expor.

cidade maior como Campina²², foi talvez por não perceberem possibilidades de sustento em Zonas Rurais, já que estamos tratando de um contexto de seca, crise econômica e falta de emprego. Assim, da mesma forma que quase todo o país caminhou estagnado e sem muita oferta de emprego nos idos de 1980, as regiões rurais e menos assistidas, próximas de Campina, sofreram de maneira igual ou pior, tendo vista que tratava-se de um contexto onde cada vez mais o trabalhador e o empregador recorriam aos meios tecnológicos, para produzir, lucrar, render e agilizar o setor de comércio como o de serviços. O trabalho braçal associado a mão de obra desqualificada, constantemente vai perdendo espaço, sobretudo no setor formal.

Por isso mesmo, muitos que chegaram em Campina entre as décadas de 1980 e 1990 para se sustentarem, tiveram que trabalhar de chapeados, pois não conseguiram vagas de emprego no setor formal, porém, poucos tinham profissões definidas. Apesar disso, segundo impressões do cabeceiro Antônio Felix Ferreira, Campina Grande,

foi quem deu oportunidade para muito trabalhador chapeado. Eu mesmo cheguei aqui sem emprego certo. E estou trabalhando até hoje. Quando saí de Pilões, a Usina onde eu trabalhei, não estava pagando mais certo, faltava as coisas, o trabalhador não confiava mais que dali pudesse tirar o sustento. Vim pra Campina, depois fui para o Rio de Janeiro, mas foi aqui que eu achei de ficar. Trabalhei de chapa no início, depois de lavador de ônibus na empresa da Cruzeiro, mas fui demitido. Aí de chapa até hoje, era o que tinha pra fazer²³.

É interessante perceber na fala deste carregador, que as oportunidades de trabalho, de fato, existiram, sobretudo para quem estivesse disposto a encarar qualquer serviço. Aparentemente, na história do carregador, o momento foi oportuno para conseguir trabalho, pois foi graças a cidade que muitos chapeados puderam permanecer trabalhando. Por outro lado, vamos perceber que a maioria desses trabalhadores, ao chegarem na cidade, ocupavam-se com atividades `desqualificadas`, as quais, não exigiam capacitação ou um nível de instrução básica. Dessa maneira, podemos interpretar, a partir do relato, que não era a cidade que ofertava oportunidades, mas sim, o trabalhador chapeado que

²² Todos os chapeados entrevistados compreenderam Campina Grande como uma cidade grande e de muito movimento comercial.

²³ Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

parecia estar predisposto a enfrentar qualquer atividade que garantisse o sustento. Trabalhar de carregador, como bem disse o cabeceiro acima: `era o que tinha para fazer, sem muitas exigências.

A tese de que a cidade ofertava trabalho, foi sustentada por muito trabalhadores chapeados ao longo das entrevistas, o que demonstra uma maneira diferente de perceber a cidade dos números, estatísticas e impressões de jornais, que apontava para um cenário de crise e desemprego nos idos dos anos de 1980.

A começar pelo fenômeno da migração intra-regional, que demonstrou impulso demográfico em Campina no período de 1980 a 1991, quando a população da cidade cresceu, em termos absolutos, quase em oitenta mil pessoas. Posto que, com esse ritmo de crescimento, ocorreu um aumento considerável da taxa de desocupação.²⁴

O grande volume de pessoas que saíam de áreas rurais, para morar em zonas urbanas, estava acontecendo em quase todo o país. A taxa brasileira de urbanização em 1980, já se aproximava dos 70% e seguiria crescendo consideravelmente. É o que nos diz Rossine Cerqueira da Cruz,²⁵ que nos seus termos, ressalta que:

Isso acontecia não só pela crescente liberação de mão de obra agrícola nas regiões mais modernizadas assim como pela atratividade nos centros urbanos [...] que tendem a ser mais frequente do que na área rural. Mostrando que o drama social vivido antes no campo transferia-se para as cidades, sobretudo no que diz respeito à dimensão do desemprego.

Em Campina Grande, o número de pessoas residindo em áreas urbanas, já ultrapassava a média nacional (vide tabela abaixo). Este cenário, provavelmente refletia no trabalhador que vivia necessitado por uma ocupação. Os índices populacionais, os quais retratamos aqui, são indícios do

²⁴Esse crescimento demográfico chegou ao ano 2000, a superar os índices da Paraíba, do Nordeste e do Brasil. Ver: ALVES, S.J.; SILVA JUNIOR, G.F. da. A dinâmica recente do mercado de trabalho campinense: mudanças e permanências. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vargas de Oliveira. (Org.). Campina Grande: EDUEP/EDUEFCG, 2009.p.40, 41.

²⁵ CRUZ, Rossine C. A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional. Tese de doutorado em Economia, UNICAMP, Campinas-SP, 1999.

contingente migratório²⁶ de pessoas que saíam das Zonas Rurais para as cidades – procura de melhorarem de vida.

TABELA 2 - POPULAÇÃO DE CAMPINA GRANDE: 1980-1990

ZONA	URBANA	RURAL
1980	228.182hab	19.645 hab
1990	302.468hab	18.839 hab

Fonte: Censo IBGE – 1980; 1990 – Org. Recime 2009

Os problemas enfrentados por Campina Grande, nesse período que adentrou pela década de 1980, ocorreram em quase todas as cidades consideradas polo de atração comercial. As heranças dos governos militares, conforme mencionado, não deixaram quase nenhum saldo positivo. Nem no setor político, tão pouco no econômico²⁷. Na Região Nordeste, nem mesmo aquelas cidades, que foram beneficiadas por programas²⁸ e incentivos via Sudene, puderam apresentar melhorias e beneficiamento voltados para setores sociais. Basta analisarmos que:

Dados da SUDENE, de 1987, mostram que a região, nesse ano, continuava enfrentando os mesmos problemas de antes de 1960. Esses problemas foram agravados pelo crescimento desordenado das grandes cidades, pelo crescimento do setor informal e pelo aumento do número de favelas[...] Quatro anos após o fim do regime militar, o Nordeste abrigava 45% das habitações subnormais (favelas) do país, 43,9% das casas não eram servidas de água encanada, e 83,6% não tinham esgotos sanitários. Agravando ainda mais esta situação, 1/3 dos projetos agropecuários financiados durante o regime militar, estava nas mãos de apenas 12 famílias, as mais ricas da Região²⁹.

²⁶Ver: ROLNIK, R. Cidade: Planejamento Urbano - Morar, atuar e viver. Revista Teoria e Debate (janeiro/fevereiro/março). 1990. A pesquisadora nos informa que em 1980, dos 120 milhões de brasileiros que responderam ao censo, 30 milhões se encontravam fora de seu lugar de origem. Na sua análise, a migração tornava-se sendo um fenômeno vivo e determinante do crescimento urbano. Ver: ROLNIK, R. Cidade: Planejamento Urbano - Morar, atuar e viver. Revista Teoria e Debate (janeiro/fevereiro/março). 1990.

²⁷ A ditadura militar destruiu com suas ações e sua truculência, a capacidade de auto-gestão de toda uma geração e isto tem tido repercussões graves. Ao destruir o projeto de desenvolvimento, intimidar e perseguir as pessoas que atuavam no campo político, bem como, nos movimentos sociais, os militares destruíram o sonho de uma geração e alienaram a outra. Por outro lado, a fragilidade das lideranças geradas no período militar é latente. Cf em LIMA Damiano de. Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista. João Pessoa. Editora Universidade/UFPB, 2012. p.249

²⁸ Sobre os projetos, CURA E PNDCCPM, o historiador Damiano de Lima (2012 p. 231, 239), compreende que apesar de ambos terem beneficiado o município de Campina Grande, ressalta que, em nenhuma ação pretendeu promover mudanças no quadro social da cidade. Principalmente que mirassem solucionar problemas básicos das parcelas mais necessitadas da população.

²⁹ IDEM, p. 248

Este cenário, talvez em quase nada se distanciasse da situação de Campina Grande nesse contexto. A cidade, além de acompanhar aspectos desfavoráveis da crise econômica que ocorria no país, também passava por problemas sociais complexos. Como o inchaço da população, desemprego, escassez de moradia, dentre outros. O intenso processo migratório, que agravou consideravelmente os problemas da falta de trabalho, também fez aumentar os números de favelas. Esse processo iria refletir na dinâmica da cidade, bem como no cotidiano de muitos trabalhadores.

Para uma cidade que estava baixando portas de indústrias e empresas ou diminuindo seus quadros de funcionários, receber grandes contingentes populacionais, conforme destacamos, parece ser agravado a situação, no que tange a organização básica necessária numa cidade. Com os espaços superlotados, consequências indesejadas, logo se somavam a outras. Problemas de infraestrutura, como falta d'água, serviço de limpeza e trânsito desorganizados, foram aspectos que também refletiram como decorrência da época.

Os jornais analisados, ao evidenciarem aspectos sobre a dinâmica das ruas, fornecem pistas, acerca de um trânsito que se apresentava intenso, arrojado e já causando engarrafamento³⁰ no centro da cidade. Como se fosse igual a tudo aquilo que podemos identificar como uma cidade grande. Por outro lado, também foram circuladas manchetes, que nos ofereceram indícios para imaginarmos outro cenário da cidade. A matéria do DB do dia 6 de setembro de 1981, intitulada 'Campina tem 8 semáforos', parecia restringir a cidade em poucas ruas do centro. Tal notícia foi ressaltada em tom perplexo, enfatizando a situação como algo inacreditável,³¹ pelo fato daquela cidade, conhecida por um trânsito perigoso, ser dispor dos serviços de oito semáforos³², espalhados por apenas sete ruas.

Disponibilizar de um bom serviço de sinalização no trânsito, parecia ser importante naquele momento para população, bem como para o desenvolvimento e fluidez da cidade. A impressão dos jornais foi que a cidade parecia estar atrasada em relação a outras localidades, já que era vergonhoso,

³⁰ DB.11-08-1981.

³¹ DB.10-09-1981. O autor da matéria, esteve referindo a quantidade de semáforos na cidade.

³² DB. 6-09-1981.

dispor de apenas oito aparelhos de semáforos numa cidade relativamente grande para a época. É interessante atentarmos que uma década atrás ao período em que circularam as matérias, Campina figurava como uma das maiores e mais promissoras cidades da região Nordeste. Possivelmente, a ausência de alguns serviços que caracterizavam aspectos de cidade desenvolvida - a exemplo mesmo de sinalizações para um melhor tráfego e organização das ruas - incomodasse parcelas da sociedade, acostumados a compreender a cidade como destaque no cenário regional. Nos idos de 1980, essa evidência pujante parecia estar cada vez mais se distanciando da realidade da cidade.

O destaque e a importância da cidade para trabalhadores como os cabeceiros que presenciavam cotidianamente a dinâmica das ruas centrais, já que ali precisavam estar para trabalhar, esteve representado pelo amontoado de carros e caminhões. A fluidez do trânsito, parecia pouco importar naquele momento. Muitos carros parados, sobretudo em porta de comércio era sinal de abundância no setor de cargas e descargas de mercadorias. Foi assim que seu Argemiro Filinto dos Santos, chapeado por mais de trinta anos, lembrou das ruas e da cidade nos idos de 1980:

Vou lhe dizer a verdade, porque falar a verdade é preciso. Naquele tempo era uma bagunça, mas era bagunça boa. Pra onde você mirasse ou chegasse era um caminhão parado, era uma carga para descer. Tinha esse negócio de caminhão se pudesse entrar tal hora nas ruas não. Todo lugar do mundo os caminhoneiros entravam e estacionavam, a gente era se ir atrás da gente. A gente via o bichão chegando e ficava de olho, aqueles que a gente não conhecia, se parasse perto, a gente tinha que encostar pra ver se tava precisando de serviço. [...] tinha esse negócio de trânsito incomodar não. Ficou pior foi com o tempo mesmo, quando começaram a mexer nos horários de poder e não poder passar numa rua e outra³³.

É interessante perceber como as necessidades ou as mudanças que ocorre numa cidade, atinge as pessoas conforme sua vivência, a função que ocupa ou de acordo com os interesses de quem elas representa. Se para os jornais, o desorganizado trânsito, representou atraso e desorganização para as ruas de Campina Grande, para muitos carregadores, o acúmulo de carros, e sobretudo de caminhões no meio das ruas, não obstruíram suas atividades. Pelo

³³ Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

contrário, a movimentação das ruas significava pujança no comércio e esperança de um dia promissor de trabalho³⁴.

A partir disso, podemos interpretar que a preocupação estética das ruas e dos espaços de apropriação da sociedade como um todo, incomodava parcela da população mais desejosa por uma cidade limpa e organizada. Porém, nem toda sociedade se beneficiaram das mudanças, por exemplo, representada por algumas matérias da época, que geralmente falam em nome de toda a sociedade³⁵.

Representações do jornal DB sobre o trânsito, retrataram aspectos de uma cidade desorganizada e despreparada para comportar tanta gente. Em uma reportagem revelava que a cidade dispunha de um único estacionamento localizado na área central e que esse era uma das causas dos transtornos nas ruas³⁶. Por conta das dificuldades, somado ao grande número de acidentes, o trânsito em muitas ruas centrais, foram alteradas, a exemplo, da Rua Treze de maio, artéria central que passava a ser a única³⁷. Serviços como os da Prefeitura Municipal, bem como, da CIRETRAN (Circunscrição Regional de Trânsito)³⁸, propunha criar um modelo ideal para solucionar os problemas.

Ainda sobre o desenrolar do trânsito, seis anos após as mudanças do novo plano de trânsito, inconveniências pareciam ainda estarem postas às ruas. Se a ordem pública modificou o trânsito de maneira que confiaram ser o modelo ideal para o melhor funcionamento da cidade, alguns trabalhadores que desenvolviam atividades como as de mecânicos (vide imagem abaixo) pareceu não cooperar para que as mudanças fossem sanadas, pois segundo o DB, ao

³⁴Essa relação entre a presença de carros e caminhões nas ruas, significando melhores possibilidades de trabalho para os carregadores, demonstra a pujança das atividades de carga e descarga na cidade. Não é por acaso que ainda hoje existem cabeceiros atrás de serviço. Em época pouca distante, Campina Grande chegava a acolher a média de mil caminhões diariamente. DB. 08-10-1964, p. 5

³⁵Pelo que podemos constatar até aqui, as mudanças no trânsito, com intenções de organizar, da visibilidade e fluidez as ruas, não foram benéficas para a categoria dos carregadores, acostumados a associarem o excesso de caminhões no meio das ruas aos dias produtivos para o setor de carga e descarga. Atualmente, caminhões não podem descarregar e/ou carregar nas ruas centrais da cidade (onde geralmente estão os carregadores), a partir das 18 horas quando a maioria do comércio está fechando. Portanto, limitando o trabalho da categoria, que em determinados locais conseguem trabalho no período da noite. O que gera uma série de inconvenientes, como a distância de suas residências para os locais de trabalho e a violação das ruas no horário noturno.

³⁶ DB, 14, novembro de 1980.

³⁷ DB, 08, novembro de 1980.

³⁸ Órgão do DETRAN responsável pela fiscalização no interior dos municípios do estado.

desenvolverem suas atividades nas áreas centrais da cidade, atrapalhavam o tráfego das ruas, agravando parte do problema de fluidez.

FIGURA 1 - Mecânico trabalhando no meio da rua.



Fonte: Setor de Documentação em História Regional. UFCG. DB. 23-03-1986.

Para a matéria do DB, esse tipo de trabalhador obstruía o centro, interrompia a dinâmica dos pedestres, sujava as ruas e mesmo assim, segundo o jornal, continuavam trabalhando normalmente em várias ruas localizadas no centro de Campina. A mensagem do jornal é de que esses homens não estavam cooperando com o melhoramento do trânsito. Possivelmente, em tempos de poucas oportunidades, muitos trabalhadores estavam mais interessados no seu sustento diário do que na organização do trânsito ou embelezamento das ruas, que talvez em nada os beneficiassem naquele momento.

As tentativas de planejar e transformar o centro nesse aspecto, sob o olhar técnico de engenheiros do trânsito não resolveu os problemas das ruas naquele momento. Como sabemos, as cidades não se constituem apenas por idealizações programadas das autoridades. A construção das ruas se definem igualmente a partir dos populares e/ou trabalhadores comuns, como os mecânicos, camelôs, carregadores e ambulantes, que a todo instante fizeram valer sua própria dinâmica no cotidiano, apreciando, visualizando e se apropriando dos espaços de maneira particular. Em Campina Grande, a interferência de algumas atividades (mencionadas acima) que usavam as ruas como local de trabalho, alteraram os espaços programados para outra

funcionalidade. Dessa forma, segundo a historiadora Sandra Jatthy Pesavento, tem-se que:

A modificação do espaço de uma cidade, dando a ela forma e feição, contem em si projetos políticos de gerenciamento do urbano em sua totalidade. É, por um lado, uma tarefa de profissionais especificamente habilitados para tal – urbanistas, arquiteto, engenheiro – Mas também comporta o que poderia chamar de intervenção do cotidiano. Ou seja, esse espaço sonhado, desejado, batalhado e/ou imposto, por sua vez, também reformulado, vivido e descaracterizado pelos habitantes da urbe, que, a seu turno, o requalificam e lhe conferem novos sentidos³⁹.

Essa análise nos permite compreender as cidades de maneira singular. Cada sujeito histórico tem uma impressão peculiar sobre o mesmo lugar. É interessante notar, como as matérias dos jornais DB e JP, ambos de visão ideológica progressista, uma vez que seus idealizadores e/ou fundadores faziam parte da elite industrial da cidade, não enfatizavam as pequenas profissões como atividade digna, que cooperasse com o desenvolvimento da cidade, pelo contrário, o trabalhador de rua parecia descaracterizar a imagem de cidade forte, progressista e desenvolvida.

Pelas páginas dos jornais, Campina Grande, a partir de 1980, apesar das inconveniências econômicas e sociais, até aqui mencionadas, ainda era representada como cidade do progresso e em ritmos desenvolvimentistas, porém muito suja e desamparada pela limpeza pública⁴⁰. Era a cidade do trabalho e da oportunidade, entretanto, as principais empresas fechavam portas e os empregos eram insuficientes. Era a cidade universitária, mas boa parte da população não tinha onde morar⁴¹. Cidade polo de desenvolvimento tecnológico, mas que não organizava o trânsito de meia dúzia de ruas e que ainda dependia do trabalho braçal de muitos carregadores, responsáveis por encher e esvaziar, todos os dias, caminhões de mercadorias várias, dinamizando o setor comercial da cidade.

³⁹ PESAVENTO, Sandra Jatthy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002. p. 16.

⁴⁰ JP 8 de maio, 1980. "Campina é uma cidade suja".

⁴¹ Nos idos de 1970, adentrando também na década de 1980, a Companhia Estadual de Habitação da Paraíba (CEHAP), não produziu nenhuma moradia para a população de baixa renda, os investimentos foram destinados para financiamentos de habitação da chamada classe média. Nos anos 1980, realizou o empreendimento do conjunto habitacional Malvinas, que por sinal, gerou muita polêmica na entrega das casas. Cf: SILVA, Iranise Alves da. A política habitacional para as classes de baixa renda de Campina Grande – Paraíba. Dissertação (Mestrado em Economia), Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1987.

São as 'contradições' a cada página virada, também comum a outras fontes quando submetidas ao olhar atento do pesquisador. Contradições que revelam Campina Grande sob vários ângulos.

A Campina Grande que encontramos foi a do desemprego, do trabalhador correndo para o Sudeste em busca de ocupação, da carência habitacional e da favelização. Todavia, não seria engano afirmar que estes problemas convivam dentro da mesma geografia da Campina 'desenvolvida', como descrita no jornal 'Folha de Campina', que na ocasião representava a cidade como maior referência regional.⁴² Entretanto, a Campina dos anos 80 - além de não ser mais a maior urbe do interior do Norte/Nordeste, como pretendeu a matéria veiculada, estava enfrentando crises sucessivas, dentre outros inconvenientes.

1.2. POUCA OPORTUNIDADE OU BAIXA QUALIFICAÇÃO?

Pensando a cidade a partir das condições e oferta de trabalho, no período em análise, talvez não fosse exagero dizer que não ocorreram grandes mudanças revolucionárias na sociedade. Todavia, as duas últimas décadas do século XX se inserem num outro contexto de cidade que já se desvinculava da realidade do mercado de trabalho de então.

Dentro desse contexto, gradativamente o trabalho mecânico e repetitivo seria diminuído, dando lugar ao trabalho de mão-de-obra qualificada. Essa prática decorre da própria dinâmica da economia e do mercado de trabalho que constantemente parece exigir um novo perfil de trabalhador, sobretudo para aqueles trabalhadores comuns, que além de tudo, enfrentariam outros percalços.

As representações desta nova vocação da cidade não seriam suficientes para ocultar as crises sucessivas pelas quais passavam nos idos daqueles anos. Esses caminhos adversos, por onde geralmente circulavam os trabalhadores comuns, revelavam outras compreensões sobre como estava a cidade naquele contexto, porém tinha quem dissesse que tudo caminhava bem:

Campina Grande, ontem uma menininha de poucas ruas, ruazinhas tortuosas, acanhadas, estreitas a subir e a descer pela topografia alterosa da Borborema. Eram as ruas: das Areias, do Esfola Bode, da Pororoca, das Boninas, da Rodagem, do Progresso, do Lapa, dos Paus Grandes, do Rê Couro, das Piabas, da Guabiraba, da Floresta, do São José, da Garagem Grande, do Poente, do Beco da Bosta, da Praça do

⁴² Referência a matérias da Folha de Campina, 29 de setembro, 1980, p. 7. Ano 1, nº 2

Mercado, do Beco 31, do Largo da Matriz, do Beco do Cacete, da rua da Mandichória, da rua Nova, rua Grande, da Estação, da rua do Algodão, Beco do Gelo, rua do Emboca, rua do Monte Santo, praça do Rosário. Ah, meu deus, e tantas outras que me fazem lembrar - com saudades meus tempos de menina [...]

Campina Grande, hoje, de ruas alargadas se transformando em extensas avenidas por onde se movimentam milhares de veículos. A tiara da rainha da Borborema, engalana-se também de bairros refinados, onde se pode ver belas e suntuosas mansões. Alto branco, Santo Antônio, bairro das Nações, Conceição, Bodocongó (Cidade Universitária), Prata, num testemunho inequívoco do desenvolvimento urbano por que vem passando a cidade. [...] Cidade composta de gente idealista, e sobretudo que trabalha para o engrandecimento de Campina Grande. Contando com duas Universidades, caminha a largos passos para se tornar numa metrópole de cultura e tecnologia. [...] Sua graça maior consiste em ser uma cidade diferente, a maior urbe do interior Norte e Nordeste.

Duas grandes áreas de lazer se destacam nesta cidade: parque do Árvore Novo e Parque do Árvore Velho, com o Centro Cívico e o Centro Turístico Cristiano Lauritzen. O museu de Arte Moderna, ostentando obras de inigualável valor. O Teatro Municipal Severino Cabral, um dos mais modernos do Brasil. A feira livre, a maior da região. O clima temperado, tendendo - às vezes - ao quente, oferece, contudo, noites frescas, agradáveis⁴³.

O texto acima, similar - aquelas crônicas sobre cidades, intitulado 'A Campina Grande', escrito pela jornalista Lexnia Leão⁴⁴, foi veiculado pelo jornal FC, em 29 de setembro de 1980, que na oportunidade, faz um trajeto pela cidade de 'antes' em tom saudosista, e enaltece o presente, mostrando que a cidade caminhava a passos largos para o desenvolvimento. A prova disso são as 'suntuosas mansões', os 'bairros refinados', as 'extensas avenidas' que comportavam milhares de veículos. Era a cidade que já contava com duas universidades. Campina Grande, como ressaltou o escrito, era o que se tinha de diferente, era a maior urbe do interior do Norte e Nordeste⁴⁵, portanto, destaque no cenário regional, e porque não dizer nacional.

A impressão retratada acima sobre a cidade, revelava uma Campina Grande vigorosa e distante de qualquer cenário de crise. Todavia, quando uma comunidade vai bem e caminha para o desenvolvimento a passos largos, subentende-se que os âmbitos institucionais, que juntos organizam e proporcionam

⁴³ Folha de Campina, 29-09-1980. p. 07. Ano 1, nº2

⁴⁴Tornou-se uma das professoras mais conhecida de Campina Grande, a partir de 1981 foi eleita para a cadeira nº 03 da Academia de Letras desta cidade, período que escrevia para o jornal local, a exemplo do Diário da Borborema.

⁴⁵Campina Grande não era mais a maior cidade do interior do Norte/Nordeste como pretendia a jornalista. Feira de Santana - BA, já despontava muito a frente, principalmente no que tange a números populacionais. Ver: IBGE. Censo Demográfico - Bahia, 1950 e 1991. Contagem de população - 1996. (Extraído de FREITAS, 1998) Censo Demográfico - Bahia 2010. IBGE.

o bem-estar de uma cidade, está o em completa harmonia. As palavras ditas sobre a situação em que se encontrava a cidade, não deixava de ser um convite para aqueles que procuravam viver em outro local na esperança de mudar de vida. Afinal, a cidade era composta de gente idealista e, sobretudo, que trabalha.

Regrados pela singularidade, a maneira de ver e sentir uma cidade podem tomar vários caminhos, porque as cidades também são recriadas a partir de nossas escolhas. Os detalhes positivos retratados pela jornalista constituíram a partir de suas impressões, uma dada representação de Campina Grande naquele momento.

As impressões, sempre pontuais, que decantavam progresso e pujança para caracterizar Campina, pareceram ter se esvaído quando em contato com outros registros, os quais, por meio de dados e notícias negativas, passavam a retratar a cidade com aspecto contrário a toda circunstância de progresso, revelando, pois, perspectivas de crise no período da década de 1980.

[...] das primazias que gozavam em épocas gloriosas, passou para a apatia e descambou para a decadência econômico-financeira, o que vem contradizer todas as formas de desenvolvimento de uma cidade como Campina Grande, decantada em verso e prosa no mais puro lirismo nacional [...] urge que se façam planos e se estabeleçam regras, capazes de viabilizar o progresso para todos.⁴⁶

A citação acima, que clama por planos e regras, revela o cenário de crise que transformava a dinâmica da cidade. Sobretudo, no que diz respeito à manutenção da ordem pública, relacionada aos problemas de desemprego, moradia e favelização, que notadamente atingiam os grupos menos assistidos socialmente. Sobre essa questão, esbarramos em desacordos e tensões. Tomemos como exemplo os ambulantes e camelôs que, ao invadirem as ruas centrais da cidade para conseguir o sustento, descumpriam ordens do poder público municipal, o qual, procurava a todo custo removê-los dos locais mais centralizados da cidade⁴⁷.

No que diz respeito aos problemas que se apresentaram nos idos de 80, a procura por trabalho, configurou-se como danos irreparáveis para a vida de

⁴⁶ Caminhos Vivos. DB, 24 de setembro de 1988 (R.R. Cavalcante)

⁴⁷ Sobre essa questão ver o estudo de CARVALHO Maria Jackeline Feitosa. Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000). João Pessoa 2011. p.188.

muitos trabalhadores, uma vez que se tornaram alvos fáceis, e foram duramente atingidos, pela situação econômica vigente em Campina. Nos termos do economista, Geraldo Francisco da Silva,⁴⁸ a cidade vai sobrevivendo, nos anos 80 e 90, do que restou no seu parque industrial, centrado em produtos de baixo valor agregado e no setor de serviços. A cidade vivia um momento de indefinição e incapacidade de criar oportunidades viáveis, que pudessem colocá-la, mais uma vez, na rota do desenvolvimento.

Outros estudos,⁴⁹ são esclarecedores quando propõem demonstrar que a década de 1980 em Campina Grande, foi um tempo de dificuldades socioeconômicas que atingiram diretamente a população menos favorecida, as quais sofriam com o aumento demográfico desorganizado, carência habitacional, favelização e desemprego.

O inchaço populacional, responsável por ocasionar vários problemas na cidade, limitaria ainda mais as possibilidades dos que buscavam conseguir trabalho. Desse modo, enquanto muitos sonhavam por uma ocupação em Campina Grande, outros saíam. A cidade, neste período, via muitos dos seus filhos aumentarem as estatísticas dos tantos nordestinos que saíam de sua terra para arriscar a vida em procura de trabalho na região Sudeste do Brasil.

⁴⁸SILVA JÚNIOR, G.F. da. Campina Grande: desenvolvimento histórico no século XX. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vitoras de Oliveira. (Org.). Campina Grande: EDUEP/EDUFPG, 2009.p 30.

⁴⁹ Sobre as causas e consequências do aumento demográfico, favelização e desemprego; analisamos a tese da socióloga Maria Jackeline Feitosa Carvalho, intitulada: - Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000), dedicando atenção especialmente ao quinto capítulo, Imagens da pobreza em Campina grande, p. 271 a 176. Sobre a carência habitacional, que podemos apontar como um dos problemas que acompanhou toda a década de 1980, e ainda hoje continua em Campina Grande, a autora registra o cenário desesperador das invasões a vários conjuntos habitacionais, trazendo matérias de jornais com títulos: `Nem bala da PM desalojaram os sem-casas_ que tentavam impactar ainda mais a situação calamitosa. P. 284, 286 e 291; Ver também, ainda sobre o assunto: SILVA, Hilméia Xavier. A invenção de um lugar: vivências e memórias (n) da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 - 2006). Dissertação de mestrado, UFCG, Campina Grande-PB, 2013.

FIGURA 2 - Estação rodoviária Cristiano Lauritzen - Rodoviária Velha



Fonte: Setor de Documentação em História Regional. UFCG. DB. 04-11-1980.

A imagem acima, veiculada como matéria de capa do DB no dia 4 de novembro de 1980, acompanhava um longo texto tratando do desemprego que forçava muitos trabalhadores migrarem para o Rio de Janeiro com esperança de melhorar de vida. Segundo afirmava aquela matéria, 'atrás de emprego'; era a resposta que mais se ouvia das centenas de pessoas que diariamente embarcavam da rodoviária velha para o Rio de Janeiro, bem como para São Paulo. Na matéria, mesmo sendo confirmado pelos agentes de viagem que muitos passageiros que partiam para o Sul, vinham de outros lugares, e de Campina Grande eram que embarcavam, ainda assim oferece fortes indícios de que o emprego na cidade de Campina havia esvaído⁵⁰. São notícias e números que mais uma vez caracterizam a situação de incômodo e dificuldade para aqueles que buscavam a todo custo um trabalho⁵¹.

O cenário de desemprego foi tema marcante durante praticamente toda década de 1980 nas matérias do Diário da Borborema. A cada página virada um índice negativo ou uma frase tensa sobre os setores de indústria e comércio. O

⁵⁰ DB. 04-11-1980, p.01 e 08. Sobre a mesma questão também ver DB 8-11-1980, p. 4. Nas matérias falava-se já em 'xodo de trabalhadores e que a causa principal era o desemprego e os problemas ocasionados pela seca.

⁵¹ A rodoviária entendida como um termômetro social.

mercado de trabalho está saturado para qualquer profissão⁵², dizia o jornalista Severino Ramos, referindo-se a todo o Brasil, mas enfatizando danos maiores na região Nordeste.

Seguindo a análise desse quesito, encontramos alguns populares que expressaram sobre o assunto de forma unânime: “empregos em Campina Grande é uma utopia, não existe de maneira alguma”, dizia o senhor José Letícia da Silva. Enquanto outro, Luiz Marcelo Barreto, afirmava que “a procura de emprego era grande, mas a oferta inexistia”.⁵³ Para o trabalhador campinense era desoladora a situação, visto que “a falta de trabalho somava-se um conjunto de outros problemas recorrentes durante as décadas de 1980-90.

O momento retratado era agravado com aumentos dos preços gerados pela inflação implacável do momento, refletindo no preço do pão e do feijão, da carne ao leite⁵⁴. A instabilidade dos preços, que geralmente tentavam mais para subir do que baixar, castigava o trabalhador campinense, dificultando ainda mais a situação daqueles sem profissões que viviam de “fazer bico” pelas ruas em busca da subsistência.

Enquanto a contagem populacional aumentava, a situação de Campina cada vez mais, esbarrava em números e índices negativos. Dessa vez eram as quedas drásticas nas taxas de crescimento do produto interno bruto – PIB⁵⁵, que possivelmente acentuou a instabilidade nos postos de mercado de trabalho, naquele período.

⁵² DB. 11-07-1980. p.4. Ainda no mês de julho do mesmo ano (dia 06) esse mesmo periódico trazia a notícia de crise e demissão em massa no setor coureiro. Aumentando os índices de desemprego de forma assustadora, causando prejuízos a outros setores comerciais e industriais da cidade.

⁵³ DB.08-08-1980. Essa matéria faz parte de um quadro daquele jornal intitulado: DB Opinião Pública. Geralmente são quatro pessoas ouvidas pelo jornal. Naquela oportunidade sobre o tema do desemprego, todos eles (a) enfatizaram o grave problema do desemprego na cidade. Neste mesmo ano, e no mês de setembro, nos dias 05, 09, 16, 17 e 18 encontramos mais notícias sobre a questão do desemprego, ambas de aspectos negativos, noticiando desde fechamentos de indústrias como descasos e crises em alguns setores. E seguiam sem notícias animadoras. Ver DB.14-10-1980; DB. 4-11-1980; DB.08-11-1980.

⁵⁴ S/ano mês de outubro do ano 1980 o preço do feijão já tinha variado de várias vezes. Custando 100Cr\$, 120Cr\$ e chegando até 140Cr\$, esse último valor considerado absurdo naquela época; já no dia 17 de outubro de 1980, o DB trazia a notícia de primeira página: “O feijão some da mesa dos pobres: Cr\$ 140,00 o quilo”. Sobre a questão ver também as matérias do dia 05 e 26 de outubro, que além do preço do feijão, traz uma lista de outros produtos básicos que aumentavam constantemente incomodando a população. A matéria do dia 09 de novembro, desse mesmo ano, traz um balanço do aumento do feijão durante todo o ano na Paraíba, chegando à cifra de 357,3%. Cenário semelhante a este, também foi percebido na década seguinte. Cf: “A hora do desespero”. JP. 20 de janeiro 1990.

⁵⁵ Ver ALMEIDA, Maria do Socorro Nicolly Ribeiro de. Relações socioespaciais no contexto das indústrias de calçados informais de Campina Grande: Paraíba. João Pessoa, 2011. p. 27.

A partir dos dados que apontamos sobre a situação de Campina, temos que grande parte dos trabalhadores que compunham o mercado de trabalho formal enveredou para transformarem-se em biscateiros, ambulantes, feirantes e autônomos⁵⁶. Fazendo-nos entender que a falta de oportunidades, principalmente no mercado formal, era agravada também pelo baixo grau de escolaridade. Situação que diminuía ainda mais as possibilidades de muitos ingressarem em postos fixos de trabalho.

O contratempo para conseguir trabalho, além de seguir o curso da crise que assolava a cidade, tendia a piorar para aqueles que saíam de áreas rurais e chegavam à cidade pela primeira vez. Muitos, possivelmente trazendo na bagagem apenas o acúmulo das experiências do campo. O que não era o bastante para uma cidade essencialmente urbana, sem oferta de trabalho e, cada vez mais, exigindo um perfil de trabalhador que oferecesse serviços qualificados.

A cidade que não ofertava trabalho e estava em crise, sobretudo simbolizada pelo fechamento de suas maiores indústrias, parecia não conseguir mais se erguer economicamente. Tampouco socialmente, já que o crescimento excessivo das favelas intensificou, ainda mais, problemas já tidos como graves, como o desemprego.

A situação da cidade, analisada sob as representações do DB, parecia incomodar também as pessoas mais abastadas, eventualmente acostumadas com a opulência da cidade em décadas passadas. Muitas matérias veiculadas, com o propósito de demonstrar a situação pela qual passava a cidade, geralmente, acabavam por lembrar as décadas passadas, quando a cidade se destacava como referência regional.

Nas palavras ditas por Itan Pereira, em artigo escrito no DB⁵⁷, é possível perceber indícios de que a crise que afetou Campina, naqueles anos, parecia descaracterizar a cidade tão familiarizada com a pujança de outrora, sobretudo no setor econômico. "Campina Grande queda-se diante de suas primazias", enfatizava trecho do artigo. A cidade que outrora fora reconhecida por seu

⁵⁶SILVA JUNIOR G.F da. Campina Grande: desenvolvimento histórico no século XX. In: Roberto V. das Neves de Oliveira. (Org.). Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Campina Grande: EDUEP/EDUFPG, 2009, p.27-28.

⁵⁷ DB.01-09-1985.

destaque comercial, industrial ou atacadista, encontrava-se sem perspectiva. Este cenário de indefinição, acentuado com a proliferação de favelas e escassez de moradia, parece ter sido o que mais caracterizou a cidade no decorrer dos anos 80-90.

1.3 UMA QUESTÃO DE MORADIA

Seguindo na busca por compreender a cidade de Campina Grande a partir dos anos 80, outro tema que também nos forneceu rastro sobre como era trabalhar naquela época, foram os problemas de habitação imbricada com a crescente favelização. Esse processo teve início, ainda antes dos anos 80, possivelmente, surgia como consequência das transformações urbanas⁵⁸ e das construções das primeiras indústrias na cidade. Que ao melhorar algumas áreas, disponibilizando os primeiros serviços de energia e abastecimento de água, ampliava o território da cidade para além das áreas centrais. Desse modo, cada vez mais, o centro se valorizava, passando a ser um lugar destinado ao comércio e ocupado quase que exclusivamente pelas elites. Em detrimento das áreas centrais, novos espaços surgiam. Estes, destinados aos pobres, desempregados e imigrantes.

§ nesse movimento, que parte das populações menos assistidas socialmente passam ser compreendidas a partir dos lugares que frequentam ou residem. A medida que as cidades se transformam ou são construídas, aqueles que detêm valores e poderes vão nomeando os lugares, distanciando as zonas lúctas das ilúctas, bairros ricos e bairros pobres, bairros comerciais, de trabalhadores de homens de bem e bairros ambíguos, suspeitos⁵⁹.

Essa separação social também foi vigente nas duas últimas décadas do século XX. Com o passar dos anos, cada vez mais, se tornavam imbricados os espaços da cidade. A proliferação, que seguiu em ordem crescente até finais dos

⁵⁸As transformações urbanas e as ampliações do território da cidade a qual estamos nos referindo remete as décadas de 30 e 40 do século XX. Talvez a mais impactante reforma urbana ocorrida na cidade. Sobre o assunto ver; SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande - 1920-1945 Doutorado em História. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2001.

⁵⁹ Ver SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Território de Confrontos: Campina Grande (1920-1945). Campina Grande: EDUEFG, 2006, p.121. Mesmo que o autor esteja se referindo a uma época recuada no tempo em relação a este contexto que analisamos, é provável que os motivos da proliferação das favelas a partir de 1980 caminhassem na truneta linha do poder e da discriminação.

anos 80, embaralhou os bairros, as ruas e as classes sociais. Muitas favelas passaram a dividir a mesma geografia de bairros tidos como nobres.

Em reportagem veiculada no DB, 2 de novembro de 1981, tem-se a informação que "mais uma [favela] acaba de ser localizada". A ocorrência das favelas, segundo explica "o da mesma matéria, era simples de compreender "se procurássemos averiguar as causas "é evidente que encontraremos no problema do desemprego seu motivo principal".

O desemprego em Campina, nas duas últimas décadas analisadas, foi o sintoma que passou a ser veiculado nos jornais como causa principal de muitos outros problemas da cidade, como o aumento de pedintes, engraxates, desabrigados, do menor que caía na marginalização e até causador de graves problemas urbanos, a exemplo da própria incidência das favelas⁶⁰.

As causas que deflagravam o surgimento de áreas periféricas não seriam diferentes dos outros lugares, se pensarmos que as cidades são construídas que se realizam a partir das intencionalidades, geralmente de grupos seletos. Sobre a situação de Campina Grande, segundo Iranise Alves da Silva, a especulação imobiliária, por parte dos proprietários, na prática de estocar terras⁶¹, utilizando o solo como reserva para o comércio valoroso e não para o uso necessário, foi mais um dos fatores relevantes que acentuou a crise da moradia na década de 1980⁶².

Nesse sentido, as informações sobre os trabalhadores cabeceiros, apontam para dificuldades da categoria no que se refere a ter um teto para morar. Dentre os carregadores entrevistados, mais da metade não possuem residência fixa, e aqueles que afirmaram residirem em casa própria, portanto livres do aluguel, são a partir dos anos 2000. (Vide tabela a seguir)

TABELA 3 - CASA PRÓPRIA ENTRE AS DÉCADAS DE 1980, 1990 E 2000

CHAPEADOS	Casa própria na década de 1980	Casa própria na década de 1990	Casa própria a partir dos anos 2000	Ainda pagam aluguel	Moram ⁶³ de favor
-----------	--------------------------------	--------------------------------	-------------------------------------	---------------------	------------------------------

⁶⁰ DB. Campina Grande, 29 de março 1981 (capa).

⁶¹ Prática de reservar áreas destinadas para construção civil com intensão especulativa para melhor obtenção de lucros.

⁶² SILVA, Iranise, Alves. A crise da moradia. João Pessoa - PB. Editora UFPB/AGIR, 1987, p.25 a 28.

⁶³ Os chapeados que se enquadram nessa categoria, moram junto com a mãe (sogra) da sua esposa e demais agregados da família. Esse termo, "morar de favor" foram assim denominados por eles próprios quando perguntávamos se residiam em casa própria.

Aldo Bezerra Firmino ⁶⁴	N ^o	N ^o	-	Sim	N ^o
Antônio Augusto de Sousa	N ^o	N ^o	Sim	N ^o	N ^o
Antônio Felix Ferreira					Sim
Argemiro Filinto dos Santos	N ^o	N ^o	Sim	N ^o	N ^o
Francisco Barbosa da Silva	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	Sim
Geraldo Ferreira	N ^o	N ^o	N ^o	Sim	N ^o
João Francisco da Silva			Sim		
Luciano Ferreira	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	Sim
Marco Antônio da Rocha	N ^o	N ^o	N ^o	N ^o	Sim
Manuel (Bigode)	N ^o	Sim	N ^o	N ^o	N ^o
Sebastião Martins de Araújo	N ^o	N ^o	N ^o	Sim	N ^o
Zé Abelha	N ^o	N ^o	Sim	N ^o	N ^o

Estas informações, compreendidas a partir do que nos contou os cabeceiros, no que tange a conquista da casa própria, está relacionado aos programas de habitação popular, os quais ganharam força mais precisamente no decorrer do ano de 2004, quando, conforme Bonduki (2008), foi aprovada a Lei Federal 10.391 que estabeleceu maior segurança jurídica ao financiamento e a produção habitacional. Nesse aspecto, os chapeados, ao mesmo tempo que reconhecem que tornou-se mais fácil adquirir uma casa, demonstram as dificuldades de se morar em Campina na década de 1980⁶⁵.

Ah! Meu amigo! Naquele tempo, chapeado falar em comprar casa? Nem passava pela cabeça. Era sofrimento para pagar aluguel, imagina!

⁶⁴ Este carregador afirmou ter sua casa própria, mas sua ex-mulher quem mora com dois dos seus filhos.

⁶⁵ Vale dizer que nem todos os carregadores passaram a residir em casa própria a partir de 2004. A tabela deixa isso bem claro. Porém, muitos, até mesmo os que pagam aluguel, admitiram que "hoje as coisas estão mais fáceis". Possivelmente, além das mudanças, que de fato, são perceptíveis, também podem criarem impressões, baseados em propagandas de governo ou até mesmo comparando vivências de décadas passadas, quando, ao que tudo indica, as coisas eram piores nesse sentido.

Eu já morei em tanto buraco que você não queira pensar não, visse. Só pra lembrar: Mutirão⁶⁶, lá pelas bandas da Cachoeira⁶⁷, lá para o lado do Tambor⁶⁸, e mais um bocadinho de canto. Hoje moro no Bairro das Cidades⁶⁹, bloco 02, nº 104, pode e lá que você me acha. [...] É um apartamentinho desse que o governo ajuda a gente. Tá bom demais, eu lá pensei em ter uma casa nunca.⁷⁰

Podemos imaginar a partir do relato desse chapeado, que esta situação de tensão, na luta por conseguir um teto, desenha a realidade pelas quais muitos outros carregadores passaram e ainda passam. Os locais citados como espaço de moradia, todos distantes das áreas centrais, apontam para o que parecia comum, sobretudo nos idos de 1980, do pobre trabalhador, desempregado e de pouca instrução, recorriam às áreas periféricas no encalço de um cômodo, cortiço ou qualquer teto que pudesse chamar de casa. As áreas consideradas favelas, para onde possivelmente recorriam, representaram, ora o fim da aflição, pois lá encontravam abrigo, ora o agravamento das dificuldades, pelo descaso social e moral de viverem em determinadas áreas.

Além das dificuldades de moradia, o quesito desemprego e o maciço aumento migratório pela qual passava Campina, também foi determinante para a proliferação das periferias, que somadas às tantas outras questões de ordem política e econômica marcou a cidade negativamente nos idos de 1980.

A partir das impressões dos jornais, o cenário parecia ser caótico, beirando a uma situação de pobreza extrema e descaso social. Os números de residentes em áreas impróprias, além de crescer, não tardariam em aterrorizar outros grupos sociais, uma vez que o crescimento desorganizado das favelas expandia cada vez mais em direção às áreas nobres. Dando a entender que esse fator contribuiu para que o tema ganhasse mais expressividade nas páginas dos jornais que clamavam às autoridades por diligências urgentes, veiculando manchetes da seguinte forma:

⁶⁶ Mutirão do Serrote, um bairro pobre com pouca infraestrutura e demais privações. Está localizado na Zona Oeste da cidade. Distante do centro aproximadamente 8 km.

⁶⁷ A cachoeira foi uma das maiores favelas da cidade. Atualmente onde localiza-se parte do Bairro da Glória, situado na Zona Leste e Norte de Campina Grande.

⁶⁸ Bairro Pobre, distante do centro aproximadamente 5 km. Localizado na Zona Sul.

⁶⁹ É um bairro pobre, localizado na Zona Sul. Onde localiza-se o conjunto Major Veneziano, construído pelo Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal. Neste bairro vive aproximadamente 5 mil pessoas.

⁷⁰ Marco Antônio da Rocha. Entrevista concedida ao autor em: 13/11/2015.

Tambor⁷¹ pede `socorro`_. DB, 29 de dezembro de 1981.

`Na Cachoeira⁷², popula´2o vive em completa mis´ria`_. DB, 11 de junho de 1981.

Pedregal⁷³ um desafio aos poderes p´blicos`_. DB, 12 de fevereiro de 1981.

Estas mat´rias de jornais parecem tentar impactar, atrav´s das informa´oes, sobre a situa´2o de mis´ria e estado de tens2o em que viviam moradores daquelas ´reas, as quais, j´ eram costumeiramente chamadas de favelas. ´ interessante atentar para fato de que durante praticamente toda a d´cada de 1980, o tema `favela`_ ocupou muitas p´ginas dos jornais, que al´m de mostrar as mazelas daqueles locais e culpar os poderes p´blicos, tamb´m endossaram a discrimina´2o e a divis2o social, j´t2o manifesta no mundo dos moradores de favelas. ´ assim que interpretamos a mat´ria do dia 30 de dezembro de 1981, que antes de `pedir solu´oes`_ para os problemas de acesso da regi2o da favela `Cachoeira⁷⁴`_ faz um apanhado geral do tipo:

`A Cachoeira at´ hoje tem tido seu nome registrado na cr´nica policial, como antro de marginalidade [...] justamente porque ali vivem mancomunados para o mal, indiv´duos desajustados socialmente, cuja atividade ´ o crime, roubo e o assalto, por lhe faltar condi´oes essenciais de recupera´2o moral e de integra´2o na sociedade.⁷⁵

Sen2o vejamos,

´ evidente que esses moradores n2o pagam impostos, eles s2o pessoas que vivem de biscates, e que em consequ´ncia n2o s2o tribut´veis pelo munic´pio. N2o ser´ por isso, entretanto, que o governo v´deix´lo sem assist´ncia`_ ⁷⁶

Estes tipos que eram reafirmados a todo instante nas ruas e tamb´m nas mat´rias veiculadas nos peri´dicos. Essa imagem negativa teria interfer´ncia direta no cotidiano de grande parte da popula´2o campinense que residia em favelas. Em uma r´pida an´lise sobre o desenvolvimento quantitativo das favelas de Campina Grande, percebemos que a grande multiplica´2o dos favelados foi nos idos de 1980 e 1990.

⁷¹ Esse bairro (favela) localiza-se na Zona Sul da cidade.

⁷² Localizava-se na Zona Leste da cidade

⁷³ A Favela do Pedregal III e IV, localiza-se na Zona Oeste, constitui-se numa das mais antigas favelas de Campina Grande, ocorreu na d´cada de 1980, e ´ a mais pr´xima da ´rea central.

⁷⁴ A extinta favela da Cachoeira (atual Bairro da Gl´ria) foi considerada umas das maiores zonas perif´ricas de Campina Grande.

⁷⁵ DB. 30-12-1981.

⁷⁶ Idem.

TABELA 4 - EXPANSÃO DE MORADIAS E HABITANTES EM FAVELAS - ANOS 70, 80 e 90

ATÉ 1979	EM 1984	EM 1990
Contava com três favelas de maior expressão.	17 favelas; 6.416 moradias; 31.594 hab.	26 favelas; 15.705 moradias; 74.967 hab.

DB. Campina Grande, 06 de fevereiro, 1992.

Os números são expressivos e fornecem possibilidades para compreendermos outros fatores que agitavam a cidade. Assim, podemos citar o grande número de trabalhadores informais que vão recorrer às ruas para procura de exercerem alguma atividade. Apesar da ocorrência de zonas periféricas,⁷⁷ neste período, serem uma tendência quase que geral Brasil afora. Em Campina, a periferia já totalizava quase 30% da população urbana, somado aos 900 cortiços em que habitavam mais de trinta mil pessoas⁷⁸. Talvez as favelas fossem consequência do desemprego, todavia, eram também um fator de causa. Pois, apesar da pouca oferta e oportunidade, eventualmente, a mão de obra era desqualificada. Não havendo espaço de trabalho suficiente para grande parte da população que disputava um emprego.

Os desafios da população menos assistida, como aqueles que necessitavam de trabalho e residiam nas favelas, dizia respeito também à precariedade habitacional e à incidência da violência. Pontos fortes que caracterizavam favelas como lugares perigosos e desaconselháveis de se viver. Morar em favelas significou, naqueles anos, aturar as péssimas condições de subsistência geradas por transtornos de insalubridade, falta d'água e energia. Somado a isso, a discriminação sofrida por ser favelado seria outro agravante social, que mexia diretamente com a autoestima daqueles que, além de residirem em favelas, travavam outra luta diária, sair para as ruas para conseguir um emprego. O fato de habitarem nas favelas gerava estigmas dos mais diversos perante a sociedade.

Portanto, parecia ser comum por exemplo, acreditar que todo morador de favela fosse tornar-se violento, perigoso e traficante. Esse desprestígio, além de

⁷⁷ Apesar de alguns estudos diferenciarem favela de periferia, não optamos por fazer valer a ideia de favela, mesmo quando escrevermos periferia.

⁷⁸ Percebe-se que o aumento foi muito rápido, pois até 1980 todos os moradores de favela concentravam-se basicamente em três delas: Cachoeira, Pedregal e Jeremias. Ver DB.06-02-1992.

tudo, atrapalhava aqueles que intencionavam concorrer uma vaga de emprego⁷⁹. Essa situação talvez seja mais um motivo que nos ajude a compreender porque muitos cidadãos desconheciam o trabalho formal e recorriam à informalidade.

Naquela ocasião, a relação entre favelado e falta de oportunidade estava imbricada. O aumento populacional daquelas áreas refletia, diretamente, na dinâmica do mundo do trabalhador. Eventualmente, quanto mais gente morando em favelas maior dificuldade para conseguir ocupação, sobretudo formal.

Sobre o assunto, a pesquisa de Hilmária Xavier Silva, a respeito da favela da Cachoeira⁸⁰ (atual Bairro da Glória), nos oferece sinais sobre situações e condições dos trabalhadores que residiam em favelas, constatando que, o preconceito atravessa principalmente o mundo do trabalho, pois os empregadores não costumavam aceitar moradores de favelas em suas empresas⁸¹. Esta situação que deveria ser recorrente em Campina Grande trazia um mapa estereotipado de exclusão, concernente aos âmbitos sociais, políticos e culturais. Sobretudo ao mundo do trabalho, uma vez que as dificuldades para conseguir emprego, acentuava-se para aqueles que não tiveram oportunidades (e ainda hoje são muitos) de frequentarem escolas, ou qualquer que fosse a instituição, que lhes oferecessem oportunidades para tornarem-se donos de um ofício, facilitando assim a inserção no mercado de trabalho.

Um dos reflexos da desigualdade⁸² social em Campina Grande, principalmente no decorrer da década de 1980, poderia facilmente ser observado pela própria imagem das proliferações de favelas, tensões do desemprego e conflitos por moradia. As representações do DB sobre o tema moradia, geralmente foi tratado como uma grave crise habitacional⁸³. As tensões por falta de teto movimentaram a cidade consideravelmente, muitas vezes virando caso de polícia, devido às constantes ordens de despejo⁸⁴. Essa conjuntura torna-se

⁷⁹SILVA, Hilmária Xavier. A invenção de um lugar: vivências e memórias (n)da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 - 2006). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2013, p. 72.

⁸⁰ SILVA, Hilmária Xavier. A invenção de um lugar: vivências e memórias (n)da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 - 2006). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), 2013, p. 72 e 73.

⁸²Uma comissão especial de inquérito - CEI, criada em Campina Grande no ano de 1987, constatou que naquele ano, 32,5% da malha urbana e da área de expansão da cidade estavam sob o domínio de apenas vinte pessoas. Citado em; CARVALHO, M. J. F. Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000). João Pessoa, 2011.

⁸³ DB. Campina Grande, 12 de fevereiro 1981.

⁸⁴ O conjunto "Elvário Gaudêncio", popularmente conhecido como "Bairro das Malvinas", foi o que mais se mobilizou e agitou a cidade contra as ordens de despejo que eram constantes. No início dos anos 80 esse

chave de leitura para pensarmos a situação de muitos trabalhadores, tal qual a categoria dos cabeceiros, que além da desgastante procura por emprego, possivelmente, vivia atormentado por falta de moradia própria ou pelo sacrifício de cada final de mês, ter que arcar com a alta conta do aluguel.

As atribuições da cidade, estimuladas pelo desemprego, inflação, favela e moradia escassa, não apresentava circunstâncias propícias para aqueles que necessitavam, a todo custo, subsistir por meio do uso da força de trabalho. Dessa maneira, mediante tantos percalços podemos intuir que essa situação foi um dos motivos responsáveis por acentuar, ainda mais, a precarização do trabalho, expandindo e intensificando o setor informal na cidade.

1.4 SOBRE O AUMENTO DO TRABALHO INFORMAL

Ademais, nesse contexto de poucas oportunidades, uma das alternativas do trabalhador para driblar o desemprego - antes que a falta de oportunidade ou o caminho fácil afugentasse parcelas das classes pobres - foi recorrer à criatividade desempenhada no mundo da informalidade. Muito provavelmente, buscando conseguir suprir as necessidades básicas: comer, beber, morar, dormir, e principalmente, se sentir inserido na sociedade, ao menos pelo fato de estar exercendo uma função. Esse quadro foi combustível certo para que muitos trabalhadores, sem ocupação, recorressem à informalidade⁸⁵.

Acerca do trabalho informal, alguns autores entendem o crescimento desse setor como produto do metabolismo do sistema capitalista. Nesse caso, apresentando-se ora como forma de reduzir os custos de produção, por meio do aumento da exploração do trabalho; ora como forma de assegurar a sobrevivência de trabalhadores que não encontravam emprego⁸⁶.

Desse modo, o trabalho informal não deve ser entendido de maneira sucinta. Há uma dificuldade de estabelecer suas origens, ou determinar a

conjunto abrigava mais de quinhentas famílias. Atualmente mais de 40 mil habitantes moram naquele mesmo espaço. Ver; DB, Campina Grande, 31 de maio 1985.

⁸⁵ De acordo com Fagundes, a expressão informal apareceu em 1971, num estudo realizado em Gana, por Keith Hart, apresentado numa conferência sobre o desemprego urbano. Mais detalhes ver; FAGUNDES, M.E.M. Informalidade na região metropolitana de Salvador: um estudo exploratório. 1992. Dissertação (Mestrado Economia) - UFBA/FCE, Salvador, 1992.

⁸⁶ Ver SOARES, Marcos Antônio Tavares. Trabalho Informal: da funcionalidade à subsunção ao capital. Vitória da Conquista: Ed UESB, 2008, p. 81 e 82.

multiplicidades dos seus processos. São vários os motivos que mobilizam o homem a procurar desenvolver atividades, utilizando as ruas como local de trabalho. Portanto, como bem ressalta Lima e Soares, "Independentemente de positividade ou negatividade, o conceito de informalidade é difuso, o que faz com que sua análise se restrinja a situações particulares"⁸⁷. Todavia, compreendemos que muitos trabalhadores, a exemplo dos carregadores em vias de análise, procuram esse tipo de serviço pelas consequências do baixo nível de escolaridade, falta de uma profissão ou reflexo da baixa oferta de emprego.

TABELA 5 - INDICADORES QUE LEVARAM A RECORREREM AO OFÍCIO DE CARREGADOR

TRABALHADORES CHAPEADOS	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	DESEMPREGO	ANTIGA OCUPAÇÃO
Aldo Bezerra Firmino	Não frequentou escola (autodidata); sabe ler e escrever.	Nenhuma	Não	Ajudante de pedreiro
Antônio Augusto de Sousa	4º ano fundamental. Ler e escreve.	Idem	Sim	Não teve.
Antônio Felix Ferreira	2º ano fundamental; não ler; não escreve.	Idem	Não	Lavoura de cana.
Argemiro Filinto dos Santos	Não frequentou escola; não ler; não escreve.	Idem	Sim	Não teve
Francisco Barbosa da Silva	3º ano fundamental. Não ler; não escreve.	Idem	Sim	Não teve
Geraldo Ferreira	Não soube informar. Não ler e assina o nome apenas.	Idem	Sim	Ajudante de pedreiro
João Francisco da Silva	Não soube informar. Ler e escreve.	Idem	Sim	Comércio
Luciano Ferreira (Xibiu)	5º ano fundamental; ler e escreve.	Idem	Sim	Não teve
Marcos Antônio da Rocha	4º ano fundamental; ler e assina o nome apenas.	Idem	Sim	Não lembra.
Manuel (Bigode)	Frequentou a escola por 1 ano; não ler; não escreve.	Idem	Sim	Construção civil.

⁸⁷LIMA, Jacob Carlos; SOARES, Maria José Bezerra. Trabalho flexível e o novo informal. In caderno do CRN, Salvador, n.37, p.163-178, jul/dez 2002.

Marcelo da Rocha	5º ano fundamental; ler e escreve.	Idem	Sim	Nºo lembra
Sebastião Martins de Araújo	Nºo frequentou escola. Nºo ler; nºo escreve.	Idem	Nºo	Caseiro de sítio

Segundo (CAVALCANTI, 1983)⁸⁸, o desemprego é o principal responsável pelo crescimento do comércio informal, pois este setor representa fonte de emprego de última instância para aqueles que não conseguiam outro trabalho, sobretudo formal. A maneira autônoma de comercializar produtos e serviços transformava-se numa fonte de sobrevivência⁸⁹.

Para o caso particular da cidade de Campina Grande, quando analisada sob a ótica desse tipo de trabalhador, constata-se que cada vez mais aumentava o número de pessoas que utilizavam as ruas como espaço de trabalho. Vejamos que numa matéria do DB, veiculada em 11 de novembro de 1980; o próprio calçadão⁹⁰, considerado como uma das principais áreas de lazer do centro da cidade, aos poucos estava se transformando em uma feira-livre, dado o grande número de comerciantes que convergiam para aquele local⁹¹. Nos idos de 1980, era bastante comum encontrar áreas bem localizadas do centro da cidade, a exemplo de ruas como a Cardoso Vieira e Venâncio Neiva⁹², estarem cotidianamente abarrotadas por comerciantes, vendendo produtos dos mais variados gêneros, como frutas, verduras e até passarinho, como seguia dizendo a mesma matéria.

Os diversos produtos comercializados estavam expostos em barracas ali instaladas e nas mesas improvisadas servindo de tabuleiros, caracterizando o cenário de um comércio alternativo e informal. Um autêntico desenho de feira a céu aberto, que por certo tinha a movimentação intensificada com a presença de

⁸⁸ CAVALCANTI, C. Viabilidade do setor informal: a demanda de pequenos serviços no grande Recife. 2ª ed. Recife: SUDENE, Ed. Massangana, 1983, 160p.

⁸⁹ O trabalho informal hodiernas veio ganhando espaço no cenário brasileiro. Homens e mulheres sem ocupação fixa cada vez mais recorriam às alternativas da informalidade. Em Campina Grande não foi diferente. Ver; LULA, W. B. R.; SILVA, J.C. de. A dinâmica do trabalho informal nas ruas de Campina Grande. Artigo. n.d.

⁹⁰ Calçadão Jimmy de Oliveira, também conhecido como calçadão da Cardoso Vieira. Localizado na rua Cardoso Vieira, centro da cidade.

⁹¹ DB, 01-11-1980. A título de informação, é bom que se diga que a presença vista como incômoda de camelôs e vendedores ambulantes no centro desta cidade, sobretudo nas ruas mencionadas, remonta à década de 70. Cf; Jornal da Paraíba, 07/01/1976, p.8.

⁹² Ambas as ruas mencionadas, localiza-se no bairro centro.

outros biscateiros que precisavam circular para conseguir trabalho, como os ambulantes.

A agitação, em pleno centro da cidade, ia de encontro às ordens das autoridades municipais que a todo custo procuravam promover a retirada destes para outro local que não atrapalhasse as artérias centrais. O impasse do poder público com os camelôs e ambulantes que marcariam as duas últimas décadas do século XX, sinalizou para um período de precarização do trabalho na cidade. A ordem pública era buscar impedir a mobilidade de práticas e atividade desses trabalhadores, considerados como problemas de ordem social, estética e policialesca, portanto tinham que ser banidas dos espaços públicos de Campina Grande.

Sobre a questão, as notícias não paravam de circular, de forma enfática, o jornal DB, bem como o JP, resumiam os problemas da escassez de trabalho na cidade, tratando do impasse que se arrastou por décadas, que era a permanência ou não dos trabalhadores nas ruas. A situação de difícil resolução para o poder público, nos fornece indícios de resistências por parte daqueles que faziam o setor informal, bem como sinaliza para um número relativamente grande de trabalhadores que recorriam a aquelas atividades como única alternativa de sobrevivência em meio ao cenário de poucas oportunidades.

Na matéria intitulada, 'Camelôs, varal e postura'⁹³, a cidade é comparada a aspectos desorganizados e fora de postura para a época, onde se podia ver e ouvir os murmúrios daqueles trabalhadores vendendo suas quinquilharias. Ainda nos termos da mesma reportagem, a presença dos camelôs 'descaracterizava a cidade', enquanto local limpo e organizado, era um verdadeiro fundo de quintal, onde predominava os varais⁹⁴, 'chocando e agredindo as normas de postura de uma cidade vista como uma das mais progressistas'⁹⁵ no cenário brasileiro.

Nos termos da socióloga Maria Jackeline Feitosa Carvalho⁹⁶, esse universo pode em discussão a paisagem que desloca a imagem de Campina, vocacionada para o trabalho e a pujança ligada à atividade comercial, de maneira

⁹³ DB, 1 de novembro de 1980.

⁹⁴ Na matéria essa palavra foi usada para ironizar o cenário das ruas centrais de Campina que nos termos do autor daquela reportagem, 'mais parecia um varal de quintal', cheio de roupa pendurada.

⁹⁵ Apesar da crise experimentada por Campina Grande nos anos 80, ainda assim era fácil encontrar nos jornais da época expressões de cidade 'grande', 'importante' e 'progressista'.

⁹⁶ Cf: CARVELHO, M.J.F. Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação de Campina Grande (1970-2000), João Pessoa, 2011.

que os ambulantes, dentre tantas outras categorias específicas, imprimiam uma nova maneira de (re)criar a cidade, com os modos de agir, tantas vezes ocultado pela ordem oficial estabelecida.

Segundo a matéria 'A guerra dos camelôs', veiculada pelo DB, temos a 'recriação' do centro da cidade de Campina Grande, sob auspício disciplinar e de claras evidências que o poder público estrategicamente utiliza a situação de embate para possivelmente, projetar-se no cenário político;

A fiscalização nos caladões de Campina Grande continua o objetivo da prefeitura manter os caladões exclusivamente destinado aos pedestres. O incidente de anteontem em que fiscais da Secretaria de Serviços Urbanos agrediram vendedores de frutas e quase foram linchados, não intimidou nem a prefeitura, nem a SSU. A ordem é continuar fiscalizando [...] Conforme Edvan, então Secretário de Serviços Urbanos[...] o que aconteceu é que muitos deles insuflados por lideranças sindicais ou mesmo com a intenção de tumultuar os serviços da SSU, vão para o caladão mesmo sabendo que é proibido. Isso é uma forma errônea de proceder, pois criam conflitos totalmente desnecessários, além de gerar problemas para os populares, que se encontra nas imediações das áreas conflituosas [...]. A prefeitura também sabe das condições dos vendedores ambulantes, mas não irá recuar no cumprimento da ordem na cidade⁹⁷.

O trabalhador ambulante parecia representar naquele cenário, na relação com o espaço público, como algo desordeiro e que não deveria ser aludido em sua dimensão física e simbólica. A imagem pública daqueles personagens, que cotidianamente tomavam as ruas da cidade, parece ser descaracterizada, sem qualquer vínculo de pertencimento com a identidade do comércio.

Para o trabalhador que corria atrás de sobreviver, talvez pouco importasse a estética das ruas ou se a cidade caminhava a passos largos para o progresso. O choque entre fiscais da Prefeitura com a presença dos trabalhadores nas calçadas embrenhou pelos anos 90 ainda com muita resistência de ambas as partes. Mas para Severino Guilherme, que era um desses trabalhadores que ganhava a vida nas calçadas das ruas centrais, o que importava era que aquela área onde comercializava dava para tirar o dinheiro para a comida aos quatro filhos⁹⁸.

⁹⁷ A guerra dos camelôs. DB do dia 23 de março de 1991.

⁹⁸ DB 24 de janeiro de 1990, p.6.

As impressões de Jorge Simões, que residia no bairro do Jeremias⁹⁹ e que comercializava pinha, mamão, caju e seriguela, eram que as ruas centrais são pontos estratégicos porque são por ali que a clientela passa tanto quando sai do almoço, como no final de expediente¹⁰⁰.

As representações desses sujeitos que vivenciaram as ruas de Campina, comercializando produtos em locais tidos como proibidos, certamente reproduzem a voz de tantos outros que faziam o mesmo. O contexto da cidade quando associado com os relatos, nos fornecem indícios sobre as condições de trabalho, de maneira que nos revelam, por exemplo, quanto era (e ainda é) laborioso subsistir tendo nas ruas o único local que lhe garantisse sustento.

As ruas para os carregadores entrevistados, são compreendidas como palcos de possibilidades e subsistência da categoria, pois, enquanto mais percorria ruas da cidade, as chances de conseguir trabalho pareciam aumentarem. Assim explicou o cabeceiro Argemiro Filinto dos Santos:

Eu...no meu tempo? Fica de uma rua pra outra, feito doido, até ir achando trabalho. Ficava sem parar, no meio da correria que fosse, porque todo mundo quer ganhar o seu, os cantos são pra todo mundo mesmo, quem for mais atrás das coisas, ganha também mais.¹⁰¹

A partir das impressões do carregador, a procura pelo trabalho mais parecia uma disputa, um jogo, uma conquista necessária e diária, de maneira que a presa e a insistência contribuem como ferramenta essencial para conseguir trabalho, emprego ou serviço qualquer. Sensações de experiências que reflete as tensões vividas por tantos outros trabalhadores a disputarem um espaço nas ruas de Campina.

A cena cotidiana que se pinta é de muitos vendedores ambulantes, centenas deles, logo cedo, preparando para o trabalho e atentos com o horário para não perder a condução que os levava para o ambiente de trabalho, o centro da cidade. Outros seguem rumo às feiras livres, ademais, vagueavam em frente às Lojas Brasileiras e seguiam cruzando as Ruas Venício Neiva e Cardoso Vieira, onde o movimento era grande. Mais frente, o que se vê são

⁹⁹ O Jeremias é um bairro periférico, localizado na Zona Norte da cidade.

¹⁰⁰ Ruas campinense tomadas por vendedores de fruta. DB. Campina Grande, 24 de janeiro de 1990, p.6.

¹⁰¹ Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

tabuleiro sobre a cabeça, carrinho de mão cheio de `g, nerôs para venda e carregadores e balaieiro, que por ali circulava a procura de serviço.

Procurando saber como estava a cidade por este período investigando a situação do trabalho e do trabalhador, nos permite dizer que no rol do que se convencionou chamar de ambulantes e camelôs apareceram mais categorias específicas, a saber, os lavadores de carro, flanelinhas, plastificador de documento, catador de papelão, agenciador de anúncio etc. as matérias que veicularam sobre cada uma delas admitiam que o aparecimento de novas atividades nas ruas de Campina, ocorria por consequências da falta de oportunidades, portanto surgiam como uma saída para vencer o desemprego. Em uma manchete publicada no DB que dizia: `para vencer a crise todo tipo de atividade que dê dinheiro é válido¹⁰², nos dá brechas para imaginarmos que os problemas, de ordem econômica instaurada na cidade, refletiam de forma desesperadora no cotidiano de muitos trabalhadores, que pareciam estar vivendo num cenário de `vale tudo na busca pelo sustento.

A matéria acima, que declarava, `todo tipo de atividade é válido para conseguir dinheiro, talvez justifique o aparecimento de atividades como a do comerciante, popularmente conhecido como Galego, que utilizou seu velho automóvel, como `agência de anúncio, que consistia numa prática de adaptar o carro servindo-o como um ponto comercial. Esta atividade, naquela ocasião, praticada no centro da cidade, possivelmente era acompanhada de um jingle¹⁰³ do tipo: precisou comprar vender ou trocar, tem alguma coisa para negociar, `procura Galego, ele anota endereço ou telefone e se encarrega de encontrar alguém interessado na transação.¹⁰⁴

Essa matéria que foi veiculada nos anos 90, também nos fornece sinais sobre a condição e criatividade daqueles trabalhadores que iam para as ruas procurar o sustento diário, bem como uma possível reformulação das atividades

¹⁰² DB.04-04-1990. A atividade (mencionada na matéria) funcionou na Rua, sete de setembro, nas proximidades do Banco do Nordeste.

¹⁰³ Termo inglês cujo significado refere-se a música composta para promover uma marca ou produto. Geralmente são criados para cativar o público com suas letras e melodias simples, portanto facilmente memorizadas e inconscientemente recordadas por quem as ouve.

¹⁰⁴ DB.04-04-1990. Segundo a matéria essa atividade funcionou nas proximidades do Banco do Nordeste.

informais, que agora utilizavam o automóvel, anotavam endereços e telefones¹⁰⁵ para estabelecer um contato com os clientes.¹⁰⁶

A configuração do trabalho informal em Campina Grande, segundo Jucelino Pereira Luna e Rosa Emília Araújo Idalino¹⁰⁷, está atrelada com a precarização do trabalhador. O contexto da nova informalidade, não está à margem do modo de produção capitalista, mas integrado e subordinado a este, participando do processo de acumulação. Desse modo, a informalidade, é uma criação do capital, necessária à sua manutenção, o qual, se propaga com o seu desenvolvimento.

Sendo assim, certas ocupações que por ventura surgiam (e ainda surgem), fazem parte de um processo modernizador e estratégico que vem contribuir para que a informalidade seja articulada à produção capitalista. Conforme Maria Augusta Tavares¹⁰⁸, o mercado informal não deve ser visto como oposto ao mercado formal, mas como um movimento de valorização do capital, que neste momento apresenta-se com suas novas demandas.

Nesse percurso por Campina, sob a ótica do mundo do trabalho, daquelas categorias, que para sobreviver passam a exercer atividades por conta própria, notamos que as mudanças no mercado de trabalho, refletiam diretamente no cotidiano do trabalhador, tendo estes, que se adaptarem constantemente às exigências, e às novas demandas do mercado.

Em Campina Grande, podemos constatar tal situação, quando ocorreram, por exemplo, inovações nas redes de supermercados. A incidência de aparatos tecnológicos a serviço daquele setor significou a redução de grande contingente de mão-de-obra, bem como, a exigência de mais qualificações para o trabalhador. Conforme a socióloga Waltimar Batista R. Lula¹⁰⁹, a adoção, de

¹⁰⁵ O telefone, ao que tudo indica, ainda não era um aparelho popular. Uma matéria veiculada no DB.09-04-1986, nos oferece indícios para pensarmos dessa maneira.

¹⁰⁶ Certamente a nova informalidade não seria uma especificidade desta cidade. Novas ocupações surgem em todos os lugares.

¹⁰⁷ LUNA, J.P; IDALINO, R.E.A. As novas configurações da informalidade e da precarização: trabalhadores de Moto-Taxi e `Flanelinhas` em Campina Grande. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vargas de Oliveira. (Org.) Campina Grande: EDUEP/EDUFCG, 2009, p 118-127.

¹⁰⁸ TAVARES, M. Augusta. Os fios (in) visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo, Cortez, 2004, p. 26-72.

¹⁰⁹ LULA, Waltimar. B.R. O processo de reestruturação dos supermercados em Campina Grande. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vargas de Oliveira. (Org.) Campina Grande: EDUEP/EDUFCG, 2009, p.95

máquinas registradoras digitais, que ilustra a inserção da tecnologia de informação que cada vez mais seria implantada nos postos de trabalho, significou mudanças para o mundo do trabalhador. Esse movimento fez com que ocorresse o desaparecimento de algumas ocupações como a do repositor, pesador, etiquetador, atendente de recepção etc.

Diante desse panorama, o mesmo autor afirma que depois do processo de reestruturação (década de 1990) no setor de supermercados em Campina Grande, houve uma queda de mais de cinquenta por cento do total de trabalhadores.

A proliferação das Redes de Supermercados em Campina Grande, que substancialmente eclodiu nesse contexto que estamos analisando, surtiu grande impacto para os pequenos comércios varejistas, especialmente aqueles próximos das feiras.

Segundo dados do SINCOVA (Sindicato do Comércio Varejista) são setenta e quatro lojas registradas na instituição, representando nas três últimas décadas um aumento de aproximadamente 500% no número de lojas na cidade.¹¹⁰

Entretanto, não só os supermercados e hipermercados tiveram esse papel de expandir e dinamizar o comércio, haja vista que diversos núcleos de atividades modernas apareceram em dispersos pontos, configurando uma nova dinâmica espacial do comércio na cidade¹¹¹.

Em grande medida, esse processo também refletiu em outros grupos, a exemplo das categorias específicas que usam a própria força física, como a banca mercadoria de troca. Estes são os balaieiros, carroceiros, carregadores, dentre outros ofícios dessa natureza, que geralmente desempenhavam atividades em áreas espaciais¹¹² que pareciam resistir às modernas formas de comércio que se tornavam vigentes.

¹¹⁰ IDEM; p.90

¹¹¹ Em Campina Grande tal processo pode ser ilustrado com a instalação do Shopping Iguatemi (atual Partage), como de outros empreendimentos comerciais como os do Shopping Luiza Motta (antigo Loja das Fábricas), Cirne Center, bem como o investimento dos setores públicos e privados na produção de eventos turísticos, configurando-se em novos espaços de lazer para a realização de eventos, a exemplo da construção, em 1986, do Parque do Povo.

¹¹² As tradicionais Feiras Livres (principalmente a Feira Central) podem ser consideradas como espaços que resistiram/resistem à expansão desses novos mercados. Entretanto, os trabalhadores que exerciam atividades nestes locais, gradativamente, também sentiram as mudanças no comércio. Principalmente, tendo que suportar as concorrências de lojas e supermercados que se instalaram nas imediações.

Muitas dessas categorias, que também sentiram os efeitos dos processos de mudanças no mercado de trabalho - seja formal ou informal¹¹³ - muito provavelmente, foram substituídas ou adaptadas para desenvolverem outras atividades. São categorias, que cada vez mais, viram a oferta de trabalho afunilar, pois, como constatamos até aqui, a dinâmica do mercado do trabalho caminhava - procura de inovações ancoradas nos aparatos modernos, que pudessem diminuir gastos, para assim produzir mais e gerar lucros.

Dessa maneira, seja qual for - área de trabalho, a tendência do setor formal, sempre pareceu caminhar para a diminuição, ou mesmo a extinção de dessas categorias, que desempenham atividades utilizando mão-de-obra de baixa qualificação.

Sobre essa questão, podemos imaginar um cenário que ampliava o quantum¹¹⁴ de força dos trabalhadores excedente, restando, a muitos destes, buscarem alternativas em ocupações, que consistiam, muitas vezes, em passar por cima das precariedades das próprias atividades exercidas. Nos termos de (SOARES,2008) essas atividades vão integrar o subsídio, onde a concorrência é feroz e, portanto, a remuneração tende a ficar muito abaixo da média¹¹⁵.

De acordo com as representações do trabalho comum na cidade, até aqui analisadas, é possível dizer que a partir dos anos de 1980 e 1990, Campina Grande tornou-se uma cidade dona de um mercado de trabalho essencialmente informal. De acordo com os economistas (ALVES e SILVA JUNIOR, 2009), em termos de participação das pessoas no mercado de trabalho campinense, o setor informal correspondia mais da metade de todo o contingente. Situação que nos faz pensar, pelo lado positivo, que muitos trabalhadores puderam manter-se ocupados, exercendo alguma atividade, graças - alternativa de buscar nas ruas

¹¹³Tudo nos leva a crer que algumas atividades, antes praticadas na cidade, foram "engolidas" diante desse cenário de mudanças no mercado de trabalho, sobretudo a partir das duas últimas décadas do século XX, conforme é possível investigar através do próprio cenário em que a cidade se encontrava. Na obra: Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945, especialmente no primeiro capítulo, o autor apresenta algumas atividades específicas que antes eram praticadas no meio das ruas, a exemplo dos "vendedores de pão", "balaieiros" e "carroceiros". Possivelmente, ambas, gradativamente poderiam ter deixado de existir nesse mesmo contexto que estamos analisando, porém, não tivemos contato com nenhum registro sobre essas atividades.

¹¹⁴ Quantidade. A pouca oferta de trabalho formal aumentava a quantidade de trabalhadores em busca de emprego.

¹¹⁵ SOARES, Marcos Antônio Tavares. Trabalho informal: da funcionalidade - subsúdio ao capital. Vitória da Conquista: Edições, UESB, 2008 157p.

os meios de subsistência¹¹⁶. Entretanto, podemos destacar também, que o aumento desse contingente de trabalhadores, (sobre)vivendo, por meio deste setor, pode ter intensificado ainda mais a precarização das atividades.

Ainda de acordo com os economistas citados acima, muitos setores em plena ascensão, como o da construção civil (setor que possui um efeito multiplicador na economia), absorveu mão de obra de baixa formação educacional, baixos salários e de desempregados. Manifestando, ainda mais, as duas últimas décadas do século XX, como uma cidade caracterizada pelo trabalho informal. Apesar disso, não significa dizer, que as funções formais¹¹⁷, não tiveram sua importância na cidade. O registro que fazemos é que este setor não desenvolveu neste período, agravando o aumento do desemprego, e dos processos de precarização das condições de trabalho.¹¹⁸

O crescimento da informalidade em Campina Grande seguiu uma realidade que se agravou no país como todo. Entre 1980 e o ano 2000, houve uma queda considerável no nível do assalariamento formal, e na proporção das ocupações abertas desse mesmo período, quase 60% delas não tinham carteiras de trabalho assinada, situação que aumentou a taxa de precarização do mercado de trabalho¹¹⁹. A informalidade foi e ainda é, um horizonte que se abre com suas mais variadas formas de trabalho autônomo, temporário, ambulante, precário e irregular.

Desse modo, segundo a socióloga Mécia da Silva Costa, o que mais confirma esses indicadores, é:

O crescimento do número de antigas atividades jamais reconhecidas como trabalho regular ou regulamentado: guardadores de carro nas ruas, catadores de lixo, outdoors humanos ambulantes, carregadores de feira, trabalhadores domésticos casuais, etc.¹²⁰

¹¹⁶ALVES, J.S; SILVA JUNIOR G.F da. A dinâmica recente do trabalho campinense: mudanças e permanências. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vargas de Oliveira (Org.). Campina Grande: EDUEP/EDUFCG, 2009, 52-53.

¹¹⁷ Sobre a evolução do mercado de trabalho formal no período que abarca praticamente todo o cenário que estamos analisando, Campina Grande apresentou taxas de crescimento abaixo do próprio estado. A maior participação estava ligada ao Setor Terciário, e num menor ritmo, o da indústria. Já as atividades ligadas ao Setor Primário entravam em declínio. Cf; ALVES, J.S; SILVA JUNIOR G.F da. A dinâmica recente do trabalho campinense: mudanças e permanências. In: Roberto Vargas de Oliveira. (Org.). Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Campina Grande: EDUEP/EDUFCG, 2009, 52-53.

¹¹⁸ IDEM; p. 51

¹¹⁹ POCHMANN, Mécio. Trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Contexto, 2002.

¹²⁰COSTA, Mécia da S. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Cad. CRH vol.23 no.58 Salvador Apr. 2010

Para a realidade de Campina Grande no período estudado, antigas atividades permaneceram em pleno exercício e também continuaram sem serem reconhecidas enquanto trabalho regularizado, a título de exemplo, citamos o próprio ofício dos chapeados

Nas fontes analisadas, sobretudo as matérias dos jornais, as impressões sobre o trabalhador informal são concentradas ao mundo dos camelôs e ambulantes. Como se todo trabalhador de rua fosse tomar as áreas centrais da cidade para vender algo. Muito provavelmente, o interesse das matérias em veicular reportagens que enfatizavam aqueles grupos, está diretamente ligada a evidência que tais categorias tiveram na cidade. O grande número desses trabalhadores movimentava a cidade durante décadas, pois estavam sempre na eminência de entrarem em choque com a fiscalização pública, uma vez que naquele cenário, não era consentido a comercialização de mercadoria na maioria das ruas centrais.

Apesar de camelôs e ambulantes representarem grande parcela dos trabalhadores comuns da cidade, sendo, portanto, fontes de análise para se compreender o cotidiano do trabalhador informal, é também importante perceber que nem todo trabalhador de rua comercializava artigos como calçados, tecidos, roupas ou bijuterias. Nem todos, vendiam gêneros alimentícios. Não foram todos que para driblar o desemprego, tiveram que vender alguma coisa nas áreas centralizadas. Muitas categorias específicas (as que já existiam, bem como as que surgiam naquele momento), tomavam as ruas de Campina com outros propósitos (de trabalho), porém, com os mesmos objetivos: escapar da crise.

Para superar o cenário de poucas oportunidades, tantas outras atividades ainda estavam por surgir pelas ruas de Campina Grande. No início da década de 1990, muitos trabalhadores biscateiros¹²¹, munidos por sua criatividade, e encorajados pela necessidade de subsistência, submetiam-se a várias práticas e atitudes para conseguir um meio de vida. É o que destaca uma matéria do J P, intitulada: 'Economia popular', em que o próprio autor, ao fazer uma incursão por ruas e praças da cidade, descreve a engenhosidade que muitos campinenses praticavam naquele momento.

¹²¹ Pessoa que vive de biscates, de trabalhos manuais pequenos e ocasionais.

[...] Daº saio associando as manobras que o povo estºfazendo neste grande engano que foi o Plano Collor¹²². Resolvo, entºo, arrolar as diversas saºdas. Camelºs jºnem se fala em quebra-galho, todo mundo º especialista. Em casa, nos subºrbios, todo mundo vende alguma coisa. Passo a anotar as ofertas de serviºos e comerciais de pobre. Pichados em muros e paredes, ou abertos por lameiros e outros artistas, estes comerciais, ºs vezes, terminam por representar o que a mente do povo entende. Um, por exemplo, botou: `vende-se carro abatido`. Uma senhora que morava alº, depois dos coqueiros (forraºdromo) se anunciava como `Cºnica de consertos de roupa [...]`. Comerciantes criativos e auto-denominados, como uma oficina de flandeleiros que se anuncia de `Casa do Barulho`. Alguns nºo acertam, como o `Vende-se lenha`. E na prestaºo de serviºo aparece atº `Alisa-se cabelo` e diversas maneiras de pintar as unhas como `Manicure e Pº de Cure`. Outros vendem coisas indigestas como dindim e carvºo, no mesmo anºncio. Outro vende ºgua sanitºria. Aqui e acolºaparece galinha de granga (com g mesmo). Outros colocam `se vende-se`. Atº `Tubos e conexºes` aparece [...]¹²³.

Essa matºria, confirma um ditado frequentemente mensurado no mundo dos economistas, que diz que os cenºrios de crises, e dificuldades econºmicas, sºo os momentos onde mais se pºem em prºtica a criatividade. Esse `dito` parecia valer para Campina naquele momento. Pois, o nºmero de novas atividades e comºrcios que despontavam, sinalizava, tambºm, para um estado de alerta. A disputa por espaºo, as tensºes das concorrªncias, bem como, a necessidade de estar oferecendo melhores serviºos a cada dia na execuºo das atividades. Eram exigªncias que pululavam no cotidiano dos trabalhadores de rua. Haja vista que, `todo mundo tornava-se especialista`, na arte de vender ou negociar algum produto pelas ruas de Campina. Conforme bem retratou a matºria acima do J P.

Em meio a tanto comºrcio, e comerciais criativos, uma cidade se apresenta sob a ºtica do trabalhador comum/informal/autºnomo, º medida que suas prºticas, sºo (tambºm), reflexos do cenºrio onde vivem. Mais do que nunca, as ruas, por onde os trabalhadores desenvolveram suas atividades, estºo carregadas de reminiscªncia, dadas a ler, a partir de cada experiªncia ou impressºo diferente sobre a cidade nos seus mais variados aspectos.

¹²² O Plano Collor º o nome dado ao conjunto de reformas econºmicas e planos para estabilizaºo da inflaºo criados durante a presidªncia de Fernando Collor de Mello (1990-1992), sendo o plano estendido atº 31 de julho de 1993. Uma das propostas pontuais era conter os ºndices inflacionºrios exorbitantes. A partir desse plano º que iria surgir o episºdio dos confiscos das cadernetas de poupanª que aterrorizou grande parte da populaºo.

¹²³ `Economia popular` - J P, Campina Grande, 23 de novembro, 1990, p.2 - Josemir Camilo

A singularidade de cada trabalhador, ao praticar seu modo de subsistência pelas ruas da cidade, ou mesmo, estabelecer determinados lugares como prioritários para aquele tipo de serviço ou comércio, são atitudes que vão desenhando uma nova cartografia da cidade, e, sobretudo, revelando sinais de como foi trabalhar, por exemplo, em Campina Grande, naquelas duas últimas décadas do século XX.

A Campina Grande que se (re)criava naquele momento, para o mundo de muitos trabalhadores, foi palco de movimentação, de novos convívios, tensões e resistência. O mercado de trabalho, essencialmente competitivo e tornando-se cada vez mais inovador (e não menos excludente), gradativamente refletiram negativamente no cotidiano de muitas categorias, principalmente daquelas, que não recebiam ordenados no fim do mês. Logo, para conseguir algum ganho, buscaram alternativas na comercialização de produtos de baixo valor - conforme camelôs e ambulantes - ou na prestação de serviços de baixa qualificação, a exemplo de ofícios como de chapeado, o qual tem perfil de exercerem suas atividades utilizando a força física como única fonte de sustento.

No entanto, é importante notar que não foi apenas a crise dos anos 80 que afetou as condições dos trabalhadores da cidade. Não foi só o desemprego o responsável pelas transformações do cotidiano dos trabalhadores comuns. Não foram as fábricas e/ou indústrias, que ao baixarem suas portas, criaram cenários de tensões - realidade dos trabalhadores. Enfim, não foram, pois, apenas os fatores de ordem econômica que exigiram dos trabalhadores uma nova dinâmica nas ruas, uma nova maneira de resistir na cidade para permanecerem trabalhando, seja qual fosse a atividade.

As transformações de uma cidade não dizem respeito apenas a estruturas físicas ou impactos de ordem socioeconômicas. A forma como as pessoas passam a pensar e agir no cotidiano são sinais importantes que podem revelar aspectos de mudanças de um local. Se o comércio e o mercado de trabalho mudaram, transformando, por exemplo, local de trabalho em área de lazer¹²⁴;

¹²⁴Em 1993 foi inaugurado em Campina Grande o "Parque da Criança", uma área aberta ao público de quase 7.000 metros quadrados, estando localizada na avenida Dr. Elpidio de Almeida, área nobre da cidade. Dentro do Parque encontra-se rampa de skate, pista para caminhada, balanços e outras opções para diversão e lazer, como áreas gramadas, espaço para a prática do futebol de areia e vôlei, quadras poliesportivas, pistas de bicicross etc. Ainda hoje programas esportivos e sociais são realizados no local. Até início dos anos de 1980 essa área era onde estava instalado uma das maiores indústrias de curtume. A produção e o

bares em agências bancárias¹²⁵, acompanhando áreas que se verticalizam gradativamente, certamente não foi apenas impulsionado por questões econômicas.

Destarte, é importante compreendermos, que as representações de crise e falta de emprego tão acentuado pelos jornais da época, parecem se justificar basicamente pelo fechamento de indústrias e empresas. A partir de 1980, nem a crise, desemprego e problemas outros, já elencados antes, caracterizou a cidade. Basta pensarmos que naquele mesmo contexto, foi realizado e idealizado o primeiro "Maior Show do Mundo", foi criado a Fundação do Parque Tecnológico da Paraíba e o "Parque do Povo"¹²⁶, etc. locais que sinalizam para outros aspectos e interesses da cidade no que diz respeito, também, ao rumo que o mercado de trabalho estava tomando a partir dos anos 80 e 90 do século XX¹²⁷.

De igual maneira, são mudanças que impactam o mundo do trabalhador que viveu o contexto da cidade em transformação. Estes, contemporâneos dessas mudanças, ao serem afetados por situações adversas, como o problema do desemprego, reagiram criando novas alternativas de trabalho de acordo com a dinâmica da cidade e sobretudo por suas experiências vivenciadas naquele cenário.

Desse modo, não foi intenso até aqui, cristalizar a cidade de Campina Grande apenas aos aspectos de crise econômica, mas sim, reconstituir um cenário no qual pudéssemos visualizar como trabalhadores de rua, absorveram e responderam às mudanças que ocorreram na cidade. Para o texto que segue, as impressões da cidade e do trabalho, serão agora analisadas, especificamente, a partir da categoria dos cabeceiros.

fornecimento do couro para indústrias foram comércios de referência econômica considerável na cidade de Campina Grande.

¹²⁵ Localizado na área central da cidade o Hotel/bar "Canecão" foi demolido dando lugar a agência do banco Itaú.

¹²⁶ Área descoberta com a função de sediar alguns eventos da cidade. É conhecida por realizar a festa junina desde 1983. É área localizada no centro da cidade.

¹²⁷ O perfil do trabalhador dos anos de 1980 e 1990, está disperso, propenso a exercer os mais variados serviços para se manterem trabalhando.

CAPÍTULO 02

O MEL E O FEL DE UM OFÍCIO

2.1. SOB O PESO DAS MUDANÇAS

O cenário das ruas de Campina Grande nos idos de 1980 estava repleto de trabalhadores informais e de novas ocupações, indo do catador de papel aos mais diferentes tipos de biscateiros de plantão. Para alguns, o contexto era de crise, para outros, como muitos chapeados, era tempo fácil de ganhar dinheiro. Este capítulo tem a pretensão de identificar quem são estes trabalhadores que diziam viver em tempos de bonança, de onde vieram, quais eram suas práticas enquanto chapeados, e como representaram a cidade e o mundo do trabalho. Dessa maneira, buscou-se trabalhar com as experiências desses sujeitos, recuperadas em sua relação com a cidade e a perspectiva do trabalho. Importando, pois, em perceber que existe uma relação entre o fazer-se dos trabalhadores com a própria dinâmica e transformação da cidade.

Portanto, pensando nas várias mudanças dos fatores comerciais os quais oferecem serviços especializados, e exigem mão-de-obra qualificada, que nos levam a acreditar que, ocupações como as de carregadores, parecem diminuir das áreas urbanas, conforme o passar do tempo. Dessa forma, não é uma assertiva difícil para entender, quando se pensa em um ofício que basicamente tem a oferecer ao mercado de trabalho competitivo, dinâmico e exigente, apenas o uso da sua força física como principal moeda de troca.

A maior difusão das inovações tecnológicas nos ambientes de trabalho, responsável pela motorização dos serviços de cargas e descargas, o qual introduziu nesses setores empilhadeiras das mais variadas, esteiras elétricas, guinchos etc. são indícios que explicam a diminuição constante do número de trabalhadores nesta ocupação. Além disso, os avanços, por menor que sejam, recriam ou adaptam arranjos, também nas relações de trabalho¹. Para o caso

¹O acirramento da concorrência intercapitalista conduziram as empresas a difundirem inovações tecnológicas e organizacionais e a adaptar inovações nas relações de trabalho com objetivos bem definidos, aumentar a produtividade. No caso Brasileiro, principalmente, a partir dos anos de 1990. Ver mais sobre em: (Org.) CACCIAMALI, Maria Cristina; RIBEIRO, Rosana; MACAMBIRA, Júnior. Século XXI: transformações e continuidade nas relações de trabalho. Fortaleza: Instituto de desenvolvimento do trabalho, Banco do Nordeste do Brasil. Universidade de São Paulo, 2011, p.7.

específico dos carregadores, passou-se a exigir funcionários mais qualificados e aptos a manusearem novas ferramentas de trabalho, com vistas a aumentar a produtividade. Nesse sentido, temos logo abaixo, o relato do chapeado Manuel (vulgo, Bigode), que vai direto ao ponto, quando nos conta sobre a diminuição da procura pelos serviços de carregadores em Campina Grande.

As empilhadeiras pega as mercadorias com paletes² e tudo. Vai por baixo e levanta tudo de uma vez. Ou tanto pega a carga de cima do caminhão pra descer, ou pega em baixo pra botar em cima do caminhão. Quando não a empilhadeira é os carros comum mesmo que leva as caixas de uma loja pra outra, aqui dentro da rua mesmo. Coisa que não mesmo fazia. As lojas de cerâmica mesmo chamava a gente direto pra descarregar as carreta que chegava. Mas aí quando comprou a empilhadeira, cabou-se! Chama uma vez na vida quando é um carro grande demais, porque aí ruim de tirar os paletes. Agora, quando tinha a coisa certa de carregar, aí era outra coisa, você já tinha trabalho garantido³.

A história tem nos mostrado que a introdução de máquinas no mundo do trabalho, sobretudo no contexto da Revolução Industrial, geralmente foi marcado por tensões, seja pelo poder desta em substituir mão-de-obra humana, ou pelo excesso de trabalho repetitivo realizado pelo operário ao manuseá-las⁴.

A inserção de máquinas no setor de carga e descarga de mercadoria, também surtiu efeito no mundo dos trabalhadores chapeados. De acordo com as impressões do relato acima, o uso de empilhadeiras e também de automoveis transportadores nos ambientes de trabalhos, contribuíram para a diminuição nas ofertas de serviços. Logo, é interessante observar que a maquinização vai além do autocarro, até porque, os chapeados tinham o caminhão que trazia a carga e o viam como aliados, pois era garantia de trabalho pela frente. A queixa do chapeado com aqueles transportes menores, a exemplo de carros e motos, os quais, passaram a ser usados para entregar produtos de maneira mais ágil.

Situação que sinaliza para novos ritmos no cotidiano do trabalhador, como na maneira de procurarem trabalho, já que, apenas o dispêndio da força física, que o trabalhador cabeceiro fazia para executar sua atividade de carregar ou descarregar mercadorias, não era mais útil como noutros tempos, quando

² Plataforma de madeira sobre a qual se põe a carga empilhada a fim de ser transportada em grandes blocos.

³ Entrevista concedida ao autor em: 26/08/2015

⁴ Ver HOBBSAWM em "destruidores de máquinas" (1952); THOMPSON, E. P. A Formação da classe operária (1987).

tinham a coisa certa de carregar. S pouca de quando parecia n^o faltar atividade para a categoria de carregadores.

Vários exemplos confirmam que a maior presença desses trabalhadores nas cidades, esteve relacionada com épocas em que as mesmas, viviam grandes impactos comerciais, sustentados pela produção ou comercialização de algum produto, geralmente voltado para exportação. Foi assim em Manaus, do final do século XIX até as duas primeiras décadas do XX, época em que os carregadores despontavam como uma das maiores categorias da cidade, responsáveis por fazerem escoar produtos dos seringais até para a Europa e Estados Unidos⁵.

Na cidade de Irecê, -BA, no interior do sertão baiano, a presença marcante dessa categoria de trabalhador, esteve relacionada aos anos de grandes safras e comercialização do feijão nas últimas décadas do século XX. O quase desaparecimento do ofício de carregador na cidade, está diretamente correlacionado com a considerável diminuição das grandes produções e comercializações do produto, que já se anunciava desde finais dos anos 1990⁶.

Dessa maneira, tem-se que em Campina Grande, o período de forte comercialização do algodão (1930-1960)⁷, é a evidência mais provável da maior presença de chapeados na cidade, época que, segundo o carregador Antônio Augusto de Souza, era uma correria danada através de cabeceiros, tanto serviço do cabra⁸ ficar doido⁹.

O produto específico, que por determinado período movimentaram o comércio de suas cidades, seja ele a borracha (em Manaus), o feijão (em Irecê)

⁵A modernização do Porto de Manaus, mesmo sendo apresentado como um marco modernizante, para os estivadores, essa mudança foi encarado como um lugar de tormento, do trabalho compulsório, das fadigas, dos acidentes, do Beribéri, da morte. O que corrobora com a ideia, da qual, as inovações nos serviços de cargas e descargas caminharam na contramão para esse tipo de atividade que pressupõe apenas do uso da força física para se manterem trabalhando e subsistindo.

⁶ Ver: Jornal Online G1Ba. 05/08/2011. Disponível em <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2011/05/famosa-pela-producao-de-feijao-irece-ba-se-destaca-com-o-milho.html>. Na cidade de Irecê, nas imediações onde o comércio era mais forte, na conhecida "Praça do Feijão", era comum ver nas portas dos armazéns, filas de caminhões, que a medida que chegavam para (des)carregar feijão, transformava o ritmo e a fluidez das ruas. Na década de 1980, encontramos indícios de que Campina Grande foi uma dessas cidades exportadoras do feijão que saía de Irecê. Ver DB - 26/08/1980.

⁷ Sobre o auge da economia algodoeira em Campina Grande, além de outros aspectos, como produção, comercialização e exportação, ver SILVA, Josefa Gomes de Almeida. Latifúndio e Algodão em Campina Grande: Modernização e Miséria. Mestrado em História, UFPE, 1985.

⁸ Sujeito, pessoa.

⁹ A fala de Antônio Augusto de Souza, um ex-cabeceiro de 84 anos, mais conhecido como "Chupetinha". Desde final dos anos de 1950, até os primeiros anos do século XXI, exerceu a ocupação de chapeado na cidade. Entrevista concedida ao autor em 06/09/2015.

ou algodão (de Campina), parecem ter representado para determinadas categorias de trabalhadores, garantias de que nunca lhes faltariam trabalho, principalmente aqueles relacionados às atividades de cargas e descargas de mercadorias.

Atento ao contexto campinense das décadas de 1980-1990, era expressiva a presença de chapeados na cidade, se comparado, sobretudo, com os dias atuais. O período mencionado, apesar do cenário de crise e desemprego, já exposto anteriormente, não foi uma época que se notabilizou pela produção ou comercialização de um produto responsável por sustentar grande parte da economia local. A Campina Grande, palco em que viveram os carregadores que analisamos, destacava-se como um dos mais importantes centros de ensino superior da Região Nordeste¹⁰. Também pela realização das festas juninas, pelo Polo Tecnológico, e continuava sendo reconhecida pelo forte comércio, sinalizando que um setor (comercial ou de mercado) não era mais capaz de caracterizá-la.

Tampouco os chapeados, que a partir dos idos de 1980, não tinham aquele produto específico, o qual, pudesse garantir-lhes serviços com dias e horas marcadas, não eram reconhecidos, por exemplo, como: `o chapa do algodão, ou, `o cabeceiro que descarrega algodão. O produto, nem as atividades específicas, definiam o carregador dos anos de 1980 e 1990¹¹. Portanto, também tiveram que se reinventar nessa `nova cidade. Estes, de tudo no mundo transportaram sobre suas cabeças.

As análises baseadas a partir dos relatos, apontam indícios de que os serviços de cargas e descargas, principalmente nas áreas centrais de Campina Grande, continuavam sendo dominados por mão-de-obra de chapeados, daí os primeiros sinais para representarem os anos de 1980, como período propício para se ganhar dinheiro. Entretanto, a história dos carregadores não gira em

¹⁰ DB. 11/10/1992; Caderno Especial 128 anos.

¹¹ Muitos carregadores no Rio de Janeiro do século XIX, eram reconhecidos pelo que carregavam. Havia uma graduação do status entre eles. Os de status alto e os de status mais baixo. O valor do que transportavam eram o que definia a condição do trabalho. Para saber mais, sobre; ver: TERRA, Cruz Paulo. Tudo que transporta e carrega o negro? Carregadores, cocheiro e carroceiros do Rio de Janeiro (1824-1870). Rio de Janeiro, UFF, dissertação, 2007. p. 14. Nas duas últimas décadas do século XX, na cidade do interior baiano, Irecê, já mencionada antes, estes trabalhadores eram conhecidos como: `os carregadores de feijão, mesmo que fossem contratados para transportarem outras mercadorias. O produto estava associado ao próprio nome do ofício. Provavelmente, em Campina Grande muitos fossem chamados de `carregadores de algodão.

torno apenas dos faturamentos que recebiam. O início dessa ocupação, desde tempos que remonta à época da escravidão no Brasil, esteve associado a um lado exploratório, humilhante, penoso e escravo. As suas funções e rotinas de trabalho, responsáveis pelo desgaste precoce do corpo e da mente, caracterizava-se como o lado ínfimo desse ofício. E este lado da história que marcaram seus corpos e suas vidas duramente, não foi silenciados por nenhum deles.

2.2. CABECEIROS: CATIVOS DA NECESSIDADE

Procurar entender como os chapeados subsistiram e resistiram por tanto tempo exercendo esta ocupação é uma questão que remete a tempos outros. Ninguém nasceu, ou escolheu, ser carregador de ofício, dessa maneira, tem-se que, muitos homens que chegaram em Campina por volta dos anos de 1980 e 1990, foram se constituindo enquanto tal, de modo que a maioria se tornou carregadores de profissão, por necessidades. Em tese, transformar-se num chapa, era algo prático, rápido e quase sem pré-requisitos. Para uma ocupação, que no Brasil, teve nos escravos africanos, seus maiores representantes enquanto trabalhador, é sintomático que qualquer pessoa que pudesse trabalhar no serviço braçal, levantando peso, poderia exercer tal ofício. Em Campina Grande, durante os idos de 1980, ser carregador foi uma maneira diligente para conseguir o ganho.

De onde surgiu a atividade de chapeado, foi uma pergunta que fizemos a muitas pessoas ao longo de quase uma década. Foi então que percebemos que não tinha como precisar a origem desse ofício, mas as suas primeiras incidências no Brasil, sim. Esta atividade chegou ao Brasil por intermédio dos portugueses, que a partir do século XIII centralizaram o comércio marítimo ativo, onde se desenvolveram e se consolidaram as profissões ligadas às atividades portuárias. Desde aquela época, a presença de estivadores nos portos do mundo inteiro tornou-se frequente. No Brasil, não foi diferente.¹²

Habitualmente realizada por escravos, a ocupação de carregador (estivador, chapeado ou ganhador) é uma atividade conhecida desde o período escravista brasileiro, e ainda hoje, cento e vinte oito anos após o fim da

¹² ALBUQUERQUE, Marli Brito M. de. Trabalho e Conflito no Porto do Rio de Janeiro (1904-1920). 1983, p. 66. Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado em História - Universidade Federal do Rio de Janeiro).

escravid²o no Brasil, é bastante comum encontrarmos trabalhadores exercendo atividade de carregador em áreas centrais de cidades movidas pelo comércio. Muito embora, não sejam tão solicitados como antes, quando na ausência de equipamentos motorizados ou de tecnologia básica, foram homens descritos como essenciais no serviço de transporte de mercadorias e de pessoas, dentro dos espaços urbanos de muitas cidades do século XIX, a exemplo do Rio de Janeiro¹³.

Era costume utilizar negros para o transporte de pessoas, de água, dejetos e demais mercadorias. Os carregadores naquela época, eram os verdadeiros "caminhões de fretes" de hoje, sempre "dispostos para mais uma viagem. A historiadora Mary C. Karasch, em sua obra, "A vida dos escravos no Rio de Janeiro" (2000), destaca que esta foi uma das funções mais importantes exercida pelos cativos. Entretanto, era uma ocupação de baixo status, essencialmente indicada para homens negros. A autora ainda registra que havia uma lei, cuja regra básica, era não permitir que os senhores da elite carregassem qualquer coisa ou caminhassem longas distâncias pelas ruas da cidade. Carregar objetos das pessoas mais abastadas, eram atividades de responsabilidade dos carregadores¹⁴.

Outro estudo que também pontua sobre o assunto é o da historiadora Leila Mezan Algranti, quando no seu, "O feitor ausente" (1988), afirma que os carregadores conduziam toda e qualquer carga, desconhecendo tamanho, volume ou quantidade¹⁵, inclusive seus próprios "patões" sobre os braços. Os dois estudos supracitados, ambientados no final do século XIX, deixam claro que, apesar daqueles serviços mais braçais e degradantes estarem subordinados aos cativos, pela própria condição social em que se encontravam enquanto escravo, é explícito o símbolo ocupacional de submissão deste ofício, literalmente carregada de peso, preconceito e servilismo¹⁶.

¹³ TERRA, Cruz Paulo. Tudo que transporta e carrega é negro? Carregadores, cocheiro e carroceiros do Rio de Janeiro (1824-1870). Rio de Janeiro, UFF, dissertação, 2007. p. 79.

¹⁴ MARY, C. Karasch, op.cit., p.263 a 265.

¹⁵ ALGRANTI, Leila, Mezan, op.cit., p. 86

¹⁶ João José Reis, em um artigo intitulado: "De olho no canto: trabalho de rua na Bahia nas vésperas da abolição", que dentre outras coisas discute sobre resistência e organização dos "ganhadores" na cidade de Salvador, também registra a subordinação dessa atividade ligada aos negros. Para o autor, os "carregadores de cadeira" eram os que mais representavam o símbolo de humilhação e subordinação dentre todos os ganhadores. Estes faziam o trajeto: Cidade Alta a Cidade Baixa, transportando pessoas suspensa por uma cadeira.

Este aspecto que caracteriza a maneira de trabalhar dos carregadores, não era restrito apenas aos escravos, e não desapareceu após a abolição. Trabalhadores livres, libertos e escravizados dividiram o mesmo setor (o de carregador) ao longo de todo o século XIX¹⁷. A importância dessa ocupação para o setor de transporte das cidades portuárias, ao carregarem, por exemplo, sacas de café e açúcar, nos deu uma noção do quanto esses homens, por meio do uso da força física, contribuíram economicamente para o desenvolvimento do país.

Assim como teve sua importância no campo da cultura, já que o processo de trabalho dos carregadores, também foi substancial na construção de laços de solidariedade, de igual forma, na reafirmação das identidades étnicas. Em muitos casos, se organizaram em grupos e mantiveram formas coletivas de trabalho para se beneficiarem, inclusive, organizando greves e protesto¹⁸. Reivindicações ainda praticadas por estivadores de vários portos Brasil afora¹⁹. Apesar de que, a situação (social e jurídica), em tese, é completamente distinta, se pensarmos nas transformações das leis trabalhistas, bem como na condição social de um carregador do século XIX (escravo), para um estivador do tempo presente, que no mínimo tem-se a liberdade de optar por trabalhar ou não como carregador.

Apesar das distâncias temporais, espaciais e sociais, existem aproximações e semelhanças nas condições de trabalho e de vida, entre carregadores de antes (século XIX), e de hoje. O trabalho pesado, desgastante e explorado, o qual, muitas vezes são realizados por pura necessidade de subsistência, é uma realidade no mundo de chapeados de Campina Grande. Índícios nos leva admitir que, por muito tempo este ofício foi praticado aos moldes escravista. Logo, por conseguinte, o chapeado tratado e visto como escravos. Não é à toa que as impressões de Aldo Bezerra Firmino, carregador há mais de 20 anos, apontam para uma associação direta do seu trabalho com o labor escravo:

¹⁷TERRA, Cruz Paulo. Tudo que transporta e carrega é negro? Carregadores, cocheiro e carroceiros do Rio de Janeiro (1824-1870). Rio de Janeiro, UFF, dissertação, 2007. p. 42 e 43.

¹⁸ Estudos que remete a organização e a formação de greve praticada por carregadores e ganhadores em finais do século XIX, ver: REIS, João, José. De olho no canto: trabalho de rua na Bahia nas vésperas da abolição. Afro-Ásia, n. 24, 2000; TERRA, Cruz, Paulo. Tudo que transporta e carrega é negro? Carregadores, cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1824-1870). 2007. Dissertação em História, Universidade Federal Fluminense.

¹⁹ Ver: SILVA, Patrícia Rodrigues. Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM - 1967-2010). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

Eu não sei bem o que significa ser chapeado, sei que é um trabalho e muita gente vive dele, e de preferência um trabalho pesado, tido como escravo mesmo, porque carregar saco de toda qualidade na cabeça não é mole não. Agora o significado, não me pergunte, porque quando eu cheguei no ramo já existia esse nome²⁰.

A relação da prática dos chapeados com o trabalho escravo, segundo o relato, é identificada pelo excesso de força física dispendida nas atividades que são realizadas. Carregar peso na cabeça, pegando o saco de toda qualidade, parece representar para este trabalhador, uma condição de trabalho análoga de escravo. Portanto, apesar de muitos estudos confirmarem que no Brasil existem trabalhos escravos contemporâneos²¹, não compete classificar as atividades de chapeado como tal, apesar de ter todos os requisitos de um trabalho degradante, sofrido, penoso e sem reconhecimento social. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), diferencia o trabalho escravo do não escravo. Dizendo que, toda a forma de trabalho escravo é trabalho degradante, mas o recíproco nem sempre é verdadeiro. O que diferencia um conceito do outro, é a liberdade²².

Nesse sentido, a relação feita pelo chapeado é uma maneira de compreendermos como eles se veem, ou mesmo, de como são notados socialmente por ser um trabalhador afeito ao serviço braçal, que trabalham sem camisa, sujos e suados. Portanto, sem as formalidades e regras comuns à maioria de outras ocupações que envolvem patrão e empregado. Além disso, quando o chapeado afirma em dizer que seu trabalho é tido como escravo mesmo, é uma maneira representacional que procura explicar, o tanto e o quanto, aquele trabalho pode ser puxado, árduo e pesado. Na sua fala, é notória a preocupação que tem de nos informar e/ou nos fazer entender, o que de fato, é ser um trabalhador chapeado. Ele parece não querer errar, talvez por isso, associou com a escravidão, a condição mais simbólica de trabalho braçal.

²⁰ Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014. Nesta data, Aldo Bezerra tinha 45 anos de idade.

²¹ Em 1995, o governo federal brasileiro – por intermédio de um pronunciamento do então presidente da República, assumiu a existência do trabalho escravo perante o país e a OIT. Com isso, tornou-se uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea. Para saber mais sobre a escravidão contemporânea, e como o tema é abordado ver; FIGUEIRA, R. Rezende; PRADO, Antunes Adonia. (orgs). Olhares sobre a escravidão contemporânea novas contribuições críticas. Cuiabá Ed. UFMT. 2011

²² AUDI, Patrícia. A Organização Internacional do Trabalho e o combate ao trabalho escravo no Brasil. In: CERQUEIRA, Gelba et al (org.). Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p. 47.

As aproximações param por aí, desta vez foi o peso dos fardos que pretendeu relacionar a ocupação de chapeado com aspectos do trabalho escravo, mas sim a subserviência praticada por muitos carregadores no ambiente de trabalho. O relato abaixo, também citou, 'escravo', quando procurou explicar o que é ser um trabalhador chapeado:

Ser chapeado é a gente amanhecer o dia no armazém, ser escravo daquilo. É deixar qualquer coisa de lado pra atender o freguês. É estar disponível toda hora. É estar ali para trabalhar. Sem preocupar com horário, e ver chega a hora de meio dia, você quer almoçar e não pode. Quando você pega seu almoço pra almoçar, aí chega dois, três freguês. Fico irado com os horários. Tem dias que você não para um segundo.²³

O relato é uma representação de como o chapeado deve se comportar no ambiente de trabalho, é a maneira idealizada, talvez pelos patrões, de terem sempre à disposição uma mão-de-obra ininterrupta, que nunca pare de executar as atividades. Portanto, por mais que muitos assim procedam, esse comportamento não é aceito de bom grado pelo trabalhador. O tempo gasto no trabalho - que muito perturba a rotina de chapeados - lembra-nos experiências desagradáveis de operários fabris ambientadas no contexto da revolução industrial.

O modelo de chapeado relatado acima, é o estereótipo de operários que trabalhavam 14/horas ou 16/horas diárias, em condições precárias, provavelmente suportando o impossível para não perderem o emprego. Dilemas colocados pelo imperativo do 'adestramento', o qual disciplinava o trabalhador, como bem disse o chapa, 'a ser escravo daquilo'. Tendência já explicitada em grande parte da Europa Ocidental durante sua transição para a sociedade industrial²⁴.

No que diz respeito às horas trabalhadas, a rotina de muitos chapeados em estabelecimento fixo, lembram as longas jornadas de trabalho de operários industriais espalhados por boa parte do Brasil nas primeiras décadas do século XX. Em vários casos, chegavam a registrar 17 horas no serviço, quando o

²³ Antônio Felix Ferreira. Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

²⁴ Cf. THOMPSON, E.P. Tempo, Disciplina del trabajo y capitalismo industrial. 1979, p. 239-93.

operário trabalhava sem interrupção²⁵. Ao contrário do conceito escravista, o trabalho neste período, ganhava contornos valorosos e positivos, e não o menos exploratório e disciplinador. O trabalho ganhava sua roupagem 'dignificadora', que ainda hoje tem significado muito forte na sociedade. O homem de bem é aquele que trabalha. Nesse sentido, o chapeado Aldo Bezerra Firmino, nos conta sobre a importância do trabalho.

Eu tenho que pegar qualquer serviço. Você, ficar sem trabalhar é ficar desmerecido, sem saída. Ninguém dá valor. Aí o cara tendo seu serviço, ele fica mais aliviado, e dá pra frente a coisa toma rumo. Tem que trabalhar!²⁶

O labor não representa apenas a dura realidade a que o homem não se poderia subtrair, mas é também possibilidade oferecida para se elevar a uma maior dignidade.²⁷ A máxima, 'o trabalho dignifica o homem', é levada a sério no mundo de muitos carregadores que entrevistamos, e percebe-se que por isso mesmo, se submetem aos piores e mais longos períodos de trabalho. Além, é claro, da necessidade diária de subsistência. Tais condições revelam que as longas jornadas de trabalho ainda existem, e de maneiras bem precárias e exploratórias. O período de trabalho excedente, realizado por muitos chapeados, adentrava as madrugadas, conforme nos conta o cabeceiro Aldo Bezerra Firmino:

Já cansei de carregar e descarregar carro aqui nessa rua até quase amanhecer. Terminava o horário de expediente e o patrão dizia: hoje tem. Pronto, ali já era um aviso. Passava um frio danado, mas não parava quando acabasse. E lembrar que muitas vezes nem o dinheiro do transporte recebia. Porque se fosse somar o tanto de saco que eu já peguei não é de madrugada, Ah! Era muito dinheiro²⁸.

Nota-se de maneira explícita, que o recebimento por horas extras, não era uma prática comum, ou mesmo nem existisse. E tudo indica que, a regularidade do trabalho que se estendia pelas noites, ocorria com uma certa frequência, pois, percebe-se que a maneira do patrão se referir ao trabalhador, para que ele entendesse que não poderia ir embora depois do expediente normal, assim como o entendimento imediato do chapeado, sinaliza um certo grau de naturalidade de

²⁵Exemplo da fábrica 'Mariângela dos Matazazzo', onde os operários trabalhavam das 5 às 22 horas, em 1907. Cf. DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. *Indústria trabalho e cotidiano: Brasil, 1880 a 1930*. São Paulo: Atual, 1991. p.13.

²⁶ Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014

²⁷ ARVON, Henri, *A Filosofia do Trabalho*, trad. J.C. Cunha, Lisboa, Sôcicultor, 1977, p. 15.

²⁸ Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014

ambas as partes. O patrão, parecendo não estranhar porque pedia para o funcionário permanecer, e nem o chapa porque aceitava ficar. Bastava dizer, hoje tem, que eu já sabia. De maneira informal ou não, o patrão explorava a mão-de-obra, desconsiderando qualquer possibilidade de cansaço físico ou mental do funcionário. Ao estenderem as horas de trabalho, exigiam mais produtividade de quem provavelmente tinha se desgastado durante o dia, além de lhes roubar a noite de sono.

Desse modo, é interessante atentar para o fato de que, embora os armazéns (locais de trabalho de muitos chapeados) não correspondam às mesmas dinâmicas de fábricas ou indústrias que produziam mercadorias em série, portanto, exigindo ritmos de trabalhos frenéticos, o tempo de serviço do trabalhador cabeceiro, foi e ainda é explorado de modo semelhante ou quem sabe pior. Mudam-se as cidades, e com elas, as fábricas, indústrias e armazéns, mas a relação do patrão com o empregado gira em torno do mesmo propósito: conseguir lucro para as empresas, seja no caso das indústrias de ponta da região sudeste do país, ou no Armazém de açúcar de Arthur Freyre²⁹, em Campina Grande. A noção de tempo e aceleração ou da relação entre ritmo e jornada de trabalho, regra básica do capitalismo, parece ter sido o modelo implantado a ser seguido pela maioria dos locais em que trabalharam os carregadores. A respeito da exploração do tempo de trabalho, Aldo Bezerra Firmino, acrescenta que:

Quando eu chegava 10 minutos atrasado o patrão já olha para o relógio, porque às vezes o ônibus só passa depois de 06h20min. Aqui a gente trabalha demais. Já teve dia aqui que a gente ficou até de madrugada carregando carro. E eles não vê nada disso. Se ao menos recebesse por esse trabalho, mas a gente não recebe nada. Se o cara não tiver cabeça, o cara endoidece aqui. Eu arrumo carro, confiro mercadoria, se eu tiver em cima do caminhão arrumando mercadoria e chegar alguém já tenho que ficar de olho pra ver se tá saindo algum saco. Se chegar dez cliente, eles querem que atendemos todos de uma vez, pra não perder o cliente. O pessoal não reconhece nada que a gente faz. Tudo isso aô, e faz conta de 1 minuto³⁰.

As madrugadas trabalhadas, assim como o olhar do patrão para o relógio, simbolizando reprovação e alerta dada ao trabalhador pelo mínimo atraso, são

²⁹ Conhecido como Açúcar Mariluz de Arthur Freyre & Cia. O armazém dessa empresa funcionava na rua Padre Ibiapina, nº 64. Nos anos de 1980 e 1990, foi um dos locais que mais empregou chapeado, na condição de fixo e também de solto.

³⁰ Entrevista concedida ao autor em: 13/04/2009

maneiras sutis de transformar tempo em dinheiro. No relato, as impressões do chapa apontam para outras funções realizadas por esses trabalhadores, que exigem domínios de organização, concentração para conferir mercadorias, atenção e receptividade para atender clientes, como bem disse o cabeceiro: `se o cara não tiver cabeça, endoidece`.

Desse modo, o uso da cabeça dos chapeados, não ou são utilizadas apenas para carregarem peso, embora sãerecebam por isso. Mais uma vez temos que o serviço de carregador preenche muitos dos pré-requisitos para compararmos as condições de trabalho nas fábricas entre os séculos XIX e XX, analisadas por Sandra Jatahy Pesavento, em obra que discute a vida de trabalhadores pobres do Rio Grande do Sul³¹: a exploração, o disciplinamento e o esforço físico e mental em excesso, também são características deste trabalho de cabeceiros.

É interessante perceber que nem sempre foi responsabilidade dos chapeados, encarregar-se de diferentes funções. As necessidades e as exigências do próprio trabalho encarregaram-se destas mudanças. O carregador `modelo escravo`, forte e exclusivo apenas para carregar peso, deixou de ser o perfil de chapeado preferido. Por isso mesmo, quando um empregador pretende selecionar um chapeado para trabalhar, os critérios analisados, não dizem respeito apenas a robustez do porte físico, como parece que assim o foi há tempos atrás, quando:

sãempregava cabra parrudo, que aguentava tranco. Porque era fardo de até 100kg, a não era pra qualquer um não. Tinha que contar mesmo. Hoje eles não olham mais isso³².

A informação acima do chapeado Antônio Augusto de Souza é pertinente porque esclarece que houve mudanças no critério avaliativo comumente feito na hora de empregar um chapeado. Se o porte físico deixou de ser o principal fator, é sinal de que, há associação do ofício ao perfil de homens musculosos, talvez hoje sãtenha sentido para o imaginário popular. Estas mudanças possibilitam pensarmos um amplo leque de significados. Em primeiro lugar, esse `outro` perfil de carregador, ao praticar atividades distintas (além de carregar peso), permitem que se socializem e se relacionem com outras pessoas, como os clientes, e os vendedores e/ou fornecedores de mercadorias. Tais mudanças acabaram por

³¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920. Ed. UFRGS, 1994.

³² Antônio Augusto de Souza, entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015

exigir dos chapeados o mínimo de instru o, j que, saber ler, passou a ser importante, principalmente porque a conferência de mercadorias que chega no estabelecimento, passou a ser fun o de muitos chapeados.

  possível notar que muitos carregadores, por estarem exercendo outras fun es, mostraram-se com status mais elevado, talvez por se sentirem mais  steis e diferentes da realidade do mundo dos carregadores, j que a maioria tem um nível de instru o que não lhes permite conferir uma nota de mercadoria.

Eu sou um chapa diferenciado. Conheço todo mundo. Confiro mercadoria, atendo cliente, atendo telefone, mas também   muito serviço que exige força da gente. Mas chapeado não   s pegar o peso como muitos pensam.³³

Por outro lado, percebe-se que a explora o do trabalho não diminui pelo fato do carregador está executando atividades, em tese, mais leves. O empregador busca perfis de carregadores que estão dispostos a aceitar qualquer proposta de trabalho, e principalmente, ter outras habilidades. A subserviência, a honestidade e a disposi o de se doarem aos serviços, são pré-requisitos essenciais. Segundo nos contou o chapeado Antônio Felix Ferreira,

o patrão vai analisar se você   um cara que trabalha sem aborrecimento, sem cara feia e se   honesto. Conferir uma mercadoria, atender os clientes bem. Se você tiver almoçando e chegar o freguês, você tem que atender logo. O chapa bom faz muita coisa. O patrão olha essas coisas no chapa. Porque tem deles que fica com cara feia³⁴.

Nesse sentido, os motivos de quando o carregador se aborrece e faz cara feia, podem estar revelando sentimentos de reprov o daqueles serviços que são exigidos fora do horário de sua responsabilidade, os quais, portanto, não serão remunerados. Esta   uma das razões que fizeram com que muitos não conseguissem permanecer trabalhando  fixo_,  preferindo_ então trabalhar  solto_.

Na linguagem dos chapeados, o significado das expressões  solto_ e  fixo_ determina duas condi es de trabalho. Aqueles que trabalham dentro dos trâmites da lei, ou seja: com carteira assinada, são os conhecidos de  fixo_. Já os que circulam pelas ruas   procura de trabalho, sem vínculo empregatício

³³ João Francisco da Silva, na data da entrevista tinha 34 anos, e afirmou ter começado a trabalhar como chapeado a partir dos 15 anos. Entrevista concedida ao autor em: 07/10/2008

³⁴ Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

firmado, são identificados como os chapeados `soltos`. Essa definição, não separa os chapeados em dois grupos distintos, embora pareça³⁵. Os serviços são praticamente os mesmos, e o uso dessas expressões é praticamente restrito ao cotidiano deles, se comunicam para sondar a respeito de valores e pagamentos sobre o trabalho que realizam, ou `solto` ou `fixo`. É uma maneira de socializar o para analisar, como anda a `praça`, saber por exemplo, quanto está pagando para descarregar um caminhão em determinado local ou estabelecimento da cidade. Para alguns chapeados, os `soltos` conseguem ganhar mais do que aqueles que trabalham `fixo`, em contrapartida, os `fixos` preferem a garantia do salário que recebem quinzenalmente ou mensalmente. A respeito desse assunto, nos informou o carregador Aldo Bezerra Firmino:

Depende! Depende do caminhão que chega. Por exemplo, chega uma carga de 15 tonelada, a se você descarregar com 3 pessoas, a você ganha um tanto, agora se for com 5 trabalhador, a você recebe inferior. Tem nego a que faz R\$ 900, R\$ 1000 por mês, mas não é direto. Tem dia que dá bom, mas no outro pode não dar nada. O solto ganha mais, mas não tem vantagem. Porque você tem que ficar correndo atrás. E não tem direito a nada, final do ano mesmo não recebe nada. E o empregado fixo, tem seus direitos, não? A vantagem é essa. Eu recebo 763 reais na carteira, é o salário do comércio, mas eu faço 1000 por mês com os descarregos. Graças a Deus eu faço³⁶.

Para este chapeado que trabalha fixo, as vantagens estão atreladas às garantias consentidas pelas leis trabalhistas, principalmente férias e décimo terceiro. Apesar desses benefícios estarem em vigor por mais de 50 anos, ainda assim, para a grande maioria dos carregadores de Campina Grande, parece ser um direito adquirido recentemente, pois, poucos deles sequer usufruíram de tais benefícios. Porque trabalham na `clandestinidade` (expressão de um deles), sem nunca terem a carteira assinada, e mesmo quando o tiveram, permaneceram por pouco tempo. Desse modo, os benefícios consolidados por direito, lá atrás, se apresentam para a maioria dos cabeceiros, como algo novo e atraente para estes trabalhadores. Entretanto, poucos desfrutaram de tais direitos.

³⁵Todos os entrevistados já trabalharam `solto` e `fixo`, eles parecem experimentar as condições de uma realidade e outra com muita frequência. As vezes por opção, e outras por demissão. Essa volatilidade é o que faz ser apenas um grupo, porque todos conhecem a realidade de cada condição de trabalho. `Hoje você trabalha fixo, mas amanhã você não sabe onde vai estar`, afirmou um deles.

³⁶ Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

Eu acho bom demais, você ter direito uma feriazinha e ainda por cima receber no final do ano um dinheiro que você nem t@ esperando. É bom! Trabalhar fixo tem essa vantagem aí. Nunca que o camarada espera por isso. E ainda você tem o direito de trabalhar se quiser, não s@ ficar de acordo com o patrão, aí você ganha mais se não o tirar férias³⁷.

A expressão do ex-cabeceiro Antônio Augusto de Souza (vulgo Chupetinha), ao relatar sobre este assunto, é de pura satisfação e deslumbre, talvez por imaginar as possibilidades que um carregador poderia escolher, estando esse, empregado na condição de fixo. O ex-carregador diz achar bom, mas nunca gozou de tais privilégios. Três meses foi o tempo máximo que esteve trabalhando num mesmo local. Ele nos conta que era difícil cabeceiros trabalharem fichados.

Ah era difícil demais! Trabalhar fixo era complicado. Eu via na SAMBRA direito escrito: Não há vagas. E veja você, a SAMBRA era quem empregava muita gente. Sempre foi difícil, mas a SAMBRA empregava muita gente. Naquele tempo, primeiro trabalhava 90 dias, chamava de clandestino, mas se o fiscal pegasse, era multa. O fiscal perguntava logo: quantos funcionários tem aí? Se não tivesse tudim fichado [assinado contrato ou carteira de trabalho], aí pagava multa. Hoje entrou na firma, assina logo a carteira, t@ diferente³⁸.

As suas falas nos levam a acreditar que poucos chapeados desfrutaram de benefícios trabalhistas. Pois estes não tinham garantidos direitos mais básicos previstos na CLT: O registro na carteira de trabalho. Sem o reconhecimento do vínculo, o empregado perdia direitos como FGTS, férias, 13º salário, hora extra, entre tantos outros garantidos por lei. Possivelmente, muitos carregadores viraram estatísticas junto aos trabalhadores formais que perdiam seus empregos nos idos de 1980. Desse modo, entende-se que houve um aumento daqueles chapeados que trabalham `soltos, talvez até insignificante, já que a condição por trabalharem na informalidade, `solto, avulso, ou por conta própria, é de fato o que caracteriza a ocupação de chapeado. Entre todos os carregadores entrevistados, foram poucos aqueles que trabalharam fixo no período de 1980 a 1990. A volatilidade foi constante, e o tempo de permanência em que trabalharam no mesmo local não passou dos seis meses.

³⁷ Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015

³⁸ Antônio Augusto de Souza nunca teve sua carteira assinada. Entrevista concedida ao autor em: 13/09/2015

TABELA 6 - NÚMERO DE VEZES QUE OS CARREGADORES TRABALHARAM FICHADOS DURANTE AS DÉCADAS DE 1980-1990

Chapeados	Fixo anos 80	Fixo anos 90
Chupetinha	-	-
Ceguinho	-	2 vezes
Bigode	1 vez	-
Aldo	-	2 vezes
Argemiro	1 vez	-
Branquinha	-	1 vez
Geraldo	-	-
Marcos	3 vezes	3 vezes
Cicero	-	-
Biu	-	2 vezes
Zé Abelha	-	-

Para chegarmos ao que está exposto na tabela³⁹, utilizamos informações de cada carregador, basicamente perguntando quais os locais em que trabalharam fixo, e, conseqüentemente, sondando em quais épocas. Mesmo sabendo dos possíveis riscos do esquecimento - comum quando se pretende lembrar, uma vez que recordar acaba por tornar qualquer organização extremamente difícil⁴⁰ - percebemos que essa tabela representa que durante vinte anos, foram poucas as vezes que trabalhadores chapeados estiveram na condição de funcionário fixo. Além disso, embora não estejam representados na tabela, foi relatado os locais (ruas) onde cada um trabalhou: Ceguinho, Aldo e Biu: Rua Quebra Quilos. Bigode e Marcos, Rua Padre Ibiapina (Beco do a'Íscar) e Índios Cariri. Argemiro, Rua Tavares Cavalcante. Locais concentrados em áreas centrais da cidade que foram movidos pelo comércio, e tradicionalmente favorável ao trabalho de chapeados.

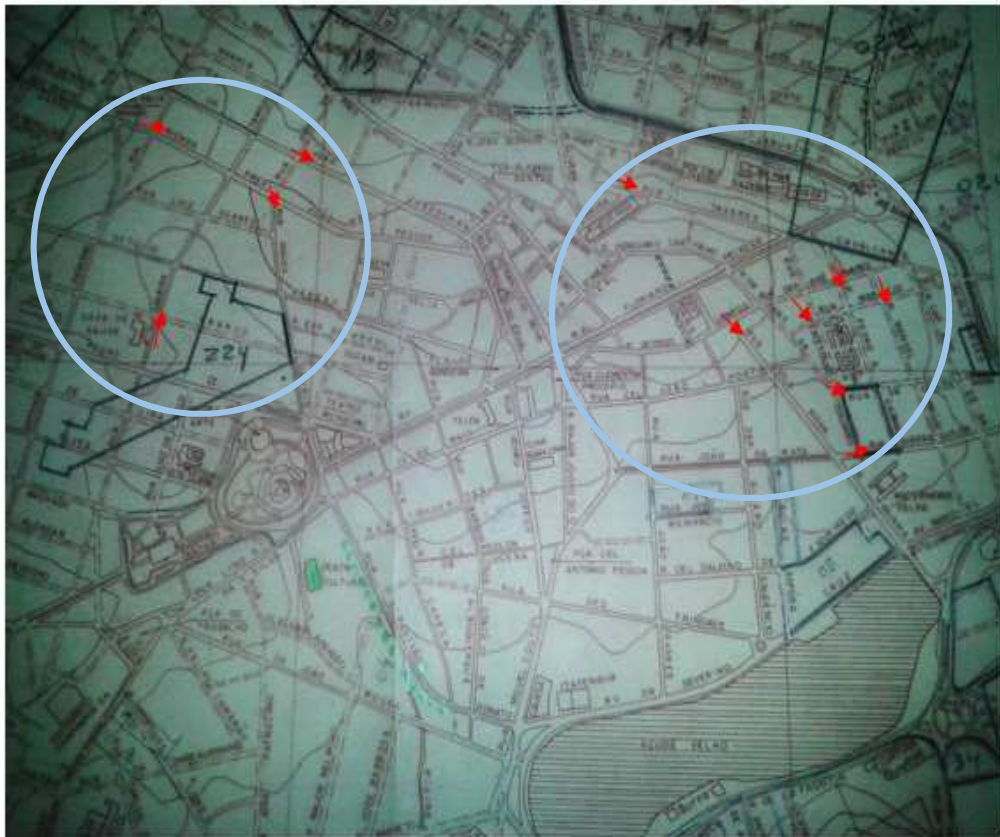
É interessante perceber que, vários outros locais foram lembrados, também considerados pontos da cidade onde havia carregadores trabalhando. O mapa abaixo, detalha a localização em relação à cidade e demonstra aquelas ruas mais mencionadas por eles quando perguntados quais eram os locais onde

³⁹ Recorremos também às carteiras de trabalho de alguns dos chapeados, e mesmo apesar do pouco tempo e contato com esse material, já que a maioria dos carregadores demonstravam desconfiança para nos ceder o documento, ainda assim foi crucial para percebermos como trabalharam durante esse período em via de estudo.

⁴⁰ BOSI, Eclia. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 11ª ed. S²o Paulo. Companhia das Letras, 2004.

se podia encontrar cabeceiros em atividades, sejam na condição de trabalhadores `soltos_ou `fixos_.

FIGURA 3 - Ruas de Campina Grande que demarca os pontos de trabalho dos chapeados entre 1980-1990.



Fonte: SEPLAN - Secretaria de planejamento de Campina Grande. Mapa da região central de Campina Grande 1983.

O mapa corrobora o que defendemos desde do início, a forte presença do ofício de carregadores em áreas centrais, demonstrando que a necessidade da categoria para conseguir trabalho esteve, e ainda está relacionado - movimentação comercial da cidade onde vivem. Enquanto mais movida ao comércio a cidade for, maior sera presença dos chapas em áreas centrais. A movimentação de carga e descarga nas ruas de Campina, demarcou o território como ambiente de trabalho dos chapeados. São quase vinte ruas mencionadas, porém a grande maioria delas está inseridas em duas grandes áreas, consideradas os melhores lugares para arranjam trabalho. Do lado direito do mapa tem-se as imediaes da Feira Central. Do outro, as adjacências da rua

Presidente João Pessoa. Locais que parecem se confundirem com a própria história dos carregadores na cidade⁴¹.

2.3. `NAQUELE TEMPO... IMPRESSões DE ONDE TRABALHEI.

Localizar os cabeceiros na cidade, identificando como vão se apropriando dos espaços, para dali tirar algum proveito para subsistir, e também uma maneira de identificar suas impressões sobre o contexto da cidade, sobre o desemprego, as tensões para arranjar trabalho e as condições de vida em geral.

Se já foi dito que a dinâmica das cidades, altera o comércio, as ruas, e os setores de serviços, portanto, modificando e interferindo na vida dos sujeitos, estes, também deixam suas marcas ao se apropriarem desses espaços.

Os períodos de crise econômica e desemprego em Campina, poucas vezes foram relatados pelos chapeados. As impressões de uma cidade promissora e com boas oportunidades para conseguir trabalho, são lembranças recorrentes na fala de muitos dos nossos entrevistados. Estes, viveram e enxergaram uma cidade distinta daquela representada por números, tabelas econômicas e notícias de jornais, que incessantemente, remetiam ao contexto de crise.

Os relatos de memória dos carregadores, que retratam experiências do vivido, revelam a importância da Rua Presidente João Pessoa e da Feira Central, no tocante ao desenvolvimento do comércio, e para a permanência do próprio ofício de chapa. Desde da aparição das primeiras feiras⁴², foi incontestável a relação estreita entre sua origem e o crescimento da cidade, de modo que alguns estudiosos chegaram a afirmar que a história da cidade se confundem com a própria história da feira, ambas até certo ponto a mesma coisa⁴³. Já em outros

⁴¹ Não houve um sequer, que ao relatar suas impressões sobre a cidade e o trabalho não mencionassem estes locais. Sempre procurando demonstrar que estes foram os lugares mais prósperos para o trabalho.

⁴² As primeiras ocorrências de feira no Brasil remontam ao período colonial, com destaque para as feiras de gado, as primeiras a despontar. Em Campina Grande o surgimento das feiras é originária do mesmo período. Cf; SIMONSEN, Roberto Cochrane. História Econômica do Brasil: 1500/1820, 8ª edição; Editora Nacional, São Paulo, 1978, p.274.

⁴³ Ver PEREIRA JUNIOR, Francisco. Feira de Campina Grande, um museu vivo da cultura do povo campinense ao final do século XX. 2004, p. 29.

termos, por fim com a mesma ênfase dada à sua importância, a feira foi entendida historicamente, como um dos sustentáculos da economia da cidade⁴⁴.

No decorrer dos anos de 1980, a feira continuava a ser suporte, senão de toda a cidade, mas de muitos homens que migravam para Campina em busca de trabalho. A presença de trabalhadores pobres que procuravam nas ruas, algum serviço de biscate, encontravam na Feira, a possibilidade de subsistirem.

O imaginário da feira de Campina Grande, como lugar de comércio pulsante, movimentado e incitador do desenvolvimento da cidade, também se fez presente nas falas dos carregadores, visto que os espaços das feiras são regiões marcadas pelo movimento dessa categoria. Quando se lembram da feira, estão rememorando o trabalho, as práticas e as tensões vivenciadas. Não há dúvidas de que foram muitos deles que fizeram daquele espaço seu ambiente de trabalho e de sociabilidade. Nos idos de 1980, a feira foi lugar primeiro, ao qual muitos recorriam para conseguir trabalho, principalmente para os que vinham de fora.

Nesse sentido, a primeira informante de quem veio de fora, e nos contou a respeito das condições de emprego e trabalho na cidade, foi do carregador Argemiro Filinto dos Santos, que depois de nos dizer que exerceu o ofício de chapeado por mais de trinta anos, afirmou que:

No tempo do cruzeiro⁴⁵, não ganhou dinheiro quem não quis. Aqui foi lugar de muito movimento meu filho, eu lhe garanto. Se o caba quisesse trabalhar de verdade, tinha serviço, e tem até hoje. Na Feira Central⁴⁶, era só chegar, não faltava trabalho⁴⁷.

O relato de seu Argemiro, destoa e desmancha a sensação apavorante de crise, desemprego e dificuldades em Campina Grande, como assim estava

⁴⁴CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950) tese de doutorado. PPGS/UFPB, 2007.

⁴⁵ O Cruzeiro foi criado na década de 1940 com o governo do presidente Getúlio Vargas em substituição aos Réis. Pela idade de seu Argemiro ele poderia estar falando da moeda `Cruzeiro_, `Cruzado_, `Cruzado Novo_ ou `Cruzeiro Real_. Todas estas moedas quando circularam no Brasil foram contemporâneas do nosso entrevistado. Mas a lembrança do Cruzeiro por seu Argemiro pode ser explicada por ter sido a moeda que mais tempo circulou e retornaria na década de 1990 com o mesmo nome no governo de Fernando Collor de Mello.

⁴⁶ Não podemos falar em `Feira Central_ a partir da década de 1940 quando esse Mercado Municipal foi construído para receber a feira regional que nesse período era realizada nas ruas centrais da cidade, a exemplo da Rua Maciel Pinheiro. Portanto, é bom saber que quando os carregadores falam de :feiras_, estão se referindo ao Mercado Municipal, popularmente conhecido como Feira Central.

⁴⁷ Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

representada nos jornais locais e nos estudos que trataram da época. Todavia, talvez os chapeados não estivessem inseridos juntos aqueles grupos de trabalhadores formais que estavam virando estatísticas de desemprego, somando-se aos índices alarmantes e negativos. Seu Argemiro fala de um tempo próspero para ganhar dinheiro e arrumar trabalho, enquanto que outras referências, por não analisadas, tenderam a nos dizer o inverso.

Um breve percurso sobre a história desse chapeado pode ser revelador para entendermos alguns dos motivos, que talvez servisse de estímulo para seu Argemiro lembrar uma cidade de cenário positivo e propício para ganhar dinheiro e arranjar trabalho, ao invés daquele desenho de cidade vazia e carente de oportunidade para quem quisesse trabalhar.

Seu Argemiro, 61 anos, nascido em Mamanguape⁴⁸, nos conta logo no início da entrevista o que lhe trouxe à Campina Grande naqueles anos de 1980,

vir pra cá atrás de serviço. Teve um tempo ruim de seca, aí chamaram meu pai para o sertão, lá para Livramento em Suaurana, para espalhar uns milhos e ele me levou junto⁴⁹.

Do sertão, seu Argemiro parte para Campina de Queimadas⁵⁰, em seguida chegaria a Campina Grande para morar na casa de parentes da sua esposa no final da década de 1970, desempregado, casado e com cinco filhos. Aqui começa a história de seu Argemiro na cidade e também como trabalhador chapeado. Estando já instalado na cidade e residindo no Bairro do Zé Pinheiro⁵¹, Argemiro nos conta que tomava as ruas de Campina em procura de trabalho pela segunda vez, foi quando,

tava ali sentado na calçada da maternidade, aí Zé do Pão me viu e perguntou: Tu mora aonde moreno? Eu moro ali no Zé Pinheiro, tô desempregado, se você ver, num desespero maior do mundo. Ele disse: fica aqui mais eu, que quando eu pegar um trabalho eu boto você⁵².

⁴⁸ É um município do estado da Paraíba e é sede da Região Metropolitana do Vale do Mamanguape. Em média a distância de condução para Campina Grande é de 122 km.

⁴⁹ Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

⁵⁰ Na época, segundo informantes do chapeado era um sítio (Zona Rural) próximo da cidade Campina Grande.

⁵¹ Bairro localizado próximo a Feira Central e comporta uma população de baixo poder aquisitivo. Entretanto, além de ser um dos grandes bairros da cidade, dispõe de um dinâmico e variado comércio.

⁵² Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

Essa conversa rápida entre seu Argemiro e Zé do Pão⁵³, transformou a condição de seu Argemiro - como ele mesmo o avaliou naquele momento - de 'sem prestígio e desempregado', para a condição de 'homem ocupado e trabalhador', portanto útil ao prover a casa. Dando seguimento a história, ele complementa dizendo:

Naquele dia... eu cheguei me arrepiado. Quando foi meio-dia eu já tinha feito uma feira. Comprei feijão, farinha, café, carne e mais uns troço. Eu sair correndo pra casa, quando entreguei os troço a mulher... a pobrezinha, quase morreu de alegria⁵⁴.

O nosso entrevistado rememora com muita emoção ao lembrar-se dos episódios. Primeiro, da hombridade do Zé do Pão, que de imediato lhe arranhou o que mais precisava; trabalho. 'Um homem como aquele eu faço de tudo para ajudar se ele precisar, porque eu não esqueço nunca do que ele fez comigo'. Em seguida, volta a lembrar da felicidade da esposa quando o viu entrar em casa com as sacolas nas mãos, representando, naquele momento, a feira inesperada. 'Ela nunca imaginava eu já chegar com uma feira, e eu agradeço aquele trabalho'. São memórias que ao serem relatadas, parecem misturar glória e dor. Seu Argemiro fala com orgulho e prazer sobre aquela cena, porém, ao mesmo tempo, olhando para cima, chama por Deus: 'meu Deus, como eu já sofri'. A partir daquele dia, nos seus próprios termos, 'recomeçaria mais uma vez a vida', por estar morando em outra cidade, e também exercendo um novo ofício.

Uma medida que a história vai sendo contada, vamos conectando indícios e compreendendo que a maneira positiva e experimentada por este carregador, logo que chegou à cidade de Campina, foi um dos fortes motivos, que o fez representar, através dos relatos, um cenário de cidade que ofertava trabalho. Além disso, já é sabido que muitas explicações relatadas sobre o passado partem das experiências do presente. Seu Argemiro, apesar de não trabalhar mais como chapeado, continua tirando seu sustento nas proximidades da Feira Central. Dessa maneira, possivelmente, terá dificuldades para reconhecer aquela região como um local negativo para se conseguir trabalho.

⁵³ A pelido do carregador que ofereceu o primeiro serviço de chapeado ao Sr. Argemiro, assim que ele veio residir na cidade de Campina Grande nos idos de 1980.

⁵⁴ Argemiro Filinto dos Santos. Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

Não só seu Argemiro, outros chapeados também relataram sobre a influência e a importância da Feira Central para o comércio e o trabalho de cabeceiro. Ao recordarem sobre a dinâmica do que era exercer o ofício de chapeado, deparam-se também com uma cidade movimentada, próspera para o trabalho e fácil para se ganhar dinheiro, sobretudo nas imediações da Feira Central. As impressões do chapa logo abaixo são uma descrição de como este viu e interpretou as ruas adjacentes à Feira Central nos primeiros dias em que começou a trabalhar naquelas imediações.

Quando eu cheguei aqui nessa área da feira, por aqui também pela Rua Quebra Quilos, o trabalho de chapeado era uma loucura. Não faltava serviço, faltava era chapa, porque vendia demais por aqui, tudo que você imaginar vendia por aqui. Então você, ter uma ideia, ali em Jailson⁵⁵ era seis trabalhando fixo e quatro na entrega, então era dez funcionários, ser que vendia? 4h da manhã já tinha duas carretas paradas ali na porta para os caras descarregar, e era então descarregar para em poucos minutos o armazém começar a esvaziar de tanta vendagem, não parava um minuto, toda hora chegava caminhão, no final da tarde o armazém estava quase vazio, vendia demais, hoje em dia já parado em relação à época que cheguei aqui. Ali em Adalto⁵⁶ também era um movimento grande, aqui nessa região toda da feira o movimento não parava, essas ruas mesmo por dentro da feira, nem moto passava.⁵⁷

O relato nos possibilita visualizar um cenário de comércio pulsante, de ruas abarrotadas de carretas que logo seriam (des) carregadas por grupos de chapeados, que desde cedo aguardavam o proprietário do armazém chegar para abrir as portas do estabelecimento, para que assim pudessem iniciar o serviço que lhes cabia: esvaziar e/ou encher caminhões de mercadoria.

As informações também nos permitem localizar o trabalhador na cidade, na medida em que todo aquele movimento de cargas e descargas de mercadorias, relatado por Zé Abelha, nos direcionam para as ruas: Pedro Álvares Cabral, Manuel Pereira de Araújo, Dr. Carlos Agra, Cristiano

⁵⁵ Jailson, o proprietário de um antigo armazém localizado na Rua Quebra Quilos que ainda está em funcionamento. Este armazém é uma referência nesta rua por ter uma grande variedade de produtos.

⁵⁶ Proprietário do Armazém Contrigo, localizado na Rua Quebra Quilos, que ainda encontra-se em funcionamento. Dentre os vários produtos que vendia neste armazém, o principal era a farinha de mandioca e o trigo para a feitura do pão, estes produtos continuam sendo a exclusividade nas vendas.

⁵⁷ Zé Abelha. Entrevista concedida ao autor em 12/07/2013. Este carregador não forneceu seu nome e afirmou que preferia que fosse chamado por Zé Abelha, pois era assim que todos o conheciam. Em primeiro e único contato, disse: "vou falar daquele tempo do trabalho como era, e mais nada, certo?" Na época da entrevista estava com 57 anos de idade.

Colombo, dentre outras⁵⁸, já que estas localidades formavam/formam a região da Feira Central. É interessante ainda atentarmos para a força de expressão, nem moto passava, utilizado por Zé Abelha para demonstrar que os movimentos nas ruas eram, de fato, de grandes proporções. Os espaços por onde trabalhavam aqueles chapeados pareciam perder as características próprias de rua, de maneira que os automóveis nem poderiam circular, impedidos pela agitação de transeuntes, feirantes e trabalhadores comuns em procura do comércio e de serviços.

FIGURA 4 - Áreas próximas aos serviços de chapeados.



Fonte: SEPLAN - Secretaria de planejamento de Campina Grande. Mapa da região central de Campina Grande 1983.

O destaque na imagem das imediações da Feira Central. Estas áreas, marcadas pelo intenso comércio de cereais, em atacado e varejo, pontuavam a presença constante dos trabalhadores chapeados, sempre circulando por ali a

⁵⁸ Nas imediações da feira, ainda hoje são marcadas pelo forte comércio de cereais em atacado e varejo, além de compor um considerável número de supermercados, os quais, começaram a ganhar projeção naquele setor, a partir dos anos 1980. Para saber mais sobre a importância e a permanência da Feira de Campina Grande ao longo das mudanças sofridas no mercado de trabalho e nos espaços da própria cidade, ver: COSTA, Antônio Albuquerque. Sucessos e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico científico-informacional: a feira de Campina Grande na interfase desse processo. 2003. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife.

procura de `pegarem algum (des)carrego⁵⁹. Ainda hoje, a região é dominada por um comércio que favorece os serviços de carregador, já que a presença de armazéns que recebe cargas de mercadorias, ainda prevalece. Entretanto, para as impressões dos carregadores, nada se comparava aos idos de 1980 e 1990. Para eles,

nem tem como comparar meu amigo. Quem chegou agora nesse ramo não viu o movimento, mas quem já foi antigo nesse trabalho, e sabe do movimento todinho que teve, fica triste, só na vontade que tudo volte como era antes.⁶⁰

As impressões sobre o universo do trabalho desses carregadores, até aqui analisados, estão inconfundivelmente relacionados com os espaços da Feira Central. Todos os relatos indicam para uma ligação direta entre muito trabalho, comércio forte e feira movimentada, representando dessa forma o passado enérgico da feira de antes contrapondo com o cenário enfraquecido e vagaroso do presente. Ao associarem estes componentes dessa maneira ao rememorarem o trabalho, os carregadores nos apontam sinais de que aqueles locais estabeleciam cenários favoráveis para subsistência do ofício, tendo em vista que o comércio forte e dinâmico eram os requisitos necessários para que não lhes faltassem trabalho. Por outro lado, a feira do tempo presente parece ter acabado com as oportunidades da empregabilidade, quando antes mantinham os carregadores ocupados com vários serviços.

A impressão que temos ao analisar os relatos é que bastasse ir à feira que logo se conseguia serviços, e mesmo que não fosse dessa maneira, uma coisa podemos defender como sinal de realidade: a partir dos anos de 1980, a feira, ainda era um dos grandes locais responsáveis por iniciarem homens no ofício de carregador, conforme nos contou o cabeceiro, Antônio Felix Ferreira:

Eu tava sem fazer nada, parado, então resolvi dar uma volta na Feira, e logo um velho me chamou pra descarregar um caminhão de torta⁶¹, dizendo que me dava um trocado quando terminasse. Desse dia em diante, virei chapa⁶².

⁵⁹ Os termos `pegar algum descarrego` e/ou `pegar algum trabalho`, são expressões utilizadas pelos carregadores que significa dizer que eles conseguiram arranjar o que fazer. Ou seja: estão indo trabalhar.

⁶⁰ João Francisco da Silva. Entrevista concedida ao autor em: 13/04/2009

⁶¹ A dubo orgânico feito com esterco de vaca. Produto fácil de encontrar nas imediações da Feira Central, sobretudo na Rua Quebra Quilos. Esse tipo de mercadoria era frequentemente carregado e descarregado por chapeados que trabalhavam por ali. Ainda hoje essa mercadoria é comercializada no referido local.

⁶² Entrevista concedida ao autor em 19/10/2014.

E mais outro relato que pode elucidar o espaço da feira como região atrativa para obter trabalho.

Eu me lembro como hoje, tava sem fazer nada, tinha passado a semana toda ajudando meu pai num ro'ado que nem dele era e ent' a minha mãe e gritou comigo: porque tu não vai pegar saco na feira pra ganhar um trocado? Desse dia em diante t' aqui até hoje, isso já vai fazer 41 anos, visse.⁶³

A rememoração traz assim, a lembrança, mais uma vez do comércio pulsante. A feira representada como uma extensão que concedia trabalho para muitos que por lá procuravam. É pertinente notar o conselho da mãe e do chapeado para que ele fosse até a Feira 'pegar saco'. A pergunta é muito simples, porque pegar saco é não fazer qualquer outra coisa?

A partir deste questionamento podem-se recolher indícios importantes sobre o local de trabalho dos carregadores, de modo que possivelmente podemos imaginar a Feira Central das duas últimas décadas do século XX, abarrotada de homens circulando por aquelas ruas exercendo atividades de carregar e descarregar mercadorias sobre a cabeça. Talvez fosse dessa maneira que estes homens participavam e nutriam o comércio sempre quando empilhavam ou retiravam produtos dos armazéns, aquecendo ainda mais a movimentação do setor comercial da cidade.

O movimento dinâmico naquela região chamava atenção das pessoas que por ali transitavam com frequência, como a mãe do chapa, muito provavelmente uma dona de casa, que ao visualizar aquela área da feira, sempre que sai para fazer alguma compra, percebia que aquele local era próspero e possível para encontrar trabalho, sobretudo o de 'carregar saco'. Informantes como estas corroboram a tese de que nos idos do período em estudo, era significativa a presença de carregadores nos arredores da Feira Central.

Nas representações de matérias veiculadas em jornais, também foi possível encontrar rastros que evidenciam constante movimentação na feira, conforme as impressões relatadas pelos trabalhadores chapeados. Na matéria intitulada: 'O trânsito da Feira Central está uma tremenda confusão'⁶⁴, retrata

⁶³Entrevista concedida ao autor em: 13/04/2009. O nome do chapeado não foi revelado. Portanto o mesmo não reconhecido por Expedito da feira. Na época da entrevista tinha 41 anos de idade.

⁶⁴ DB 06-01-1981. Essa notícia não tinha intenção de retratar a movimentação da Feira Central, nem tão pouco demonstrar a pujança do seu comércio. O foco central era 'denunciar' que em dias de feira o trânsito

como o tráfego das ruas Peregrino de Carvalho, José Tavares e Tavares Cavalcanti⁶⁵, nos dias de Feira, causavam transtornos desagradáveis em decorrência dos veículos ali estacionados que congestionavam aquelas artérias formando filas duplas tanto de carros particulares como de táxis que ficavam por ali à espera dos passageiros que saíam das compras. Cenários como estes, o qual, representam ruas e comércios agitados, configura-se, pois, em ambiente propício para atividades de chapeados.

É interessante perceber, que essa matéria que foi veiculada em 1981, estava preocupada em informar uma única questão: a desorganização do trânsito, que apesar das várias reclamações feitas aos setores responsáveis, nenhuma providência teria sido tomada para acabar com aquela, verdadeira confusão.

Por outro lado, embora não tenha sido interesse da notícia, é possível destacar outros olhares, inclusive, positivos no que diz respeito ao cotidiano do trabalho nos dias de feira em Campina Grande. Na matéria, é explícito que quem "atrapalhava", "desorganizava" e "indisciplinava" as ruas eram os trabalhadores, "taxistas fantasmas" que procuravam os dias de feira para faturarem e por ali se misturavam com bancos de verduras e outros artigos expostos para venda. Alguns chegam a estacionar nas entradas de alguns supermercados.

A partir do que foi exposto acima, o cenário de crise econômica e desemprego, parece ter sido sentido mais levemente por alguns trabalhadores, posto que, a movimentação e a desorganização, tal qual a matéria pretendeu informar também representa, em grande medida, a dinâmica do cotidiano de trabalho nas ruas do forte comércio presente nas imediações da Feira Central. Naquele contexto de 1981, parecia estar consumado a proliferação de atividades no comércio varejista, quando a reportagem menciona a presença de alguns supermercados.

Talvez seja dessa dinâmica, desse movimento e dessa acumulação de gente conversando, andando depressa, falando todos ao mesmo tempo, comprando, vendendo, enchendo e esvaziando estoques de mercadorias, que permanece viva na memória dos trabalhadores cabeceiros, quando afirmam que,

ficava impraticável. Todavia, a matéria acaba por desenhar um quadro de grande movimentação naquela região.

⁶⁵ Rua citadas nas entrevistas como locais de trabalho.

naquele tempo era diferente. As feiras livres da cidade, em especial a Feira Central, mais do que nunca foi um local que alimentou a permanência deste ofício pelas ruas da cidade, adiando cada vez mais, que esta profissão sucumbisse com o tempo.

Ao representar a Feira Central dessa maneira, não quer dizer que os carregadores não passaram por dificuldades, necessidades, tensões e esforços para conseguirem trabalho. Ou seja, a feira por si só não empregava e nem executava as funções daqueles homens. Veremos que as possibilidades de conseguirem trabalho, dependiam muito do esforço e dos artifícios que cada um. Além disso, a presença de chapeados em Campina Grande, não estava restrito às imediações da Feira Central, apesar da sua importância, tão enfatizada até aqui não o foi intensamente nossa fazer parecer que esta atividade existe até hoje por causa, apenas, das feiras⁶⁶. Compreendemos que a frequência em suas falas, sempre se reportando a este local, tem justificativa compreensível, já que todos conseguiram fixar-se naquelas imediações exercendo o ofício de chapeado por longas datas. Logo, os acúmulos das experiências adquiridas foram mais intensas na Feira, do que qualquer outro lugar.

Nesse sentido, a maneira dos carregadores enxergarem, compreenderem e avaliarem a cidade de Campina, está muito atrelada ao mundo de seu trabalho e as experiências que tiveram como carregadores. Desse modo, a abundância e as possibilidades de trabalho oferecidos aos trabalhadores chapeados na região da Feira ou na Rua João Pessoa, parecem determinantes sobre como os carregadores entenderam e sentiram as condições da cidade naquele momento. Assim sendo, quando representam estes lugares, apreciando-os como locais importantes para o seu trabalho, parecem desconsiderar qualquer conjuntura de crise, desemprego ou problemas outros na cidade.

Destarte, a impressão que fica, é de que, o conhecimento e a identidade construída enquanto trabalhador chapeado, foram portas de acesso para

⁶⁶ Atualmente em Campina Grande existem vários pontos que se realizam feiras livres. As mais conhecidas pelos carregadores, foram: a Feira Central, a maior e mais popular, localizada no centro da cidade. A Feira da Prata, localizada no Bairro da Prata (próximo ao centro) e a Feirinha da Liberdade, localizada no bairro de mesmo nome. Todos os chapeados entrevistados, mencionaram, ter trabalhado nessas três localidades. Isso demonstra a dinâmica dos carregadores dentro da cidade, mesmo que tenham, cada um, seu local específico para pegar algum serviço.

atuarem e se organizarem de maneira positiva no espaço urbano. Construindo mapas com estratégias para conviverem dentro de um processo tensionado que é transitar pelas ruas de uma cidade em busca de trabalho e do sustento diário. Determinados locais, considerados importantes para atuarem enquanto trabalhadores chapeados, como na Feira Central e Rua João Pessoa, transformavam-se em verdadeiros pontos estratégicos.

Ambientes como estes, pareciam sempre ter um serviço disponível para oferecer. Apesar da existência de locais como os mencionados, a prática dos carregadores de percorrer e explorar as ruas de Campina, ainda acontecia, pois, muitos chapeados recorriam às peregrinações diárias para aumentarem as chances de encontrarem serviços. O conhecimento que os chapas acumulavam sobre as ruas e os lugares, os ajudavam como mecanismo estratégico na busca pela conquista do trabalho. Sobre a importância de atuar nos espaços conhecidos, Pierre Mayol, pontuou:

o conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança, relações com os comerciantes, sentimentos difusos de estar no próprio território, tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento⁶⁷.

A principal noção deste conhecimento constituído ou desta vivência nas cidades é a territorialidade⁶⁸, na qual o ato de caminhar em busca de trabalho dos chapeados, passando por diversos espaços possibilita perceber os lugares como processo de construção humana, por meio de indícios efetivado nas relações sociais que se estabelecem cotidianamente nas ruas. Logo, os territórios das cidades socialmente construídas, evidenciam e possibilitam refletir sobre a própria história das ações humanas na formação e apropriação dos lugares praticados. Destarte, a maneira de compreender, viver, trabalhar, ou mesmo de se divertir na cidade de Campina Grande, também são resultados dos lugares praticados cotidianamente pelos carregadores, e que estão inseridas no contexto urbano de maneira geral.

⁶⁷ MAYOL, Pierre. O Bairro. In.: A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; Tradução de Ephraim F. Alves e Líbia Endlich Orth. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

⁶⁸ Segundo Michel de Certeau os sujeitos históricos fazem parte do contexto das cidades por meio dos fragmentos e vestígios materializados naqueles lugares praticados cotidianamente.

Por isso mesmo, ver a cidade e o trabalho sob a ótica dos carregadores, significa pensar sobre lugares que eles representam como espaço de tensão, de movimentação, trabalho e pluralidade de práticas, uma vez que, ao lembrarem de localidades importantes ao mundo do seu trabalho, acabam revelando marcas de relações que se estabelecem cotidianamente pelos mais diversos sujeitos sociais que se envolvem ao passear, trabalhar, conversar, esbarrar ou simplesmente por se fazer presente num determinado lugar. No que se refere aos trabalhadores cabeceiros, foi entre uma rua e outra, pegando um trabalho aqui e outro ali, que se pode fortalecer as relações de sociabilidade e familiaridade como os lugares de trabalho.

2.4 COMO FOI SENTIDA A DECADÊNCIA DOS NEGÓCIOS

Se atrelado aqui, para muitos chapeados as lembranças de ruas movimentadas por um comércio pulsante lhes reportaram a Feira Central, não foi diferente, quando alguns mencionaram a rua João Pessoa, como o principal e mais importante local de trabalho.

Na rua João Pessoa? Ah, você nem imagina. Antigamente era serviço do caba abusar, era terminando um e os caba já chamando para outro, hoje é a maior dificuldade pra arranjar, acabou-se tudo. Naquele tempo você trabalhava despreocupado, sabia que não ia faltar. Era tanto carro que chegava pra descarregar que a gente só faltava escolher onde trabalhar, de tanto serviço no mundo. Hoje parou tudo, não tem mais serviço, a rua já era, não é mais a força de antes⁶⁹.

O relato acima é de um ex-cabeceiro, Marcos Antônio da Rocha de 57 anos, e que segundo suas contas, acumulou mais de 25 anos trabalhando como chapa. Dentre os vários lugares por onde trabalhou, a Rua João Pessoa foi seu principal local de trabalho enquanto exerceu a função de chapeado. É pertinente atentar para o fato de que, o relato, além de representar uma área pujante e propícia às atividades de carregador, também nos possibilita pensar como os trabalhadores chapeados foram se comportando diante do enfraquecimento da oferta de trabalho, sobretudo naqueles locais geralmente considerados, por eles mesmo, como atrativo para o ofício de chapeado.

⁶⁹ Entrevista concedida ao autor em 13/11/2015.

Percebe-se então que aos olhos desses chapeados, a Rua João Pessoa não foi mais vista como lugar de destaque, como assim o foi antigamente. A rua que o chapeado não viu, mais foi aquela repleta de um comércio dinâmico e movimentado por caminhões que chegavam e saíam com mercadorias, caracterizando um cenário de grande oferta de trabalho disponível para o ofício de chapeado.

Para a maioria deles, a rua parece deixar de existir, se esta não dispõe mais daqueles serviços de chapeado, como disse o chapa acima: "hoje parou tudo, não tem mais serviços". O relato de Marcos, que aponta para o fim do ofício de cabeceiro, também parece determinar o fim da importância da rua João Pessoa. Como se a quantidade de atividades de mercadorias para carregar e descarregar, fosse basilar na compreensão do que seria um espaço dinâmico, movimentado e, portanto, caracterizado enquanto local de destaque comercial. No relato foi explícito como a importância dos lugares para os carregadores esteve essencialmente condicionada às possibilidades de trabalho que este local pudesse lhes ofertar. Uma compreensão da qual, enquanto maior fosse a presença de chapeados em determinada rua, maior seria sua importância para a cidade como um todo.

A forte ligação da rua João Pessoa com as atividades de carregador, está relacionada, como já foi dito, graças ao intenso e reconhecido comércio daquela área, que desde dos anos de 1920, registra considerável presença de trabalhadores chapeados. Segundo o historiador Fábio Gutemberg R.B. de Sousa, era comum vê-los em grupo conversando e gargalhando pelas calçadas da rua João Pessoa em frente às casas comerciais, ou ainda tomando café nos hotéis e restaurantes populares das imediações⁷⁰.

A partir de entrevistas com alguns carregadores, percebe-se que o cenário da rua João Pessoa, no contexto dos anos de 1980, era repleto de casas e armazéns comerciais que negociavam com vários produtos. O ex-cabeceiro, Antônio Augusto de Souza, já com seus 84 anos de idade, relembra pontos comerciais daquela rua, nos contando que lá

⁷⁰ SOUSA, Fábio G.R. Bezerra de. Território de confrontos: Campina Grande 1920-1945. Campina Grande; EDUFPG, 2006, p. 40.

tinha o armazém Vencedor, o armazém Arajar, tinha o armazém Novo mundo, tinha a pensão Copacabana⁷¹ e mais uns depósitos de açúcar espalhado por toda rua. Era muita coisa pra negociar.⁷²

Percebe-se que naquela época, além do comércio pulsante, era também bastante diversificado. Os dois primeiros armazéns citados negociavam com miudezas, e o último, com material de construção. O comércio de açúcar da rua João Pessoa e em seu entorno, foi um dos grandes responsáveis pela presença de muitos carregadores naquele espaço, uma vez que, tudo indica que foram esses armazéns que mais necessitaram dos serviços de cabaceiros naquele contexto. Acerca disso, seguem relatos de ex-carregadores.

Era um movimento da muleta na rua Suassuna que tinha dia que tinha 30 chapa trabalhando, os lotes eram tão altos que não fazia escada com os sacos de açúcar pra completar os lotes lá em cima. Hoje ali tem diferente, tem umas lojas de venda de carro e moto, mas antes ali era quase tudo depósito de açúcar. Era chamado o Beco do açúcar.⁷³

E outro que também menciona sobre a importância da comercialização do açúcar para o ofício de chapeado.

Trabalhei ali quase trinta anos. Trabalhei muito ali em Arthur Freyre, no açúcar, quando era novo. Duas ou três vezes foi de carteira assinada. Ali no Beco do açúcar era ruim, mas tinha uma vantagem, a gente ganhar dinheiro, nesse tempo eu era novo. Quando o pai morreu, seu filho, Pedro Freyre deu fim à Usina lá pronto, cámos fora. Depois do fim do açúcar, parece que o trabalho de chapa desandou, sei o que foi isso não.⁷⁴

É interessante enfatizar que ambos os carregadores, lembraram com bastante entusiasmo e satisfação suas experiências quando trabalharam no açúcar. A todo momento comparando o antes e o agora, procurando nos fazer entender que o trabalho de chapeado está com os dias contados para deixar de existir. Todos os indivíduos nos levam a acreditar que de fato, o fim da comercialização desse produto nas imediações da rua João Pessoa, foi um divisor de águas para muitos carregadores de Campina Grande, especialmente aqueles que por muito tempo fez daquela rua, seu ambiente de subsistência. Acerca dessa questão, percebeu-se através de relatos e com muita frequência,

⁷¹ Hotel e/ou hospedaria localizada na rua 07 de Setembro, tendo funcionado até os anos 90.

⁷² Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015.

⁷³ Antônio Augusto de Souza. Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015.

⁷⁴ Marcos Antônio da Rocha. Entrevista concedida ao autor em: 05/09/2015.

men'pes do tipo: 'no tempo do a'βscar, 'Beco do a'βscar_ e 'epoca de Arthur Freyre_. Sinais e vest'gios de que entre os anos de 1980 e 1990, a din'mica e as possibilidades de trabalho, foram bem mais atrativas quando a circula'2o e comercializa'2o do a'βscar dominava grande parte de uma das principais @reas de influ_ncia comercial da cidade.

A usina de a'βscar do comerciante e empres@rio Arthur Freyre, localizada na rua Padre Ibiapina, popularmente conhecida como 'Beco do A'βscar_, foi uma das empresas, 'epoca, que movimentou as imedia'pes da rua Jo2o Pessoa, aquecendo o of'cio de cabeceiro, com os servi'os de carga e descarga. Portanto, durante os idos de 1980 e 1990, foi local de passagem obrigat'ria de muitos carregadores que saiam pelas ruas ' procura de trabalho. O A'βscar Marilβz⁷⁵, de Arthur Freyre e cia, cotidianamente, carregava ou descarregava caminh'pes de a'βscar nas imedia'pes da rua Jo2o Pessoa. O a'βscar que vinha do Rio Grande do Norte ou de Pernambuco, chegava em Campina em forma de pedras grande, era um a'βscar bruto, 'cristal_, necessitando, pois, ser triturado e refinado, para s'edepois ser comercializado no varejo. Era esse processo que quase todos os dias era feito na refinaria. Segundo afirmou o ex-cabeceiro Marcos Ant'nio da Rocha,

era tanto caminh'2o naquelas ruas que tinha que chamar mais de dez ou quinze homem para d@conta. E ainda tinha vez que n'as amanhecia o dia ali descarregando a'βscar, quando o dia ia clareando, s'era cai por cima dos fardo de a'βscar e dormia l@mesmo. Descansava e voltava a pegar de novo. Era roj'2o naquele tempo. Era tanta a'βscar por cima da gente que ficava um monte de abelha querendo picar a gente. Era carregando a'βscar e as abelha atr@. At' hoje se voc_ olhar no ch'2o l@da rua, voc_ vai ver todo escuro e sebos. Ali ' o tanto de a'βscar que foi caindo e deixou daquele jeito⁷⁶.

Vale ressaltar que o setor do a'βscar nos idos de 1980, n'2o foi exclusividade apenas do com'rcio situado no 'Beco do A'βscar_, mas foi o mais destacado e lembrado pelos carregadores entrevistados⁷⁷. E ainda hoje, quando o assunto em pauta se refere ao com'rcio de a'βscar, logo se faz refer_ncia, ao

⁷⁵ Foi uma refinaria de a'βscar localizada no centro de Campina Grande, mais especificamente na rua Padre Ibiapina, um beco estreito situado entre a rua Jo2o Pessoa e a rua Jo2o Suassuna. A refinaria funcionou at' finais dos anos 90, e ainda hoje o local ' conhecido como o 'Beco do A'βscar_, uma refer_ncia direta ao espa'2o apertado da rua, com o promissor e destacado com'rcio de a'βscar, que ali se estabeleceu por d'cadas.

⁷⁶ Entrevista concedida ao autor em: 05/09/2015.

⁷⁷ Durante a d'cada de 1980, ainda funcionavam rua Jo2o Pessoa, a firma 'J. Roberto & cia Ltda_ e a 'Usina Santa Maria S/A_. Ambas comercializando a'βscar.

o beco, onde funcionou a refinaria. Os rastros do trabalho frenético e repetitivo, de encher e esvaziar caminhões de açúcar, estão inscritos no chão das ruas, ainda hoje, sujas de açúcar, que possivelmente escorriam dos corpos suados de cabeceiros. Evidências do árduo trabalho, do esforço e das tensões de homens que se tinham a força física para conseguir o sustento. Nas ruas de Campina Grande, o suor de cabeceiro na argamassa do seu calçamento.⁷⁸

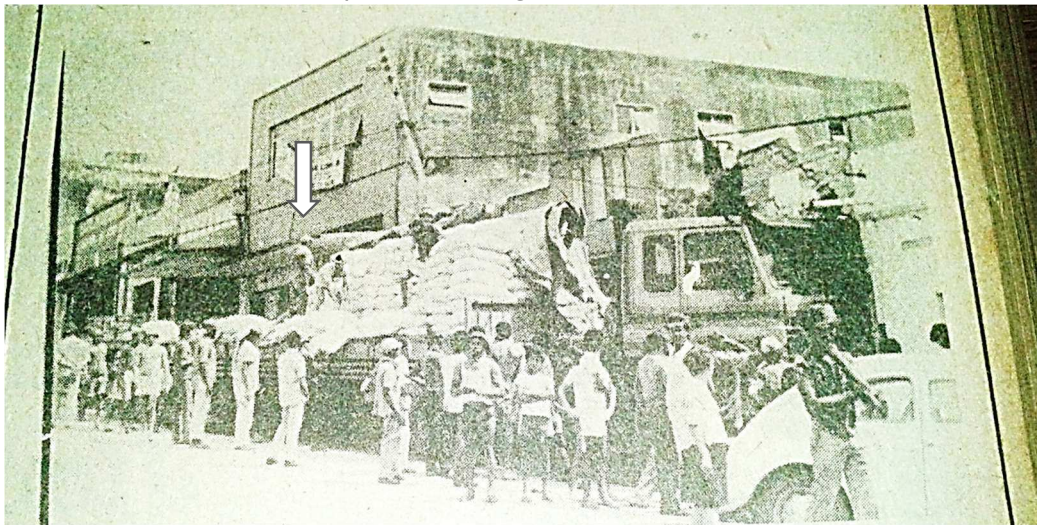
As marcas do trabalho de chapeados estão espalhadas e registradas, sejam nos armazéns, nos calçamentos das ruas, ou nas memórias de passantes que presenciaram ruas repletas de homens correndo com um saco na cabeça, na diligência, na presa, na brincadeira e no interesse de terminar um serviço para pegar outro. Dessa maneira, é de imaginar que as cenas de chapeados trabalhando, fazendo algazarras em grupos, falando alto, chamando o colega pelo apelido, tomando café em ambientes mais populares, ou uma pinga, para esquentar o sangue⁷⁹, e até mesmo se envolvendo em confusões por motivos frívolos⁸⁰, se repetiu por várias vezes na rua João Pessoa, nas feiras e em tantos outros lugares por onde se espalhavam em busca do trabalho. Abaixo, segue uma imagem da época, certamente quando a presença de cabeceiro pelas ruas de Campina era mais frequente.

⁷⁸ Ideia parafraseada do livro de João do Rio, quando o autor se referia "queelas "profissões pequenas" que procuravam ganhar seu ganha-pão nas ruas do Rio de Janeiro. Ver João do Rio. A alma encantadora das ruas. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p 20.

⁷⁹ Em entrevista concedida ao autor em: 18/12/2008. A expressão "do cabeceiro", Sebastião Martins de Araújo (Biu), quando dizia que gostava de beber uma dose de cachaça para "esquentar".

⁸⁰ Esta cena foi bastante comum entre os anos de 1920-1940. Para o historiador Fábio Gutemberg, era costume entre os carregadores, fazerem tumultos na rua João Pessoa. Cf: SOUSA, Fábio G.R. Bezerra de. Território de confrontos: Campina Grande 1920-1945. Campina Grande; EDUEFG, 2006, p. 38 a 40.

FIGURA 5 - Chapeados descarregando a´scar na rua Presidente J o²o Pessoa.



Fonte: Setor de Documentao em História Regional. DB. 15-08-1982.

Essa imagem  um recorte de uma matéria do DB do dia 15 de agosto de 1982. A inteno do registro do jornal foi tão somente informar, que um caminhão que estava parado, `saiu de marcha e desgovernado chocou-se com o prédio. A propósito, o fato  que, a imagem flagra um caminhão carregado de a´scar na rua J o²o Pessoa, provavelmente uma cena muito comum, uma vez que, como já dito antes, a venda e a compra desse produto, fortalecia o comércio de Campina  poca. Antes do acontecido, o caminhão da imagem, uma Scânia Tx-2176, estava estacionada em frente a um armazém, o qual segundo a reportagem tratava-se da firma J. Roberto & cia Ltda. Local onde estava acontecendo o descarrego do a´scar.

A respeito desse mesmo estabelecimento, temos informaes do ex-chapa, Antônio Augusto de Souza, que nos conta; `era o depósito de Roberto, ali também tirei muita mercadoria de caminhão, mais a´scar, n? Era movimentado também, mexia muito com a´scar⁸¹.

A afirmao do ex-carregador, que diz ter conhecido, e ainda trabalhado no local citado na matéria, nos possibilita pensar que o estabelecimento em questão, parecia ser mais um daqueles armazms movimentados da rua J o²o Pessoa, que por sinal, tinha o hábito de recorrer aos serviços de chapeados,

⁸¹Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015. Neste momento da entrevista o chapeado falava da refinaria localizada na rua Padre Ibiapina (`Beco do a´scar), em seguida, menciona o armazém J. Roberto e Cia Ltda. Um ponto comercial, segundo a impressão deste carregador, bastante conhecido e movimentado da rua J o²o Pessoa.

uma vez que, foram vários momentos que o cabeceiro diz ter descarregado mercadoria naquele ponto comercial.

Olhando para a imagem, podemos identificar alguns cabeceiros, que possivelmente eram os mesmos que descarregavam o caminhão, quando a imagem foi congelada por uma câmera fotográfica. Em cima do caminhão enxergamos quatro chapeados, destaque para o que está quase de costas para a imagem, um autêntico homem de feição para o trabalho braçal, corpo excessivamente forte, lembrando bem as características físicas de trabalhadores cabeceiros de décadas passadas. Nota-se que os braços largos e roliços, parecem não se juntar com o corpo. Apesar da pouca qualidade da imagem. Um verdadeiro Superman, como bem comparou o escritor e jornalista, Bráulio Tavares, em um breve texto sobre o cotidiano dos chapeados de Campina⁸².

Ainda na imagem, é possível identificar mais carregadores. Percebe-se que estão mais próximos deles que parecem sair do fundo da carroceria do caminhão, vê-se um homem sem camisa e de chapéu, que caminha como se pretendesse vir para o centro da imagem, e atrás dele, outros dois, seguindo-lhe, como se andassem em fila indiana, ambos, também nus da cintura para cima. Um outro que está de camiseta branca, short curto e com chapéu na cabeça, exatamente ao lado do menino que está com os braços cruzados. Este, não é tão musculoso, mas de corpo definido, como de um atleta.

Assim como as impressões dos chapas entrevistados, a imagem é uma clara evidência da grande presença de carregadores na rua João Pessoa e no seu entorno. É interessante observar, que nem todos os chapeados que aparecem na imagem, estavam prestando serviço ao dono da carga do caminhão, por isso, não era comum e nem necessário, oito homens para realizar o descarrego de apenas um caminhão. Muitos deles que ali estavam, talvez vieram de outros locais ou de outros serviços, parando ali por curiosidade, devido ao acontecimento. O que revela, pois, que na rua João Pessoa daquela época, de fato, existiram muitos pontos de encontro, sobretudo de trabalho para esse ofício, que certamente, foram diminuindo a cada dia.

⁸²Acessar: <http://mundofantasma.blogspot.com.br/2008/07/0469-precisa-se-de-chapeados1992004.html> neste blog de Bráulio Tavares, intitulado, `Mundo Fantasma`, encontra-se disponível para leitura, um texto de título: `Precisa-se de chapeado`, onde o autor relembra estes trabalhadores.

Destarte, definitivamente, a imagem construída pelos cenários de recordações que cruzam com os relatos dos cabeceiros, quando estes lembram de áreas importantes para seu trabalho, como o exemplo da rua em questão. Espaços como estes, são transformados em lugares cheios de significados e memórias. Estas são memórias coletivas que recordam todo o grupo, e não apenas um único trabalhador. De maneira direta ou indireta, as impressões de um chapeado, são também partes de lembranças de toda a categoria que juntos construíram a própria identidade de ser chapeado. Os relatos individuais, validam, pois, a história do grupo.⁸³ Muitos trabalhadores chapeados entendiam aqueles espaços como os mais importantes para a existência do seu ofício.

A força dos seus relatos, que tenderam a setORIZAR os locais de trabalho entre a Feira Central e rua João Pessoa, bem como a recordação mais especificamente daqueles armazéns que negociavam com o açúcar, possibilita-nos pensar que estes trabalhadores já começam a depender de certos locais e estabelecimentos para se manterem trabalhando, evitando se deslocarem rua acima ou abaixo, em procura do sustento.

2.5 SOBRE AS LEMBRANÇAS

Vale ainda tecer considerações a respeito do contexto presente, de quando estes trabalhadores relataram suas impressões. Pois, por mais nítida as lembranças do passado, não é o mesmo que estes trabalhadores viveram, de modo que, situações do tempo presente, naturalmente são distintas do passado recordado. E eles mesmos, enquanto sujeitos históricos, já não são os mesmos, e seu passado é apreendido a partir do que veem do presente.

Portanto, suas narrativas sobre os lugares, o trabalho e também sobre suas experiências, não correspondem ao real vivido. Sobre o exposto, (BOSI,2004) afirma que:

Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, a lembrança, é uma imagem

⁸³Para o sociólogo Maurice Halbwachs, a memória é sempre construída coletivamente, portanto, impossível que haja uma memória essencialmente individual, já que as lembranças dos indivíduos são construídas a partir da relação de pertencimento a um grupo. A memória coletiva, para este autor, desempenha papel crucial no processo de construção histórica. O sociólogo francês, ainda admite que um número enorme de lembranças reaparece porque os outros nos fazem recordá-las. Daí a importância da memória coletiva. Ver: HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006, p.41.

construída pelos materiais que estão, agora, – nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual⁸⁴.

Dessa maneira, as narrativas dos carregadores, ao representarem situações de um jeito ao invés de outro, seja sobre o mundo do trabalho na cidade, ou como compreenderam o que é ser um chapeado, são resultados de falas que remetem a um passado, mas que sofrem influências do presente. Assim, lugares de trabalho, tornam-se espaços que evocam memórias entrecruzadas entre passado e presente. Como assim recordou o chapa sobre a rua João Pessoa:

Era na Rua João Pessoa que as coisas aconteciam, tudo no mundo dentro de Campina, que se tinha de resolver, tinha que passar nessa rua. Vai lá na Rua João Pessoa que você encontra. Era assim que o povo falava. Será que a rua dominava tudo? E ainda tem seu movimento, viu. E grande! Mas para quem é cabeceiro, acabou-se foi tudo⁸⁵.

Os lugares de trabalho dos carregadores, revisitados a partir de suas falas, desenham espaços por onde transitavam, se divertiam e trabalhavam, locais hoje modificados e profundamente destinados a outras configurações, sobretudo no que diz respeito ao mundo do seu trabalho. Os carregadores, testemunham mudanças na dinâmica e nas ofertas de trabalhos de áreas historicamente reconhecidas, como a rua João Pessoa.

É pertinente salientar, que mesmo no relato de ex-cabeceiros, percebe-se, em suas falas, uma desesperança para com o ofício, devido a perdas das boas e diferentes oportunidades que existiram antes, e que hoje, acabou-se foi tudo. Esse desânimo também foi descrito sobre a Feira Central.

Hoje em dia não, você, vê, que já tá mais parado, você tem tempo até de dormir às vezes, que antigamente não existia isso, só tinha tempo de chegar mesmo pra comer o serviço. Isso daí fica na lembrança da gente porque a gente ganhava muito dinheiro. Teve gente mesmo aqui que construiu casa só com o descarrego, fora o salário fixo. Ai isso daí fica na lembrança da gente. E a coisa de ruim é que caiu o movimento, né? E a gente sempre fica pensando que não vai voltar o que era antes. Ai é difícil pra gente ver isso daí: como era o movimento de antes e como é hoje. Quem chegou agora há pouco não viu o movimento, mas quem já é antigo nesse trabalho e sabe do movimento

⁸⁴ BOSI, Ecléia. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. 11ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2004, p. 55.

⁸⁵ Manuel (vulgo Bigode), cabeceiro de 55 anos. Trabalha nas imediações da rua João Pessoa há mais de 25 anos. Entrevista concedida ao autor em: 26/08/2015.

todinho fica triste um pouco por causa disso da°. SÆna vontade que tudo volte como era antes⁸⁶.

Este ¶ um relato de um chapeado, que na data da entrevista concedida, ainda exercia o ofºcio. Joºo Francisco da Silva, de 39 anos, afirmou ter come´ado a trabalhar como chapa, ainda quando era adolescente para ajudar com as despesas em casa. Ao lembrar da feira, diz se sentir triste pelo fato da feira n²o ter a dinºmica de antes. Quem foi chapeado, diz ele: `sabe do movimento todinho_. A importºncia de ser cabeceiro, parece fazer mais sentido para este carregador, quando recorda a Feira do passado, lugar de facilidade para tirar, a partir do descarrego, o sustento diºrio. E cita exemplo de histºrias de sucesso de outros chapeados, que gra´as aqueles tempos de muita oferta de trabalho, conseguiu construir a casa prªpria. Hoje uma possibilidade inviªvel, como talvez o fosse antes tamb¶m, jªque a maneira de falar revela indºcios de exce´o, um caso ¶ parte. Nenhum dos carregadores entrevistados mora em casa adquirida por eles prªrios. Nos relatos, tamb¶m parecem construir cenºrios de um tempo, nomeado de `antigamente_, que procura valorizar o ofºcio enquanto participantes ativo daqueles ambientes de grandes movimenta´es. Logo, chapeados vistos como trabalhadores proeminentes e fundamentais para o desenvolvimento da cidade, como assim entendeu o cabeceiro Antªnio Felix Ferreira,

os chapas tamb¶m eram dªhora. Era amontoado de cabra pra lªe pra cªagitando o com¶rcio todo. Era muita gente, e os chapas n²o ficavam atrªs. Porque se pensar, era uma profissªo que tinha de ter ali. Senªo os negªcios n²o girava⁸⁷.

§ interessante perceber que o carregador fala como se fosse um `porta voz_ do grupo, ao defender a importºncia do ofºcio. O relato parece expressar tamb¶m, sentimentos de reconhecimento social enquanto categoria de trabalhadores ¶teis para o mercado e para a cidade. As impressªes do relato acima, n²o sªrevelam sinais sobre o reconhecido e forte com¶rcio de Campina, como tamb¶m demonstram a relevºncia dos servi´os de chapeado, os quais, sem estes, `os negªcios n²o giravam_. Logo, se por um lado os carregadores

⁸⁶ Entrevista concedida ao autor em: 13/04/2009.

⁸⁷ Entrevista concedida no dia 19/10/2014. O chapa de 54 anos, ainda exerce o ofºcio, e ¶ mais conhecido como `ceguinho_. Trabalha `fixo_ na rua Quebra Quilos, prªximo ¶ Feira Central.

dependiam do comércio para subsistir, o próprio comércio, ao requisitar constantemente seus serviços, demonstra que o setor de cargas e descargas, ainda dependia muito das atividades de cabeceiros.

Se o contexto da cidade onde habitaram os carregadores, foram lembrados por eles mesmos, como um período de comércio pujante e próspero para o ofício, os motivos não dizem respeito apenas à existência das ruas e dos estabelecimentos específicos, como por exemplo, os armazéns de açúcar na rua João Pessoa ou a movimentação constante da Feira. A necessidade do ganho diário e as maneiras como estes chapeados se submeteram para se adequarem enquanto trabalhadores de feição essencialmente do pesado, apontam para as diversas formas de resistências e tensões vivenciadas no ambiente de trabalho.

2.6 POR UM TRABALHO MAIS LEVE?

Estar trabalhando ou desempregado, não só as condições físicas a definir como de fato viveram cabeceiros na Campina dos Índios de 1980. Os momentos de sociabilidades, importantes na construção das identidades, sobretudo enquanto trabalhavam, foram também indícios que permitiram acessar o mundo dos carregadores a partir de pontos de vistas diferentes. Os serviços de chapeados, ora representados como degradantes, cansativos, penosos, também se caracteriza como uma atividade regrada por diversão, brincadeira e satisfação quando praticadas em grupo. Como assim ficou evidente em relatos.

Eu acho assim; aqui é um bocado de guri, sabe? Um monte de guri. Um come à a brincar com outro e com outro, sabe? Porque a vida aqui é igual no colégio e na escola. Nunca deve esquentar com brincadeira, a gente tem que levar tudo na grãa. É como um bocado de guri mesmo. É igual os meus filhos, um come à a tomar o brinquedo do outro, a o outro se quer aquele brinquedo. É igual a gente mesmo, um come à a brincar com o outro, dá tapa no outro, pouca hora joga aquela turma tudo junto de novo. É uma resenha, é bom demais home, a gente volta a ser criança de novo, é bom demais! Com alegria a gente vai levando. A gente às vezes chega aqui com raiva a o come à a brincar, a o pronto, já passou a raiva.⁸⁸

⁸⁸ Luciano Ferreira (mais conhecido como Xibiu). Entrevista concedida ao autor em 14/05/2010. Na época da entrevista afirmou ter 39 anos de idade. Este carregador, apesar de trabalhar nas imediações da feira, é um chapa "andarilho" que não para quieto.

E de maneira condizente, temos o relato do carregador, João Francisco da Silva, que nos conta:

Todo mundo trabalha brincando e rindo por aqui. Falando do outro, fazendo graça um com os outros. A gente já se conhece. Você pode ver que ninguém esquentava com as brincadeiras. A resenha é grande. Segura o saco negro. Que foi? A mulher botou pra dormir no sofá (risos) Cada qual brinca da sua maneira, entendeu como é? A gente chega a esquecer do trabalho, porque o trabalho é pesado pra quem não é acostumado. Mas a gente já é acostumado. É como um emprego normal. Se fosse pra gente trabalhar numa firma sem ser aqui na rua, eu não queria porque você não recebe dinheiro por mês. E aqui todo dia a gente tem dinheiro no bolso. Todo dia a gente pega em dinheiro. Pra mim eu acho muito bom. Não é pesado não. E os meninos aqui todos gostam. Eu já acostumei aqui demais⁸⁹.

É curioso notar que ambos os relatos, ao mencionarem o momento do trabalho, demonstram comportamentos de alegria, animação e brincadeiras no grupo. Como se fossem um bocado de guri. Muitos recordam e valorizam as brincadeiras, como se procurassem experimentar mesmo que por alguns instantes, a sensação de ser criança, de poder brincar e rir espontaneamente, esquecendo que estão diante de um árduo trabalho. Nas entrevistas, sem exceção, o tema infância os deixava calados, sem graça e introspectivos, os relatos foram curtos, secos e diretos:

‘Eu não sei o que é infância’, afirmou o chapeado Argemiro Filinto dos Santos⁹⁰. ‘Pra mim eu não tive infância’, disse o carregador Antônio Félix Ferreira⁹¹. João Aldo Bezerra Firmino expressou, ‘nunca ganhei um presente’⁹². Enquanto que o cabeceiro Antônio Augusto de Souza, admitiu, ‘Não tive condições de ter infância’⁹³.

Indícios claros de que essa fase da vida foi ocupada pela necessidade do trabalho.

As atitudes amenas, tomadas por brincadeira no local de trabalho, a pilhéria e a piada constantemente feita com o colega, caracterizando o jeito moleque e malandro dos carregadores, advém, em grande medida, das próprias condições que esse tipo de trabalho foi impondo-lhes ao exigirem desde muito cedo um conhecimento antecipado da cidade e das ruas. Portanto, obrigando-

⁸⁹ João Francisco da Silva. Entrevista concedida ao autor em: 13/04/2009.

⁹⁰ Entrevista concedida ao autor em 30/03/2015.

⁹¹ Entrevista concedida ao autor em 19/10/2014.

⁹² Entrevista concedida ao autor em 21/09/2014.

⁹³ Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015.

os a se defenderem, disputarem espaços, estejam alertas e sociáveis a todo instante. Para compreender a psicologia das ruas, disse João do Rio ao tratar sobre os populares que faziam dela seu meio de vida, « preciso ter espírito vagabundo e curioso⁹⁴, como se essas características fossem qualidades fundamentais, para quem das ruas, tivesse que subsistir cotidianamente.

As impressões de carregadores sobre os momentos de trabalho, tal qual o exposto, possibilita-nos ver outras visões sobre a realidade do ofício. O significado que dá aos lugares em que estão acostumados a trabalhar, bem como aos círculos de amizades que neles são constituídos, parecem amenizar as tensões, próprias das ruas por onde se deslocam os carregadores em busca do sustento diário. As práticas cotidianas, conforme diz Certeau, são as «maneiras de fazer»⁹⁵, pelas quais os sujeitos se apropriam criativamente dos espaços sociais, transformando as próprias ruas numa extensão dos espaços de sociabilidades e divertimentos.

Assim sendo, no mundo dos chapeados, existe uma relação terna entre o momento que estão executando as atividades com os instantes de distração, nutridos por assuntos de conversas sobre família, trabalho, futebol, sonhos, anseios e tudo mais que seja comum ao seu convívio ou não. A sociabilidade construída e praticada no ambiente de trabalho desenvolve maneiras próprias de perceberem, a partir de suas realidades, as condições que lhes são impostas, seja no ambiente de trabalho ou fora dele. São gestos e práticas que fazem parte do que é ser um cabeceiro, e como são compreendidos enquanto trabalhadores braçais.

§ por esse processo mental de abordagem que o espaço (de trabalho) se transforma em lugar, ou seja, portador de um significado e de uma memória, como lugar e obra coletiva do homem conforme é a cidade que, para Pesavento⁹⁶, é vista a partir da sociabilidade, comportando atores, relações sociais, personagens, grupos, práticas de interação e de oposição.

Embora não existam conhecimentos formais ou cursos a formar profissionais chapeados, existem no mundo dos carregadores, assim como em

⁹⁴ JOÃO DO RIO. A alma encantadora das ruas Ed especial - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p.21.

⁹⁵CERTEAU, Michel. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: SZMRECSANYI, Maria Irene (org.) Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano (Anais do Encontro). São Paulo: FAU/USP, 1985: 3-19

⁹⁶PESAVENTO, Sandra Jatahy, Revista Brasileira de História, vol.27, nº 53 junho de 2007, p.14.

todas outras `profissões, aqueles mais habilidosos e conhecedores do ofício. Essa diferença é constatada a partir do tempo de serviço, do conhecimento adquirido no grupo, da confiança estabelecida, dos feitos realizados e até do carisma particular de cada trabalhador. A categoria dos cabeceiros vai se constituindo a partir de suas experiências empíricas, aprimoradas cotidianamente.

No campo de trabalho, os carregadores estabelecem relações de forças entre eles. Aqueles mais antigos e influentes em determinados pontos da cidade, são os mais procurados para trabalharem e, portanto, têm o respeito maior do grupo, principalmente quando aparecem serviços maiores, como por exemplo, dois ou três caminhões para (des)carregar, logo, necessitando de mais mão-de-obra. Neste caso, geralmente, o responsável por contratar os carregadores, é justamente aquele chapeado mais popular, o qual, é procurado pelo `patrão (dono da carga), e este delega ordens para formar uma equipe de carregadores suficiente para a execução da tarefa. A partir daquele momento, até o fim do serviço, o chapeado detentor desse poder momentâneo é chamado pelo grupo de `comandante. Sobre esse assunto, explicou o cabeceiro Antônio Felix Ferreira:

Quem empreita o serviço é o cabeça, é o comandante. Por exemplo, o motorista tem uma entrega pra fazer, a ele chega e empreita o serviço por 140 conto. A eu arrumava mais dois trabalhador pra ajudar. Quando terminava, o pagamento era comigo, porque eu que empreitei, eu era o cabeça. Era 140 dividido pra 3, não? Agora tem muito chapa que come nas suas costas. Empreita o trabalho e não o reparte certo o dinheiro. Assim, 200 conto, pra 4 trabalhador, a ele são 40, por exemplo. O resto ele come. Já perdi muita xilha na Rua Quebra Quilos. Agora quando você empreita o serviço e pede mais do que vale, vamos supor, vale 150 e você pediu 200, a ele combina antes de começar o trabalho. Fulano, tem um descarrego ali, e é 30 conto pra cada. A não importa, o resto é seu. Você que é o comandante e ainda aumentou o preço em cima do que valia, assim tá certo.⁹⁷

O status de `comandante é um, dentre vários atributos e particularidades que identifica no mundo dos carregadores uma cultura própria do ofício, naturalmente construída por eles. O `jogo de cintura para combinar preços, o conhecimento sobre quanto vale cada serviço a ser executado, a negociação, o alerta para não perder a xilha⁹⁸, são maneiras que vão caracterizando como os chapeados atuam e se identificam enquanto tal.

⁹⁷ Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014.

⁹⁸ Expressão comum usada por chapeados, que significa, `ter algum proveito quando estão prestes a conseguirem algum trabalho. Ganhar ou perder uma xilha, é o mesmo que ganhar vantagem ou perder uma

O chapeado, quando está `comandante_, ele usa daquela condiç²o, para tirar proveito, se possível dos próprios colegas de trabalho. Esse modo de proceder, demonstra, que mesmo nas relações entre as pessoas comuns, anônimas e de mesmas condições sociais e econômicas, uma sobrepuja outra. Esta abordagem, lembra ideias de estudiosos que já atestavam, que as relações de poder estão por toda parte, por isso mesmo provocam relações diversas, não estando o poder em pontos fixos como numa instituição, mas nas relações sociais existentes⁹⁹.

Entretanto, no relato acima, quando o chapa diz: `Assim está certo_. Percebe-se que o carregador reprova a atitude daqueles chapeados `comandantes_ que `comem_ o dinheiro dos colegas de trabalho. Achando mais correto tirar algum proveito na hora de negociar com o dono da carga, aumentando o valor do serviço além daquilo que vale. Que fique bem claro, que mesmo procedendo dessa maneira, o propósito deste carregador não é unicamente poupar e ser justo com os companheiros de ofício, por isso, vale salientar que, muitos chapas que hoje são escalados por um `comandante_ para trabalhar, amanhã ou depois, estarão `contratando_ aqueles que estiveram na condição de `comandante_. Esse rodízio, permite maiores números de carregadores compreenderem as `artimanhas_ que podem ser acionadas por outros cabeceiros para tirar algum proveito. Dessa maneira, entre si, as possibilidades de vantagens são diminuídas, mas não impossíveis de acontecer.

No cotidiano dos carregadores, existem práticas de resistências¹⁰⁰ evidentes, muitas destas são respostas às condições do trabalho, as situações de baixo poder aquisitivo, a falta de oportunidades acompanhadas aos baixos níveis de instrução formal, técnica ou profissional, ausentes na vida da maioria

vantagem, no que diz respeito ao trabalho, que está realizando, ou que ainda serão executados. Exemplo: se na divisão do pagamento, após o trabalho realizado entre os carregadores um deles recebeu menos e por isso o outro ganhou mais, então diz-se que o um perdeu a xíla para o outro que ganhou a xíla. Da mesma forma é empregado quando um cabeceiro toma o lugar de outro num trabalho qualquer. Nesse caso, o que perdeu a vaga de trabalho, diz: fulano pegou uma xíla que era minha ou `comeu minha xíla_. A prática é comum, mas tem deles que abomina quem pratica a xíla.

⁹⁹ FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organizado e traduzido de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

¹⁰⁰ O conceito de resistência está aqui entendido como micro resistências praticadas sem pretensões revolucionárias, partidárias ou mesmo classistas. Portanto são resistências praticadas por trabalhadores comuns que procuram modificar, através da criatividade e inventividade, os espaços da cidade e o cotidiano do ambiente de trabalho mais por necessidade de sobrevivência. Nesse sentido, um conceito mais próximo das `maneiras de fazer_ de Michel de Certeau que acredita que as resistências partem da criatividade/inventividade dos mais fracos, possibilitando assim um cotidiano ordinário e alternativo.

dos homens, que por (des) ventura, tiveram que carregar peso sobre suas cabeças para sobreviverem. Entretanto, estas situações não paralisam o cotidiano dos sujeitos transformando-os em seres passivos, subservientes e sem reação.

Logo, a realidade das duras rotinas dos carregadores é por eles compreendida. Estes parecem ter consciência dos esforços excedentes que fazem no trabalho, e não são, por isso, recompensados. Observam o tempo que estão no trabalho, mesmo sem estar trabalhando, como se fizessem críticas a tal situação. Desse modo, ao demonstrar consciência sobre o que acontece ao seu entorno, procuram alternativas de acordo com suas possibilidades e criatividade.

Não é que o chapa é besta. Quando alguém queria passar a perna em mim eu sabia. Mas na verdade tinha serviço em armazém que varava a madrugada e nada mais do recebido pelo descarrego. E no serviço fixo era que era coisa, porque não entrava de sete da manhã e saía de seis e meia, já noitinha. Armazém que trabalhei mesmo não fechava pra almoço. Isso quando não ficava até as madrugada trabalhando, como aconteceu várias vezes, muitas vezes, não! Muitas vezes. [...] a saída que tinha mesmo era distração num jogo de dominó eu andava pela feira, sempre pra escapar um tempo do armazém. Tinha as horas certas que dava pra você, dá uma fugida, na hora que o patrão tá ali distraído e não tem nada pra fazer no armazém. E ele pensa que a gente foi comprar cigarro. E quando a gente demorar muito, acaba comprando mesmo que é pra ele perceber que saiu mesmo pra ir comprar. Você chega logo com a carteira de cigarro na mão que é para ele ver. [risos]. Teve vez de sair e voltar e ninguém notar, agora tem um detalhe, pra isso, deve sair sem ninguém ver a hora, porque assim nunca vai saber se demorou.¹⁰¹

No momento da entrevista, este chapeado diz não gostar de falar desses assuntos, porque segundo ele, tem um lado errado nessa história. Por outro lado, afirma, era a maneira que achava para afogar do serviço. Justificar os atos, esteve quase sempre presente nas falas dos carregadores entrevistados, sobretudo quando relataram situações que pudessem macular sua imagem de trabalhador honesto, diga-se de passagem, muito defendida por todos. No relato, percebe-se que o cotidiano do trabalho não se tornava desgastante naqueles momentos, pelo fato de estarem carregando peso. A sensação que nos parece - quando detectamos no relato, verbos do tipo: saída, distração, escapar e fugir

¹⁰¹ Entrevista concedida ao autor em: 12/07/2013. Até a data desta entrevista, este trabalhador, que preferimos não revelar o nome, já que entendemos que parte do relato o expõe, trabalhou nas imediações da Feira Central por mais de 20 anos. Ele nos contou que sempre trabalhou como "carregador". Os grifos são nossos.

s² o indºcios de necessidade, que ora tinham de retirar-se, mover-se, ausentar-se e principalmente, permitir-lhe instantes para jogar, fumar, andar ou brincar.

§ pertinente lembrar que os carregadores, como j® aludido, n² o se reconhecem enquanto classe de trabalhadores com propósitos definidos, que seguem tendências ideológicas, políticas ou sindicais, as quais, portanto, teriam meios e causas estabelecidas para resistirem, por exemplo, as madrugadas trabalhadas, as atividades realizadas fora das competências, ou mesmo, o menosprezo sofrido pelo simples fato de desempenharem determinado ofício.

2.7 SOBRE A IMPORTANCIA DE FAZER-SE CONHECIDO

A resistência dos carregadores, se manifesta graças a sua inventividade e criatividade cotidianas, que mata o tempo do trabalho para `escapar` da rotina do ofício. Essa invenção, segundo Michel de Certeau¹⁰², se apresenta, pelo que ele chama de `artes de fazer`, `astúcias artimanha`, `táticas de resistência`, as quais vão modificando os objetos e os caminhos, instaurando uma (re) apropriação dos lugares e do uso a maneira particular de cada um. As análises históricas do cotidiano pensadas por esse autor, referem-se ao cotidiano como um local de `micro resistências` que criam `micro liberdades`, deslocando e subvertendo relações de poder, logo, entendendo o cotidiano como um reduto de resistências.¹⁰³

No que se refere ao mundo dos carregadores, as táticas são lançadas também quando está o em procura de arranjar algum serviço;

O chapa que não chapa de verdade sabe conseguir trabalho. Tem uns que ficava, coitado, com a cara pra cima, esperando alguém chamar, não fazia uma força de nada. Primeiro, você não pode ficar separado. Vai aqui, vai ali, volta de novo, vai estudando e olhando o movimento. Onde tiver carro carregado você para, procura, e aí fulano, de quem é esse carro? Chegou que horas? Tem chapa certo j®? É bem assim mesmo! Eu mesmo j®arranjei foi muito. Fico por ali, ajudo um, ajudo outro, faço um favor pra um, faço um favor pra outro, aí, quem tá lhe vendo, olhando sua disposição, sua vontade, se tiver serviço, que logo chamar você, entendeu? É ter o entendimento da coisa. Tinha vez mesmo que não aparecia o descarrego, mas na mão que eu dava a um e a outro, pra lá e pra cá eu ganhava uma gorjeta, um copo de suco, um café, um mate, um chapéu, uma sandália, tudo no mundo eu ganhava. Já era uma ajuda, não?¹⁰⁴

¹⁰² CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1

¹⁰³ Idem p. 174-177

¹⁰⁴ Entrevista concedida ao autor em: 30/08/2015.

A movimentação do ex-carregador Marcos Antônio da Rocha, que parece não parar de correr em procura de trabalho, nos conduz para um cenário de cidade dinâmica, onde se disputava o espaço das ruas, passo a passo, para arranjar ocupação. Logo, essa prática de percorrer o trecho, sinaliza para o fato de que, conseguir emprego de carregador, não foi tarefa fácil para todos. Pois, como dito no relato, muitos ficam com a cara para cima. Certamente, se referindo aqueles que não conseguiam trabalhos. O chapeado e antes de tudo um andarilho em busca do sustento, portanto, sai para o trabalho, mas não sabe se vai trabalhar. A tarefa cotidiana de ganhar as ruas em procura de trabalho, talvez fosse mais pesada para sustentar do que os próprios fardos que carregavam sob a cabeça.

Na luta diária em busca pelo serviço, o próprio cabeceiro, além de andar pelas ruas, cria possibilidades para encurtar o caminho do emprego. Pois, ao se tornarem pessoas conhecidas nos pontos centrais das cidades, principalmente das áreas movidas pelo comércio, utiliza-se dessa experiência ao seu favor, ao se movimentar pela cidade, vai estabelecendo contato com outros trabalhadores, caminhoneiros e donos ou responsáveis por estabelecimentos comerciais. Os carregadores compreendem que ser notados e reconhecidos em determinadas áreas da cidade, principalmente as mais favoráveis aos serviços de cargas e descargas, é parte importante na busca pelo trabalho. A medida que vão se socializando com as pessoas que estão próximas dos setores de seu interesse, estes vão adquirindo informações a respeito do ambiente, dos armazéns, dos horários que determinados estabelecimentos recebem mercadorias para assim serem descarregadas. Estas informações têm valor importantíssimo no mundo dos carregadores, e geralmente, são adquiridas a partir da desenvoltura de cada trabalhador.

Eu mesmo topava tudo. Você, tendo o conhecimento acaba vai, conhecendo as pessoas, você, desenrola as coisas. Eu sou analfabeto, mas Deus parece que me deu um dom. Eu sou conhecido demais nessa Feira Central. Eu fiz por onde, minha honestidade e meu trabalho o povo via. Também quando tinha serviço lá na ponta da rua, alguém me avisava que era pra eu ficar sabendo e pegar o serviço. Então vendo a? Era assim desse jeito. Conhecimento. Eu quero que você, faça um teste...faça um teste! Procure a dentro dessa feira, quem é Argemiro que foi cabeceiro, pra você, ver uma coisa. Eles vão dizer:

Argemiro!? Conheço demais homem. É desse jeito. Eu procurei fazer amizade com todo mundo aqui, não me intriguei de ninguém¹⁰⁵.

A fala desse ex-chapa, reafirma a importância da socialização que os carregadores estabeleciam no meio das ruas e nos locais de trabalho. Essa prática estratégica da comunicação, além de ajudar a conseguir o trabalho, fator crucial para os cabeceiros, também os tornavam mais vaidosos e cheios de satisfação, pelo simples fato de ganharem evidência e reconhecimento no meio dos seus pares. No relato acima de seu Argemiro, é claro a ideia de que o trabalho sempre viria de maneira mais fácil para aqueles chapas mais conhecidos e comunicativos. Toda essa aproximação, articulação e socialização na busca pelo trabalho, dependia da astúcia dos próprios carregadores, que dessa maneira iriam abrindo seus próprios caminhos.

Seguindo analisando o mesmo relato, é interessante notar que para este chapa, os melhores momentos sobre o tempo que trabalhou, referem-se às aquelas lembranças sobre as amizades construídas no local de trabalho e do reconhecimento que outras pessoas tinham por ele. Dessa maneira, quando o chapa esteve relatando, ele não se preocupou em pontuar questões comuns sobre seu ofício. Portanto, quando perguntado sobre as dificuldades do ofício e dos momentos que trabalhou carregando todo tipo de mercadoria, como: fardos de algodão, açúcar, farelo de trigo etc. Seu Argemiro, muda o foco e lembra, mais de uma vez, com empolgação e satisfação, das conversas com os amigos e de como as pessoas o tinham respeito naquela época.

O tempo que trabalhei nessa feira, eu tinha o dom de fazer amizade, nunca vi um negócio desse. Todos arroteava perto de mim. Todo mundo me conhecia aqui. Eu tenho orgulho até hoje disso, é por isso que ainda estou aqui na feira, deve ser (risos). Porque eu lhe digo, e as vezes nem eu entendo, como eu, um chapa que era, e o povo ter a consideração comigo do jeito que era. Mas eu tive minha honestidade e meu conhecimento também, e disso eu não abro mão¹⁰⁶.

Seu Argemiro parece espantar-se pelo fato das pessoas respeitarem e valorizarem um carregador, sinalizando que talvez não fosse comum tais atitudes no ambiente de trabalho. Para este ex-cabeceiro, o que parece deixa-lo orgulhoso do ofício, não foi o tanto de fardos que aguentou carregar de uma semana

¹⁰⁵ Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015. Seu Argemiro Filinto dos Santos é ex-chapeado.

¹⁰⁶ Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015.

vez, nem por ter sido conhecido como um dos braços mais fortes da rua. O que ainda hoje empolga seu Argemiro, é o reconhecimento e o merecimento por sua pessoa, mesmo sendo um chapeado. Por ser visto como uma pessoa honesta e íntegra, não é enquanto trabalhador chapeado, mas como qualquer outro cidadão. A maneira como o chapa relata suas lembranças sobre o mundo do trabalho, revela outros interesses que estavam além da possibilidade de arranjar trabalho¹⁰⁷. Os chapeados, embora convivessem cotidianamente praticando atividade sem qualquer valor social aparente, principalmente aos olhos do senso comum, eram atentos aos destratos, explorações e mudanças que ocorriam no campo de trabalho. Por isso mesmo procuravam inovar e reinventar-se para acompanhar os ritmos e as exigências que os locais de trabalho impunham.

É interessante perceber que a medida que a cidade e o mundo do trabalho mudavam a partir dos idos de 1980, muitas características e práticas dos carregadores também acompanharam seus ritmos. Os relatos dos chapeados mais novos e que estão em atividades, revelam realidades distintas, no que diz respeito às representações dos carregadores que já pararam de trabalhar ou que estão no fim de `carreira`.

Eu não sou chapeado, fui até uns dois anos atrás. Meu serviço agora é descarregar os carros cedinho lá na CEASA¹⁰⁸, depois vou embora. Eu prefiro ir longe pra trabalhar do que ficar girando. Isso não existe mais, ficar correndo atrás de um serviço feito doido. Por exemplo, eu apareço na rua Quebra Quilos, só na quarta-feira, é quando sei que tem serviço.¹⁰⁹

¹⁰⁷ Este chapa já não trabalha mais, portanto não anda correndo e necessitando encontrar serviço de carregador. Talvez por isso, defenda a ideia de que a amizade e a honestidade construída no passado, seja o principal motivo de ser lembrado e reconhecido nas imediações dos locais onde trabalhou. Provavelmente, no passado, muitos o reconheceram e o convidaram para trabalhar, graças a sua qualidade em exercer o ofício. De igual maneira, a importância do trabalho para o carregador, no momento quando se está procurando dele, é certamente mais valorosa. Percebe-se, pois, como os relatos de memória estão completamente entrelaçados entre o passado lembrado e o presente vivido. Improvável que se possa separá-los. Seu Argemiro talvez quisesse apenas lembrar de coisas boas sobre o momento que exerceu o ofício de chapa.

¹⁰⁸ Centrais Estaduais de Abastecimento, são empresas estatais ou de capital (público e privado), destinadas a aprimorar a comercialização e distribuição de produtos hortifrutigranjeiros. Ainda hoje, grande parte das frutas e legumes comercializados nas feiras livres e supermercados, advém desses centros de abastecimentos. Estes locais, são por excelência, pontos de encontros de carregadores em quase todos os lugares do Brasil. A CEASA de Campina Grande foi fundada em 1976, e está localizada no Bairro do Alto Branco.

¹⁰⁹ Entrevista concedida ao autor em: 30/01/2009. O chapeado em questão trabalhou nas imediações da Feira Central por muito tempo, geralmente na condição de `solto`. Hoje afirma não ter lugar certo para trabalhar. Geralmente quis nos revelar o nome completo, tampouco a idade. Entretanto, é conhecido por `Galego`, e aparenta ter em média 50 anos de idade.

O relato de Geraldo de Melo, é fundamental para compreendermos algumas questões que foram bastante recorrentes em outras falas e que demonstram como o fazer-se dos carregadores está em permanente sintonia com o fazer-se do comércio, das ruas, das áreas centrais, e sobretudo das transformações da cidade como um todo. As impressões do carregador, que se diz não ser mais chapa, mas que ainda trabalha carregando mercadoria, é um tanto quanto contraditória. Para esse trabalhador, parece que deixar de ser carregador ou tornar-se um, depende não somente de escolhas simples, ou sim, ou não.

As práticas geralmente definem as ocupações, e no caso do Geraldo, este é um cabeceiro de mão cheia, já que continua carregando peso, trabalhando e se socializando nos locais tradicionalmente considerados, áreas esperas para este serviço. Quando diz que, agora acorda cedo para trabalhar na CEASA, reforça suas práticas de carregador. Grande parte das atividades desenvolvidas neste local, dependem da mão-de-obra desses homens. Portanto, um espaço considerado como ponto de carregador. Os motivos podem ser vários que fizeram com este trabalhador não quisesse ser tratado como cabeceiro, talvez tivesse intimidado pela entrevista, ou mesmo, procurando diferenciar-se ou fazer-se parecer um trabalhador acima daquela categoria. O ofício parece não ser motivo de orgulho para todos.

O que verificamos em alguns relatos e também a partir da nossa observação participativa, foi que muitos trabalhadores, mesmo executando atividades semelhantes à prática de chapeados, muitos não se reconheciam enquanto cabeceiros. Provavelmente por vaidade ou detalhes pequenos, como o fato de estarem usando uniformes, como se carregadores não fossem dignos de se vestir para trabalhar. O carregador acima entrevistado que afirma fazer dois anos que deixou de ser chapeado, não deixou de frequentar locais, como a Feira Central em busca de trabalho. A análise pertinente sobre a fala do carregador não é descobrir se ele é chapa ou ex-chapa, mas compreender que no mundo da categoria, muitos deles, embora atuem como chapeados, não se veem como tal. Nesse sentido, parece que o próprio chapa incorpora o preconceito por ser carregador. Dessa maneira, quando perguntados quais eram

as funções que desempenhavam, ou como poderiam ser chamados, surgiram várias ocupações substitutivas da palavra 'chapeado'.

-Eu carrego e descarrego mercadoria, faço tudo, trabalho como ajudante de caminhão.¹¹⁰

-Quem aqui é chapeado? Eu trabalho de serviços gerais, nunca fui chapeado não, nem quero.¹¹¹

-Meu serviço é mais de organizar e carregar mercadoria, sou ajudante.¹¹²

-Sou peão.¹¹³

O ofício que dizem exercer parece não ter função definida, as práticas são todas e nenhuma. Ao longo das conversas, notam-se as diferenças de perfis e de experiências entre os carregadores de uma década para outra. O que reforça a tese de que o ofício, pelo menos com o nome de 'chapeado' assumido pelos próprios trabalhadores, parece caminhar para o desaparecimento. Para os trabalhadores mais antigos, são as práticas que definem quem são os cabeceiros de verdade.

Esses novatos não são chapa não. É tudo trabalho de couro. Não sabe carregar nada, não tem força, é um perigo o homem desse carregar uma geladeira no meio dessa rua cheio de gente. Não sabem enlonar um carro e muito menos sabe amarrar uma carga pra ela não balançar na viagem. Quer ver, pede um desses pra dar um beicão ou um pé de galinha, pra ver uma coisa. O chapa de verdade tá se acabando.¹¹⁴

Se os tempos modernos obrigaram o trabalhador a se tornar competitivo, dinâmico e cada vez mais instruído, levando o homem a correr seu próprio caráter para alcançar seus objetivos de forma imediata¹¹⁵, no mundo dos carregadores, mesmo não sabendo qual o grau das suas tensões, já que o movimento de aperfeiçoamento no ambiente de trabalho são outros, e

¹¹⁰ Geraldo Ferreira. Entrevista concedida ao autor em 30/01/2009.

¹¹¹ Francisco Barbosa da Silva. Entrevista concedida ao autor em 25/10/2008. Vale ressaltar, que em outro momento da entrevista o mesmo já havia se reconhecido como chapeado.

¹¹² João Francisco da Silva. Entrevista concedida ao autor em 13/04/2009.

¹¹³ Luciano Ferreira (Xibiu). Entrevista concedida ao autor em 14/05/2010. Este trabalhador em outro momento também se identificou como carregador.

¹¹⁴ Manuel (vulgo Bigode), chapeado que trabalha 'solto' na rua João Pessoa há mais de 20 anos. Até o dia da entrevista dizia ter 55 anos de idade. Entrevista concedida ao autor em 26/08/2015.

¹¹⁵ SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p.11.

certamente não exigem deles diplomas acadêmicos ou certificados de idiomas, mas o fato é que seus objetivos partem de necessidades e resistências elaboradas no cotidiano. É a experiência das ruas que os instruem. É essa disputa por espaço, por trabalho, por melhores condições ou regalias que ocorre o embate entre carregadores de gerações distintas. De um lado, os chapas que querem evidenciar suas experiências passadas como a razão de ser do ofício. Por outro, trabalhadores que apesar de executarem os mesmos serviços de um carregador, não querem ser reconhecidos como tal. São maneiras de defender o melhor para si, a partir do que vive percebendo no cotidiano das ruas. Como se os locais de trabalho, a partir de então, passe a modelar os carregadores, exigindo um padrão acessível para o mercado.

Tem canto mesmo que se chama gente pra trabalhar se o camarada tiver tudo em ordem. Em ordem assim...limpo, unha cortada, cabelo baixo, entendeu? Já tem lugar a mesmo que não do importância, quer saber do serviço mesmo, se o camarada vai dar conta e sabe fazer. A você tem que tá atento a isso a, entendeu? Por exemplo, ali na Trigo mesmo, você tem que tá limpinho, unhas cortadas e tudo mais. Não todo mundo pode trabalhar lá¹⁶.

Muitos armazéns, segundo informações dos carregadores, antes de empregar algum chapa, mesmo que temporário, exigem higiene dos funcionários, geralmente unhas, cabelos e barbas feitas. Estes estabelecimentos, como o armazém de farinha citado pelo carregador acima, trabalham com alimentos que serão consumidos por humanos, logo, exigem tais critérios na hora de contratar o carregador. São por essas e outras que os chapeados utilizam de suas táticas para não perder oportunidades.

Com fé em Deus eu ainda vou trabalhar naquela loja, surgindo uma vaga lá. E já trabalhei de tudo no mundo, não foi só de chapa mesmo. Agora vou logo no salão fazer a unha e manter o cabelo baixo e a barba feita o tempo todo, eu só ando por aqui, a quando falar: tá precisando de funcionário, eu chegou lá já preparado¹⁷.

O relato de Aldo Bezerra, revela, como alguns carregadores, na tentativa de conseguir um trabalho, se sujeitam a mudar os hábitos, os quais, provavelmente não eram preocupações comuns no mundo dos chapas dos anos de 1980, e estas atitudes são reflexos das exigências do mercado, que ao inovar

¹¹⁶ Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

¹¹⁷ Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

procurando satisfazer os clientes e aumentar seus lucros, acabam dificultando a vida do trabalhador comum, que agora para carregar um saco na cabeça, deve-se ter um conhecimento mais amplo, para que assim possam operar atividades diversas.

As mudanças nos estabelecimentos, que estipulam critérios para contratar o carregador, que antes, certamente não acontecia como nos dias de hoje. Nesse sentido, basta lembrarmos dos relatos dos carregadores que trabalharam nos armazéns de açúcar nos idos de 1980 e 1990, época que os chapeados ainda suados dormiam por cima dos próprios fardos. São tempos outros esses de agora, as práticas, as brincadeiras, a alegria característica da categoria, e até o biotipo dos carregadores, segundo o relato de Antônio Augusto de Souza, parece ter desaparecido das ruas.

São voc, vendo os chapas da época do açúcar, era uns bicho pra trabalhar e era na base da brincadeira ainda...Pegava 60kg, 80kg, 100kg se tivesse, e não parava não, viu. Era pra lóe pra có por isso que era reconhecido, hoje ninguém sabe quem é chapa aqui.¹¹⁸

As impressões dos carregadores que viveram no idos de 1980, recordam o que para eles foi o modelo de cabeceiro daquela época. Homens que corriam atrás do trabalho, percorrendo rua acima, rua abaixo, para conseguir o sustento. Atualmente, a maioria daqueles trabalhadores que são chamados de `rabo de couro_, sabem ler, escrever e trabalham com carteira assinada. Entretanto, muitos acabam tirando os serviços dos carregadores que marcam `o ponto_ nas ruas - procura do sustento. Estes chapeados, estão sendo substituídos por outros trabalhadores, conhecidos, no mundo dos cabeceiros, por `rabos de couro_. Estes são contratados justamente para fazer o serviço de carga e descarga, exatamente naqueles estabelecimentos¹¹⁹, onde muitos chapas ficam de prontidão, - procura de trabalho. Sobre essa questão, Marcos Antônio da Rocha nos conta:

É uma sacanagem desses caras, lascou a gente. Eles contrata o funcionário para trabalhar de vendedor, atendente ou outra coisa, mas depois bota eles pra descarregar caminhão, trabalhar de chapa. Aí quem descarrega agora é os caras da empresa. Eles tudim são da

¹¹⁸ Antônio Augusto de Souza. Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015.

¹¹⁹ As lojas de eletrodomésticos, situadas na rua Presidente João Pessoa, são os estabelecimentos mais comuns onde encontram-se estes funcionários chamados pelos chapeados de `rabo de couro_.

firma, e faz tempo que eles coloca os funcionário pra trabalhar assim. A° não sobra nada pra gente que chega aqui cedo. É a maior sorte se pegar um servicinho. SÆ quando eles mesmo da firma não quer, tÆ enfadado, a° eles diz: não, bota os meninos a° que eles precisam. SÆ assim mesmo, e voc, ver, tem pobre lá que não aguenta nem pegar uma geladeira¹²⁰.

O relato de Marcos Antônio da Rocha tem um tom de denúncia, e está se referindo a uma questão que ainda continua ocorrendo na tradicional e conhecida rua Presidente João Pessoa, a qual, diferentemente de antes, não é mais uma rua notável pela quantidade de armazéns de açúcar ou lojas que pudessem proporcionar atividades para chapeados. As lojas comerciais já não oferecem tantos serviços para cabeceiros como antes. O comércio de eletrodomésticos, de materiais de construção, de revenda de madeiras e de cerâmicas são os principais setores que ora ou outra necessitam e recorrem aos serviços de chapeados. Porém, a maioria desses estabelecimentos, tem seus funcionários próprios (os rabo de couro), os quais, são contratados para desempenharem uma função, mas que na prática, o que fazem é (des)carregar os produtos que chegam e saem dessas lojas, diminuindo consideravelmente a possibilidade dos chapeados conseguirem trabalho naquelas imediações¹²¹.

Ainda de acordo com as palavras do carregador Marcos, é possível percebermos em que condições o ofício de chapeado se encontra em relação ao que foi representado sobre o contexto dos anos de 1980 e 1990. A profissão, passou de condição importante e útil para o desenvolvimento do comércio e da cidade, para um estado penoso, sem muita importância e de pouca serventia. Essa sensação é representada na fala do chapa acima, quando diz que sÆ mediante o cansaço de outros trabalhadores, quando estão, `enfadados, é que são chamados para trabalhar. Situação semelhante, revelou o gerente de uma loja de eletrodoméstico, que ao afirmar que vez ou outra contratava os serviços de chapeados, nos contou,

eu gosto de chamar eles para trabalhar, porque tenho pena. Eles chegam aqui na rua muito cedo, quando o comércio nem abriu ainda,

¹²⁰ Marcos Antônio da Rocha. Entrevista concedida ao autor em: 05/09/2015.

¹²¹ Segundo informações dos chapeados da rua Presidente João Pessoa, já houve fiscalização do Sindicato dos trabalhadores, que na ocasião, multou e exigiu que as lojas direcionassem os serviços de carga e descarga aos cabeceiros e não aos funcionários das empresas. Entretanto, também disseram que isso ocorreu apenas uma única vez. `Eles multaram a° a loja do X, a° eles pararam de colocar os meninos da loja pra descarregar e comeóu a chamar a gente, mas foi sÆ uns dias, depois parou de chamar e voltou a colocar os meninos de novo. Entrevista com Marcos Antônio da Rocha, concedida ao autor em 30/07/2015

e tem dias que percebo que eles não fizeram nada, não conseguiram ganhar nada¹²².

2.8 DAS DIFICULDADES E FORMAS DE SUPERAÇÃO

Mesmo com toda essa dificuldade para conseguir trabalho e reconhecimento, essa categoria, já com números bastantes reduzidos na cidade, ainda assim, frequenta os mesmos locais em busca de trabalho, persistindo no ofício. Já outros tem a prática de procurar trabalho nas beiras de estradas e entradas da cidade, que segundo, Antônio Felix Araújo, “é um atalho que o chapa faz, para pegar o serviço antes do caminho e entrar na cidade”¹²³. Os cabeceiros, apesar das condições e oferta de trabalho não serem das melhores¹²⁴, parecem não parar de se reinventar, criar e responder ao cotidiano duro e difícil, a partir de suas próprias experiências de vida e de trabalho. O chapa usa do que tem para tirar proveito e se sustentar cotidianamente.

Vimos também aqui, várias atitudes de resistências dos carregadores, sejam através de atitudes de alegrias, brincadeiras e algazarras que parecem minar as condições duras do ofício, ou seja através das táticas de se comunicar e conhecer o máximo de pessoas no ambiente do trabalho, fato que os trabalhadores resistem e reagem diante de condições que não estão lhes favorecendo. É a prática própria dos “homens comuns”, que tiram proveito de coisas que lhes são estranhas¹²⁵, usando o próprio espaço de trabalho como manobra de resistência.

A busca pelo trabalho e pela subsistência, também recorreu ao simbólico, revelando detalhes mais particulares no mundo dos carregadores. Como a categoria não usa uniformes, ou algo que os identifique como trabalhadores chapeados, muitos deles afirmaram que não existe quase nada que confirme que determinada pessoa exerce a profissão de chapeado. Entretanto, segundo nos revelou o carregador Aldo Bezerra Firmino,

¹²² Entrevista concedida ao autor em: 28/08/2014. O entrevistado, não permitiu a exposição do seu nome.

¹²³ Em entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014.

¹²⁴ O Jornal online G1, publicou no dia 01/04/2016, uma matéria que demonstra a dura realidade dos chapeados que além de enfrentarem os problemas econômicos, sofrem pelo preconceito da profissão. <http://g1.globo.com/sp/presidente-prudente-regiao/noticia/2016/04/chapas-sofrem-com-crise-economica-e-ainda-enfrentam-preconceito.html> acessado pela última vez em 03/09/2016

¹²⁵ CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v.1.

existe um detalhe diferente, o uso de um `chapéu_ feito com uma bola de couro. É uma bola mesmo, o sÆvoc, cortar ela ou amassar toda, e usar como se fosse uma banda dela na cabeça, como se fosse uma cuia. (risos) entendeu? Era a marca do chapeado de antes. Hoje o difícil, visse¹²⁶. (Vide imagem abaixo).

FIGURA 6 - Cabeceiro usando a `bola de couro_ sobre a cabeça enquanto descarrega



Fonte: Fotografia de 2007 feita pelo autor nas imediações da Feira Central.

O uso da bola na cabeça, tinha um objetivo muito claro, proteger e amortecer o peso colocado sob a cabeça. Hoje, esse `recurso_nº o o muito aceito pelos carregadores, os motivos para tal posição sobre o uso ou nº o desse `chapéu_, sinaliza para uma realidade diferente (e nº o era para menos), uma vez que os carregadores dos anos de 1980 e 1990, naturalmente já nº o sº o os mesmos. Portanto, para a grande maioria, fazer uso desse `chapéu_nº o significa nada, além de serem visto como algo estranho e feio, podendo ser motivos de chacota.

A utilização ou nº o desses modelos de `chapéus_, quando analisada a partir das falas dos carregadores, compreende que a diminuição considerável do uso está atrelada, em grande medida, à própria diminuição da prática do trabalho, como também da pouca variedade dos produtos que atualmente são carregados, possivelmente ocasionando ritmos de trabalhos menores e menos exigentes. Além disso, percebe-se que a vaidade de muitos carregadores, nº o admite ficarem na rua usando aquela `cua_ de couro na cabeça.

¹²⁶ Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em 21/09/2014

Olha, essa `bola_ que os chapas usava, era antigamente, ningum quer mais usar n²o. Naquele tempo pega tro´o de toda natureza, aº machucava, hoje ¶ mais maneiro. Tamb¶m n²o usa porque acha feio, voc, t®atendendo o cliente com uma bola na cabe´a. [risos]. Eu acho que ¶ isso aº que n²o deixa mais os chapa querer usar. Eu mesmo sou um¹²⁷.

Relatos como este, o qual demonstra recusa quanto ao uso da `prote´2 o_, revela preocupa´2o do carregador sobre como ser²o vistos pelos clientes e como eles mesmo se auto avaliam esteticamente, j® que n²o usam porque, `acha feio_. S²o percep´2es que indicam que os trabalhadores comuns, sujeitos an×nimos como o s²o, tem escolhas pr¶prias, valores e modos de como devem se apresentar para os outros. O trabalho de cabeceiro, sem status social ou reconhecimento, n²o rebaixam os sujeitos a uma condi´2o menor, e nesse caso, usar aquele `chap¶lu_, segundo o chapa, parece n²o condizer mais com a realidade do ofºcio, do com¶rcio e deles pr¶prios.

Ainda sobre o uso, ¶ pertinente mencionar que nos idos de 1970 e 1980, alguns armaz¶ns e dep¶sitos da cidade preparavam a `torta de algod²o¹²⁸_ no pr¶prio estabelecimento, portanto, quando os chapas transportavam o produto, os sacos ainda se encontravam muito quentes, exigindo, pois, uma prote´2o sobre a cabe´a. Atualmente, em Campina, n²o se ouve falar em estabelecimentos localizados em ¶reas centrais que preparam produtos em suas depend,ncias, como o citado acima. A feitura desses produtos, era mais uma atividade de responsabilidade dos cabeceiros, os quais, faziam, embalavam e (des)carregavam, sinalizando pois, maiores atividade desempenhadas.

Quest¶es que v²o revelando que as mudan´as no com¶rcio e na cidade refletiram nas condi´2es de trabalho e na identidade dos chapas. A utiliza´2o do `chap¶lu bola_, tamb¶m foi recordada enquanto fator que determina o que viria a ser o `verdadeiro_ chapeado.

Muitos s²o considerado chapeado, agora tem o chapeado oficial, voc, ver ele aº todo dia, ¶ Biu. ¶ o Bnico que carrega um chap¶lu de couro de bola na cabe´a. Voc, conhece um chapeado de longe se ver ele com um chap¶lu desse na cabe´a. Esse ¶ oficial! E Biu tem esse

¹²⁷ Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

¹²⁸ A torta de algod²o ¶ o subproduto da extra´2o do Aºeo contido no gr²o do algod²o, que ao ser esmagado ¶ conhecido por torta. ¶ usada na forma obtida originalmente ou moºda e peletizada. Sua principal aplica´2o ¶ na elabora´2o de ra´2es animais, devido ao seu alto valor proteico. Em Campina Grande, como em boa parte do Estado, ¶ grande a comercializa´2o desse produto.

chapéu. É uma bola de couro mesmo.[risos] Eu já usei, mas não uso mais. Só usava quando a torta vinha quente, a eu usava.¹²⁹

Dito de outra forma por outro carregador:

Eu não sei se você já percebeu nas outras cidades, mas quando você entra dentro de uma cidade, sabe qual a primeira coisa que um chapeado tem que fazer? Bota uma carapuça na cabeça pra modo ele ser chamado pelo pessoal que quer o trabalho dele. Se você não usar...eu mesmo usei muito, não tenho vergonha de dizer. Sabe aquela bola de couro? Eu trabalhava com um chapéu daquele ali. Eu era chamado em todo canto. Os caba dizia: onde você que tem um chapa aqui? Onde você que tem um chapa? Vai ali do outro lado, na Tavares Cavalcante que tem Argemiro, vai lá que ele você chapa de verdade¹³⁰.

O significado do `chapéu`, que para alguns chapas é feio e inconveniente para atender clientes, para outros é lembrado como símbolo da categoria, um `fardamento` que os identificava, um `cartão de visitas` exposto na rua para todos aqueles que desejassem contratar seus serviços, pudessem vê-los de longe. Cada detalhe, cada prática praticada por esses carregadores advém de experiências que são construídas no cotidiano de trabalho por meio da socialização entre seus pares.

Usar ou não determinado objeto, trabalhar `solto` ou `fixo`, são escolhas que os carregadores fazem, sem dúvidas, a partir do que compreendem sobre a situação do contexto em que estão vivendo. Portanto, qualquer intenção, fonte ou detalhe que se junta para `fazer` uma história dos chapeados, deve-se antes, considerar que é da experiência empírica da categoria que faz com que eles vejam o mundo de uma forma diferente, dentro do ambiente de trabalho e também fora dele.

Portanto, a partir dos lugares revisitados nas falas dos carregadores, não percebemos apenas que as atividades de chapeados passaram por mudanças, mas também se entende principalmente, que o fazer-se da categoria acompanhou as transformações pelas quais passou os negócios, o comércio e a cidade como um todo. Suas práticas cotidianas e as impressões sobre a cidade não demonstraram apenas o contínuo vaivém em busca de trabalho, mas

¹²⁹Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

¹³⁰Argemiro Filinto dos Santos. Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015.

também sobre, aspectos de sua vida social e tensões fora do ambiente de trabalho.

CAPÍTULO 03

OS CARREGADORES: VIDA SOCIAL, TRABALHO E DIVERSÃO

Eu pego peso mesmo, sem frescura, agora sabe o que dá na gente? Porque tem gente que não dá nada por a gente, sabe? Mas não sabe que se a gente tomar um banho e trocar de roupa é o mesmo homem, entendeu? Tem gente que diz: Ah! É chapeado... outra pessoa diz: É chapa, não sei o quê. Mas as qualidades não são assim, tomou um banho, trocou de roupa é a mesma pessoa, um cidadão o mesmo, ganha seu trocado legalmente. [...] eu não sei o que muita gente pensa quando ver a gente todo sujo aí no meio da rua, parece até que tá fazendo coisa errada, sabe?¹

Muitas vezes os trabalhadores chapeados, por não indagados, receberam nossa pesquisa com bastante surpresa e estranheza. Os chapas perguntavam por que queríamos saber sobre aquele ofício, e antes que esboçássemos qualquer resposta, antecipavam dizendo: isso não tem nada importante². Esse tipo de avaliação negativa, além de sinalizar para uma ideia de que eles têm do próprio trabalho enquanto ocupações desimportantes e desvalorizadas, também revela como se sentem enquanto cidadãos, enquanto sujeitos sensíveis que criam expectativas, vontades e responsabilidades outras, quando não estão trabalhando.

Foi por ter percebido que os carregadores por não entrevistados, não conseguiam por um curto espaço de tempo falar de suas vidas sem que associassem a ocupação de chapeado, que optamos por analisar, aquilo que fugisse um pouco mais do cotidiano árduo e pesado, dedicado aos carregamentos e descarregamentos de mercadorias.

Nesse momento da pesquisa procuramos adentrar o mundo dos carregadores abordando questões mais sensíveis sobre suas vidas fora do mundo do trabalho. Acreditamos que entender como estes trabalhadores se reconheciam enquanto cidadãos, como se relacionaram para além do local de trabalho ou se divertiam nos momentos de folga, são pontos fundamentais para compreendermos não só a realidade sobre a condição do ofício, mas também

¹ Francisco Barbosa da Silva. Na época da entrevista o cabeceiro tinha 56 anos de idade. Entrevista concedida ao autor em 25/10/2008.

² Referindo ao próprio trabalho. Trecho da entrevista com Antônio Augusto de Sousa, concedida ao autor em: 06/09/2015

diferentes maneiras de conceber o que tem importância e valor para suas vidas além da necessidade do trabalho.

Para além de ser trabalhador, ser cidadão pleno³, não é tarefa simples para nenhum trabalhador do setor informal, pois, segundo o historiador José Murilo de Carvalho, cidadão seria aquele titular dos três direitos: civis, políticos e sociais. Longe de abranger a categoria dos chapeados, sobretudo no tocante à ineficiência dos direitos sociais, o qual, no papel, garantem a participação na riqueza coletiva, incluindo o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde e aposentadoria⁴.

O relato do chapeado acima, que toca no termo cidadão, abre nossa discussão quando notamos a partir de sua fala um desabafo de insatisfação e incômodo pelo fato de serem mal vistos e/ou julgados por trabalharem sujos e possivelmente suados, nus da cintura para cima e até de pés descalços, que embora não sejam todos que assim trabalhem o traje comum no universo da categoria⁵.

Ainda assim, são vistos com menosprezo e insignificância perante aos olhos de muitos que por eles passam e os veem trabalhando. É notório em sua fala o desconforto, pois a maneira de relatar fica evidente que não são reprovados apenas porque estão sujos ou suados, mas sim porque exercem tal função. O momento do relato que diz: 'Ah! é chapeado', 'ah, não sei o que', não remete especificamente à sujeira dos seus corpos, mas abre uma infinidade de possibilidades interpretativas que diz respeito à maneira de como são vistos socialmente por muitos que pelas ruas os observam.

Nesse sentido, é pertinente lembrar que a maioria dos cabeceiros são partes de tantas outras ocupações vitimadas pela informalidade, configurando

³ Termo de José Murilo de Carvalho, para designar pessoas assistidas pelos direitos civis, político e social. O cidadão pleno é o oposto do que o autor chamou de 'cidadão incompleto' (os que possuem apenas alguns dos direitos) e os 'não-cidadãos', aqueles que não se beneficiam de nenhum dos direitos.

⁴ Ver: CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 2002. p. 9 e 10.

⁵ Ao longo das entrevistas outros trabalhadores mencionaram sobre 'olhares' inibidores de clientes e passantes que a os verem trabalhando sem camisa, sujos e suados parecia causar desconforto. Cenas parecidas já ocorriam na cidade de Salvador nas primeiras décadas do século XX, quando carregadores costumavam andar 'sem camisa ou com ela desabotoada e com calças caindo pela cintura'. Por conta disso, muitos sugeriam, que fossem até proibidos de andarem pelas ruas. Ver: DIAS, Adriana Albert. A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910 - 1925). 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.p.20.

um caminho certo para serem estigmatizados e vítimas da omissão e do constrangimento. O baixo grau de instrução, marcante na categoria, não tolhe apenas oportunidades de um melhor emprego, mas de toda uma vida de expectativas, sonhos, desejos e diversão que poderiam experimentar como um cidadão, que mesmo ganhando pouco, teria prazer, dignidade e respeito pelo seu trabalho.

O relato sugere que o modo como o chapa reproduz uma suposta fala de quem passou e os viu trabalhando é de puro desdém, desrespeito e humilhação. Como se não fosse digno trabalharem com aquele ofício, o qual, aparentemente, não traz benefícios de maior projeto social, sobretudo aos muitos que por eles passam e não conseguem ver o que o senso comum permite; homens ignorantes, desordeiros e sem valor social. Percebe-se na fala que o desejo do carregador é querer justificar que ele é um cidadão, um homem honesto e que vive sua vida legalmente. Uma forma de expressão que remete a um sentimento de indiferença pelo simples fato de trabalharem como chapeado, sensação que remete a ideia que seu trabalho não agrega nenhum valor. Portanto, não terem direitos trabalhistas e sociais básicos, reforça o olhar depreciativo comumente lançados sobre si.

Desse modo, temos que no relato o próprio carregador parece incorporar o preconceito: para trabalhadores como ele era necessário tomar um banho para voltar a ser o mesmo homem ou cidadão de bem que sobrevive dignamente. O carregador, em tom de apelo, procura demonstrar que por trás da roupa suja, velha ou suada, existe um cidadão. Detalhe que nos faz reiterarmos a ideia de que o peso maior desse ofício não está representado pelos pesados fardos que carregam, mas sim pela condição de viverem, em muitos aspectos, sem amparo social, reconhecimento ou respeito enquanto cidadãos comuns.

Essa necessidade de reconhecimento e dignidade enquanto cidadãos são pontos sensíveis que ao longo das entrevistas, os carregadores demonstraram não se sentirem valorizados por ganharem a vida exercendo as atividades de cabeceiro. Ainda assim, com algumas ressalvas, consideram o ofício necessário e útil.

[...] eu sei que o trabalho do chapeado foi importante e ainda é, mas hoje não adianta, sabe por quê? De nada serve se o povo não dá valor. O chapa muitas das vezes é muito humilhado. A gente também não

“O bicho não, sabe das coisas também. Porque o chapeado você, não vai ficar escalado, ouvindo e olhando a vida passar, vai? Não pode”.

A fala deste carregador, ao longo das entrevistas que fizemos, estabeleceu um padrão crítico sobre o que pensa da vida. Aldo Bezerra Firmino, que já dizia antes que sentia orgulho por ser chapa, não poupa palavras para demonstrar que a categoria passa por humilhação e não os valores valorizados pelas atividades que realizam.

O fato é que os chapeados ao mesmo tempo em que acreditam na ideia de que o trabalho dignifica o homem, enobrece as pessoas e constrói cidades de bem, também parecem notar, que o seu ofício não tem o reconhecimento da sociedade, aparentando, portanto, não edificar ninguém. Na fala do chapa, a sensibilidade das pessoas é de que o ofício, por si só, não é suficiente para transformá-los em cidadãos⁷. Por isso, não se pode calar, deve-se mostrar que o chapeado também sabe das coisas e que não são “bichos”⁸.

Dessa maneira, segundo relato, o carregador não deve aceitar ser humilhado pelo patrão nem por ninguém. Uma resistência explícita na fala do chapa quando procura mostrar a postura e a atitude adequada diante dos maus tratos causados pela indiferença, humilhação e exclusão. Entretanto, é pertinente analisarmos que o fato de narrar sobre, e de tal forma, são também indícios de que absorvem as tensões excludentes agravadas pelo ofício. Permanecer trabalhando ou ter uma profissão, parece não ser suficiente e libertador. Logo, garantir a empregabilidade dentro do capitalismo global, habilita qualquer trabalhador competente (ou não), a lançar-se a competição, gerando então as frustrações, pois o sistema, como sempre foi, excludente por não conseguir empregar todos qualitativamente, minando a promessa de liberdade e dignidade humana.

O sentimento de exclusão representada pela maioria dos cabeceiros entrevistados, possivelmente tem seu começo, muito antes de se tornarem chapeados. As inúmeras consequências negativas acumuladas por quem desde muito cedo teve que sobreviver obrigado a criar trabalho fragmentados e incertos, demonstra sinais de insegurança que mexem com a autoestima,

⁶ Aldo Bezerra Firmino, entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

⁷ Sobre o conceito de cidadão e cidadania ver: CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁸ Inferior, ignorante, indigno.

principalmente, de homens que carregam a marca do trabalho precário nas mãos, na face e no estômago.

O desprestígio social⁹ dos carregadores, no que se refere ao trabalho, remete ao fato de que sua grande maioria, como já reportado antes, não recebe os mesmos níveis de proteções sociais, os quais por exemplo, obtêm trabalhadores do setor formal. Assim sendo, poucos, recebem amparos da legislação trabalhista, e muitos desconhecem a sindicalização e os benefícios da política de previdência. No rol dos cabeceiros entrevistados, apenas dois¹⁰ deles conseguiram se aposentar por idade, e nenhum por tempo de trabalho prestado, ou seja, a atividade de carregador, segundo Antônio Augusto de Souza,

de nada serviu, porque na hora que precisei, a aposentadoria não dava certo. O advogado tentou ainda fazer uns documentos pra dizer o juiz que eu trabalhei de chapa mais de 30 anos, mas não deu certo. Foi aquele que mexeu de um lado e de outro que aposentou de outro jeito, que me importa, já aposentei mesmo. Agora quando aquele patrão que você ficou mais tempo quer aposentar você, ele dá um jeito, mas eles não querem mexer com isso? Não nada! Coisa pior acontecia e ninguém por a gente não, só serve quando tá dando suor, aí sim¹¹.

Em relatos como este, nota-se o desmerecimento social vivido por chapeados no cotidiano fora do trabalho. No momento em que a condição física comprometida pela própria natureza do trabalho, e agravada pelo avanço da idade, pouco ou quase nada, o ofício, serviu para que direitos a benefícios básicos, lhes fossem assegurados. Este carregador nos informou que se tivesse aposentado por tempo de serviço, teria conseguido o benefício antes. "Eu perdi uns cinco anos ou mais que já era para estar recebendo, me aposentaram com 68 anos"¹².

A falta do amparo social e o desconhecimento de muitos trabalhadores no trato de questões como esta, dificultam ainda mais a situação, pois buscam a aposentadoria, para diminuir o ritmo das atividades, porém apesar de afirmarem saber dos seus direitos, não dispõem de meios para iniciar ou dar seguimento à aposentadoria. Agravando consideravelmente a situação, a qual parece já ser um tormento, se pensamos na burocracia que é tornar-se um segurado da

⁹ Entendido como pessoas que exercem profissões desprovidas de status, glamour ou reconhecimento social.

¹⁰ Para esse estudo, representa menos de vinte por cento, já que foram doze carregadores que nos passaram informações sobre aposentadoria.

¹¹ Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015

¹² Antônio Augusto de Sousa. Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015

previdência¹³. De acordo com o relato acima, é pertinente observar que o chapeado, além do desgaste para conseguir o benefício da aposentadoria, ainda menciona o descompromisso dos patrões para com a categoria, uma vez que, segundo o chapa, tudo se tornaria mais viável com o apoio dos patrões.

A relação do patrão e empregado, ao que tudo indica, segundo o chapa, se tornava amena a medida que o trabalhador executasse suas atividades de maneira que estivessem agradando ao patrão. Desse modo, a coisa pior acontecia, ninguém quer a gente, se servimos quando estamos trabalhando. Logo, é possível identificar experiências infelizes do próprio carregador, ou de algum colega de ofício, ao receber um nêo, quando recorriam ao (ex)patrão, para aposentar-se ou conseguir qualquer outra coisa que por ventura necessitasse dirigir-se ao chefe. Relato que dentre outras coisas, revelam indícios de tensões no envolvimento patrão e empregado, mesmo quando não possuem mais vínculo empregatício. Para o patrão, segundo podemos perceber a partir do que disse o cabeceiro, não há vínculo estreito ou preocupado com seus trabalhadores, parecem enxergá-los como pessoas sem valor e/ou sem merecimento, pois são notados quando estão sendo produtivos para os donos das empresas, depósitos ou lojas desses (patrões) que os empregou.

A partir das impressões do chapa, é possível notar o desprestígio social, que para o sociólogo José Jessé Freire de Souza¹⁴, está relacionado às pessoas que exercem profissões desprovidas de status, glamour, reconhecimento social e adequada remuneração. Estas categorias reconhecidas pela sociedade como inferiores, geralmente não são nem percebidos como seres humanos, e sim apenas como elementos que realizam trabalhos, a que nenhum cidadão de classe superior se submeteria. Em consequência, o que não é reconhecido, não é visto.

Esta mesma ideia de invisibilidade de pessoas que vivem e trabalham em condições precárias e penosas, foi abordado por Fernando Braga da Costa, em sua tese *Moisés e Nice: retratos biográficos de dois garis um estudo de*

¹³ A categoria dos chapeados, por não terem suas carteiras de trabalho assinadas, passam a fazer parte do imenso rol de trabalhadores ditos informais. Portanto, encontram dificuldades para se aposentarem por tempo de trabalho. No grupo que entrevistamos, não encontramos nenhum caso de cabeceiro assegurado por tempo de serviço. Como já mencionamos em outro momento: o tempo de permanência de carregadores em um mesmo emprego é relativamente curto.

¹⁴ SOUZA, Jessé (Org). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

psicologia social a partir de participações e entrevistas, o qual, ao analisar as condições de trabalho e de vida de dois garis na cidade de São Paulo, submeteu-se a vestir-se como tal, com objetivos de observar o quanto categorias como estas são excluídas e invisíveis socialmente. A experiência, segundo o pesquisador, apesar do enriquecimento proporcionado pela vivência em compreender o que de fato os garis faziam, surtiu efeitos dolorosos, pois no momento que exercia as atividades, tal qual um gari, ouviu comentários humilhantes de indiferença, os quais, segundo o estudioso social, "estragaram-lhe o dia". Sensação de total desaparecimento para os outros que pelo local passavam. "Fiquei invisível para conhecidos meus"¹⁵.

O desprestígio social dos garis, é semelhante a indiferença e a exclusão relatada pelos carregadores. É inevitável, que a experiência e as condições de trabalho não sejam estendidas para o convívio social ou mesmo para a vida particular desses trabalhadores, uma vez que o trabalho está estreitamente ligado a eventos econômicos, sociais e culturais. No que se refere ao ofício de chapeado, o impacto da incerteza e da insegurança do ganho para o sustento diário, reflete substancialmente de forma negativa nos momentos que não estão trabalhando¹⁶. Seja quando diz respeito às ocasiões em que o próprio trabalhador incorpora sentimentos de preconceito e exclusão perante sua condição, ou quando destaca ao estado de miserabilidade da vida para tirar proveito de situações cotidianas, por exemplo, quando se queixam para alguém¹⁷ que não conseguiram ganhar nada durante o dia.

A vitimização dos carregadores na presença de alguém que possa gratificá-los com gorjetas, alimentos ou qualquer outra coisa, são maneiras de tornar menos tenso aqueles dias que não conseguem encontrar serviços nas ruas. Essas práticas cotidianas de sobrevivência, é semelhante ao que Michel de Certeau chamou de "astúcia sutil", tática de resistência ou "artes de fazer"¹⁸.

¹⁵ Op. Cit. COSTA, Fernando Braga da. 2008. p. 3.

¹⁶ Sobre as consequências do trabalho precário na vida dos indivíduos e como a experiência da precariedade estende-se para além do local de trabalho, ver: POLANYI, Karl. A grande Transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro, Campus, 1980. 360p; SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999. 204p; KALLEBERG, Arne L. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 24. nº 22 69

¹⁷ Nas entrevistas ficou claro que muitos carregadores usam essa artimanha, em dizer que o dia foi ruim, para conseguir gorjeta ou arranjar algum serviço.

¹⁸ CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

No caso dos chapeados, uma demonstração de que estes criam – sua maneira, novas possibilidades de subsistir as dificuldades sociais e econômicas.

Entre os chapas, a noção de justiça, ou mesmo do sentimento de revolta contra seus salários – o dinheiro não dá para tudo¹⁹ – e das necessidades básicas, expressa a partir dos baixos níveis socioeconômicos, nos mostra uma dimensão de suas qualidades de vida, a qual, indiscutivelmente, dificulta-se a medida em que a categoria, não dispõe, sequer, do cumprimento de leis trabalhistas ou qualquer ajuda que viesse amenizar os momentos de tensões perante a realidade da incerteza do seu trabalho e da renda, que por ventura, poderiam vir a ganhar.

Por traz das impressões de alguns carregadores, como as de João Francisco da Silva, que dizia que trabalhar de chapa dava para ganhar muito dinheiro²⁰, tem-se um quadro de conflitos e práticas que parecem expressar o contrário, uma vez que constantemente estão – procura de qualquer outro tipo de atividade para complementarem suas rendas e conseqüentemente, não ficam apenas dependendo do que se poderia vir conseguir apurar com o ofício de chapeado. Relatos como esse, demonstra que alguns carregadores, mesmo reconhecendo a precariedade do ofício, procuram encontrar algum status positivo para si, já que exercem tal atividade.

Assim é interessante notar, que ganhar muito dinheiro para os cabeceiros, sempre esteve atrelado – quantidade de mercadorias que conseguiam carregar ou descarregar durante cada dia – naquele tempo o cabra ganhava dinheiro demais, também era serviço do camarada ficar doido²¹ – por isso, de modo geral, o poder de compra, mesmo para suprir necessidades básicas, aparentam insuficiência. É o que podemos constatar a partir das informações do cabeceiro Aldo Bezerra Firmino:

Não vou mentir pra você, as coisas melhoram e pioram toda hora, hoje é bom, amanhã pode ser ruim. Mas pra fazer uma comprar boa e levar pra casa o dinheiro não dá. Tem que comprar as coisas um pouco mais fraca, uma mistura mais barata e assim ir levando, porque você sabe que a vida não é fácil não. Economiza aqui, economiza ali, até dá certo. Agora se você se abastalar não sobra nenhum centavo [...]. As coisas,

¹⁹ Trecho da entrevista com o chapeado Antônio Felix Ferreira, concedida ao autor em: 19/10/2014

²⁰ Entrevista concedida ao autor em: 19/05/2009

²¹ Argemiro Filinto dos Santos. Entrevista concedida ao autor em 30/03/2015

eu compro na Feira Central mesmo, lá no finalzinho da tarde e tudo mais em conta. Aí tudo rende²².

O chapa não é o carregador braçal ou burro de carga, que nada mais sabe fazer, além de encher e esvaziar caminhão. É sobre isso que eles próprios, a todo instante, procuraram esclarecer nos momentos das entrevistas. São, pois, a partir dessas experiências cotidianas, como expressa acima, que nos permite compreender estes trabalhadores por outra ângulo. Entende-se pelo relato que no cotidiano dos carregadores a hora de consumir é considerado um tempo importante, pois demonstrar experiências dos menos assistidos em sua luta diária pela alimentação.

A feira de final de tarde, onde os chapeados procuram produtos mais baratos, remete a mesma ideia da feira do bacurau, que acontecia em Campina Grande nos anos de 1940. Nesta feira, seus fregueses eram pobres que não podiam consumir produtos outros que não aqueles refugados, onde se vendiam as sobras do que era ali comercializado desde muito cedo. Sobre este modelo de feira, o historiador Severino Cabral Filho, no seu estudo *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande 1930-1950*, nos informa que era uma feira de restos de aparas de carne, ossos, frutas mirradas e amassadas. Logo, os melhores produtos eram adquiridos por aqueles com poder aquisitivo suficiente, fregueses cuja riqueza e exigência de qualidade eram medidas pela hora em que iam às compras²³.

Destarte, percebemos que para os carregadores, consumir na feira com seus poucos recursos adquiridos com muito esforço, passa ser outras labutas e tensões de rotina. Na hora das compras, precisam fazer o dinheiro render, dando sentido ao esforço e a importância do seu trabalho.

Os carregadores, ao ir às compras, expressam o papel de consumidores, atentos, donos de casas e chefes de famílias dedicados. É interessante perceber que essa prática de fazer a feira, esteve reservado aos próprios cabeceiros. As

²² Entrevista concedida ao autor em 21/09/2014.

²³ CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

figuras das mulheres praticamente não foram relatadas por eles quando adentramos neste assunto de "fazer compras". A figura de provedor e chefe de família também pode ser deduzido a partir desse proceder do próprio chapa ser responsável por levar o alimento para casa.

Devido a frequência dessa prática no universo dos chapeados entrevistados, perguntamos porque eles eram quem faziam a feira, e as respostas, foram diretas: "a mulher não sabe fazer"²⁴ ou "aqui na feira eu mesmo resolvo"²⁵. Não tem necessidade da mulher se ocupar com essa tarefa, foi o que quis dizer um dos carregadores. Portanto, além do exposto, podemos interpretar, a partir do ato deles próprios se responsabilizarem pelas "compras", como uma técnica de economizar, já que eram eles quem tinham o conhecimento do local, dos comerciantes, dos produtos e sobretudo, do valor do dinheiro que acabara de ganhar. Portanto, se declarando mais habil e esperto para aquela tarefa.

Vale salientar que no meio de um ou outro relato, tiveram aqueles carregadores que ao invés de levar o alimento para casa, entregavam algum valor em dinheiro a esposa para que esta se incumbisse da tarefa de, "comprar as coisas para dentro de casa"²⁶. De maneira semelhante disse o chapa Antonio Felix Ferreira: "Eu entrego todo o dinheiro e a mulher compra os trocos, também a separa o que tem de novo"²⁷, demonstrando que não todos os cabeceiros responsáveis por essa atividade. Nesse sentido, a prática daqueles que preferem ou se sentem responsáveis por tal tarefa, parece contrastar o imaginário do senso comum que enxerga nesses homens apenas o estereótipo de grosseiros e ignorantes.

A medida que falavam sobre essas questões, percebíamos que a relação de confiança, respeito e harmonia familiar também definiam quem ia às compras, mas aqui é história para outro momento. Por ora, podemos afirmar que o papel dos chapas de ir à feira, dentre outras coisas, evidencia instantes onde o trabalhador usa de sua engenhosidade²⁸, familiaridade e conhecimento do espaço, ora de trabalho, ora de consumo, como os das feiras, para pesquisar e

²⁴ Francisco Barbosa da Silva. Entrevista concedida ao autor em: 03/03/2009

²⁵ Antonio Felix Ferreira. Entrevista concedida ao autor em: 02/04/2009

²⁶ Expressão do carregador João Francisco da Silva. Entrevista concedida ao autor em: 19/05/2009

²⁷ Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

²⁸ Michel de Certeau chamou de "arte de fazer".

pechinchar os melhores preços²⁹. Sobre essa questão o chapa Antônio Felix Ferreira:

Com dinheiro na mão eu sei desenrolar qualquer coisa aqui na Feira, tenho costume já pois conheço todos os feirantes que tem barraca aí dentro. Aí uso do meu conhecimento pra comprar. Porque o cara com dinheiro ele tem moral e só compra quando for futuro pra ele, pode ser qualquer coisa, qualquer tipo de negócio que você for fazer. E você, sabendo o local que você tá pisando e com quem tá lidando, fica tudo mais fácil. Pra você ter uma ideia, eu já passei mais de anos comprando fiado e o povo confiava em mim, sabe por quê? Porque todo mundo me conhece aqui dentro. Confiança as vezes é melhor do que tudo, visse³⁰.

A declaração acima é de um carregador que acumula mais de trinta anos de experiência como cabeceiro na Feira Central. É certo, que o conhecimento não se limitou apenas ao que diz respeito às atividades do ofício. Todos os cabeceiros que somaram décadas trabalhando numa região, certamente acumulou experiências únicas, sobre a funcionalidade do comércio e também sobre conviver com pessoas de classes sociais distintas, pobres, ricos, malandros, batedos, aproveitadores e prostitutas³¹. Misturas de gente comuns nos dois principais pontos onde se fazia presente a maioria dos chapeados em Campina Grande: Feiras Central e Rua João Pessoa³². O relato do cabeceiro, ao demonstrar sua familiaridade com o espaço da feira, também confirma, que o processo de comprar, pechinchar, fazer a feira ou usar o dinheiro da melhor maneira, são momentos nos quais estes se envolvem em relações sociais, estabelecendo laços de confiança, ao ponto de “comprarem sem dinheiro”.

O modo como fala o cabeceiro, sobre o uso do dinheiro e a experiência na hora de comprar, não só constata relação de sociabilidade entre os carregadores, mas também revela envolvimento com outros sujeitos, quando estabelecem laços de amizade e confiabilidade nos momentos de compra e venda, comum em ambientes como das feiras livres. Por conseguinte, taticamente³³ o trabalhador chapeado, procura usar da sabedoria adquirida no

²⁹ Prática semelhante ao que Michel de Certeau chamou de práticas de consumo. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Rio de Janeiro: vozes, 1994.

³⁰ Entrevista concedida ao autor em 19/10/2014.

³¹ O conhecimento dos chapeados adquirido cotidianamente no local de trabalho, estendesse para além de carregar peso. Lembrando bem a noção de experiência em Edward Palmer Thompson.

³² Ambas localizadas na região central da cidade.

³³ A ideia de tática utilizada aqui, segue o mesmo modelo considerado por Michel de Certeau no seu “A invenção do cotidiano” (1994), segundo o qual, chamou de práticas de resistência, portanto, compreendendo tática como a arte dos mais fracos.

meio das ruas, ou até mesmo da credibilidade, pelo fato de todos o conhecerem dentro da feira, para tirar proveito ou estreitar relações quando saem para comprar.

Sobre o que diz respeito ao processo de compra e venda no universo de feiras livres, a antropóloga social VEDANA (2004)³⁴, vai certificar que no universo das feiras livres o processo de compra e venda, na qual envolve relações sociais com dinheiro, estão baseados nos mecanismos de confiança, fidelidade e credibilidade. De acordo com a autora, no meio das feiras as relações que envolvem trocas ou compras de mercadorias acontecem, a partir de gestos de manipulação - artes de fazer - e estratégias de performance oral dos feirantes, representados por entusiasmo, brincadeiras e gozação.

Semelhante as práticas cotidianas dos carregadores pelas ruas das feiras e onde o comércio é pujante na cidade, sejam quando procuram trabalho, diversão ou algo para consumir. Os carregadores parecem ter adquirido consentimento das ruas para andar por elas e criar táticas de sobrevivência, munidos, muitas das vezes, pela subjetividade e intimidade das relações cotidianas entre fregueses, patrões, colegas de ofício, donas de casa, prostitutas, comerciantes etc. É esse caldo cultural que vem a definir as relações sociais e as sociabilidades (boas e ruins) dos carregadores, os quais, por isso mesmo, divergem e se contradizem constantemente, até mesmo sobre se vão ou não fazer uma feira.

Para além do universo pesado e penoso do ofício, o cotidiano entre os cabeceiros é tomado por assuntos sobre famílias, futebol, política, planos, desejos e expectativas a respeito da vida. Assim como o assunto, fazer a feira de casa que, rende longas conversas e motivos de muitas pilhérias entre eles. Cena constatada a partir das informações do cabeceiro João Francisco da Silva, que assim nos contou:

Quando juntava a turma, era uma resenha. Do time que perdeu, da mãe e de não sei quem, de fulano que chegou ou partiu de viagem, de tudo no mundo saem conversa, do conta até do dinheiro que a camarada ganha. [...] Ah! esse sarro a todo dia, quando o chapa come a pegar num trocadinho, aí já come a: já fez a feira da

³⁴ VEDANA, Viviane. Fazer a Feira: estudo etnográfico das Artes de fazer de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

mulher? `Rapaz tu n^o gasta o dinheiro, sen^o tu apanha_ [risos]. E at^m no meio da rua em qualquer lugar, se eles ver a gente, eles grita: `j^o levou a feira pra casa fulano_ `s assim desse jeito. Isso a^o tamb^m porque tem chapa que pega o dinheiro e gasta tudo de uma vez. A^o o caba da logo uma piada pra ele se acordar e levar comida pra casa. O certo ^m voc^o, separar o da feira, depois cada qual gastar como achar melhor o resto³⁵.

Brincadeiras dessa natureza, al^m de representar momentos de socializa^o entre os carregadores, elucida o compromisso e a necessidade deles enquanto homens que trabalham e precisavam cumprir com a responsabilidade, aparentemente comum a todo chefe de fam^olia que trabalha. ^{s interessante notar, que os momentos de zombaria dessa natureza, que alerta o companheiro sobre a obriga^o de `fazer a feira da mulher_, revela, dentre outras coisas, uma obriga^o comum da categoria.}

Entretanto, n^o significa dizer que todos os carregadores seguiram ^{riska} essa tarefa. Muitos foram para casa sem nada na sacola, `gastaram tudo de uma vez_. De acordo com o di^ologo do cabeceiro, parece que receber o dinheiro do descarrego e fazer o bom uso dele (bom uso, dentre outras coisas, significa garantir a comida em casa) n^o era das tarefas mais simples no universo dos chapeados. Logo, temos que o ato de cumprir com as obriga^oes de chefe de fam^olia, caracterizado pela atitude de `fazer a feira_, pode ser entendido tamb^m como uma t^otica encontrada pelos carregadores para melhor receber agrados ou evitar desaven^a qualquer com sua mulher. Por outro lado, essas brincadeiras ou pilh^orias, por serem frequentes, revela o lado descompromissado de muitos carregadores, representados na figura daqueles que v^o beber, jogar, farrar e visitar os cabar^ois, sem preocupa^oes maiores com `feiras_ ou deboches do grupo.

Mesmo assim, o assunto `fazer a feira_, devido ter sido quase que comumente compartilhado entre esses trabalhadores, pode ser interpretada como um c^oodigo definidor de compromisso, respeito e responsabilidade no cotidiano desses trabalhadores. Dessa maneira, muito da aceita^o e da moral constru^oda entre eles, certamente diz respeito as atitudes e comportamentos fora do local de trabalho. Ou seja, o modo de vida que o carregador leva, fora do

³⁵ Entrevista concedida ao autor em: 13/04/2009.

ambiente de serviço, pode vir atrapalhar ou beneficiar seu relacionamento dentro do grupo, sobretudo quando surge trabalho.

Eu n2o gosto de cara covarde, como tinha deles que matava a mulher de fome para ir beber e farrar. O caba tem que ser homem rapaz, ter os compromisso. Xibiu mesmo trabalhava feito um condenado, quando a carga chegava, ele era quem mais pegava saco, era danado. Com ele o serviço andava, viu. Mas sÆandava jogado por aº, bebia todo santo dia. Mas eu mesmo nem fazia quest2o de chamar pra trabalhar. Toda vez que eu era comandante, eu escolhia a dedo³⁶.

A partir dessa fala, podemos apreender que a sociabilidade constru2da pelos carregadores no ambiente de trabalho, alargando o grau das rela2es pessoais, ao mesmo tempo que estreitavam amizades, tamb2m se distanciavam e criavam inimizades. Os momentos dos convites para `pegar algum trabalho , configura-se no modo mais comum de detectar algum estranhamento entre eles. Quando aqueles carregadores (geralmente na condi2o de comandantes), excluem algum chapa comumente do grupo, deixando de fora de alguma tarefa, 2 sinal de desentendimento.

Logo, podemos compreender a partir disso que o que muitos chapas faziam ou deixaram de fazer com suas vidas fora do trabalho, refletiam nas horas de conseguir ocupa2o. Muitas vezes, como no exposto acima, sendo julgados pelos pr2prios carregadores, que, deixam evidente que o problema nesse caso n2o tem rela2o nenhuma com o trabalho, uma vez que o cabeceiro em quest2o era quem mais executava a tarefa diante da obriga2o. Al2m de todos os obst2culos e dificuldades presente no of2cio de chapeado, percebe-se que as consequ2ncias de seus comportamentos e conv2vios no mundo extra trabalho, poderiam render-lhes menos trabalho durante o dia.

O chapa que bebe muito e aparece esporadicamente nos locais de trabalho, ou fica `marcado_ por n2o ter a responsabilidade m2nima, por2m fundamental, como `fazer uma feira , n2o 2 bem visto, sobretudo para aqueles empregadores que est2o ` procura de seus serviços.

Destarte, 2 interessante perceber no interior da categoria que em suas rela2es cotidianas, seja dentro ou fora do ambiente de trabalho, estes convivem

³⁶ Entrevista concedida ao autor em: 12/07/2013.

com uma cultura própria da experiência adquirida com o ofício, ao passo que moldam suas experiências de trabalho e de vida, em novas formas culturais³⁷.

A categoria (chapeados), não se constitui exclusivamente no processo de trabalho, mas também quando compartilham experiências e semelhanças ao modo de viver e se identificar entre si, portanto, a construção da identidade da categoria não se cristaliza em determinismos econômicos³⁸, pois podem surgir de inúmeros fatores adquiridos pelas experiências vividas.³⁹ No caso dos carregadores, acreditamos que os aspectos de suas vidas cotidianas estão significativamente relacionados à sua cultura. É dentro dessa imensidão cultural que o trabalhador cabeceiro, na labuta diária do ofício, através de gestos, maneiras de se comportar, ritos e ritmos repetitivos praticados quase que no automatismo, se faz representar uma rotina diária que engloba trabalho, diversão e lazer.

3.1 O DINHEIRO É CURTO, TEM QUE INVENTAR⁴⁰

De acordo com as informações dos cabeceiros, é possível atestar a insuficiência do que ganham para suprir necessidades básicas, quando revelam suas técnicas ou práticas de escolherem produtos mais baratos, como se nessa forma fosse possível adicionar outros itens necessários à sacola de compras. A declaração do chapeado Aldo Bezerra (pág.128), acerca da necessidade de economizar que diz: «a vida não é fácil, tem que economizar aqui e ali até dar certo», lança luz sobre uma má qualidade de vida dos trabalhadores chapeados⁴¹.

Se o que ganhavam mal dava para se alimentarem de forma básica, podemos imaginar que os limitados não foram, e ainda são, os momentos de lazer

³⁷ THOMPSON, E. P. Formação da classe operária inglesa. Vol. I, p. 10. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³⁸ Sobre a ideia de ampliar a análise do conceito de classe, procurando fugir de visões deterministas ou economicistas, ver: LONER, Beatriz Ana. Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universidade: Unitrabalho, 2001. Esse livro é parte de sua tese de doutorado, realizada junto ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS.

³⁹ Esse é um entendimento de E.P. THOMPSON (2011, p.12) o qual afirma que a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história.

⁴⁰ Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014

⁴¹ A partir das informações dos chapeados e da observação participativa nos momentos da pesquisa, ficou evidente a precariedade dos níveis de consumo da categoria. Aspectos como este também são importantes para perceber sobre as condições de vida que levam.

e de distração, necessário ao cotidiano de qualquer trabalhador. Arrumar tempo, dinheiro e ambiente para divertir-se também exigiu esforço da categoria, uma vez que a vontade de gozar das horas boas, nem sempre coincidia com a realidade financeira.

Os relatos sobre as más condições de trabalho, quase que comumente destacados pelos cabeceiros, já revela sinais de tensões pelas quais passaram estes trabalhadores. Assim como não foi diferente nas declarações acerca de situações particulares, como a própria experiência da prática em ir às compras que corrobora o aspecto da má qualidade de vida, e dos poucos salários recebidos por eles. Entretanto, não foram todos os chapeados que assim expressaram a real situação. Em vista disso, o carregador Aldo Bezerra Firmino, ao relatar sobre as condições da categoria, atestou que:

A maioria dos chapeados vive sofrendo a^o, pedindo migalha a um e a outro, e mais porque quer. Eles mesmo cavam o próprio buraco. Não sabe trabalhar com dinheiro, nem fica sem beber um dia sequer, nem falta cigarro no bolso. E tem muitos que fica escolhendo trabalho e acaba ficando sem nada. O chapa tem que ser o mesmo toda hora. Não quer de uma de bacana, se pabulando sem poder. O que adianta comer bom hoje e amanhã não ter nada? Faz o que não pode, a^o por isso que o povo ver o chapa como miserável e coitadinho. Ver se eu reclamo de ser chapa, eu tenho orgulho de ser chapeado. Consegui minhas coisinhas tudo trabalhando de chapa, a maioria. T^x certo ou não? Porque eu vejo assim, você tem seu lugar de frequentar e eu tenho os meus. Eu não ando nos lugares que você anda, entendeu como é? O chapa não se chapa quando está trabalhando não⁴².

Talvez se possa dizer que para este chapa, as dificuldades sociais e financeiras da categoria são resultado do próprio estilo de vida dos mesmos. Apesar do carregador ter relatado em outro momento palavras de revolta para demonstrar o sacrifício de ser chapa, ainda assim, para este cabeceiro, o modo como os carregadores usam o dinheiro que conseguem ganhar com o descarrego, seja comprando cigarro, bebida, prostituta ou coisas semelhantes, é o principal fator responsável por rebaixar a categoria a condição de miserável ou desprovido de oportunidades. Podemos constatar, a partir desse posicionamento em prol do ofício, mais como uma experiência de vida e trabalho pela qual viveu este carregador, do que como uma alternativa real de que a ocupação de chapeado possa, de fato, assegurar as necessidades básicas,

⁴² Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014.

mesmo porque a própria incerteza do trabalho não o respalda o argumento posto acima pelo cabeceiro.

Provavelmente o que fica evidente na fala do carregador são os reprovações dos estilos de comportamento de outros trabalhadores do seu convívio, os quais, por ventura, os incomoda pelo simples fato de viver o oposto daqueles que, por exemplo, se interessam e se dizem satisfeitos por beber, fumar, frequentar bordéis, bares etc. Trabalhar acima de tudo é o lema de Aldo. Entretanto, da mesma maneira que reconhece o trabalho de chapeado comum a qualquer outra profissão, também o comparou como sendo um trabalho "escravo".

A partir dessa dupla significação sobre o ofício, é interessante perceber que embora o carregador procure amenizar as condições do ofício, culpando os próprios colegas de construirmos estereótipos negativos para a "profissão", o mesmo corrobora, quando parece não achar correto, que um cabeceiro possa beber, fumar, se alimentar melhor ou frequentar determinados locais. A maneira como constroem lugares para si e para os outros: não estando nos lugares que você anda, sinaliza para entendermos como este chapa compreende seu lugar social. Como se os chapeados tivessem necessidades essenciais em função da "classe" a que pertencem. Aldo Bezerra Firmino, na mesma proporção que dizia ter orgulho de ser chapeado, demonstra desprestígio e indiferença ao ofício, pois parece não aceitar que o trabalhador, pelo fato de ser cabeceiro, não tenha direitos e condições de andar em determinados locais ou mesmo de consumir algo que os interessou. Como se o chapa devesse se comportar de acordo com suas realidades financeiras. Atitude que demonstra, sobretudo, sentimentos de exclusão e inferioridade.

Por mais que algumas declarações de cabeceiros dissessem que o ramo de chapa dava para "ganhar bem", as situações particulares, como o recebimento de parques salinais, o momento em que iam fazer feira ou os contratempos financeiros privando as horas de diversão, portanto, afastando-os cada vez mais da vida social, atesta o quanto viviam precariamente, sobrevivendo como podiam. Não foi só isso que os carregadores quando entrevistados afirmaram exercer outra função paralela a de cabeceiro.

Eu conheço poucos aqui dos chapas que não mexe com outra coisa por fora, nem que seja fazendo um favor pra alguém no interesse da gorjeta. Aldo [chapeado] mesmo é um deles que vende cigarro e latinha

de cerveja no domingo a^o na maternidade⁴³. Biu [chapeado] tem dia de domingo mesmo que at^o viaja ajudando os caba que faz frete. Eu mesmo n^o tenho nada certo assim n^o, mas quando aparece eu pego tamb^o.⁴⁴

Esse aspecto revela a labuta e as tensões dos carregadores em busca de outras atividades, assim como reitera que s^o por meio do ofício de carregador, tornava-se custoso suprir necessidades vitais. Ademais, o relato nos d^o pista para percebermos que alguns chapeados aproveitavam os finais de semanas para continuarem trabalhando, revela que os dias de folga no mundo dos cabeceiros, nem sempre s^o aproveitados para momentos de distra^o. Cen^orio este que desenha o m^onimo conv^ovio familiar, contato com amigos ou outras formas de recrea^o qualquer.

No caso dos cabeceiros, sua maioria afirmou que quando n^o estavam trabalhando de chapa, estavam `mexendo com alguma outra coisa⁴⁵, certamente para complementar a renda. Os valores magros e incertos que costumam receber pelo que fazem, n^o comprometem apenas as `cestas b^osicas_ que necessitam levar para casa, mas tamb^o limita direitos sociais necess^orios, como o lazer e a divers^oo⁴⁶, os quais, para o cotidiano de muitos, resume-se ` tomar cacha´a e visitar, hora ou outra, algum cabar^o para relaxar o corpo e a mente.

Agora, pra voc^o, fazer tudo, a^o n^o d^os^o com o descarrego. Eu que posso dizer que quase n^o bebia, ainda passava aperto, imagina a maioria dos cabeceiro que n^o podia ganhar uma coisinha que j^o estourava com mulher e cacha´a. Pra gastar com outra coisa, a^o tem que arrumar por fora tamb^o.⁴⁷

Este relato sugere que os momentos de folgas, definidos como aquele tempo onde gastavam o dinheiro com `mulher_ e `cacha´a_, tamb^o gerava despesas para muitos carregadores. Logo, certamente a representa^o deste cabeceiro demonstra que, o ganho com o `descarrego_, jamais daria para ser

⁴³ ISEA. Instituto de Sa^ode Elpidio de Almeida. \S comum a comercializa^o de produtos no seu entorno, sobretudo de g^o, neros aliment^ocios, j^o que o movimento de pessoas \S intenso.

⁴⁴ Ant^onio Felix Ferreira. Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

⁴⁵ O mesmo que trabalhar ou se ocupar com outras atividades (que n^o fosse (des)carregar caminh^o) que pudessem rende-lhes algum dinheiro.

⁴⁶ Lazer e divers^oo, conforme o historiador Ant^onio Clarindo Barbosa de Souza (SOUZA,2002), s^o atividades distintas. O primeiro corresponde a eventos programados e coordenado por autoridades ou agentes culturais designados para este fim. Enquanto que o segundo s^o organizados espontaneamente pelo povo, ent^o quase sempre, fogem ao controle dos programadores sociais. Dessa forma, compreendemos que os chapeados praticam atividades de divers^oo muito mais do que de lazer.

⁴⁷ Argemiro Filinto dos Santos. Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

gasto com outras coisas. Apesar da expressão "fazer tudo" ser muito ampla, entendemos que o trabalhador esteja se referindo às duas prioridades que mais pareceu comprometer suas despesas: "fazer a feira da casa" e "beber" nos cabarés, bares ou bodegas, não o necessariamente nessa ordem.

A bebida alcoólica, conhecida por eles como "cana" ou "cachaça", foi, e ainda é, consumida habitualmente pela maioria dos trabalhadores dessa categoria⁴⁸. Veremos mais adiante que cachaça e cabaré resume, em grande medida, o significado de divertir-se no universo desta categoria. Por isso mesmo, precisavam contabilizar o que foi apurado durante o serviço, para saber depois, analisar se aquele dia seria possível procurar mulher, cachaça, ou os dois. Nessa tentativa de aproveitar o tempo livre, o chapeado Antônio Felix Ferreira, também em nos conta que muitas das vezes, questões financeiras impossibilitavam esses momentos,

Ah, naquela época de vinte, trinta anos atrás [idos de 1980 e 1990] era mais animado, e quem era solteiro era mais fácil, porque não tinha obrigação da feira. Mas o chapa casado é direito, aí era mais difícil. Nem todo dia você podia sair pra tomar gozo ou conhecer uma moça. Mas não era por nada não, viu? [risos] era a condição mesmo que não permitia. Qualquer novidade que aparecesse, lhe tirava do prumo. Mas tinha semana que dava certo, e assim ia levando. Tinha que esperar de certo, porque pra fazer como muitos que eu via aí, tomava aquele dinheiro emprestado pra rapariga eu não fazia de jeito nenhum. [...] e volto atrás, pra não mentir pra você, teve uma vez sozinha que eu tomei dinheiro emprestado a Bui⁴⁹.

Novamente, outra declaração que alega ser a condição econômica um dos principais motivos pelos quais muitos chapeados privaram-se de farra, ou mesmo de frequentarem bares e bordéis. Entretanto, é notável que no cotidiano da maioria desses trabalhadores, o comportamento de chefe de família responsável, que, adiavam os momentos de beber por conta das obrigações, são maneiras de proceder, apenas de parte deles. Portanto, dentre os chapas por nós interrogados, prevaleceram outros hábitos.

O que é pertinente observarmos no relato é o tempo de "vinte ou trinta anos atrás" que representa as décadas de 1980 e 1990, as quais, segundo o cabeceiro, eram mais frequentes e "animados" os momentos de distração. Em vista disso podemos identificar, a partir dessa especificação temporal, indicadores

⁴⁸ Vale aqui lembrar que a cachaça e o "cool" em geral são exclusivos de pobres, pensar dessa maneira reforçar um estigma que parece já ser bastante latente.

⁴⁹ Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

de mudanças na cidade como também sinais de que os próprios hábitos de muitos chapeados acompanharam o ritmo da cidade no tocante aos modos e locais de divertir-se. Certamente, as andanças pelas ruas, os bate papos em grupos, as arruaças, as visitas aos cabarés e até as tensões que desencadeavam em brigas entre eles, não diminuíram somente por questões econômicas, até mesmo porque, é pouco provável que na história da categoria, houvesse época marcada por ostentação financeira.

Seja onde e como for, os momentos de diversão dos carregadores em Campina Grande também vão passar por mudanças ao longo dos anos. Locais antes favoráveis para a distração, como Feira Central e Rua Presidente João Pessoa, tornaram-se restritos e incompatíveis, tanto para a realidade dos seus poucos recursos, como para os hábitos de beber e farrar em cabaré, por exemplo⁵⁰. Se as mudanças na cidade e no mercado de trabalho, exigiram trabalhadores com perfis mais apropriados e qualificados, e diante disso o trabalhador cabeceiro reagiu, se reinventando para subsistir no ofício, não seria incomum imaginarmos que estes também criaram outros momentos e novos hábitos para aproveitar as horas tidas como de folga.

3.2 NÃO TEM DIA CERTO, TEM HORA QUE ACONTECE ⁵¹

A interpretação que fazemos é que quando os chapeados se divertem ou procuram se distrair com algo que possa fazê-los desviarem a atenção da exaustão do trabalho, estes momentos poucas vezes são programados. Não saber o dia é um indicio de incerteza, que tem relação direta com a imprevisibilidade do que ganham durante um dia de serviço. Ou seja, geralmente, no mundo do trabalho dos chapas, num dia pode-se ganhar bem e no outro não ganhar absolutamente nada. Para os carregadores, a possibilidade de diversão está bem conectada com a realidade do trabalho, ou como recebem por ele. Portanto, a imprevisão do ofício tanto parece limitar instantes de distração, como viabilizá-los.

⁵⁰ Apesar de ainda existir chapeados nestas áreas, devido ao forte comércio no seu entorno, não são mais consideradas locais de diversão. Bares e cabarés não fazem parte da realidade desses locais, além disso, muitos carregadores se queixam da violência e do perigo que é permanecer nas ruas quando o comércio para de funcionar.

⁵¹ Resposta do carregador Antônio Felix Ferreira, quando perguntamos sobre quando, onde e qual horário se divertiam. Entrevista concedida ao autor em: 19/10/20014

Considerando que pouco se ouviu falar em férias, a diversão dos chapeados, fica mesmo por conta do acaso, tem horas que acontece. Assim como qualquer instante podem ser convidados para carregar ou descarregar um caminhão. Apesar dessas imprevisões, talvez inerente ao próprio estilo de vida desses trabalhadores, uma vez que poucos se programam financeiramente, ainda assim, é perceptível a necessidade, o desejo e a importância das horas livres no seu cotidiano.

Dessa maneira, as pausas para momentos de folga são consideradas necessidades essenciais, seja qual ocupação exercessem. São intervalos no trabalho imprescindíveis ao descanso e bem-estar do corpo e da mente. Nesse sentido, nota-se que atualmente muitos espaços de trabalho, sobretudo nas grandes empresas, que exigem muitos esforços físicos e mentais de funcionários, vem cada vez mais investindo e contratando serviços destinados a oferecer atividades lúdicas e recreativas no próprio ambiente de trabalho. Atitudes que representam a importância crucial do que significam os momentos de descanso na rotina de trabalho. Portanto, estas mesmas medidas talvez traduzem um dos grandes símbolos da sutileza do sistema capitalista que oferece determinados meios de conforto ao trabalhador, para não perder o ritmo da produção⁵².

Sobre o que diz respeito aos momentos de distração no universo dos carregadores, principalmente aqueles que trabalham fixo, ou seja, de carteira assinada, o que pareceu ter ocorrido foi uma diminuição desses momentos de diversão. Segundo informantes do cabeceiro Francisco Barbosa Silva, o chapeado tem mais com o que se divertir, não tem mais graça⁵³. Negro, como assim é chamado pelos colegas, faz essa afirmação, comparando os dias atuais com o período quando começou a trabalhar como chapeado em Campina Grande no final da década de 1980. Este cabeceiro, familiarizado com a região de Feira Central, ao lembrar daquele tempo, aponta indícios para imaginarmos um

⁵²Essa proposta de muitas empresas não é nenhuma novidade, estas iniciativas consideradas empreendimentos para proporcionar conforto aos trabalhadores já existiam desde das primeiras décadas do século XX, basta pensarmos nas Vilas Operárias e todo seu conforto, com lojas, cinema, clubes, piscina e campos de futebol etc. como bem demonstra a historiadora Margareth Rago no seu *Do Cabaré ao Lar* (2014), p. 54.

⁵³ Entrevista concedida ao autor em: 12/07/2013

cenário com ruas movimentadas a oferecer possibilidades, não o sãde trabalho, mas de encontros para `farrar_ e distrair.

Eu j@fiz muita amizade nessa profiss^o de chapeado, e lhe garanto que antes, devido o movimento de gente, era tanto lugar de bar que era sãeir passando e ficando. Vinha gente dos munic^opio tudo pra dentro dessa feira aqui, e se tinha movimento, tinha tamb^o que ter os lugares de frequentar. Tinha rua dentro da Feira Central que a gente chamava de rua dos caber^o54 de tanta mulher da vida passando de um lado para outro. Tem muito chapa que ainda chama assim, mas hoje, não tem ^o nada, e tamb^o nem todo mundo tem coragem de se envolver com qualquer mulher de rua, pois tem muita doen^a espalhada por a^o e muita gente ruim na rua com a viol^oncia grande que ^o55.

Percebe-se na fala desse cabeceiro, o quanto as lembranças, `daquele tempo_, logo entram em choque com o presente vivido. Assim a partir dessa compara^o podemos perceber que os locais de trabalhos mais frequentados pela categoria não diminuíram apenas os volumes de cargas e descargas, mas tamb^o enfraqueceu os la^os de sociabilidade, desde o momento em que ^oreas como da Feira Central e rua Jo^o Pessoa, tomadas por v^orios tipos de casas comerciais, tornaram-se menos acess^ovel ^os divers^oes e aventuras desses trabalhadores, acostumados a distra^orem no meio das ruas, em bares, botecos ou cabar^ois.

As declara^oes do carregador, tamb^o nos informam, que a viol^oncia nas ruas, e o perigo de adoecerem sexualmente, desencorajaram muitos trabalhadores a buscarem `mulheres de rua_, ou mesmo, frequentarem cabar^ois. Revela^o interessante porque aponta para diferentes formas de perceber a cidade, e como os sujeitos s^o tomados por cada contexto vivido. Enquanto os cabar^ois de `antes_, pareceram ter uma fun^o social, pois, `se tem movimento, tem que ter esses lugares para frequentar_, os de `agora_, s^o ambientes amea^odores.

É possível que nos anos de 1980 em Campina Grande, não houvesse preocupa^oes com doen^{as} sexualmente transmiss^oveis, a ponto de amedrontar ou limitar a assiduidade de carregadores nos cabar^ois a procura de distra^o com mulheres e bebida^o56. Portanto, a apreens^o do carregador, quando afirma que

⁵⁴ Rua Manuel Pereira de Araújo, antes conhecida pejorativamente de `Rua boa_.

⁵⁵ Francisco Barbosa da Silva. Entrevista concedida ao autor em: 12/07/2013

⁵⁶ A AIDS, sem dúvidas a doen^a mais impactante sexualmente transmiss^ovel, j^o amedrontava a popula^o brasileira a partir dos anos 1980. A primeira not^ocia da exist^oncia da doen^a foi noticiada no programa

tem muita doença espalhada nas ruas, e uma preocupação do tempo presente e do do passado lembrado. O que é válido para o caso da violência também relatada pelo carregador, pois, por mais que se esforcem para ser fieis ao passado lembrado, o indivíduo, ao representá-lo, acaba por agir sobre ele. Dessa forma, a memória apresenta o processo reativo desencadeado pela realidade vivida por cada pessoa. (MONTENEGRO, 1992).

§ pertinente tocarmos nesse ponto, para não tomarmos os relatos dos chapeados sobre o mundo fora do trabalho, como verdades prontas. Porque notamos que nem todos os trabalhadores ouvidos, mesmo sendo conhecido no grupo como assíduos frequentadores de cabarés ou cachaceiros, quiseram confirmar tal fama. Enquanto outros, se empolgaram com tanto episódios e até revelaram nomes de mulheres que conheceram ao transitarem por certos locais da cidade.

Portanto, saber quem está dizendo a verdade, ou nesse caso, quem frequentou bares e cabarés, não é o importante quanto percebermos, a partir dos seus relatos, mesmo com omissões, como a cidade foi passando por mudanças e como eles se reinventaram na busca por divertir-se.

Ao longo das décadas alguns vetores modernizantes que começaram a se fazer presentes em Campina Grande como a difusão de indústrias (década de 1960) e supermercados (década de 1980) incorporando novos hábitos de consumo e de trabalho, refletiu em locais como os da Feira Central, que além de representar importante espaço de meio de vida para os mais pobres, era também tido como de diversão para muitos trabalhadores cabeceiros.

Se já dissemos que a Feira Central e a Rua João Pessoa foram áreas cruciais para o ofício de cabeceiro, não é menos verdade que estes espaços representaram importantes pontos de encontros para distração, interação, bebedeira e pelepas amorosas. § o que nos informa o chapeado Francisco Barbosa da Silva:

Já andei tanto num lugar como no outro, era onde tinha os movimentos mesmo, quem não chapa sabe disso. Pergunta a Ceguinho pra você ver uma coisa. Aqui na Feira, para quem fosse pegar nega de verdade, você encontrava preço, mas lá pela João Pessoa, já aumentava o preço. Aqui sempre foi mais barato. O mais famoso é que

Fantástico da Rede Globo de Televisão em 1983. Para saber mais ver: BARATA, Fernandes Germana. A primeira década da AIDES no Brasil. O Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992). Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em História social da universidade de São Paulo, USP. 2006.

ficou mais tempo funcionando aqui na feira e que era um pre'co mais salgado, era o Canarinho. Ali tinha muita nega bonita, visse. Mais foi o ltimo, hoje tem uns cantos a' que ' sebosos demais. E u mesmo n' o tenho coragem n' o. Mais os meninos a' v' o ainda, e gastam o dinheiro todo, tem vez que fica liso, liso. (risos)⁵⁷.

Os carregadores n' o contribu'ram com o com'rcio da cidade apenas quando enchiam ou esvaziavam caminh'pes de mercadorias, mas tamb'm quando permaneciam nas ruas atr's de `consumir_ divers' o, prazer e aventura. A partir do que nos conta os chapas, podemos imaginar que foram imensur'veis as vezes que muitos carregadores - sem ter que sair do ambiente de trabalho - viu todo seu dinheiro apurado durante o dia ser consumido por bebidas e prostitutas em bares e cabar'is. Tomando como base o relato, ' poss'vel compreender que muitos chapeados procurassem tais locais para esse tipo de divers' o, por'm, ' percept'vel que estas mesmas localidades que estes trabalhadores reconheceram como zonas de prostitui' o e bebedeiras, hoje n' o se enquadram mais nessas caracter'sticas.

As imedia'pes da Feira Central foi sem d'vida um dos locais mais frequentados por todo tipo de bo_ mios, classe m'dia e alta, prostitutas, b_ bados e desocupados, formando um `caldo_ cultural de desejos, interesses, expectativas e tens'pes. No contexto do auge da comercializa' o do algod' o, 'poca de circula' o de muito dinheiro na cidade e dos bordeis glamorosos, a prostitui' o, junto aos pontos de encontro para beber, foram atividades muito intensa e lucrativa. Nas adjac_ ncias da Feira, at' os anos de 1950, `O comercio que se praticou naquelas ruas, n' o foi apenas de produtos e mercadorias, mas sim de sexo, desejos e sonhos ⁵⁸.

Todo esse potencial luxuoso da Feira Central, no que tange ao `comercio dos prazeres_ , onde se encontravam as melhores pens'pes, bordeis e requintadas mulheres `capa de revista_ , embora tenha praticamente se extinguido com o fim das grandes comercializa' pes de algod' o, ainda assim, de acordo com (SOUZA, 2002.), nas ruas que formavam a feira, a partir dos anos

⁵⁷Entrevista concedida ao autor em: 12/07/2013. Na 'poca da entrevista ainda trabalhava como carregador nas proximidades da Feira Central.

⁵⁸ SOUZA, Ant'nio Clarindo B. de. Lares permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, cultura e lazer na Campina Grande dos anos 50 e 60. Doutorado em Hist'ria, Recife, UFPE, 2002. p. 325.

50, existia uma infinidade de bares, barracas e pequenos cabarões, que não disputava em luxo, mas atraía muitos populares⁵⁹.

A qualidade dos bordéis e o perfil de seus frequentadores vão se transformando conforme o passar dos anos. Se as classes mais altas, representado pelos "barões do algodão", cada vez mais deixaram de frequentar bordéis e cabarões em determinadas áreas de Campina, simbolizando, o enfraquecimento econômico, não significa dizer que a cidade estava sem uma elite local. Portanto, vale lembrar que após o declínio da cultura algodoeira, mais precisamente a partir de 1960, entram em cena outras culturas econômicas, ligadas ao setor industrial e educacional,⁶⁰ que certamente sinalizaram para o surgimento de outros costumes e interesses, também no mundo dos trabalhadores brasileiros.

Uma clara evidência de que o enfraquecimento do setor algodoeiros, embora tenha afetado significativamente a economia da cidade, não representou a decadência de áreas de forte vigor comercial como as da Feira e rua João Pessoa, nem tampouco as possibilidades de diversão popular. De maneira que a partir dos anos de 1960, ocorre um aumento ao acesso nos bordéis e pensões da feira, de modo que os cabeceiros, por exemplo, já não precisassem perambular tanto, buscando um cabaré que estivesse de acordo com suas condições financeiras⁶¹.

As respostas dos chapeados, por não indagados sobre o que faziam para aproveitar o tempo livre, pouco modificou de uma para outra. Logo, a maioria admitiu que beber e frequentar cabarões era o que mais faziam para gozar das horas vagas. Apesar do consumo de álcool e a frequência em bares e bordéis terem sido mencionados reiteradas vezes, outras práticas foram consideradas como diversão.

Naquele tempo, pra mim mesmo, diversão era ainda fazer um joguinho, bater papo e dançar forró. Dançar um forrozim, e beber um goró coisa boa, eu acho. Se eu dançasse três ou quatro vezes por semana eu

⁵⁹ IDEM, p.360.

⁶⁰ FERNANDES, Silvana Torquato. Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960/1980). Dissertação em História, Campina Grande, UFCG, 2011, p.110 a 115.

⁶¹ Até os anos de 1950, época do auge dos grandes bordéis nas imediações da feira, trabalhadores como os chapeados, praticamente não tinham acesso a tais ambientes, pois não estavam à altura dos seus poucos recursos. Por isso precisavam sempre estando mais alguns passos para encontrarem alguma pensão. Ver: SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de. Lazers permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). Tese (Doutorado em História). Recife, UFPE, 2002, p. 322.

achava era bom. Mas hoje não tem mais facilidade e também as vistas velha tornou ruim não tem condições. Eu gosto de dançar! Primeiramente Deus e sabe, depois dançar um forró com um nega bem dançadeira [risos]. Ah se eu pudesse! [...] Naquele tempo, dentro das feiras mesma você achava lugar pra dançar, se tivesse um sanfonista e um zabumbeiro, pronto, já se via o povo agarrado e dançando. Ainda hoje, na Feira de Prata, tem semana que até tem um forrozim. Mas hoje é difícil, tudo é na base do dinheiro agora.⁶² Hoje você passa numa feira dessa aí, e não vê mais animação de nada. A coisa mudou muito.⁶³ Minha diversão era meus racha [jogar futebol], mas eu parei faz um tempo já. Tava com o corpo cansado demais e achei melhor para logo. Mas eu já gostei de correr atrás de bola, visse. No campo do Mutirão⁶⁴, e até fora de Campina, eu ia jogar quando era acertado o jogo com os times fora [...]. É animado, sabe? vendo, ainda hoje, gosto de assistir [...]. Na televisão também não vejo mais. Eu me divirto em casa mesmo. A pessoa evita estar em certos cantos, como porta de bar, e livra até de confusão, não é melhor? A rua de hoje mudou muito.⁶⁵

É curioso como os relatos, apesar de falarem de assuntos diferentes, se complementam quando pensamos em aspectos que sinalizam para mudanças de hábitos e possibilidades de passatempo e entretenimento no cotidiano de muitos campinenses ao longo dos anos. A expressão “Naquele tempo”, que estes chapas trazem em suas falas, apontam para possibilidades e interesses acessíveis a respeito do que faziam para se divertirem, que hoje, parecem terem tornados inacessíveis, como dançar forró ou “estar em certos cantos”.

Os relatos, sobretudo o primeiro, nos conduzem para um cenário mais alegre nas feiras da cidade, onde muito pouco bastava para presenciar “bandas” de forró. Segundo o cabeceiro Antônio Augusto de Souza, “uma zabumba e uma sanfona”, era mais que suficiente para que parte de determinado local da feira virasse palco de diversão e alegria. Na fala do carregador, percebe-se que o espaço das feiras livres, que vive sob a égide da informalidade, e resistindo ao tempo do comércio moderno, queda-se no que se refere a local certo para diversão e animação.

As impressões dos carregadores sobre o potencial comercial da feira sempre foram nostálgicas. “Naquele tempo”, parece rememorar o melhor lugar do mundo para trabalharem e divertirem-se. Apesar das mudanças, ainda hoje reconhecem o espaço como fundamental para o sustento de muitas pessoas. No

⁶² Entrevista concedida ao autor em 06/09/2015

⁶³ Antônio Augusto de Souza. Entrevista concedida ao autor em: 06/09/2015

⁶⁴ Localizado no Bairro do Mutirão, Zona Oeste da cidade.

⁶⁵ Aldo Bezerra Firmino. Entrevista concedida ao autor em: 21/09/2014

entanto, já não enxergam o local como ambiente capaz de proporcionar momentos de liberdade, distração e animação.

A diminuição de trabalhadores e a violação aspectos que segundo os trabalhadores fizeram com que a feira chegasse ao ponto de

não ter nenhuma qualidade para a distração e bate-papo. Tudo tem seu tempo, e o tempo da feira já passou. Nem tem chapa e ninguém tem coragem de andar mais com essa violação da peste⁶⁶.

Relatos como esse, também de corroborar com a ideia marcante da diminuição do ofício na cidade, demonstra a maneira como muitos chapeados foram percebendo as mudanças pelas quais passavam determinadas áreas da cidade, que antes, por sua dinâmica atacadista, favorecia o cotidiano da categoria. É interessante notar através das entrevistas, que as mudanças sentidas por muitos deles, não têm relação apenas com o enfraquecimento do trabalho que mexe diretamente no bolso de quem dependeu durante décadas do movimento dessas áreas para subsistirem. Mas também, existe o sentimento de perda pelo fato de determinadas áreas não mais representar importância crucial nas horas de socialização, diversão e distração. Ao que tudo indica, com o passar das décadas, cada vez mais os meios de distração popular foi diminuindo ou se afastando das áreas centrais. Entretanto, apesar disso, a verdade que tudo tem seu tempo, e o da feira, não passou, mas sim continua.

Nos anos de 1960, por exemplo, aos arredores da Feira e das ruas do centro, principalmente a João Pessoa, existiram vários tipos de divertimento populares, como briga de galo, de canário, corrida de cavalo, casas de sinuca, bingos e jogo do bicho com seus mais de 500 pontos espalhados pela cidade⁶⁷. Com exceção do jogo do bicho, são modos de distração que não foram relatados pelos chapeados, sinal de que a partir deste contexto, tais divertimentos, não fizeram parte da rotina dos carregadores, ou já não figuravam com tanta popularidade.

Mas ainda assim, na fala de alguns carregadores, contemporâneos das duas últimas décadas do século XX, é possível percebermos a feira como

⁶⁶ Argemiro Filinto dos Santos. Entrevista concedida ao autor em: 30/03/2015

⁶⁷ SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de. Lazer permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). Tese (Doutorado em História). Recife, UFPE, 2002. p. 350 a 355

espaço provável de distração, e sobretudo de grande movimentação. Como assim testemunhou Francisco Barbosa da Silva:

Você ainda tira alguma coisa da Feira, mas não pouco. As lojas que tem hoje não era como os armazém de antes. Eles quase não chama mais cabeceiro pra trabalhar, porque não precisa mais. E se aqui não assim, imagina por aí, porque aqui na feira sempre foi o ponto certo [...]. Sim, aí quando se fala em sair para procurar o que fazer na feira, aí não que não tem não nada mais mesmo. Ninguém quer mais graça com isso. Olhe, acabou a feira você, se vai encontrar não confusão, aí não cheio de malandro espalhado. Ninguém nem passa aí de noite. A feira não presta mais não, no meu tempo quando fala em droga pesada a gente nem sabia o que era. Era coisa de outro mundo. Tinha um monte de gente tomando a feira toda, e você ficava aí bem tranquilo⁶⁸.

O antes e o presente mais uma vez surgiu nas falas dos carregadores, e sinalizam para uma outra maneira de compreender, não se é o espaço das feiras, mas de toda a cidade que a partir dos anos de 1980 e 1990 seguia mudando e resignificando os modos de divertir-se. Criando eventos e espaços como Estádio de Futebol⁶⁹, Parque da Criança⁷⁰, Parque do Povo⁷¹ e festas de ruas, como o Micarandê⁷².

Desse modo, assim como a cidade estava criando outros ares e construindo novos hábitos, apostando na cultura dos eventos, tem-se que os pontos de encontro comumente frequentado pelos carregadores também foram se desfazendo ou se resignificando. Áreas localizadas no centro da cidade, como as imediações da Feira Central e Rua João Pessoa, ambas consideradas locais de muito acesso de carregadores, hoje, segundo esses trabalhadores, a relação entre trabalho e espaço desapareceu consideravelmente. O chapa não tem ambiente certo para trabalhar.

3.3 BEBO PARA ANIMAR MAIS⁷³.

⁶⁸ Entrevista concedida ao autor em: 12/07/2013

⁶⁹ Estádio Governador Ernani Siqueira, o Amigão, inaugurado em 08 de março de 1975.

⁷⁰ Espaço de lazer localizada no centro da cidade, medindo uma área de 6.700m². Fundado em 1993.

⁷¹ O Parque do Povo, uma área de aproximadamente 42.500 metros quadrados, onde se realiza o famoso Maior Show do Mundo, e foi construída em 1986.

⁷² Uma festa estilo carnaval fora de época que começou a ser realizada em Campina Grande a partir de 1990. Apesar de ter sido realizada em ruas públicas, o Micarandê foi uma festa particular, onde empresas vendiam ingressos (camisas de bloco) e participavam nas contratações das bandas e divulgação do evento.

⁷³ Antônio Felix Ferreira. Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014.

Para a maioria dos chapeados, o tempo de beber representou o oposto ao trabalho. Era como se pudessem conseguir fugir do esforço e da rigidez do ofício. Uma válvula de escape providencial para muitos, porém, nem tanto para outros, que julgaram o vício da bebida como uma das principais causas responsáveis por desmoralizar a categoria dos chapeados. Mesmo assim, seja para falar mal, ou falar bem, a relação da cachaça com o cotidiano dos chapas não passou despercebido nos momentos das entrevistas. Até mesmo quando não perguntávamos sobre o assunto, a "cana", ainda assim, foi reiteradamente comentada pelos carregadores, geralmente associaram o ato de beber aos momentos de diversão e distração.

A presença do "cool" marcante no universo dos trabalhadores comuns de um certo pensamento operário brasileiro. A bebida, aos olhos da elite das primeiras décadas do século XX, foi considerada uma ameaça aos trabalhadores, pois debilitava os corpos dos operários comprometendo a ordem e sobretudo a disposição para realização das atividades. Esse aspecto está muito bem representado em estudos importantes sobre o cotidiano dos trabalhadores, como os de Chalhoub⁷⁴, Rago⁷⁵ e Decca⁷⁶, os quais, demonstram que práticas sociais, como por exemplo, o ato de beber, foram cerceadas mesmo em locais que não diz respeito ao ambiente de trabalho.

A experiência com o "cool", e outras práticas que viessem a estimular o "êxtico", sobretudo dos populares, foram condenadas a serem enquadradas como atividades imorais e ilegais. Entretanto, se o cotidiano dos populares nesse período esteve em constante suspensão, a resistência cotidiana também foi evidenciada por ambos autores, atestando, pois, que muitos trabalhadores não assistiram às implicações de forma passiva.

As várias maneiras dos trabalhadores resistirem contra padrões e padrões sociais, são em sua maioria de caráter coletivo, seja de maneira formal e organizada por uma classe operária, participando de greves e contestando

⁷⁴ CHALHOUB, Sidney. Trabalho lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas, SP. Ed. da Unicamp, 2012.

⁷⁵ RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinas: Brasil 1890-1930. 4.ed. São Paulo: Paz e terra, 2014.

⁷⁶ DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida Fora das Fábricas. Cotidiano Operário em São Paulo 1920 - 1934. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1987.

imposições organizacionais, sejam através de motins, sabotagem, desrespeito aos códigos internos das fábricas ou quebrando maquinários⁷⁷.

No caso específico dos trabalhadores chapeados, como já foi dito noutro momento nesse texto, o objetivo central das resistências cotidianas por eles praticadas, são mais por necessidades de sobrevivência individual do que qualquer ideologia de natureza partidária que visasse o bem de uma coletividade. No mundo longe do trabalho, mais do que uma simples tentativa ou busca por diversão, beber, baderna ou ir ao cabaré são interpretadas como modos de resistência cotidiana dos carregadores. Portanto, as saídas e os pontos de encontros são considerados espaços possíveis de resistência.

Nesse sentido, temos que esses locais de distração, sobretudo simbolizado no ambiente dos caberes regado a bebida, bate-papo e mulheres, configuram-se em território adverso ao fardo do compromisso e da responsabilidade do trabalho; semelhante as tavernas inglesas⁷⁸, aos bares paulistas⁷⁹ e botequins cariocas⁸⁰. Desse modo, são recintos de resistências conectado a própria história dos trabalhadores. Espaços que segundo o historiador Severino Cabral Filho, são ambientes que se constituíram como símbolos da resistência operária, trincheira dos trabalhadores na guerra contra o despotismo dos patrões⁸¹.

Referente ao universo dos chapeados, os momentos de folga e distração, os quais muitas das vezes iam parar nos cabarés, não são vistos apenas como práticas de resistência ou sociabilidade entre eles. Nota-se também que o hábito de carregadores frequentarem certos locais para se divertirem, renderam-lhes alcunhas pejorativas, como as de `vagabundo`, `cachaceiros`, `cu-de-cana`, `raparigueiro` etc. situação que refletia negativamente nas horas de conseguirem serviços. Como assim explicou o cabeceiro Argemiro Filinto dos Santos.

⁷⁷ Muitas dessas maneiras de resistência estão presentes nos estudos, de E.P. Thompson que trata da `formação da classe operária inglesa`; em Michelle Perrot, sobre o operariado francês; na pesquisa de Margareth Rago, no seu `Do cabaré ao lar`; em Maria Auxiliadora Guzzo de Decca, quando analisa o cotidiano operário em São Paulo e nos trabalhadores pesquisado por Sidney Chalhoub em `Trabalho lar e botequim`.

⁷⁸ THOMPSON, 1987; HOBSBAWM, Eric J. Mundos do trabalho, 1988.

⁷⁹ Presente em: DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida Fora das Fábricas. Cotidiano Operário em São Paulo 1920 - 1934. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1987.

⁸⁰ CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 2ª ed. São Paulo: UNICAMP, 2001.

⁸¹ CABRAL FILHO, Severino, O pó da Memória: velhos padeiros, lembranças, trabalho e história. João Pessoa: Editora universitária/UFPB, 2004, p. 147.

Eu mesmo fui esperto, não o cai nessa não. Tinha cabeceiro que de meio-dia em diante não o prestava mais pra nada, estava tudo b, bado já. O povo passava gritando, lá vai o `cu-de-cana, `cachaceiro [...] e era assim direto. Quando era para arrumar uma coisinha, o povo que tava atrás do serviço de cabeceiro já ficava de orelha em pé com aqueles lá sem querer convidar pra trabalhar com medo que fosse beber [...] outros também coitados, pagava o pato devido a fama dos cabeceiros que é grande pra gostar de cana. No meu tempo era ali na `Rua das Flores, o ponto certo. Eles arrumam dinheiro de manhanzinha, até... no máximo, umas onze horas. Eram os primeiros que chegavam na rua pra trabalhar. Depois, corria pra tomar cachaça e de lá saia chutado. Por isso que lhe digo com toda sinceridade, de meio dia pra tarde, era mais difícil arrumar chapa por aqui⁸².

Constata-se na fala de Argemiro Filinto dos Santos, que nem todos os chapeados seguiram o papel de chefe de família responsável e atento às necessidades básicas. Muitos queriam mesmo eram saciar seus vícios, e para isso, alguns precisavam estar nas ruas logo cedo para começar a trabalhar. Se os serviços de chapa, essencialmente praticado no meio das ruas, já demonstra o quanto estavam expostos, pior ficava nas horas reservadas para a bebida, quando se aventuravam pelos bares e cabarés a procura de diversão. As distrações que começavam ainda cedo do dia, poderia adentrar a noite sem que muitos deles, envolvidos pelo álcool, mulher e bate-papo, notasse o tempo passar. É certo que, por alguns momentos, nem toda reunião de chapeado em determinados pontos da cidade, eram sinais de que estavam procurando trabalho.

As declarações dos carregadores, mesmo aquelas que se posicionaram contrários aos momentos de bebedeiras, são indícios que revelam como essas práticas eram recorrentes em seus cotidianos. O que nos possibilita entender que o próprio local de trabalho e o grau de afinidade entre os trabalhadores, era um dos principais canais de acesso para começar a beber ou iniciarem qualquer outro meio de diversão, comumente praticado pela categoria. Essa afirmação baseia-se a partir do que nos contou o carregador Marcos Antônio da Rocha:

Quando a turma da Rua João Pessoa era grande, no tempo do árscar, eu bebia demais, ainda bebo, mas como antes não era não. Eu digo a você, que teve não sei quantas vezes, que eu ia marcar o ponto, mas não pegava um saco durante o dia todo. E os meninos de vez em quando me chamando para o serviço. Sabe o que eu tava fazendo? Enchendo a lata de cana. Saia de casa cedo, saía para beber, acredita? Via o movimento dos carros, e dos meninos pra lá e pra cá trabalhando.

⁸² Entrevista concedida ao autor em 30/03/2015

E um deles dizia: "hoje Marcos sÆcarrega copo... E era mesmo. [...] eu ia pra rua porque sabia que tinha movimento, tinha os conhecido e cedo do dia, era onde tinha as coisas aberta"⁸³.

§ interessante observar como este carregador, ao lembrar do momento de "diversão", demarca o tempo em que tal episódio aconteceu, se baseando no trabalho e no produto, que certamente marcou o comércio de carga de descarga de determinada época. Essa maneira de rememorar corrobora com a ideia de que muitas vezes os momentos de diversão ou horas de folga, não eram suficientes para desprender o chapeado do trabalho. Pois mesmo quando trocavam os fardos pelo copo, como no exemplo desse chapa, ainda permaneciam no mesmo lugar, visualizando cenas repetidas do ofício, sentindo cheiro do açúcar ou o barulho das máquinas a trituração. Novamente nos deparamos com a familiaridade dos cabeceiros com o ambiente de trabalho mesmo quando não estavam trabalhando.

A frequência com que mencionaram a rua João Pessoa e suas proximidades, sinaliza mais uma vez para o papel dessas ruas na construção de sociabilidades relacionadas a instantes de prazer e distração. O trabalho não foi o único motivo ou estímulo que faziam áreas como a Feira e a rua João Pessoa estarem marcadas pela presença de carregadores. Muitas vezes saíam de casa cedo da manhã e procuravam aqueles locais, mas sem pretensão nenhuma de conseguirem trabalho, simplesmente saíam de suas casas em busca de companhia, distração, bate-papo, paquera ou cachaça mesmo, como bem esclareceu o chapeado acima.

Podemos identificar a partir do exposto até aqui, uma certa dependência dos cabeceiros com as ruas tidas como fundamentais para seus sustentos, as quais significou muito mais do que simples ambiente de trabalho. Para muitos chapeados, eram nesses espaços onde podiam encontrar o movimento, a amizade, o hábito, o estabelecimento aberto logo cedo e a possibilidade de alguma novidade acontecer. A recorrência desses trabalhadores a determinados espaços da cidade, sinalizam também para uma característica amorosa e afetiva. As tensões e as adversidades das ruas, sem dúvida formadoras e responsáveis pelo acúmulo de experiências desses trabalhadores, também pareceu agir como alento pessoal. Ora solucionando ou agravando problemas que muitas vezes

⁸³ Entrevista concedida ao autor em: 05/09/2015.

traziam de outros lugares e por motivos vários que não o faziam relação com o trabalho.

Nesse sentido, este vínculo, quase que sanguíneo de muitos carregadores com os locais de trabalho, pode ser representado a partir de uma matéria veiculada no DB⁸⁴, que tratou do cabeceiro Evangelista José da Silva, de 39 anos de idade, que há alguns anos trabalhou na Rua João Pessoa. Essa matéria, que trouxe no seu título: 'Cana mata mais um', nos dá algumas pistas a respeito de questões mais particulares sobre o cotidiano da categoria.

Dessa forma, seguindo rastros de informações colhidas nessa matéria do ano de 1980, temos que o dia desse carregador parecia ser um dia normal, pois reproduz a rotina de tantos outros cabeceiros que saíam de suas casas bem cedo para trabalhar, e no final do expediente, bebiam ou distraíam com algo próximo dali⁸⁵. Provavelmente foi o que fez o chapeado Evangelista, partiu logo cedo da sua residência, localizada no Bairro da Bela Vista, com destino ao armazém onde trabalhava, na rua João Pessoa. Fazendo um percurso de mais ou menos três quilômetros, o qual, possivelmente feito a pé⁸⁶. Passado o horário comercial de trabalho, imaginamos que o cabeceiro saiu para beber logo cedo da noite, nas imediações da rua João Pessoa⁸⁷ e veio a falecer na madrugada, na porta do armazém onde trabalhava.

⁸⁴ DB. 11-09-1980.

⁸⁵ Práticas e hábitos que não são exclusivos dos carregadores.

⁸⁶ Estamos nos referindo aos anos de 1980, época em que a cidade não dispunha de meios de transporte público suficiente, principalmente em áreas consideradas periféricas, onde residiam a maioria dos cabeceiros. A bicicleta, meio de locomoção mais comum no universo dos carregadores, ainda hoje, não são todos que utilizam. A pesquisa nos revelou que a maioria dos chapas já adquiriram uma bicicleta, porém, não permanecem muito tempo utilizando-a. A medida que as necessidades se apresentam ou surge interesse por outro objeto, são vendidas.

⁸⁷ Nessa época, ainda era forte na Rua João Pessoa e em boa parte do seu entorno, a presença de bares, pensões e cabarés. Em relatos, foram citados como exemplo: 'Pensão da Cega', localizado na Rua Siqueira Campos; 'Cabaré de Zé Garçon'.

FIGURA 7 - Chapeado na porta do armazém onde foi encontrado morto.



Fonte: Setor de Documentação em História Regional. UFCG. DB. 03-09-1980.

Independente do ocorrido e do exposto na matéria, o fato como a matéria foi abordada, indica o estigma do álcool na rotina da categoria, quando sinaliza, já no seu título, uma predisposição de trabalhadores braçais serem acometidos seriamente pelo uso excessivo de 'cana'. Além de que, é possível perceber, que de fato, muitos carregadores gastavam a maior parte do seu tempo, em áreas próximas onde executavam suas tarefas. Portanto, nas imediações de lugares como na feira e rua João Pessoa, as horas se estendiam para além do tempo que dedicavam aos (des)carregamentos de caminhões, ao ponto de alguns terminarem seus momentos de 'diversão', no mesmo lugar onde iniciavam os afazeres do dia, na porta de um armazém.

Outros pormenores que podemos extrair da matéria, os quais servem de parâmetros para pensarmos aspectos sobre o comportamento da categoria, e o perfil do chapeado e sua relação familiar. Evangelista José da Silva, casado, relativamente de pouca idade e pai de três filhos, parece ter iniciado nessa profissão desde muito cedo, uma vez que na matéria, é dito que naquele local onde fora encontrado morto, fazia algum tempo que estava trabalhando. O hábito de beber durante dias em quantidade excessiva, segundo informações do jornal, foi pelo motivo 'de estar rompido com a esposa, fato que não vinham mais se entendendo ultimamente'.

De acordo com informações do jornal, "dezenas de pessoas estavam habituados a vê-lo dormindo embriagado na calçada, e que o mesmo vinha bebendo todos os dias, fato que nos leva a imaginar que este chapa não parou de trabalhar para curar suas dores, mágoas ou qualquer desassossego pessoal que possivelmente o atormentava. Logo, considerando que há dias não retornava para casa, o mesmo trabalhava durante o dia, para ter acesso a bebida, aos bares e quem sabe, visitar cabarés, bastante comuns nas imediações. Nesse sentido, podemos perceber que a recorrência ao consumo de álcool, pode ser estimulado por motivos que não se relacionavam diretamente às condições penosa, ou excludente do ofício.

Portanto, nota-se que no universo dos carregadores, as idas aos cabarés, bares, farras ou qualquer ambiente que proporcionasse diversões, não ocorriam somente por estarem saturados da rotina cotidiana do ofício. Nesse sentido, percebemos através de entrevistas, que as necessidades de momentos livres para a distração, como o hábito de beber por exemplo, tiveram relação com a afirmação de sua masculinidade ou mesmo pela carência afetiva no seio familiar. Beber "cana", conforme o cabeceiro logo abaixo, parece ser uma prática que faz parte da essência de ser homem.

Homem que não bebe, é pra mim até estranho. Faz parte de ser homem. Você pode ver, é mais fácil ter mulher que não bebe do que homem. Aqui já na rua uns que diz que não gostava disso, nem daquilo, mas não demorava muito não (risos)...Tomava uma cana que não era mole depois. O cara tem que ser homem. É até feio chegar lá no bar e ficar se olhando. Pra mim não é demais, a não também é demais⁸⁸.

O universo de trabalho dos chapeados, onde passam a maior parte do tempo em grupo, brincando, rindo, conversando, ou emitindo opiniões sobre determinados assuntos, torna-se ambiente exclusivo de interação masculina. São nesses espaços, que são construídos parte do que consideram relevante entre eles, como valorizar a importância simbólica da força, do ser masculino e a relação do homem com a cachaça. No convívio entre eles, as representações de masculinidade aparecem das mais variadas formas, seja através da relação com a bebida, seja por meio de brincadeiras pesadas, como "luta corporal", "tapas na cabeça" ou "soltar fardos de mercadorias sobre os ombros dos companheiros".

⁸⁸ Antônio Felix Ferreira. Entrevista concedida ao autor em: 19/10/2014

As maneiras de se comportarem, dentre outras coisas, são reflexos da forma bruta e pesada, típica das atividades executadas no dia a dia. De forma que o modo como vivem e se socializam com seus pares, são aspectos, que constituem parte da cultura e da identidade que caracteriza ser chapeado. Cultura construída também através da troca de experiências acumulada, conforme pensou a historiadora Sandra Jatahy Pesavento:

Vista como uma produção social a se expressar através do tempo, em valores, práticas e modos de ser. Uma forma de leitura da realidade que se mostra de forma simbólica, admitindo que os sentidos conferidos às palavras, às coisas e os sujeitos apresentam-se de forma cifrada, portando já um significado e uma apreciação valorativa.⁸⁹

Em visto disso, o ofício de chapeado, assim como qualquer outra categoria de trabalhadores, vai se transformando e acompanhando as mudanças que estão acontecendo no meio que o cercam. Portanto, os valores culturais vão se rearranjando segundo as necessidades de cada atividade, desafio, alegrias e tensões pelas quais passaram.

Destarte, no caso dos carregadores, são as cenas comuns, em locais agitadas pelo comércio ou nas feiras livres (des)carregando mercadoria, que os definem como tal. Mais sim o que fazem, como fazem e como resistem às adversidades das ruas que parece desenhar melhor as características do trabalhador chapeado.

Desse modo, além da relação do chapeado com o aspecto penoso do trabalho, foram recorrentes, no rol das entrevistas, declarações que os tipificam como sujeitos espertos, malandros e desonestos. Qualificações aparentemente comuns entre eles. As primeiras informações a esse respeito vêm do cabeceiro Marcos Antônio da Rocha que fala em tom de alerta:

Primeiramente você tem que saber que existe a esperteza e a desonestidade. Tem chapeado malandro, caba esperto que sabe passar a perna em você. Vive de rua em rua procurando facilidades. Você manda ele levar trinta sacos de açúcar de um armazém pra outro, ele desvia um saco ou dois. Já aconteceu muito, entendeu? Como eu já lhe disse, até nas turmas mesmo tem deles que quer tirar proveito, recebendo mais pelo descarrego. [...] você me conhece já e sabe da minha honestidade, mas eu não vou mentir pra você, que quando eu trabalhei lá em Arthur Freyre, eu juntava o açúcar num saco e levava pra

⁸⁹ Cf: no artigo, "cultura e representações, uma trajetória". A nos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006

casa. na época eu me lembro que o açúcar tava muito caro, e o velho não tinha coragem de falar: vai, tira aí um quilo ou dois pra você, s. [...] às vezes era por raiva mesmo que o camarada pegava, mas hoje ninguém é doido de fazer isso, se tirar uma agulha de uma loja dessa aí logo descoberto⁹⁰.

A malandragem e a esperteza no mundo dos chapeados, são aqui entendidas como mecanismo de sobrevivência, mais do que qualquer interpretação de desonestidade. Ser malandro ou esperto são aspectos que vem somar com parte da característica que constituem a categoria. Parecem viver esperta procurando oportunidades e utilizando habilidades pessoais e artifício de malícia para, por exemplo, conseguirem um serviço a mais ou meios alternativos que possam render-lhes benefícios. E nessa busca, trapaceiam parceiros de ofício, cativam fregueses por uma gorjeta a mais ou ludibriam patrões⁹¹, desviando algum produto.

São diversos as artimanhas praticadas por cabeceiros com objetivos de tirar vantagens quando saem para trabalhar. Portanto, nem sempre ganham só pelo trabalho comum de carregar mercadoria. Determinadas práticas, como os pequenos desvios de produtos em armazéns, são consideradas meios de renda alternativos, os quais, alguns trabalhadores informaram ser do consentimento de muitos que são carregadores: "Quem é chapa velho sabe, sempre se escutou falar no meio dos cabeceiros isso aí. Tem muita fama de cabeceiro que pegava mesmo, mas hoje é mais difícil."⁹²

As práticas de desvios mais comuns entre os carregadores entrevistados, aconteciam quando chegavam mercadorias a granel⁹³ nos armazéns, tendo eles, pois, a obrigação de pesar e empacotar o produto um por um. Apesar do esforço maior durante o dia de trabalho, muitos chapeados aproveitavam esses dias para se beneficiarem com os desvios, uma vez que a carga, por não vir contada e

⁹⁰ Entrevista concedida ao autor em: 05/09/2015

⁹¹ Os carregadores além de estarem atentos a onde conseguir serviços, também procuraram estar em alerta para quem está precisando de algum favor nas imediações. Costumam estar disponíveis, por exemplo, para darem algum recado, comprarem algo, acompanhar algum comerciante em uma viagem etc. Geralmente, costumam receber objetos ou produtos como forma de pagamento.

⁹² Trecho extraído da entrevista realizada com o cabeceiro Francisco Barbosa da Silva. Entrevista concedida ao autor em 25/10/2008.

⁹³ São produtos que não estão embalados e/ou empacotados. Os produtos como: soja, trigo, farelo de milho, açúcar, farinha, rações para animal etc. Vinham completamente soltas nos caminhões, necessitando, pois, que fossem pesados e empacotados para a venda. Por muito tempo essa função foi realizada por cabeceiros. O produto a granel, custava mais barato para os comerciantes, por isso preferiam que o mesmo fosse embalado e pesado no próprio estabelecimento, uma vez que não pagavam os chapas fixos, pelo serviço extra. [Vide imagem]

embalada, facilitava com que eles tivessem o domínio da mesma. Assim, é possível que no momento em que estão trabalhando, alguns sacos estão sendo extraviados. Sobre esses desvios de mercadoria, nos informou o cabeceiro logo abaixo:

Tô pensando que a gente não tirava uns sacos pra gente não? Vou lhe contar, mas esse assunto morre aqui. É assim, se a mercadoria é pra pesar cinquenta quilos, como a gente pesava o farelo de soja aqui, a gente colocava quarenta quilos e oitocentas gramas, ou até mais! Vamos dizer, uns quarenta quilos e novecentas gramas, aí a gente vai pesando, pesando, pesando e depois quando chegar a quantidade de sacos que era pra chegar mesmo, a gente via o que sobrou. Esse que sobra a gente colocava no saco do mesmo jeito e deixa lá na loja e vendemos pra nós. Ou então o outro chapa levava para outro lugar, aquele que sobrou, a gente depois ia buscar. Era mais ou menos assim desse jeito. Era o jeito de descontar o trabalho que nem era pra gente fazer. Agora sabe que nos dias de hoje é o camarada ser doido pra fazer isso. Dá mais não? [vide imagem abaixo]

Figura 8 - Chapeados pesando e embalando a soja a granel.



Fonte: Fotografia de 2007 feita pelo autor nas imediações da Feira Central.

Ao analisar estas práticas entre os carregadores, compreendemos que os usos destas técnicas fazem com que muitos deles não se sentissem lesados ou explorados por patrões acostumados a estenderem as horas de trabalho pela madrugada sem remuneração de hora extra. O desvio representa outras práticas de resistirem às condições sociais e materiais, caracterizando um símbolo de vingança aos patrões e as explorações do trabalho. Compreendidos pois, como a forma de resistência, haja vista que estes trabalhadores além do prejuízo físico,

⁹⁴ Entrevista concedida ao autor em: 15/06/2014. A chamamos por bem não expor o nome desse carregador, já que o relato pode comprometer-lo, haja vista que o mesmo ainda exerce o ofício.

mental e econômico por horas a mais que tinham que trabalhar, sempre que estas mercadorias chegavam, estes não dispunham de meios institucionais capaz de melhorar suas vidas.

Ao relatar sobre o assunto exposto, o cabeceiro retira o chapéu da cabeça, ergue a mão para cima, e balbucia algumas palavras, como se pedisse perdão aos céus. Uma cena que demonstra a luz da diferença entre o que passou e as múltiplas maneiras dos sujeitos recordá-lo. A prática de desviar produtos, que na África do chapeado, hoje seria insano realizá-lo, não é apenas pelo fato que talvez carreguem sentimento de culpa ou arrependimento, mas também porque notam dificuldades para que tal prática pudesse ser executada num contexto atual, onde cada vez mais os estabelecimentos comerciais são vigiados e administrados por um gerente que tem que prestar contas de controle e fiscalizá-lo, impossibilitando esse tipo de desvio.

Todavia, o que nos interessa pensar sobre esse tipo de prática, é da relação que a mesma tem com a liberdade e a confiança que os patrões depositavam nos carregadores no ambiente de trabalho, chegando ao ponto de se ausentarem por longos períodos, "entregando-os" a responsabilidade pelo estabelecimento. Maneira de proceder, talvez pouco improvável em dias atuais⁹⁵.

Dessa forma, é pertinente imaginarmos que os estabelecimentos atuais, que tem sua funcionalidade, essencialmente dependente, no mínimo, de um computador para registrar o que sai e o que entra de mercadoria, retira serviços e competências antes encarregadas aos chapeados. Portanto, não é a desconfiança e a relação patrão e empregado que se tornou mais difícil no mundo dos carregadores ao ponto de dificultarem até os desvios de mercadorias. O ofício dos carregadores, é um entre tantas outras categorias que com o passar dos anos vão passando por transformações, acompanhando o ritmo de cada tempo.

⁹⁵ É claro nas entrevistas que quem administrava os estabelecimentos comerciais onde trabalharam a maioria dos carregadores, eram os próprios donos. Temos o exemplo da Usina de A Escar, chamada pelos carregadores "lô em Arthur Freire". Os próprios donos tocando seus negócios, aparentemente criou-se um vínculo maior com os cabeceiros. Tornando os desvios uma prática mais corriqueira, considerando que os chapas ficavam mais vontade nos armazéns sem os olhares de administradores que tinham que prestarem contas e resultados frequentemente.

Para a experiência dessa categoria em Campina Grande, percebemos mudanças significativas ao reproduzirem vivências, interesses e valores dos anos de 1980 e 1990, para o contexto presente, quando relatam suas experiências. O trabalhador chapeado, assim como qualquer outro trabalhador, é um misto do que viveram e do que estão absorvendo do instante presente. Podemos interpretar que talvez não seja o profissional de chapeado que está se acabando, como bem disseram os carregadores. Mas sim valores, ideais, sonhos e a maneira de trabalharem que já não faz tanto sentido para os dias de hoje. As cidades, as ruas, os locais onde se divertiam e quase não faltavam serviços, remodelaram-se de tal forma que, de fato, as lembranças daquele tempo, são lembranças intocáveis para muitos carregadores que sustentaram a ideia de que antigamente: `era bom demais; `era outra coisa; `ganhava-se muito dinheiro; `era muito movimento; `não faltava trabalho; `tinha mais onde se divertir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas últimas décadas do século XX a cidade de Campina Grande estava fora dos trilhos do desenvolvimento e do acostumado progresso de anos passados. A "capital do trabalho", que figurava mais no rol das grandes praças algodoeira, perdeu o posto de cidade mais importante do interior do Nordeste e chegava aos anos 80 desacreditado do setor industrial, quando já em 1979 assistiu o fechamento da grande e importante Wallig Nordeste. Nesse contexto, tantas outras indústrias fundamentais para o crescimento das atividades comerciais da cidade, pararam de funcionar, baixaram as portas da oportunidade de emprego e frearam expectativas daqueles que corriam em busca de manter-se trabalho.

Esse aspecto de crise, constantemente veiculado nos principais jornais da época fez com que muitas pessoas, em busca de sobreviverem, usassem da criatividade naquele momento. Dessa forma, vimos que muitas profissões de ruas surgiram ou tornaram-se evidente, como o "agenciador de anúncio", "catador de papel", "plastificador de documentos", "flanelinhas", "lavadores de carro" etc. Ao passo que outras, a exemplo dos balaieiros, carroceiros, "etiquetador de preços" ou "pesador", deixaram de existir ou foram substituídas por causa da inserção da tecnologia cada vez mais sendo implantada nos postos de trabalho.

Apesar do cenário de crise, as mudanças e a dinâmica da cidade não param. É nesse contexto dos idos de 1980 que a cidade recebeu mais imigrantes, certamente pessoas que fugiam da estiagem, que a época maltratou a vida de muitas famílias que viviam na Zona Rural. Com o inchaço da população e a pouca oferta de trabalho, tem-se o agravamento da crise da moradia que durante alguns anos tornou-se caso de polícia. Sem dúvida, para quem não tinha profissão definida, emprego em vista ou instrução, foi desafiador subsistir em Campina Grande. E a solução de muita gente foi o trabalho informal, pois o desemprego foi tão sintomático que passou a ser veiculado nos jornais como causa principal de muitos outros problemas enfrentado na cidade, como o aumento de pedintes, desabrigados, crianças engraxates e do menor sem perspectiva que cai na marginalização.

Se por um lado existiu o desemprego, por outro, havia a desqualificação, a pouca escolaridade e o despreparo de muitas pessoas que chegavam de outros lugares arriscando tudo por um trabalho. Ao logo desse período os setores de comércio e serviços passaram a almejar mão-de-obra mais qualificada, exigindo, portanto, trabalhadores mais produtivos e que soubesse manusear uma quantidade maior de ferramentas seja de qual natureza fosse.

Nesse aspecto, as dificuldades para aqueles trabalhadores que sobreviveram exercendo atividade braçais no meio das ruas como os chapeados, intensificaram consideravelmente, tomando a falta de emprego quase que um problema irreversível, pois a situação não pareceu ser quantitativa (pouca oportunidade), mas também qualitativa (pouco profissional de ofício). Os carregadores não se reciclaram procurando estudar, ter uma profissão definida ou coisa semelhante, só porque o mercado passou a exigir outro perfil de trabalhadores. Ser chapeado não foi uma escolha, mas sim o que dava e tinha para fazer naquele momento.

Destarte, ao mesmo tempo que as transformações no mundo do trabalho de Campina Grande, apontam para o desaparecimento do ofício de chapeado, temos que a resistência e a presença da categoria nas ruas, ainda em busca por serviços, simboliza o que caracteriza parte do que foi um forte comércio de carga e descarga de mercadorias. Corroborada através das representações dos chapeados quando narram por onde trabalharam, o quanto carregaram e o tanto que apuraram carregando e descarregado caminhões na Feira Central e na Rua João Pessoa. Aos olhos dos nossos entrevistados, os idos de 1980 não significou uma difícil perda.

É interessante notar que embora os carregadores tenham representado a cidade de Campina Grande como um lugar propício para quem quisesse trabalhar, muitas vezes saudosistas em dizer "naquele tempo era que era bom", não significa dizer que estes mesmo chapeados não sentiram efeitos da crise que marcaram aqueles anos. Basta lembrarmos que nenhum trabalhador morava em casa própria, basta recordarmos as condições de vida que levavam e as práticas cotidianas que se submetiam para conseguir um "trocado" ou uma gorjeta a mais. Ao ponto de surrupiar mercadorias indo contra, talvez, aos seus próprios princípios familiares e religiosos.

Portanto, os mesmos chapeados que afirmou viver em tempos de grandes oportunidades de trabalho no decorrer dos anos de 1980, graças ao pujante comércio de Campina, são os mesmos que compararam as atividades de chapas de escravos, talvez por não se reconhecerem semelhante a nenhuma outra ocupação, senão essa. Consequentemente, para uma ocupação como essa, desprovida de leis trabalhistas, sindicato, amparo social etc. dizer que um determinado período foi promissor, positivo ou que lhes rendeu muito dinheiro, parece ser uma maneira de se apegar a alguma coisa que lhes tragam boas lembranças. Ou mesmo a necessidade de fazer-se importante e/ou conhecido, já que, como vimos, o desprestígio social é sentido por muitos deles.

As impressões sobre a cidade e sobre o mundo do trabalho para os carregadores, confirmam o quanto é tênue a relação entre o fazer-se desses trabalhadores com as transformações da cidade. Ao representarem suas práticas de trabalho, detalhando parte do que mudou e do que permaneceu sobre a própria categoria ou, quando vivo construindo laços de sociabilidade dentro e fora do local de trabalho, são maneiras também de dizer o significado da cidade, do comércio, dos padrões, das ruas, das feiras livres, das mudanças de hábitos e das tensões do que é viver na cidade em busca do sustento diário dependendo da força física.

Por fim, a história desses trabalhadores chapeados, em nada se separa do contexto dos anos de 1980 e 1990. De uma maneira ou de outra, os sujeitos, pobres e ricos, empresários e policiais, garis e médicos, carregadores e comerciantes são um produto do seu tempo. Assim, as cenas e os episódios representados pelos chapeados são parte integrante de uma história maior sobre a cidade e o mundo do trabalho em Campina Grande. Os carregadores, como qualquer outra ocupação, são um misto do que viveram naquele tempo e do que estão aprendendo do instante agora. Essa é uma história escrita por um historiador cheio de juízo de valor em um dado tempo e local. E apesar de ser uma narrativa de chapeados e não dos chapeados, acredito que estudei uma categoria que vai deixar de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Marli Brito M. de. Trabalho e Conflito no Porto do Rio de Janeiro (1904-1920). Rio de Janeiro. Dissertação em História - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1983.

ALGRANTI, Leila Mezan. O Feitor Ausente (estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro - 1808-1822, Petrópolis, Vozes, 1988.

ALVES, J.S; SILVA JUNIOR G.F da. A dinâmica recente do trabalho campinense: mudanças e permanências. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vilaras de Oliveira(Org.). Campina Grande: EDUEP/EDUFCG, 2009.

ARVON, Henri. A Filosofia do Trabalho, trad. J.C. Cunha, Lisboa, Sôcicultor, 1977.

AUDI, Patrícia. A Organização Internacional do Trabalho e o combate ao trabalho escravo no Brasil. In: CERQUEIRA, Gelba et al (org.). Trabalho escravo contemporâneo no Brasil: contribuições críticas para sua análise e denúncia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

BARATA, Fernandes Germana. A primeira década da AIDES no Brasil. O Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992). Dissertação em História. São Paulo, USP. 2006.

BATALHA, H. M. Cláudio. Os desafios atuais da História do Trabalho. Anos 90, Porto Alegre, v.13, n.23/24, p.87-104, jan.dez. 2006.

BOSI. Eclética. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Editora da Unicamp, 1987.

CABRAL FILHO, Severino. A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950) tese de doutorado. PPGS/UFPB, 2007.

_____. O papel da memória: velhos padeiros, lembranças, trabalho e história. João Pessoa. Ed. universitária/UFPB, 2004.

CACCIAMALI, Maria Cristina; RIBEIRO, Rosana; MACAMBIRA, Júnior. (Org.). Século XXI: transformações e continuidade nas relações de trabalho. Fortaleza: Instituto de desenvolvimento do trabalho, Banco do Nordeste do Brasil. Universidade de São Paulo, 2011

CARVALHO, José Murilo de. Cidadania no Brasil. O longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação urbana de Campina Grande-PB (1970-2000). Tese (doutorado em sociologia) - UFPB, João Pessoa, 2011.

CARVELHO, M.J.F. Discursos e imagens da cidade: o processo de requalificação de Campina Grande (1970-200), João Pessoa, 2011.

CAVALCANTI, C. Viabilidade do setor informal: a demanda de pequenos serviços no grande Recife. 2ª ed. Recife: SUDENE, Ed. Massangana, 1983.

CERTEAU Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1994.

GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano (Anais do Encontro). São Paulo: FAU/USP, 1985: 3-19.

CHALHOUB, Sidney. Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa. Difel, 1988.

A visão do historiador modernista. In AMADO J.; FERREIRA, M. de MORAES. (Org). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

COSTA, Antônio Albuquerque. Sucessos e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico científico-informacional: a feira de Campina Grande na interfase desse processo. Dissertação, mestrado em Geografia. Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife. 2003.

COSTA, Fernando Braga da. Moisés e Nice: retratos biográficos de dois garçons um estudo de psicologia social a partir de participação e entrevistas. 2008.

COSTA, Mônica da S. Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. Cad. CRH vol.23 no.58 Salvador Apr. 2010.

CRUZ, Rossine C. A inserção de Feira de Santana (BA) nos processos de integração produtiva e de desconcentração econômica nacional. Tese de doutorado em Economia, UNICAMP, Campinas-SP, 1999.

CYSNE, Penha Rubens. A economia brasileira no Período Militar. EST.ECON. São Paulo, V.23, N.2, maio-agosto 1993.

DECCA, Edgar de. 1930 O Silêncio Dos Vencidos - Memória, História e Revolução. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida Fora das Fábricas. Cotidiano Operário em São Paulo 1920 - 1934. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1987.

DIAS, Adriana Albert. A malandragem da mandinga: o cotidiano dos capoeiras em Salvador na República Velha (1910 - 1925). Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2004.

FAGUNDES, M.E.M. Informalidade na região metropolitana de Salvador: um estudo exploratório. Dissertação (Mestrado Economia) - UFBA/FCE, Salvador, 1992.

FERNANDES, Silvana Torquato. Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960/1980). Dissertação em História, Campina Grande, UFCG, 2011

FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da história oral nos anos 90: o caso do Brasil. História Oral, São Paulo, nº 1, p 19-30, jun.1998.

FIGUEIRA, R. Rezende; PRADO, Antunes Adonia. (orgs). Olhares sobre a escravidão contemporânea novas contribuições críticas. Cuiabá Ed. UFMT. 2011

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREITAS, Sônia Maria de. Prefácio - edição brasileira. In: THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, N. B. Urbanização em Feira de Santana: Influência da industrialização 1970-1996. UFBA. Salvador, 1998.

FURTADO, Celso. O Brasil país - "milagre". São Paulo: Paz e Terra, 1981.

GUEDES- PINTO, Ana Líbia, GOMES, Geisa Genaro, SILVA, Leila Cristina Borges da. Memórias de Leitura e Formação de Professores. Campinas, SP: Mercado de letras, 2008.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

JUNIOR, Pereira Francisco. Feira de Campina Grande, um museu vivo da cultura do povo campinense ao final do século XX. 2004

KALLEBERG, Arne L. O crescimento do trabalho precário: um desafio global. Revista Brasileira de Ciências Sociais - vol. 24. Nº 22 69.

KARASCH, Mary C. A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução: Bernardo Leitão. 4 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Damião de. Campina Grande sob intervenção: a ditadura de 1964 e o fim do sonho regional/desenvolvimentista. João Pessoa. Editora Universidade/ufpb, 2012.

LIMA, Damião de. Milagre no interior: um estudo sobre os impactos dos projetos implantados no município de Campina Grande durante o Regime Militar. Campina Grande-PB, (mimeografado.), 1998.

LIMA, Jacob Carlos; SOARES, Maria José Bezerra. Trabalho flexível e o novo informal. In caderno do CRN, Salvador, n.37, p.163-178, jul/dez 2002.

LONER, Beatriz Ana. Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universidade: Unitrabalho, 2001.

LULA, W. B. R; SILVA, J.C. de. A dinâmica do trabalho informal nas ruas de Campina Grande. Artigo. n.d. O presente artigo faz parte do projeto de pesquisa UEPB/PIBIC/CNPq, coordenado pela Profa. Dra. Waltimar Batista Rodrigues Lula.

LULA, Waltimar. B.R. O processo de reestruturação dos supermercados em Campina Grande. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vitoras de Oliveira. (Org.) Campina Grande: EDUEP/EDUFCEG, 2009.

LUNA, J.P; IDALINO, R.E.A. As novas configurações da informalidade e da precarização: trabalhadores de Moto-Táxi e `Flanelinhas` em Campina Grande. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vitoras de Oliveira. (Org.) Campina Grande: EDUEP/EDUFCEG, 2009.

MALLMANN, Maria Izabel. Os ganhos da década perdida. Democracia e diplomacia regional na América Latina. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. v. 1.

MAYOL, Pierre. O Bairro. In: A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar. Michel de Certeau, Luce Giard, Pierre Mayol; Tradução de Ephraim F. Alves e Líscia Endlich Orth. 10. Ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MEIHY, J.C.S.B. História Oral: como fazer, com pensar. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 4ª Ed, 1988.

PESAVENTO, Sandra J atahy, Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Revista Brasileira de História, vol.27, nº 53. junho de 2007.

----- Cultura e representações, uma trajetória. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, p.45-58, jan./dez. 2006.

----- História e História Cultural. 2ª.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

----- O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano, Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ª.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

----- Os pobres da cidade: vida e trabalho 1880-1920. Ed. UFRGS, 1994.

POCHMANN, Márcio. O Trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Contexto, 2002.

POLANYI, Karl. A grande Transformação: as origens de nossa época. Rio de Janeiro, Campus, 1980.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol.5, nº 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Apresentação. In: FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

PROST, Antoine. Doze lições sobre história. 2.ed - Belo Horizonte: Ed autêntica, 2012.

RAGO, Luzia Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar - 1980-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, João José em um artigo intitulado: De olho no canto: trabalho de rua na Bahia nas vésperas da abolição. In: Afro-Ásia. n. 24, 2000, pp. 199-242.

RIBEIRO, S. L. S, Visões e Perspectivas: documento em História Oral. Oralidades: Revista de História Oral, v. 2, p.151-161, 2007.

ROLNIK, R. Cidade: Planejamento Urbano - Morar, atuar e viver. Revista Teoria e Debate (janeiro/fevereiro/março). 1990.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA JÚNIOR, G.F. da. Campina Grande: desenvolvimento histórico no século XX. In: Campina Grande em debate: a condição urbana da periferia pela lente do trabalho e das políticas públicas. Roberto Vellas de Oliveira. (Org.). Campina Grande: EDUEP/EDUFCG, 2009.

SILVA, Hilmária Xavier. A invenção de um lugar: vivências e memórias (n) da Favela da Cachoeira (Campina Grande 1959 - 2006). Dissertação de mestrado, UFCG, Campina Grande-PB, 2013.

SILVA, Iranise Alves. A Crise da Moradia: a Política Habitacional para as Camadas de Baixa Renda em Campina Grande - PB. Rio de Janeiro: Agir, João Pessoa: UFPB, 1987.

SILVA, Josefa Gomes de Almeida. Latifúndio e Algodão em Campina Grande: Modernização e Miséria. Mestrado em História, UFPE, 1985.

SILVA, Patrícia Rodrigues. Disputando espaço, construindo sentidos: vivências, trabalho e embates na área da Manaus Moderna (Manaus/AM - 1967-2010). Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

SIMONSEN, Roberto Cochrane. História Econômica do Brasil: 1500/1820, 8ª edição; Editora Nacional, São Paulo, 1978.

SOARES, Marcos Antônio Tavares. Trabalho Informal: da funcionalidade - subsunção ao capital. Vitória da Conquista: Ed Uesb, 2008.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. Territórios de confrontos: Campina Grande 1920-1945. Campina Grande: EDUFCG, 2006.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de (Org.) Populares na Cidade, vivências de trabalho e lazer. João Pessoa: Ideia, 2011.

----- Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965). Tese (Doutorado em História). Recife, UFPE, 2002.

SOUZA, Jessé (Org). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

TAVARES, M. Augusta. Os fios (in) visíveis da produção capitalista: informalidade e precarização do trabalho. São Paulo, Cortez, 2004.

TERRA, Cruz Paulo. Tudo que transporta e carrega é negro? Carregadores, cocheiro e carroceiros do Rio de Janeiro (1824-1870). Rio de Janeiro, UFF, dissertação, 2007.

THOMPSON, E.P. Tempo, Disciplina del trabajo y capitalismo industrial. 1979, p. 239-93.

THOMPSON, P. A voz do passado - História Oral. 2. edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VEDANA, Viviane. `Fazer a Feira_ : estudo etnográfico das `Artes de fazer_ de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

VEIGA GAETA, Maria Aparecida Junqueira. A fala dos lugares perdidos: a cidade do desejo. In Revista Brasileira de História, São Paulo, Anpuh/contexto, 1992.

FONTES CONSULTADAS

SEPLAN (Secretaria Municipal de Planejamento) - Mapa da regi²o central de Campina Grande 1983. Campina Grande/PB.

ENTREVISTAS REALIZADAS

Argemiro Filinto dos Santos, entrevista concedida ao autor em 30/03/2015.

Ant^xnio Augusto de Souza (conhecido como Chupetinha), entrevista concedida ao autor em 06/09/2015; 13/09/2015.

Ant^xnio Felix Ferreira (conhecido como Ceguinho), entrevista concedida ao autor em 02/04/2009; 19/10/2014.

J^o Francisco da Silva (conhecido como Branquinha), entrevista concedida ao autor em 13/04/2009; 19/05/2009; 07/10/2008.

Aldo Bezerra Firmino, entrevista concedida ao autor em 13/04/2009; 21/09/2014.

Z[¶] Abelha, entrevista concedida ao autor em 12/07/2013.

Expedito da feira, entrevista concedida ao autor em 13/04/2009.

Marcos Ant^xnio da Rocha, entrevista concedida ao autor em 30/07/2015; 30/08/2015; 05/09/2015; 13/11/2015.

Sebasti²o Martins de Ara^ßjo (conhecido como Bui), entrevista concedida ao autor em 18/12/2008.

Manuel (conhecido como Bigode), entrevista concedida ao autor em 26/08/2015.

Luciano Ferreira (conhecido como Xibiu), entrevista concedida ao autor em 14/05/2010.

Geraldo Ferreira de Melo, entrevista concedida ao autor em 30/01/2009.

Francisco Barbosa da Silva (conhecido como Negro), entrevista concedida ao autor em 25/10/2008; 03/03/2009; 12/07/2013.

APNDICE

Carteira de Trabalho do carregador Marcos Antonio da Rocha.



A admiss²o do chapeado Marcos Antonio da Rocha no armaz²m de a²scar do empres²o Arthur Freire. A ocupa²o de chapeado n²o era² reconhecida como profiss²o, neste exemplo adotou-se o cargo de servente.

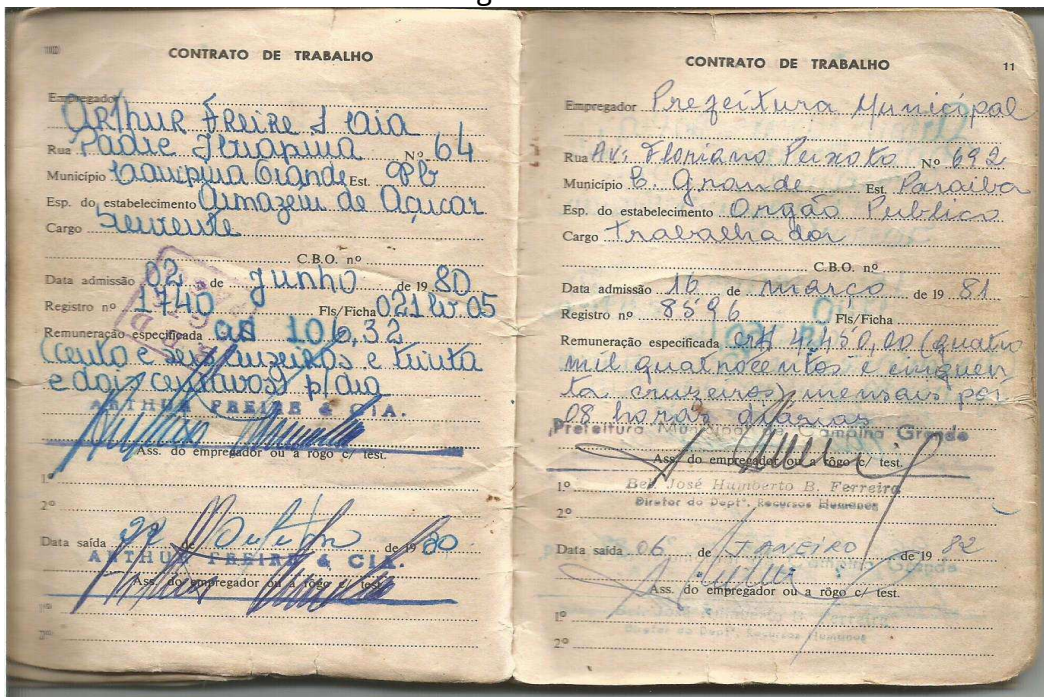


Foto feita pelo autor.

Chapeados em plena atividade retirando fardos de farelo de milho de um armazém.



Foto feita pelo autor

Chapeados trabalhando à noite nas imediações da Feira Central.



Foto feita pelo autor.

Chapeados pesando soja a granel e fazendo o servi ́o de empacotamento do produto.



Foto feita pelo autor.

Escada de madeira utilizada para alcan ́ar a carroceria dos caminh ́es. Geralmente utilizada quando carregadores trabalham sem ajuda um dos outros. Sob a escada a `bola de couro_ usada como chap ́u.



Foto feita pelo autor.

Chapeados `acertando as contas_ depois do servi ´o realizado.



Foto feita pelo autor.

Sebastião Martins de Araújo (Biu) - Reconhecido no grupo por alegrar e contagiar às horas de trabalho com seu humor inerente.



Foto feita pelo autor.

Bate-papo e distração entre chapeados em dia de domingo nas imediações da Feira Central. Aldo Bezerra Firmino (camisa azul); Antônio Felix Ferreira (com bermuda) e Antônio Augusto de Sousa (usando chapéu).



Foto feita pelo autor.

Extensão de uma casa onde mora um dos chapeados entrevistado.



Foto feita pelo autor.

Turma de chapeados após descarregamento de um caminhão.



Foto feita pelo autor.

DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO NAS NARRATIVAS DE "CHAPEADOS" DE CAMPINA GRANDE

Pesquisador Responsável: alan franca

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 61045316.7.0000.5182

Submetido em: 16/10/2016


Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Situação da Versão do Projeto: Aprovado


Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio




Comprovante de Receção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_671699

LISTA DE PESQUISADORES DO PROJETO

CPF/Documento	Nome	Atribuição	E-mail	Currículo	Tipo de Análise	Ação
010.168.165-88	alan franca	Contato Científico, Contato Público, Pesquisador principal	alanufcg@gmail.com	Lattes CV	PROPONENTE	

LISTA DE COMITÊS DE ÉTICA DO PROJETO

Comitê de Ética	Função de Vínculo	Ação
5182 - Hospital Universitário Alcides Carneiro / Universidade Federal de Campina Grande	COORDENADOR	

LISTA DE INSTITUIÇÕES DO PROJETO

Tipo	CAAE	Versão	Pesquisador Responsável	Comit. de Ética	Instituição	Origem	Última Avaliação	Situação	Ação
P	61045316.7.0000.5182	1	alan franca paiva silva	5182 - Hospital Universitário Alcides Carneiro / Universidade Federal de Campina Grande	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE	PO	PO	Aprovado	
CNPJ da Instituição		Razão Social		Tipo de Instituição		Comit. de Ética			Ação
05.055.128/0010-67		UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE		PROPONENTE		5182 - Hospital Universitário Alcides Carneiro/Universidade Federal de Campina Grande			

Você está em: Público > Confirmar Aprovação pelo CAAE ou Parecer

CONFIRMAR APROVAÇÃO PELO CAAE OU PARECER

Informe o número do CAAE ou do Parecer:

Número do CAAE: Número do Parecer: [Pesquisar](#)

Esta consulta retorna somente pareceres aprovados. Caso não apresente nenhum resultado, o número do parecer informado não é válido aprovado.

DETALHAMENTO

Título do Projeto de Pesquisa:
MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE O TRABALHO NAS NARRATIVAS DE "CHAPEADOS" DE

Número do CAAE: 61045316.7.0000.5182 **Número do Parecer:** 1789637

Quem Assinou o Parecer: Januse Nogueira de Carvalho **Pesquisador Responsável:** alan franca paiva silva

Data Início do Cronograma: 10/12/2016 **Data Fim do Cronograma:** 22/12/2016 **Contato Público:** alan franca paiva silva

[Voltar](#)